

intrínseca

A ESPANTOSA HISTÓRIA DO ROUBO MAIS AUDACIOSO DE TODOS OS TEMPOS

SEXO NA LUA

BEN MEZRICH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

BEN MEZRICH

Sexo na Lua

A espantosa história do roubo mais audacioso de todos os tempos

TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA

intrínseca

Copyright © 2011 by Ben Mezrich
Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Doubleday, um selo de The Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Sex on the Moon

PREPARAÇÃO
Luís Valdetaro

REVISÃO
Fátima Maciel
Bruno Fiuza

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN: 978-85-8057-151-6

EDIÇÃO DIGITAL: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Asher – este livro sempre será especial, pois você veio ao mundo em algum ponto entre o Capítulo 1 e o Capítulo 10. E talvez, quem sabe, quando tiver idade para ler isso, nós veremos juntos alguém dar aqueles primeiros passos em Marte...

NOTA DO AUTOR

Sexo na Lua é uma narrativa dramatizada, baseada em diversas entrevistas, inúmeras fontes e milhares de páginas de registros de tribunal. Tentei manter a cronologia e os detalhes desta narrativa tão próximos da realidade quanto possível. Thad Roberts foi generoso em ceder seu tempo ajudando-me a reconstituir esta surpreendente história. Assim, muitas deduções partiram de seu ponto de vista, e fiz o melhor que pude para descrever os acontecimentos da forma mais fiel possível a sua percepção individual, mesmo que eu não a aprovasse. Como se trata, no fundo, da jornada de Thad, boa parte dela é descrita a partir da perspectiva dele. Sou especialmente grato por ele ter me autorizado a citar cartas que escreveu quando estava na prisão; elas aparecem ao longo de todo o livro.

Em algumas passagens, os detalhes sobre o ambiente e as descrições foram alterados para proteger identidades; alguns nomes, características, descrições físicas e histórias foram modificados para manter a privacidade, em certos casos a pedido dos próprios personagens. Empreguei a técnica da recriação do diálogo: estes diálogos foram baseados nas lembranças de meus entrevistados, porém muitas dessas conversas ocorreram há dez anos, e por isso algumas precisaram ser recriadas e resumidas.

Refiro-me às fontes de forma mais completa nos agradecimentos, mas é apropriado que eu volte a agradecer Thad Roberts por sua incrível generosidade. Também sou grato a Axel Emmermann, Gordon McWhorter e Matt Emmi pelo tempo que disponibilizaram, assim como às muitas outras fontes que pediram para permanecer anônimas.

PRÓLOGO

Deve ter sido a fuga mais esquisita da história.

Thad Roberts tentava controlar o nervosismo enquanto olhava pelo para-brisa do Jeep 4x4 parado. A chuva descia violenta formando uma cortina cinzenta, tão compacta e espessa que ele mal conseguia distinguir o sinal vermelho brilhante pendurado poucos metros a sua frente. Parecia estar sentado ali por uma eternidade; atrás dele uma longa faixa de asfalto serpenteava escondida na neblina, assim como meia dúzia de outros sinais de trânsito — e em todos ele precisou esperar, exatamente da mesma forma. Pior ainda, entre cada um dos semáforos, precisou manter o Jeep a uma velocidade torturante de oito quilômetros por hora — quase se arrastando pelas ruas vazias, varridas pela chuva, daquele complexo tão cheio de segurança. Era incrivelmente difícil dirigir a oito quilômetros por hora, sobretudo quando os neurônios estouravam como fogos de artifício e parecia que o coração ia explodir dentro do peito. Mas aquele era o limite de velocidade obrigatório no interior do complexo — anunciado por placas colocadas a poucos metros de distância umas das outras — e, a oito quilômetros por hora, depois de parar em um sinal vermelho, a pessoa acabava parando em todos os outros.

Os dedos de Thad apertavam com força o volante do Jeep enquanto ele observava a luz vermelha, desejando que se transformasse em verde. Tudo que ele queria era pisar fundo com o pé direito, desrespeitar o limite de velocidade e dar o fora. Mas sabia que havia câmeras em toda parte — que a fuga estava sendo filmada e transmitida em mais de uma dúzia de monitores de segurança. Para que desse certo, ele tinha que ficar calmo, obedecer às regras. Precisava parecer que pertencia àquele lugar.

Respirou fundo, deixou que o brilho avermelhado do semáforo banhasse suas bochechas. Só mais alguns segundos. Aproveitou a oportunidade para lançar um rápido olhar para o banco do carona — o que não ajudou em nada. Sandra parecia ainda mais aterrorizada do que ele. O rosto estava branco, da cor do marfim, os olhos arregalados pareciam dois pires. Quis dizer alguma coisa para

acalmá-la, porém não conseguiu encontrar palavras. Ela era bonita, com cabelo castanho-alourado; mais nova do que o próprio Thad, mal tinha completado 19 anos. Talvez não fosse a cúmplice ideal para algo desse feitio — mas era especialista em eletrônica e tinha praticamente implorado para fazer parte do plano.

Thad desviou o olhar para o "assento" do meio, entre os dois, e quase sorriu ao ver a namorada abaixada atrás do painel, o corpo esguio enroscado formando uma bola. Rebecca tinha o cabelo bem negro, curto, que contrastava com sua pele de alabastro, e era ainda mais bonita do que Sandra. Tinha acabado de completar vinte anos. Apesar de jovem, era a única dos três que não parecia assustada. Os olhos azuis reluziam com empolgação. Para ela, isso era mais do que emocionante — uma história ao estilo James Bond, só que de verdade. Ao olhar para ela, Thad recebeu uma injeção de adrenalina. Estavam muito perto.

E de repente, quando o sinal finalmente se abriu, ele foi banhado pela cor verde. Thad encostou no acelerador e o Jeep deu um solavanco. Então tirou o pé depressa, garantindo que o velocímetro lesse exatamente oito quilômetros por hora. A fuga em câmera lenta prosseguiu, e os únicos sons eram o ronco do motor do Jeep e o pipocar da chuva contra o para-brisa.

Apenas alguns minutos depois, chegaram ao último semáforo, e mais uma vez ele estava vermelho, é claro. Pior ainda, Thad logo distinguiu a guarita da segurança alguns metros à esquerda do sinal. Viu que havia pelo menos dois guardas uniformizados lá dentro. Thad prendeu a respiração enquanto diminuía a velocidade do Jeep a fim de parar. Continuou olhando para frente e mandou Sandra fazer o mesmo. Não queria ter que explicar por que se encontrava ali em um sábado, depois da meia-noite. Thad contava com o fato de que nenhum dos guardas estaria ansioso por sair na chuva e interrogá-lo. Mesmo assim, se um deles olhasse com atenção, notaria que o Jeep estava com a traseira arreada. Na verdade, o eixo traseiro estava tão baixo que o chassi quase tocava o chão enquanto esperavam diante do sinal.

O Jeep arreado foi uma das poucas coisas que Thad e suas duas cúmplices não planejaram. Um erro de cálculo, na verdade — o cofre que Thad e as duas garotas haviam içado para a traseira do Jeep, menos de dez minutos antes, pesava bem mais do que Thad esperava, algo em torno de trezentos quilos, provavelmente. Para executar a proeza, tinham sido necessários a força dos três e um carro-alavanca, e mesmo assim Thad havia distendido todos os músculos das costas e das pernas para conseguir ajeitar aquela coisa maldita. Chegava a se sentir grato pelo eixo do Jeep não ter cedido ao peso. Do jeito que as coisas

estavam, ele tinha certeza de que bastaria uma inspeção superficial no veículo para mandar toda a operação para o espaço.

Por sorte, nenhum dos guardas fez qualquer movimento para sair da guarita. Quando o sinal abriu, Thad precisou de todo o seu autocontrole para pisar bem de leve no acelerador, dirigindo na velocidade obrigatória de oito quilômetros por hora. Quase no mesmo instante, o portão de saída apareceu no seu campo de visão. Aproximaram-se centímetro a centímetro e, no último momento, o portão subiu, saindo do caminho. E eles passaram. Thad acelerou devagar. Quinze quilômetros por hora.

Trinta quilômetros por hora.

Cinquenta quilômetros por hora.

Examinou o espelho retrovisor. O complexo havia desaparecido sob a chuva.

Olhou para Sandra e ela retribuiu o olhar. Rebecca se esticou e sentou no meio do Jeep, passando o braço por cima do ombro dele. Então os três começaram a gritar de alegria. Tinham conseguido. Meu Deus, eles de fato tinham conseguido fazer aquilo.

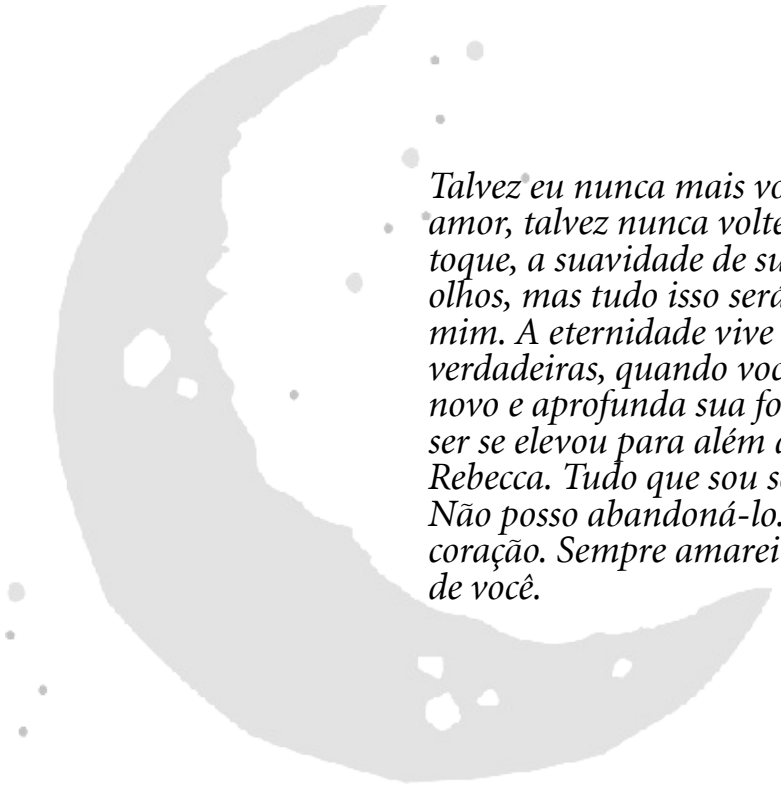
Quando a celebração acabou, Thad olhou mais uma vez pelo retrovisor — mas, desta vez, não observava a estrada atrás dele. Via a forma escura do cofre coberto por uma lona que eles tinham comprado em uma loja de ferramentas 24 horas antes. A visão fez com que ele sentisse um aperto no peito, uma mistura de pressentimento e daquilo que só poderia ser descrito como puro pavor.

Aquele cofre guardava a substância mais preciosa do planeta. Um tesouro nacional, de valor inimaginável, algo que nunca havia sido roubado antes — algo que de fato não poderia ser substituído. Thad não tinha certeza do valor do conteúdo do cofre, mas sabia que, se quisesse, poderia ter saído facilmente dali com o suficiente para se tornar o homem mais rico do mundo. Ele e suas cúmplices tinham conseguido cometer um dos maiores roubos da história dos Estados Unidos.

Para Thad, no entanto, não se tratava de quanto o conteúdo do cofre valia em dinheiro. Tudo que ele realmente queria era cumprir uma promessa feita à garota sentada a seu lado, com o braço sobre seu ombro. Uma promessa simples que milhões de outros homens já fizeram para milhões de mulheres ao longo dos anos.

Ele prometeu lhe dar a Lua.

A diferença era que Thad Roberts seria o primeiro homem a de fato cumprir aquela promessa.



Talvez eu nunca mais volte a tê-la nos braços, meu amor, talvez nunca volte a sentir o calor de seu toque, a suavidade de sua voz, a aventura em seus olhos, mas tudo isso será para sempre uma parte de mim. A eternidade vive em todas as ligações verdadeiras, quando você abre os olhos para algo novo e aprofunda sua fonte interior. Meu próprio ser se elevou para além do horizonte com você, Rebecca. Tudo que sou sempre carregará aquele eco. Não posso abandoná-lo. Não posso esconder meu coração. Sempre amarei você. Sempre me lembrarei de você.

1

Cinco anos antes, fevereiro de 1997

Havia algo vagamente assustador em relação aos fichários. De um tom branco-sujo, presos por três argolas, fileira atrás de fileira, erguiam-se nas estantes de metal ondulado semelhantes a arranha-céus que obscureciam as quatro paredes daquela sala apertada e quase sem janelas no primeiro andar. O problema não estava exatamente na cor dos fichários, um tom que não poderia ser encontrado na natureza, nem mesmo em um lugar com tanta abundância natural quanto Salt Lake City, em Utah. Também não estava nas letras negras de forma que percorriam a lombada de cada um deles, declarando seu conteúdo em uma linguagem que poderia ser compreendida por um aluno do quarto ano. Era a ideia por trás daquela metrópole de papel pardo. Aquilo que os fichários representavam: uma escala na busca do significado da vida.

Talvez não do significado da vida — mas certamente de seu rumo. Thad Roberts estava de pé diante de uma das imensas estantes, com as mãos nervosas enfiadas nos bolsos profundos de seu largo casaco verde. Os tufos de cabelo, desarrumados pelo vento, com fios castanho-claros, lançavam sombras intrincadas nas maçãs do rosto. Ele imaginava que uma sala como aquela existia em todas as cidades do país, talvez no mundo inteiro. É provável que qualquer campus universitário tenha um lugar como aquele. Sem dúvida, muitas pareciam mais glamourosas do que aquela caixa retangular repleta de fichários que era o centro vocacional da Universidade de Utah, mas a essência do local devia ser a mesma em todo o globo terrestre. Um lugar ligeiramente aterrorizante onde almas perdidas se reuniam em busca de um futuro, ou ao menos para procurar pelo tipo de futuro que podia ser encontrado entre as capas de um reluzente fichário de três argolas.

Mal passava das 19h10, porém Thad já oscilava suas botas Timberland maltratadas pela lama enquanto examinava as prateleiras pela centésima vez — pelo menos assim lhe parecia. Encontrava-se no centro vocacional havia duas

horas e, a essa altura, escolhia os malditos fichários de forma quase aleatória. Tinha retirado meia dúzia de pastas das prateleiras, empilhando-as sobre uma das pequenas escrivaninhas de madeira alinhadas no interior da sala atrás dele: consultor financeiro, geólogo, controlador de tráfego aéreo, fisioterapeuta. Nenhuma dessas opções lhe dizia nada, e ele estava quase no limite. Lutava contra a vontade de derrubar o resto dos fichários das estantes com as duas mãos, fechar os olhos e se decidir pelo que estivesse no alto da pilha.

Jogue os dados e arranje uma vida.

Ele piscou com força, tentando desembaçar seus olhos verdecitrino, em geral luminosos. Ou talvez fosse apenas a hora de desistir. Já tinha passado tempo demais por ali. E não estava nem um pouco mais próximo de descobrir o que fazer com a própria vida.

Aos vinte anos, estava afogado em dívidas com o crédito estudantil, embora ainda não tivesse concluído nenhum curso na universidade, e saía cedo de casa para trabalhar em vários empregos para sobreviver. Naquele dia, estava acordado desde as quatro horas da manhã, tendo passado as últimas 15 horas correndo de um lado para o outro em um canteiro de obras no meio do mato, como um glorioso contínuo. Havia cerca de trezentos dólares na sua conta bancária. O casaco e as botas que ele usava tinham três anos, e a camisa se mantinha inteira com a ajuda de inúmeros ataques com agulha e linha, cortesia de Sonya, sua linda mas igualmente falida esposa. Não tinha dinheiro nem contatos: não falava com os pais fazia mais de um ano e estava convencido de que não voltaria a fazê-lo. Na verdade, pelo que eles mesmos diziam, Thad não tinha mais pais.

Em vez disso, o que tinha diante de si era uma estante que ia até o teto, repleta de fichários com três argolas.

Nem mesmo sabia ao certo o que estava procurando. Sempre fora um aluno brilhante, tirava notas máximas em todas as matérias, de negócios a filosofia. Enquanto crescia, todo mundo sempre lhe dizia como ele era inteligente. Apesar de ter perdido o rumo por conta de alguns infortúnios, ele sabia que tinha a capacidade de aprender. E isso não era o mais importante?

Ele afastou o cabelo dos olhos e voltou para a primeira fileira de pastas. Apesar do cansaço, decidiu recomeçar e examinar tudo outra vez.

Para sua surpresa, quase na mesma hora uma das etiquetas chamou sua atenção, umas cinco pastas depois do começo da prateleira. Era um fichário em que Thad batera os olhos assim que entrara no centro vocacional, mas que ainda não havia examinado. Tinha-o desconsiderado porque achou que era ridículo e fora de seu alcance. Mas agora, passadas algumas horas, as inibições diminuíam.

Ele pegou a pasta e releu o que estava escrito em letras de forma.

ASTRONAUTA.

Já parecia bastante improvável que existisse uma pasta dedicada a tal carreira. A princípio, Thad a deixara de lado porque estava convencido de que era preciso estar na Força Aérea para ao menos cogitar se tornar um astronauta — mas, naquela altura, concluiu que não faria mal algum dar uma olhada. Afinal de contas, ele adorava o céu. Uma das primeiras coisas que fizera ao chegar na Universidade de Utah foi visitar o observatório, e, desde então, voltara à pequena instalação no alto de um morro algumas vezes, em geral quando precisava de um espaço para pensar. Literalmente.

Começou a folhear o fichário. Para sua surpresa, a pasta estava dividida em duas partes: pilotos e especialistas de missão. Os pilotos eram quase exclusivamente de formação militar, pois eram aqueles que operavam as espaçonaves. Mas os especialistas de missão podiam vir de diversas áreas. Eram pessoas que sujavam os pés, que entravam em diferentes ambientes e conduziam experimentos. Thad chegou à conclusão que, durante as missões lunares, os dois sujeitos que caminharam de um lado para o outro batendo em bolas de golfe eram especialistas. O cara que ficou para trás, na espaçonave, era o piloto. Thad pensou em quanta inveja deveria sentir alguém que fazia toda a viagem até a Lua mas não tinha a chance de pisar lá fora. Se fosse um astronauta, ele queria ser o sujeito que caminhava na Lua.

Enquanto lia mais do material na pasta, sentiu sua mente entrar em foco. Percebeu de imediato que se realmente fosse fazer aquilo — e era uma ideia maluca — ele precisaria voltar para as salas de aula. Tinha que se formar em alguma coisa que interessasse à Nasa. Biologia, astrofísica, talvez geologia. Também seria necessário ganhar experiência em várias outras áreas. Mergulho, porque os astronautas treinavam debaixo d'água. Idiomas, pois agora o espaço era internacional e havia muito intercâmbio de gente e equipamentos. Uma licença de piloto — mesmo que não fosse capaz de competir com os garotos de formação militar, ele precisava aprender a voar.

Tudo parecia tão fascinante, tão romântico. Quando era menino, nunca tinha realmente sonhado com as estrelas — era jovem demais para se lembrar de algo significativo sobre os primeiros passos na Lua. Entretanto, envolveu-se de pronto com a ideia porque parecia combinar com ele de muitas formas. Era um sonhador, mas também sabia meter as mãos na massa. Queria aprender todas aquelas coisas — a mergulhar, voar, falar russo —, e aí estava uma razão para fazer tudo isso.

Porra, quem não ia querer caminhar na Lua?

Naturalmente, havia quase nada sobre a Lua no fichário. Os poucos artigos sobre a atual situação da Nasa pareciam tratar de um destino completamente diferente: Marte. Os cientistas da Nasa esperavam um dia dar início a uma empreitada semelhante à viagem à Lua em 1969, mas rumo a Marte. Thad se perguntou como seria participar de tal missão como astronauta. Ter a chance de ser a primeira pessoa a chegar a um lugar novo, um lugar intocado. Um lugar bem distante de Utah.

Ser o primeiro homem em Marte.

Thad percebeu de repente que não estava mais nervoso.

* * *

As pernas se movimentavam frenéticas, os pedais eram quase uma mancha sob seus pés, o corpo totalmente inclinado sobre o guidom, o ar gélido batia na testa e nas bochechas expostas. Thad se movia tão depressa que mal conseguia ver o asfalto passar debaixo dele. Mantinha o olhar fixo no feixe de luz laranja que saía de uma pequena lanterna presa na frente da bicicleta, ignorando as árvores que passavam dos dois lados e o cintilar das janelas escondidas atrás das folhas. Desceu a última colina a toda velocidade, os pneus de borracha escorregando ligeiramente na estrada gelada, e então o feixe laranja iluminou o cascalho — a entrada que conduzia ao seu quarto e sala alugado. Ele freou um segundo atrasado, mas ainda foi capaz de enfrentar o cascalho, a roda traseira balançando de um lado para o outro. No momento seguinte, pulou da bicicleta e as botas tocaram a grama na frente da casa.

A casa era pouco mais do que um barraco, mas Sonya o esperava na varanda, com o belo cabelo louro avermelhado preso em um rabo de cavalo, o suéter branco justo marcando suas curvas. Thad correu para ela e estendeu as mãos. Ela sorriu, enquanto levantava a parte de baixo do suéter para mostrar um pedaço liso de sua barriga malhada. Depois, pegou as mãos dele e apertou-as contra sua pele quente, estremecendo de frio enquanto o fazia. Era um pequeno e gracioso ritual que os dois tinham criado nos últimos meses em que viviam juntos. Talvez fosse estúpido, talvez fosse doce, mas Thad tinha certeza de que se lembraria desses momentos pelo resto da vida.

Um minuto depois, os dois estavam lá dentro. A sala de estar era bastante pobre: alguns móveis de madeira encontrados em vendas de garagem, uma televisão que quase nunca era ligada, um aquecedor que cuspia arcos de água

quando estava ligado no máximo. Thad levou a esposa para o sofá perto da televisão e, sentando-se ao lado dela, contou-lhe que queria ser um astronauta. Explicou em detalhes o que aquilo significava, as coisas que precisaria fazer e o que teriam de modificar para tornar aquilo possível. Iria exigir sacrifícios de ambos. Sonya já tinha um emprego em tempo integral como assistente de dentista e começara a trabalhar como modelo à noite, tendo inclusive assinado um contrato com uma agência local. Mas aquilo queria dizer que ele teria de voltar a estudar, ter aulas de mergulho e de voo Precisava encher o currículo com coisas que impressionassem os cientistas da Nasa. Não seria fácil.

— Você quer ser um astronauta — repetiu Sonya, olhando-o.

Ele esperava que ela caísse na gargalhada. Em vez disso, ela passou a mão nos cabelos embaraçados dele.

— Legal. Acho que vou ter que arranjar mais um emprego.

2

Um ano antes, astronautas, Marte e os cientistas da Nasa estavam longe de povoar os pensamentos de Thad, enquanto ele se encolhia, trêmulo, no banco de trás do imenso furgão cinza da família, esperando ser assassinado pelo pai.

O veículo estava estacionado na entrada da casa da família de Thad, uma construção que lembrava um rancho, na periferia de Syracuse, em Utah. Syracuse era um ponto isolado no meio do nada, quase impossível de ser encontrado no mapa, uma pseudocidade rural — o que significava que todo mundo ali era um pseudofazendeiro, a não ser pelas poucas famílias que *de fato* moravam em fazendas. A família de Thad vivia em um terreno de seis mil metros quadrados, onde plantavam suas próprias verduras, ao lado de um pequeno pasto para gado que lhes fornecia carne na quantidade exata para alimentar Thad e seus seis irmãos. Era uma vida simples e, na teoria, poderia parecer singela e simpática. Thad não via as coisas dessa forma fazia muito tempo.

Tinha acabado de começar a nevar lá fora, uma revoada violenta de gigantescos flocos brancos. Thad mal reparou, pois estava ocupado demais olhando a porta da frente da casa. Estava certo de que, a qualquer momento, o pai ia sair por ela com uma espingarda, marchar até o furgão e atirar em sua cabeça.

Não fora à toa que Thad chegara à conclusão de que estava a ponto de ser morto pelo pai. Na verdade, tinha quase certeza do que estava prestes a acontecer. Havia observado a raiva efervescente se aprofundar na vermelhidão que manchou a parte de trás do pescoço do pai durante a viagem de uma hora desde o aeroporto de Salt Lake City. A mãe, silenciosa no banco da frente, ao lado do pai, só virou para trás uma vez durante o trajeto, e seus olhos apenas confirmaram a ideia.

Thad acreditava que finalmente tinha feito o homem perder as estribeiras e que agora o pai faria aquilo que achasse necessário.

Thad lutou contra as lágrimas enquanto fitava a neve espessa, perguntando-

se se iria doer, se faria diferença erguer as mãos ou implorar perdão. Em sua opinião, o pai era um homem cruel, mas talvez estivesse prestes a fazer a coisa certa. Talvez fosse exatamente isso que Thad merecia.

A verdade era que, lá no fundo, ele esperava por aquele momento desde o dia em que conheceu Sonya, no primeiro ano do ensino médio. Um garoto tímido e meio cdf como ele não tinha que perder tempo correndo atrás de uma menina ruiva, bonita e popular. No entanto, por alguma razão, ela também se apaixonou por ele. Em uma parte normal do mundo, teriam sido namoradinhos de colégio, ou qualquer outro nome que se dê para mãos dadas na sala de aula e beijos roubados sob as arquibancadas durante os jogos de futebol. No encrave completamente mórmon onde Thad foi criado, as coisas não funcionavam desse jeito.

O pai tinha proibido que ele namorasse. Por isso, Thad e Sonya montaram uma farsa. Durante três anos, ele fingiu ter encontros com todas as amigas de Sonya para parecer que mantinha relacionamentos superficiais e saudáveis. Libertou-se da timidez por necessidade — primeiro como parte da farsa, depois para valer. E, sem a timidez para detê-lo, cedeu ao impulso de fazer o que parecia natural, por mais que a religião lhe dissesse que aquilo era errado.

A primeira vez foi intensa, hesitante, explosiva e mais do que um pouquinho aterrorizante. No banco de trás do carro do pai de Sonya, a pele exposta grudando nos bancos de vinil, o ar condensado embaçando o vidro de trás, os corpos se arqueando enquanto suas mentes disparavam para se manter à frente da culpa mórmon.

A partir daquele momento, Thad e Sonya passaram a viver com medo. Thad acreditava que para seu pai, extremamente religioso, o que ele e Sonya tinham feito era um pecado explícito. Manter o segredo e a culpa bem escondidos foi bastante difícil. Mas, de alguma maneira, Thad conseguiu, até o dia em que partiu para o que supostamente seria sua missão de dois anos — o rito de passagem para todos os garotos mórmons que completam 19 anos.

Primeiro, Thad foi enviado para o CTM — Centro de Treinamento Missionário — localizado em Provo, Utah. Vestido com o uniforme padrão — camisa branca de botões, calças escuras e às vezes um terno —, Thad se descobriu desligado do resto do mundo, reaprendendo a falar, vestir-se, caminhar e pensar, dividindo o quarto com sete adolescentes em um dormitório repleto de beliches.

Quase de imediato, Thad começou a sentir que não era digno, que o segredo que guardava era como mentir para sua família, sua igreja e para Deus. Pouco

depois das duas horas da manhã, na terceira noite no CTM, estava deitado na cama olhando para o teto, ouvindo a respiração de outros sete adolescentes separados de suas famílias pela primeira vez na vida, quando, subitamente, um garoto no beliche diante dele rompeu o silêncio da noite.

— Rapazes, vocês estão acordados? Tenho uma coisa para contar, mas precisam prometer que nunca irão dizer para ninguém...

E com isso o garoto começou do nada uma confissão. Assim como Thad, aquele garoto tinha feito sexo com a namorada antes de ir para o CTM. Em teoria, Thad e os outros meninos nos beliches deveriam ficar chocados, mas, em vez disso, outro garoto começou a falar — e logo ele confessou a mesma coisa. Também fizera sexo com a namorada.

Ao final daquela noite, todos os meninos no quarto confessaram ter feito sexo. E pela primeira noite em anos Thad dormiu sem sentir culpa. Na manhã seguinte, começou a se perguntar se o pecado do sexo antes do casamento seria tão imperdoável quanto ele pensara. Talvez, assim como o garoto do dormitório do CTM, fosse algo que ele simplesmente precisava confessar.

Antes de perder a coragem, decidiu ir em frente e marcou uma reunião com o presidente da missão. No escritório simples do homem, Thad lhe contou sobre Sonya e sobre o pecado que tinham cometido. Ele acreditava que obteria, no mínimo, compaixão e encontraria o caminho para se penitenciar.

Porém, não lhe foi oferecida uma penitência. Em vez disso, o presidente convocou na mesma hora o quórum necessário para expulsar Thad da missão — rotulando-o de pecador diante de todo o mundo mórmon. As exatas palavras que o homem empregou reverberariam na mente de Thad pelo resto de sua vida.

— Você não é mais digno de servir a Deus.

Foi mandado de volta para casa no dia seguinte.

E lá estava ele: sentado no furgão dos pais, alheio à neve e ao frio. Thad pensou em sair correndo. Mas, se fizesse isso, nunca mais veria Sonya e aquilo parecia ainda pior do que a vergonha e o constrangimento, pior até do que receber um tiro de seu pai. Assim, ficou ali e esperou. Cinco minutos se tornaram dez, e depois meia hora, e logo ele perdeu a noção do tempo em que ficou no carro. A neve começou a se acumular e cobriu a horta, o pasto e até mesmo a casa, deixando tudo com um brilho branco. O ar na traseira do furgão se tornava gélido, e Thad podia ver sua própria respiração congelando e se transformando em pequenos cristais na vidraça — mas continuou ali, a mente confusa e apavorada.

Só depois que começou a escurecer e a neve se acumulou tão densa sobre as

janelas do carro que já não era possível enxergar a casa, ele decidiu que não tinha escolha senão seguir seus pais para dentro. Talvez o pai tivesse resolvido que matá-lo do lado de fora seria um ato excessivamente público. Era algo que precisava ser resolvido na privacidade do lar.

Thad pegou sua bolsa de viagem — que tinha umas duas camisas brancas, artigos de higiene pessoal, um punhado de exemplares de *O livro de Mórmon* e talvez meia dúzia de gravatas — e deixou o furgão. A neve grudou nas bochechas e no pescoço, mas ele mal percebeu. Atravessou o pátio que levava à casa em uma espécie de transe.

Encontrou os pais na cozinha. O pai estava sentado à mesa, a mãe a seu lado. Nenhum dos dois o olhou quando ele entrou. Ninguém falou nada, e Thad ficou parado por um momento na porta, ouvindo a neve derreter e bater nos ladrilhos do chão. Depois, largou a bolsa e sentou-se à mesa, diante dos pais.

O pai o encarou, e a fúria nos olhos do homem era tão palpável que praticamente derrubou Thad da cadeira. O peito ofegava, mas parecia que ele não conseguia respirar, o estômago dava voltas e o calor se erguia em suas costas em ondas perversas que pareciam chamas. A mãe fitava o próprio reflexo sobre o tampo de vidro da mesa, recusando-se a olhá-lo nos olhos. A questão ali não era com a mãe, afinal de contas. Dizia respeito a Thad e seu pai, e ao que aconteceria em seguida.

— Por sermos pais amorosos — Thad iria se recordar das palavras do pai, quase em um ranger de dentes —, vamos lhe dar dois meses.

Thad sentiu que o ar voltava a seus pulmões. *Dois meses?* Ele sequer compreendia o que aquilo queria dizer — o certo é que não era o cano de uma espingarda. O pai não ia matá-lo, ao menos não naquele dia, e isso parecia bom.

— Dois meses — repetiu o pai. — E as regras são as seguintes. Você não tem permissão para entrar em seu antigo quarto. Não tem permissão de ficar com nada do que possuía. Apenas com a sacola da missão.

Thad assentiu. Até aquele momento, não parecia tão ruim assim. Estava vivo, estava em casa. Entretanto, o pai ainda não havia acabado.

— Você vai dormir no porão. Está proibido de falar com seus irmãos e irmãs. Não pode sequer olhar para eles. Não pode olhá-los nos olhos. Sem bilhetes. Sem telefonemas. Sem qualquer tipo de comunicação. Porque você, Thad, vai para o inferno, e qualquer tipo de comunicação com você também vai nos levar para o inferno.

Thad abriu a boca, mas não conseguiu encontrar as palavras. Foi algo difícil de ouvir, ainda mais de uma forma tão explícita e em voz alta. O inferno, para

seu pai, não era um conceito religioso arbitrário que se aprendia na igreja. Era fisicamente real, ardente, violento e eterno. E era para lá que Thad iria.

— Você vai sair de casa às seis horas, todas as manhãs — prosseguiu o pai, com a voz firme e baixa. — Só voltará depois das 22 horas. Não me importo com o que você vai fazer nesse período, mas não ficará aqui. Ninguém vai saber que você continua vivendo neste lar. Ninguém vai falar com você, ninguém vai ver você ou pensar em você. Você simplesmente não existe.

Sem mais uma palavra, o pai se levantou e virou-se de costas. A mãe continuou à mesa, fitando o vidro. Thad se encontrava no mesmo cômodo que eles, porém estava sozinho.

Ele não existia.

Pegou a bolsa de viagem e se dirigiu para a porta que conduzia ao porão.

Mais tarde, naquela noite, quando estava prestes a tirar a camisa branca e subir no catre que o pai reservara para seu sono nos próximos dois meses, surpreendeu-se ao ouvir passos na escada que levava ao resto da casa. E o mais surpreendente: o visitante era sua mãe, descendo em silêncio até o porão para vê-lo.

Por um breve momento, ele sentiu que talvez tudo ficasse bem, que ela vinha lhe dizer que ele ainda fazia parte da família e talvez até lhe desse um abraço. Observou quando ela parou no último degrau, olhando para ele. Havia lágrimas descendo pelo rosto dela e as esperanças de Thad aumentaram. Ela lhe daria um sinal de que o amava de verdade e que, embora o estivessem tratando severamente, era porque o amavam.

Então os olhos dela se endureceram, e ela os desviou ao falar.

— Quando você morrer, vai me culpar por ter tomado o rumo que tomou?

Com essas palavras, ela voltou a subir os degraus.

Thad ficou parado, olhando-a partir.

* * *

Dois meses depois, ele saiu de casa oficialmente e se casou com Sonya. Os pais estiveram presentes para testemunhar os votos, mas não esperaram a hora de cortar o bolo. Mal disseram duas palavras para felicitar Sonya e sua família e foram embora, de volta para casa, em Syracuse. Thad não era mais responsabilidade deles. Cabia a ele construir uma vida para si, fosse trabalhando como encarregado em uma construção ou fazendo algo completamente diferente.

Algo de significativo e importante.
Cabia apenas a ele.

3

Nada como uma pedra de dois milhões de anos para ajudar a enxergar melhor algumas coisas.

Thad fez uma careta ao dar os últimos passos no interior do depósito mal iluminado, com a imensa caixa de plástico precariamente equilibrada em seus braços estendidos. Era bem mais pesada do que parecia. Ele não estava transportando apenas uma pedra pelas profundezas do Museu da Universidade de Utah. Parecia haver uma coleção grande o bastante para pavimentar uma pequena estrada. Levaria horas para analisar todas as amostras, registrando todos os detalhes no arquivo computadorizado mantido pelo departamento de geologia, e ainda havia mais duas caixas como aquela a sua espera no armário da recepção do andar de cima. Sem dúvida ele passaria a noite inteira no museu — e esse era exatamente o motivo que o levou a se apresentar como voluntário para fazer o inventário. Qualquer coisa para não andar de um lado para o outro da sala da casa dele e de Sonya, esperando o Sol nascer.

Ele chegou à estante do outro lado da sala e colocou o engradado em uma das prateleiras metálicas. Os ombros queimavam por conta do esforço, mas era uma espécie de dor boa. Sabia que estava contribuindo de alguma forma, mesmo que fosse apenas com uma longa noite de trabalho braçal. Assim como os anônimos que doaram as amostras no interior das três caixas para o museu da universidade, ele dava algo de si para o departamento de geologia. Em retribuição, sempre que atravessasse os corredores cheios de displays iluminados no andar de cima, sentiria orgulho.

Mesmo que, pensou Thad, aquelas rochas em particular nunca chegassem a ser expostas nas vitrines lá em cima. Quando chegou ao museu mais cedo naquela noite, disseram-lhe que as amostras que ele catalogaria eram materiais doados que não pareciam ser bons o suficiente para fazer parte da coleção em exibição. Embora algumas rochas fossem bem interessantes para Thad — um punhado de fósseis e minerais semipreciosos que contavam histórias de formas de vida ancestrais de muito tempo atrás, talvez da própria evolução —, o museu

considerava que a maior parte daquilo era lixo. As pedras provavelmente permaneceriam nos recônditos do museu por muito tempo.

No entanto, isso não queria dizer que não seriam inventariadas, catalogadas e descritas em detalhes — assim que os ombros de Thad retornassem à vida. Era uma pena que aqueles itens ficassem escondidos no porão, mas essa decisão não lhe cabia. Ele era um voluntário e, por mais inútil que parecesse esconder os fósseis doados no porão, ficava feliz em ser a pessoa a sujar as mãos pelo bem do museu, em grande parte porque cada minuto que passava ali, exercitando os músculos, era um a menos de espera angustiada por um telefonema que aconteceria dentro de poucas horas.

Thad sentiu uma onda de adrenalina em seu corpo só de pensar na ligação, prevista para as oito horas da manhã. Sabia que se ficasse em casa, e não no porão do museu, estaria realmente gastando as solas dos sapatos de tanto andar em volta do telefone sem fio pousado na escrivaninha da sala. No dia anterior, como preparativo, ele colou duas fotos na parede vazia atrás da escrivaninha. Uma mostrava um homem de trinta e poucos anos, com feições razoavelmente bem talhadas e corte de cabelo à moda militar, sorrindo para a câmera e vestido de forma conservadora com terno e gravata. A segunda foto era de uma mulher que parecia ser de meia-idade. Pelo estilo do retrato e pela pose pouco à vontade, era óbvio que ele tinha sido retirado de um manual da universidade.

As fotos provavelmente eram um exagero, talvez até um pouco psicótico, porém Thad não iria se arriscar — o telefonema era mesmo importante. Vozes sem corpo o deixavam nervoso. Por isso, se ele precisava ser entrevistado por telefone, olharia para as pessoas com quem estava conversando, mesmo que fossem apenas versões bidimensionais.

Oito da manhã. Era uma loucura que a ligação que poderia mudar tudo em sua vida estivesse a apenas algumas horas de acontecer, pois na verdade ele passara os últimos dois anos se preparando para este momento.

Nem por isso ficava menos ansioso. Não era uma simples entrevista, e a vaga no Programa Cooperativo do Centro Espacial Johnson não era um emprego qualquer. Era o primeiro passo rumo ao objetivo de se tornar um astronauta. Desde os anos 1960, o programa de estágio do Centro Espacial fornecia talentos para a Nasa. Tinha se transformado em uma prestigiada via de acesso para o jogo espacial. Em média, havia oitocentos candidatos para cinquenta vagas no programa, e a maioria dos candidatos era de engenheiros formados pelas principais universidades do país. Os *co-ops*, como eram chamados os estagiários, faziam pelo menos três "visitas" ao centro espacial em Houston, atuando em

projetos diretamente relacionados ao programa espacial. Terminado o estágio, a maior parte iria trabalhar no centro espacial, e aqueles que mais se destacassem conseguiriam entrar para o programa de treinamento de astronautas. Depois da Força Aérea, opção que Thad já havia eliminado, o programa do Centro Espacial era o melhor — e, na verdade, o único — caminho para se tornar um astronauta.

Não havia dúvida de que ele precisava ir muito bem na entrevista por telefone. Tinha passado os últimos dois anos se tornando o tipo de pessoa que o Centro Espacial procurava. Além de uma atordoante coleção de disciplinas de física, geologia e antropologia — estava se formando nos três cursos —, ele encheu seu currículo com uma grande variedade de atividades extracurriculares. Era fundador da Sociedade de Astronomia de Utah e tinha, pessoalmente, transformado o observatório da faculdade em um dos principais clubes de ciência do campus. Trabalhava com regularidade como voluntário em escavações com o grupo de paleontologia, uma divisão do departamento de geologia. Tirou licença de piloto e se tornou um mergulhador qualificado, com certificação. Estudou russo e japonês. Para completar, fazia pouco tempo que completara uma corrida de bicicleta beneficente para levantar fundos para o combate à fibrose cística. Ele e Sonya pedalaram da porta do hospital Salt Lake City até San Francisco, arrecadando quase dez mil dólares para a causa.

Tinha feito tudo que podia para se transformar no candidato perfeito. Durante todo o tempo, Thad combateu a torturante sensação de que, por mais que se esforçasse, ele sempre estaria alguns passos atrás dos outros rapazes que se candidatavam para o programa. A maioria vinha de escolas de elite, pagas por pais amorosos. A maioria não estava casada aos 23 anos. Que inferno, a maioria não *tinha* 23 anos — eles estavam saindo do ensino médio e pertenciam a famílias de posses. Thad era diferente. Ele sempre foi um *outsider*.

Precisava trabalhar mais do que qualquer outra pessoa para mostrar seu valor. Já tinha demonstrado sua persistência.

Voltou a pensar nas fotos coladas na parede sobre a escrivaninha. Bob Musgrove era o gerente do programa, responsável por todas as novas contratações. A mulher na outra foto, ao lado da de Musgrove, era a secretária dele, que Thad presumiu que também participaria da entrevista. Havia falado com ela em muitas ocasiões e ouvido a voz de Musgrove na mensagem de saudação da secretária eletrônica mais vezes do que podia lembrar. Ele perdeu a conta após deixar o centésimo recado, além de centenas de e-mails, dezenas de cartas e até mesmo um punhado de faxes. Nenhum dos recados ou dos e-mails foi respondido, mas ele continuou ligando quase todos os dias.

E pareceu funcionar. Quatro dias antes, tinha recebido um e-mail simples de Musgrove — como se Thad não estivesse há meses tentando contatá-lo — que informava quando ele deveria ligar para fazer a primeira entrevista telefônica. Um recado da secretária dele confirmou o dia e a hora. Agora só dependia de Thad.

Um simples telefonema.

Thad respirou fundo, e o ar empoeirado e embolorado do porão do museu o devolveu ao presente. O coração ainda batia acelerado, porém os pensamentos sobre o telefonema se dissiparam quando ele afinal se livrou da rigidez nos braços. Antes de voltar para cima e pegar as outras duas caixas, ficou alguns instantes olhando para dentro da que ele acabara de acomodar na prateleira. No alto da pesada pilha de espécimes havia um pedacinho de pedra irregular, doado por um anônimo. Thad mal conseguia distinguir os contornos de um fóssil na superfície da pedra — talvez uma planta pré-histórica, talvez algo melhor, como um inseto ou mesmo uma pegada. Só Deus sabia o que era, mas o mistério tornava aquilo ainda mais fantástico. Era um autêntico pedaço da história, um passo na evolução.

Sim, aquilo ajudava a enxergar melhor as coisas. Thad se preparava para aquela entrevista telefônica havia dois anos. E, se fosse bem, se mantivesse a calma e dissesse as coisas certas, talvez estivesse mesmo a caminho de se tornar um astronauta.

Aquela rocha, por sua vez, tinha sobrevivido a dois milhões de anos de erosão — para terminar dentro de uma caixa no porão escuro de um museu.

Thad respirou fundo de novo e de súbito tomou uma decisão.

Olhou para trás, para ter certeza de que estava sozinho. Depois, estendeu a mão, segurou o fóssil e o enfiou no bolso.

* * *

Oito horas depois, a mente de Thad dava voltas enquanto ele se recostava diante da escrivaninha da sala. Uma expressão atordoada tomava conta de seu rosto. As palavras de Bob Musgrove ainda reverberavam em seus ouvidos, tão surpreendentes agora quanto ao ecoarem pela primeira vez no telefone sem fio que jazia inerte diante dele.

— Bem, Thad, acho que você vai ser uma grande aquisição para o programa de estágios.

Só isso — depois da mais breve das entrevistas. Musgrove não lhe perguntara

sobre sua experiência acadêmica, nem como compensaria o fato de não ser um engenheiro, nem sobre sua idade um pouquinho avançada — tudo que o homem quis saber foi da corrida filantrópica de bicicleta. Como ele e Sonya tinham arrecadado fundos para o combate à fibrose cística enquanto moravam em uma barraca, colecionando bolhas em estradas desertas que atravessavam o país. E aí, do nada, Musgrove simplesmente despejou tudo.

— Seu currículo é fenomenal. Suas notas de fato melhoraram depois que você começou a fazer aulas de que realmente gosta, e é óbvio que você sabe dar duro. Eu já tinha tomado a decisão antes de conversarmos ao telefone. Você é exatamente o tipo de pessoa que procuramos.

Thad não conseguia acreditar. Toda aquela angústia, toda aquela adrenalina acumulada, e agora ia mesmo acontecer.

— Existem dois tipos de pessoa que trabalham na Nasa — Musgrove concluiu de maneira animada. — Pessoas que são obcecadas pelo espaço. E pessoas que estão a ponto de se tornar obcecadas pelo espaço.

Com isso, desligou. O telefone ficou mudo na mão de Thad.

E foi tudo. Thad estava a caminho. Recostou-se na cadeira com um sorriso de orelha a orelha. Ele seria estagiário no Centro Espacial Johnson.

Houston, temos uma decolagem...

4

Os meninos de 12 anos com uniformes da série *Jornada nas Estrelas* deviam ter feito com que ele desconfiasse. Isso ou o fato de que a fila onde Thad se encontrava terminava em uma catraca supervisionada por um sujeito com macacão espacial cor de laranja. Mas a ansiedade era tamanha e sua mente dava tantas voltas que ele não percebeu nada de errado até que os garotos de uniforme tivessem desaparecido no prédio a sua frente e ele se visse bem diante da catraca, olhando para além do macacão cor de laranja e vendo um saguão que parecia mais com o Epcot Center, da Disney, do que um edifício ocupado por repartições do governo. Havia uma reprodução do módulo lunar Apollo pendurado no teto e algo que lembrava o interior do ônibus espacial saindo da parede mais distante, como se aquela coisa tivesse colidido do outro lado e se encaixado ali para a diversão de multidões de crianças que passavam por cima da fuselagem. Ainda mais estranha era a existência de inúmeras máquinas que vendiam desde sorvetes espaciais coloridos a bonés de beisebol com o emblema da Nasa. Ou ele tinha se perdido ao sair do estacionamento ou a Nasa não era a instituição formal que ele havia imaginado.

Ele se virou mais uma vez para o homem com o macacão espacial laranja. Ao olhar com mais atenção, percebeu que o sujeito não podia ter mais de 19 anos de idade.

— Acho que estou no lugar errado.

— Depende de onde você quer chegar — respondeu o garoto, mal olhando para ele. — Você veio assistir ao show da gravidade zero? As entradas custam vinte pratas, mas é preciso comprá-las na bilheteria.

Thad sacudiu a cabeça.

— Não vim para o show da gravidade zero. Vim trabalhar. Quer dizer, eu deveria começar a trabalhar hoje. Estou no programa de estágios.

O garoto com o macacão espacial bocejou.

— Ah, cara, aqui não é o Centro Espacial Johnson. É o Centro Espacial

Houston. O Johnson fica ao lado. Mas você precisa ter autorização para passar pela segurança.

— Droga... Obrigado.

Thad deixou a fila e correu de volta para o estacionamento. Minha nossa, ele ia se atrasar logo no primeiro dia. Empurrou as portas duplas de vidro e quase recuou quando foi atingido em cheio pelo calor da manhã. Apesar de ser a primeira semana de setembro, ainda parecia um forno do lado de fora. O céu estava muito claro e devia fazer bem mais do que trinta graus. Thad pegou os óculos escuros no bolso da camisa. Ela era branca, de mangas curtas, e a calça cáqui, um pouco comprida demais, cobria sapatos sociais pretos. Sabia que os calçados eram completamente inadequados, mas aquele era o único par que não estava coberto de lama seca das inúmeras escavações de dinossauros e dos trabalhos de campo em geologia. Os sapatos sociais precisavam dar conta do recado.

Não demorou a encontrar o carro — um Toyota Tercel verdeclaro modelo 1996, com placa de Utah — e manobrou em torno dos ônibus turísticos que apinhavam o imenso estacionamento. Pensando bem, ele deveria ter percebido que estava no lugar errado pelo simples fato de ter sido bem fácil chegar de carro até aquele prédio baixo e retangular. Afinal de contas, ali era a Nasa, e deveria ser um dos complexos com segurança mais rigorosa do país. Mas Thad estava quase sem dormir, depois de passar metade da noite dirigindo pelo último trecho da viagem de quase 2.500 quilômetros entre Salt Lake City e Houston, e a outra metade fazendo sua mudança para um apartamento compartilhado ao lado do campus, que ele havia encontrado nos classificados dos empregados da Nasa na semana anterior.

Em menos de dez minutos, Thad chegou à saída do estacionamento de visitantes e pegou uma estrada de acesso ao Centro Espacial Johnson, que, conforme dissera o garoto de macacão espacial, ficava bem ao lado. Thad teve certeza de que estava no caminho correto quando percebeu um portão de segurança de aspecto assustador bloqueando o caminho, junto a uma guarita retangular com janelas de acrílico e refletores instalados em todos os cantos. Depois do portão, Thad avistou vias asfaltadas que formavam uma colcha de retalhos e atravessavam uma área bonita, com gramados, cercas vivas baixas e edifícios que lembravam caixotes. Também dava para ver objetos ao longe que pareciam gigantescas antenas de radar e até algumas construções que lembravam silos de fazendas. Uma parte dos prédios tinha um ar moderno, apesar das fachadas ao estilo dos anos 1950. Mas alguns podiam facilmente ter sido

construídos antes do primeiro pouso na Lua.

Os três grandalhões da guarita de segurança com toda certeza se enquadravam nos padrões de meados do século passado: mandíbulas quadradas, corte de cabelo à moda militar, uniformes cinza com o emblema da Nasa no ombro e na lapela. Quando Thad encostou ao lado da casinhola, um deles se debruçou, estendendo uma mão carnuda que mais parecia uma pata.

Thad abriu a janela do carro e mostrou a carteira de motorista, assim como uma cópia do formulário de admissão, que ele havia recebido de Bob Musgrove pelo correio poucos dias antes. O guarda pegou os documentos e os examinou, consultando uma lista colada do lado de dentro da porta da guarita.

— Bem-vindo à Nasa — disse o homem, devolvendo a carteira de motorista para Thad. — O limite de velocidade no complexo é de oito quilômetros por hora. Se passar disso, vamos mandar um carro atrás de você. Ah, e, como você ainda não tem identificação, precisa parar no estacionamento do satélite. Depois de atravessar o portão, siga uns cem metros e vire à direita, no foguete.

Thad olhou para ele. O guarda abriu um sorriso.

— Você é um *co-op*, não é? Isso quer dizer que deve ser uma espécie de geniozinho. Você vai chegar lá.

E assim o homem se retirou para o ar fresco da guarita, batendo a porta atrás de si. Apertou um botão no painel de segurança e a cancela se levantou. Thad pisou de leve no acelerador, levando o Toyota à velocidade de oito quilômetros por hora.

O primeiro trecho no interior do Centro Espacial não tinha nada de mais; era ladeado por gramados, fossos de aspecto pantanoso e sebes gigantescas. Mas, ao fazer a primeira curva, Thad passou por uma das sebes altas e viu algo pelo para-brisa que quase o fez pisar com força no freio. Estendido por todo o lado direito da pista, via-se um imenso foguete cilíndrico. O negócio era mesmo colossal — media mais de 110 metros do módulo de comando arredondado preso à ponta do foguete até os imensos bocais protuberantes das cinco primeiras cápsulas de combustível que compunham o corpo cilíndrico. Aquela coisa, branca e ofuscante sob o sol do Texas, só poderia ser descrita como linda.

Thad tinha lido sobre o foguete Saturno V, mas vê-lo de perto, descansando sobre um gramado na clareira do Centro Especial Johnson, era algo de tirar o fôlego. Lembrou-se de ter lido que esse foguete em particular nunca tinha ido para o espaço — fora construído para as duas missões Apollo canceladas ao final da corrida espacial —, mas seus irmãos transportaram todas as equipes de órbita e de pouso que fizeram a viagem à Lua, e aquela belezura, embora inerte e

começando a enferrujar, já tinha sido completamente funcional. Ao vivo, a magnitude daquele negócio fez Thad se lembrar de onde ele se encontrava. Não era um museu nem um parque de diversões. Era um lugar onde homens e mulheres de verdade treinavam para ir ao espaço transportados por máquinas como o Saturno V. Deus! Como seria ficar preso em uma coisa daquelas, atingindo velocidades que faziam a pele se comprimir com toda força contra os ossos. Era difícil até de imaginar. O fato de ser autêntico, e não apenas um modelo ou uma reprodução, tornava o momento ainda mais emocionante.

Quando Thad alcançou a ponta do foguete, viu um pequeno grupo sendo conduzido em torno dos propulsores da espaçonave por uma jovem com uniforme da Nasa — uma espécie de visita guiada, presumiu ele. Os turistas traziam crachás pendurados no pescoço. Thad também reparou que havia câmeras pela rua, algumas apontadas para o foguete e o grupo de visitantes, outras direcionadas para os dois lados da pista por onde ele dirigia, cobrindo todos os centímetros do percurso de entrada e saída do Centro Espacial. As câmeras e os crachás, como o próprio foguete, fizeram com que ele tivesse, de novo, consciência da importância do local onde se encontrava — era o primeiro momento de uma aventura que, com toda certeza, transformaria sua vida. Ele se perguntou quantas pessoas estariam acompanhando seu avanço pelas instalações. Mesmo da entrada, dava para perceber que o lugar era enorme. Sabia que havia mais de uma centena de prédios em um terreno de 6,5 quilômetros quadrados, mas esses números não capturavam a grandeza do complexo, sua verdadeira imensidão. E essa era apenas uma das instalações da Nasa. Por toda a região de Clear Lake, a área de Houston onde o Centro Espacial Johnson se encontrava, inúmeros complexos eram usados por astronautas e cientistas em seus treinamentos para futuras missões. E agora Thad fazia parte de tudo isso, e assim seria pelos próximos anos. Ele iria fazer seu nome, impressionar as pessoas que importavam e, no final das contas, permanecer focado em seu verdadeiro objetivo: tornar-se astronauta. Ou, quem sabe, ser um dia o primeiro homem a pisar em Marte.

Thad estampava um largo sorriso no rosto quando enfim entrou no estacionamento do satélite e encontrou uma vaga no final de uma fileira de carros que cintilavam no calor crescente. Ao pisar na calçada, voltou a procurar os óculos escuros. A adrenalina só fazia aumentar enquanto forçava a vista para encontrar o prédio mais próximo e pedir informações sobre como chegar ao local do programa de estágios. Seria uma caminhada considerável naquele calor, mas ele não se importava. Já sabia que iria amar aquele lugar.

Alguns dias antes, ele estudava para uma prova de física e ajudava Sonya a dobrar roupas limpas em uma lavanderia qualquer de Salt Lake City.

Agora estava a trinta metros de um foguete, porra.

Ele quase soltou uma gargalhada ao dar os primeiros passos pelo interior do Centro Espacial.

5

O ar-condicionado estava tão forte que Thad quase sentia o gosto de CFC. Ainda assim, gotas de suor escorriam por suas costas, enquanto ele permanecia no final de uma longa fila formada por pessoas jovens e bonitas que serpenteava pelo imenso e escuro saguão daquele edifício da era industrial. A caminhada para o Prédio 2 do Centro Espacial Johnson tinha sido exaustiva, mas, apesar do calor e do cansaço, Thad não tirava os foguetes da cabeça enquanto esperava ao lado dos outros estagiários o momento de entrar no Auditório Teague para ouvir a palestra de apresentação.

Localizar o Prédio 2 tinha sido fácil, mesmo sem a ajuda de um mapa. O enxame de garotos sorridentes e cheios de energia que se aglomerava diante da porta principal dificilmente teria escapado à atenção de Thad. Agora que estava entre eles, percebia que seus novos colegas representavam um mundo do qual ele nunca fizera parte. Primeiro por causa de Sonya, e depois, na Universidade de Utah, Thad tinha saído da concha da timidez, mas ainda podia contar em uma mão as pessoas que ele de fato considerava amigas. As noites de sexta-feira, na melhor das hipóteses, eram reservadas para pequenos jantares, talvez um filme. Ele e Sonya eram uma unidade autossuficiente, e não parte de alguma cena social que pudesse ser definida.

Agora, no entanto, espremido no saguão refrigerado repleto de jovens excessivamente animados, Thad era uma folha em branco. Poderia se reinventar com grande facilidade. Porra, a única pessoa naquele lugar que sabia seu nome estava de pé, dentro do auditório, junto à porta, com a mesma aparência que tinha na foto colada na parede da sala de Thad — com um sorriso malicioso, camisa branca, fazendo brincadeiras amistosas com os estagiários mais próximos. Bob Musgrove saudava os estudantes, um por um, quando entravam no auditório. Porém, para qualquer outra pessoa ali, Thad era um desconhecido. E, de muitas formas, aquilo o empolgou mais do que o Saturno V lá fora.

Estava tão entretido pensando em sua própria reinvenção que levou um

instante para reparar na garota a sua frente, que se voltara ligeiramente para ele com um sorriso. Era loura e bronzeada, apenas alguns centímetros mais baixa do que Thad. O corpo de surfista parecia fantástico sob uma camiseta branca e o jeans justo de grife. Na verdade, a maioria dos *co-ops* tinha uma aparência acima da média. Havia uma preponderância de louras com belos corpos.

A loura de camiseta se apresentou como Sally Bishop e, após apertar a mão de Thad, apontou para a parede atrás dele.

— Aquilo ali basicamente diz tudo, não é?

Thad não sabia muito bem por que não havia prestado atenção no mural antes, uma vez que ele era enorme. Ocupava um bom pedaço da parede do saguão, pintado em cores tão vivas que competiam com o brilho quase nuclear da luz do Sol do meio-dia no Texas, que entrava pelas claraboias lá no alto.

— Li sobre aquele mural no folheto de orientação — disse a garota. — Tem um nome idiota, *Abrindo a próxima fronteira — o próximo passo de gigante*, mas está tudo ali. Em vez da palestra de instruções, eles só precisavam mandar a gente olhar para o mural a manhã inteira.

Thad riu. Ele também tinha lido a respeito do mural, com 5 metros de altura por 21 de largura, pintado por Robert McCall nos anos 1970. Ele contava toda a história do Centro Espacial Johnson, desde o nascimento, em 1960, até o programa dos ônibus espaciais. A pintura parecia um tanto antiquada, até mesmo brega, mas cumpria muito bem sua função ao identificar de forma gráfica as conquistas da agência espacial. Desde o primeiro voo tripulado, com Alan Shepard, em 1961, até os programas Gemini, Apollo, Skylab e os ônibus espaciais. Thad achava que ninguém que se interessasse pelo espaço conseguiria ficar diante daquele painel sem se arrepiar. *Sobretudo quando o sistema de ar-condicionado dispara um ar congelante em todas as direções.* A coisa de que Thad mais gostou no mural foi de ver o ponto onde ele terminava. Havia muito espaço na vasta parede para ser ocupado pelo que viria a seguir.

— Talvez sua imagem apareça ali um dia desses — respondeu Thad. — Acho que você ficaria muito bem em um macacão espacial.

— Vai levar um bom tempo até que qualquer um de nós possa usar um macacão espacial. Estou feliz só por ter conseguido chegar até aqui. Dois dias atrás, eu estava no México com meu namorado e esqueci o passaporte no hotel. Tive que argumentar muito para atravessar a fronteira de volta. Ainda bem que eu estava com um monte de livros de engenharia mecânica. Os guardas da fronteira não resistiram a um casal de nerds da Nasa.

— Seu namorado também é *co-op*?

— Ele vai chegar depois, à tarde, vindo de Dallas. A gente tem esperanças de ser designado para o mesmo projeto. Mas eu saí por aí perguntando e parece que quase todo mundo aqui é da área de engenharia.

Thad concordou. Ele faria parte da minoria, ainda mais porque havia listado geologia como seu interesse principal na carta de confirmação. Sabia que, depois da palestra de apresentação, os estagiários seriam escalados para projetos em áreas o mais próximo possível de seus interesses. Era apenas mais uma coisa que o diferenciava dos demais — de uma forma positiva, ele esperava. Afinal de contas, quantos engenheiros eram necessários para fazer uma espaçonave voar?

À medida que os estagiários avançavam devagar para o auditório, a garota continuou com aquela conversa que sugeria uma leve paquera. Contou para ele de sua louca viagem para o México, de como havia sido incrível seu ano de caloura na Universidade do Texas — uma das cinco instituições que mais enviavam estagiários para o programa —, de como, ainda menina, tinha se apaixonado pela ideia de trabalhar para a Nasa, porque seu pai, ex-piloto da Força Aérea, a obrigou a ir para uma colônia de férias espacial no verão, após terminar o segundo ano do ensino médio.

De sua parte, Thad começou a se reinventar apresentando para a moça apenas uma versão resumida de si mesmo. Contou como ele e Sonya tinham ficado obcecados recentemente por paleontologia, como usou seus conhecimentos em geologia para conseguir um trabalho voluntário para os dois no museu da universidade. Falou que foram convidados para participar de escavações patrocinadas pelo museu e que era divertido examinar a lama, procurando fósseis, usando a ciência como ferramenta para recriar coisas que tinham lido nos livros. Animado, descreveu como descobriu um autêntico dente de *Tyrannosaurus rex* em sua última escavação — era o quinto dente encontrado na região de Utah.

Naturalmente, não mencionou que, enquanto trabalhava como assistente de inventário do museu, tinha pegado emprestados alguns fósseis muito legais entre aqueles que precisavam ser transportados para o depósito — uma pedra guardada no bolso se juntou, dias depois, a mais alguns fósseis — e que os exibia em sua sala de estar e os levava com frequência aos jantares para impressionar os amigos de Sonya. Ele não achava que havia nada de errado em desfilar com objetos tão preciosos — para ele, o crime maior era deixar aqueles fósseis em caixas em um porão escuro. Exibir objetos históricos não era a finalidade primordial de um museu?

Thad tinha a sensação de que sua colega compreenderia. Ela compartilhava

de seu gosto por aventura. E, ao ouvir pedaços das conversas a sua volta, ele soube que não eram os únicos. Estavam em um lugar repleto de jovens cheios de vida.

Quando por fim chegou ao auditório e apertou a mão de Bob Musgrove pela primeira vez, ganhando um tapinha nas costas e uma recepção calorosa, Thad foi tomado pela emoção do momento. Sentiu que havia encontrado um lar.

A sensação só fez aumentar na palestra introdutória, aberta por Musgrove e prosseguida por um punhado de integrantes do Centro Espacial. Entre os palestrantes estava um astronauta de verdade, com seu uniforme completo, pontilhado com coloridos e gloriosos emblemas da Nasa indicando que ele era alguém que voara em um ônibus espacial — *que realmente tinha ido para o espaço*. O astronauta detalhou a história do Centro Espacial Johnson — na verdade, apenas deu vida aos pixels do mural pendurado na parede do saguão.

Contou como tudo começou com uma cadela russa chamada Laika: dois meses depois de o Sputnik 1 estarrecer o mundo e plantar na cabeça dos americanos o medo de um espaço controlado pelos soviéticos, os russos conseguiram pôr em órbita uma vira-lata, Laika. Não fez diferença que o pobre animal tivesse morrido com o calor e o estresse na subida — Eisenhower, apavorado pela ideia de que a Rússia pudesse ganhar a corrida espacial, começou a planejar o programa de astronautas. Em abril de 1962, a construção do Centro Espacial Lyndon Johnson teve início, na região de Clear Lake, em Houston — lugar escolhido por sua topografia plana e pelo fato de a Universidade Rice estar disposta a ceder terrenos ao governo por um preço baixo.

O astronauta encantou a plateia de estagiários desde a primeira palavra, embora aquele fascínio também pudesse ter relação com o uniforme e sua postura confiante de cowboy. Ele descreveu como a Nasa passou do projeto Mercúrio — que basicamente prendia homens tão corajosos quanto malucos em foguetes direcionados para baixas órbitas — para o projeto Gemini, que tratava da vida sustentável no espaço. Nove astronautas foram escolhidos a partir de uma seleção de quase oito mil candidatos, sendo batizados com o nome de "os novos nove". Voaram dez missões, e um terço delas recebeu apoio do então recém-concluído Centro de Controle de Missão em Houston, embora o lançamento fosse em Cabo Canaveral, na Flórida. Até o Gemini 4 nenhuma missão inteira tinha sido controlada a partir do Centro Espacial de Houston — o que se tornou ainda mais significativo pelo fato de ter sido a primeira caminhada extraveicular em órbita do programa espacial norte-americano.

Depois, o astronauta falou do período Apollo, relembrando rapidamente o

pouso na Lua, a maior conquista dos últimos cem anos. Thad parou de prestar atenção quando o orador começou a falar das 11 Apollos que voaram de 1968 a 1972. Como todo mundo naquela sala, ele tinha visto o filme. Estava mais interessado, no momento, em examinar a multidão a sua volta, rostos cheios de algo que só poderia ser chamado de êxtase. Mesmo a descrição da Skylab, a fase menos atraente da história do Centro Espacial, não abalou o entusiasmo da plateia. A narração de como a estação espacial acabou despencando no oeste da Austrália — fazendo com que a prefeitura de uma cidadezinha perdida multasse a Nasa em quatrocentos dólares por sujar as ruas — era mais uma parábola daquilo que só podia ser descrito como uma história de importância bíblica. Para os *co-ops*, a Nasa era uma religião. E um astronauta de verdade era nada menos do que uma divindade.

O homem de uniforme azul concluiu a palestra com a história do nascimento do projeto dos ônibus espaciais. Em 1º de abril de 1969, um grupo de engenheiros recebeu ordens para se apresentar no Prédio 36. Um engenheiro da Nasa entrou na sala segurando um modelo de aeronave em madeira balsa e o apresentou aos homens ali reunidos. Todo mundo achou que era uma brincadeira, mas na verdade aquilo ilustrava a nova diretriz, que tinha como objetivo a construção de uma espaçonave que voasse como um avião. Em 1978, a Nasa já estava pronta para escolher o primeiro grupo de astronautas de seu ônibus espacial, a quem chamaram de "os 35 novos caras".

O astronauta encerrou o discurso sob aplausos ruidosos e foi seguido por Musgrove, que voltou ao palco, contou mais algumas piadas e então começou a abordar os detalhes do programa de estágio. Thad já tinha lido muitas vezes o folheto de regras. Sabia que tinha se inscrito em pelo menos três "visitas" com duração de um semestre. Depois de cada uma, ele deveria voltar para Utah para continuar sua formação. Receberia o suficiente para pagar moradia e alimentação, talvez um pouquinho mais — mas ele duvidava que alguém estivesse ali por causa do dinheiro, como se podia comprovar pelo fato de que a maioria dos estagiários continuava olhando para o astronauta de uniforme azul, na beirada do palco, em vez de prestar atenção ao homem simpático de camisa branca, no púlpito.

— Fiquem de olhos bem abertos todos os dias — concluiu Musgrove, no palco. — Porque todos os dias, neste lugar, vocês verão alguma coisa capaz de abrir suas mentes de uma forma que vocês nunca imaginaram. E, quem sabe, se vocês se esforçarem, se tiverem sorte, se nós todos tivermos sorte, um dia vocês vão estar aqui no palco, de uniforme azul, contando para a gente como é

caminhar em Marte.

Thad sentiu o rosto corar enquanto aplaudia junto com os outros estagiários. Musgrove encerrou sua fala pedindo que eles formassem uma nova fila no saguão, para receberem a indicação de seus postos de trabalho iniciais — mas Thad mal ouvia.

Em sua cabeça, ele já usava o uniforme azul e dava aquele primeiro passo em Marte.

6

Agora sim.

Thad amassou um mapa xerocado do Prédio 31, enfiando-o no bolso enquanto atravessava a entrada do moderníssimo Laboratório de Astromateriais. O ar pressurizado, com um quê de antisséptico, o atingiu em cheio e ele sorriu, admirando a sala de 28 metros quadrados com um rápido passar de olhos. Soube no mesmo instante que estava no lugar certo. Bancadas reluzentes de aço inoxidável, pias cromadas que lembravam baldes, arranha-céus de prateleiras cheias de tubos de ensaio, catacumbas de bicos de Bunsen — e pipetas em número suficiente para construir um órgão de igreja. O local era o sonho erótico de um cientista, desde o chão de cimento liso como um rinque de patinação aos painéis fluorescentes extremamente iluminados, presos no teto. Mesmo o insistente zumbido do sistema de ventilação no nível quatro parecia um pulsar sinfônico aos ouvidos de Thad. Aquilo deixava no chinelo o laboratório de geologia da Universidade de Utah, e Thad mal conseguia acreditar que passaria os próximos meses observando seu reflexo dançar sobre todo aquele cromo e aquele aço.

Ao contrário do Prédio 2, não foi fácil encontrar o laboratório do Prédio 31. O lugar era um labirinto de corredores sem janelas e portas sem identificação. Como Thad era o único novo estagiário sem experiência em engenharia, só ele tinha sido designado para trabalhar com ciências da vida. Nesse ponto, ser diferente era interessante, pois as ciências da vida eram interdisciplinares — o que significava que ele teria acesso a diferentes laboratórios em diversos complexos da Nasa. Ele seria capaz de continuar estudando os assuntos bem diversificados que o interessavam nas três visitas ao Centro Espacial Johnson, e se fizesse tudo direito teria muitas oportunidades para trabalhar com seus superiores e impressioná-los. O lado ruim, porém, era que aquilo, mais uma vez, o separava do rebanho. Precisaria encontrar seu caminho sozinho — assim como fez para chegar ao Laboratório de Astromateriais, onde deveria passar seus

primeiros dias, com pouco mais do que um mapa mal desenhado e um punhado de instruções transmitidas a ele por Bob Musgrove.

No entanto, Musgrove e o mapa saíram de sua cabeça no minuto em que ele pisou naquele ambiente imaculado e supercontrolado. Conseguia se imaginar passando horas incontáveis realizando experimentos naquele lugar, separado do mundo exterior por paredes de blocos de concreto construídas para resistir ao mais forte furacão já registrado. Na verdade, ele estava tão absorto em seus próprios pensamentos que não reparou que havia outra pessoa no laboratório até quase passar por cima dela: um rapaz muito magro, mais ou menos da idade de Thad, que vestia um jaleco branco sobre o que pareciam ser roupas cirúrgicas azuis, com o cabelo coberto por uma touca da mesma cor. O sujeito estava de costas para Thad e se debruçava sobre um dos balcões de aço inoxidável, segurando um grande objeto retangular nas mãos enluvadas.

Thad ficou paralisado, fitando o objeto, que não se parecia com nada que ele já tivesse visto antes. Era como a vidraça de uma janela, mas incrivelmente fina — não parecia ter qualquer espessura. Não era exatamente transparente, mas também não era opaco, e sim uma espécie de meiotermo entre ambos. Como a neblina ou uma fatia de nuvem transformada em vidro.

— Não é algo que se vê todos os dias — Thad finalmente murmurou, tão baixo que mal pôde ser ouvido sob o zumbido do sistema de ventilação.

O jovem na bancada não respondeu. Em vez disso, colocou cuidadosamente o objeto em um recipiente de consistência semelhante à de um gel e voltou a respirar. Depois de ter certeza de que o vidro estava em segurança, virou-se para Thad. Arrancando a touca cirúrgica da cabeça, passou a mão sobre os tufos desobedientes do cabelo louro escuro. Seu rosto era anguloso ao extremo, e o queixo tão pontudo que parecia ter sido feito para cortar pedras. As bochechas salientes estavam muito vermelhas e havia gotículas de suor em torno de seus olhinhos miúdos.

— Chama-se "aerogel" e é uma dureza trabalhar com ele. O sólido de menor densidade já inventado, forte o bastante para suportar mil vezes o seu peso. Ainda assim, basta olhar do jeito errado que ele se espatifa.

— Parece uma contradição.

— Isso resume a história. É criado quando se retira toda a água de um composto de silicone. É um isolante maravilhoso, mas pesa praticamente nada. Um pedaço dele com o tamanho de um homem pesaria menos de meio quilo e seria capaz de levantar um carro. Se a gente for mesmo para Marte, este negócio vai ter um papel importante na forma como chegaremos lá. E tem um nome

incrível. Fumaça líquida. É ou não é demais?

Thad sorriu para o garoto.

— É mesmo demais. Sou Thad Roberts.

— Eu sei. O doutor Musgrove me mandou uma mensagem de texto dizendo que você estava a caminho. Imaginei que ia levar no mínimo mais uns dez minutos para que você chegasse. Você deve ser um dos inteligentes. Sou Brian Helms. Serei seu colega de laboratório.

Brian tirou uma luva e apertou a mão de Thad. Depois jogou a cabeça para a esquerda, indicando que Thad deveria seguilo até uma bancada do outro lado da sala retangular.

— Também sou um *co-op*. Estou na segunda visita. Você tem mesmo sorte, cara. Astromateriais é o melhor lugar daqui. A gente faz de tudo. Ainda mais agora que todo mundo só fala de Marte.

Helms chegou à bancada mais distante e apontou com uma das mãos enluvadas para os objetos espalhados sobre a superfície reluzente. Thad viu rochas de diversos tamanhos em recipientes que variavam de placas de Petri a estranhas esferas que pareciam estar cheias de um líquido transparente.

— É basicamente isso que a gente faz, na maior parte do tempo. Prática e experimentos com técnicas de preparo, aprontando amostras para serem transportadas para diversos locais por todo o Centro Espacial, assim como para fora da Nasa.

— Que tipo de amostras?

— Essa é a parte mais legal. Até agora, têm sido principalmente pedras lunares. Ou, para ser mais exato, poeira lunar, porque em geral estamos falando de um grama aqui, outro ali. Mas ultimamente temos lidado mais com meteoritos, pois alguns deles vêm de muito mais longe que a Lua, e é nisso que todo mundo anda interessado no momento.

Thad olhou para todas aquelas rochas espalhadas sobre a bancada de aço.

— Você está dizendo que algumas dessas daí são pedras lunares?

— Claro que não. Você sabe o valor das pedras lunares?

Thad deu de ombros.

— Para falar a verdade, não sei.

— Valiosas pra ca-ram-ba. E precisam ser mantidas em condições impecáveis. Você devia ver o Laboratório Lunar. Estamos falando de gabinetes de acrílico repletos de nitrogênio de alta pureza. A gente precisa vestir macacões para entrar e passa por câmaras de purificação de ar, coisa de ficção científica mesmo.

Thad só podia imaginar o que seu colega de laboratório estava falando. Nunca havia manipulado produtos químicos perigosos ou com risco biológico. Só conhecia o que tinha visto na televisão, mas supôs que seria muito legal ver o Laboratório Lunar de perto.

— Aqui neste laboratório — prosseguiu Helms — a gente pratica com pedras terrestres comuns. Você vai aprender como raspar pedaços pequenos, similares às autênticas amostras da Lua e às de meteoritos que são enviadas para escolas como parte do programa educativo da Nasa. Também mostrarei para você como montar um dessecador, um aparelho muito legal que impede a entrada de umidade. Para os museus, usamos essas esferas de vidro maiores. Em geral são preenchidas com nitrogênio para manter as rochas em boas condições.

— Então é você que toma conta deste laboratório? — Helms era apenas um estagiário, mas parecia surpreendentemente seguro, como se já viesse fazendo as coisas sozinho por um tempo.

Helms sorriu, sacudindo a cabeça.

— Eu ainda espero chegar lá, como você. O chefe da divisão é o doutor Cal Agee. O assistente dele é David Draper. Os dois são basicamente nossos mentores em astromateriais. Vão aparecer de vez em quando para ter certeza de que não estamos incendiando o local nem usando as pedras lunares como bolas. Mas basta andar pelos corredores para você encontrar um monte de cientistas que têm mais títulos do que sobrenomes. A melhor parte de estar aqui é poder conhecer caras que ganham a vida com brinquedos espaciais.

— A gente também trabalha com astronautas? — perguntou Thad.

Helms deu-lhe uma olhada de esguelha.

— Isso é importante para você?

— Claro. Quer dizer, os cientistas são bacanas, mas os astronautas são astros do rock.

Helms riu.

— Acho que fiquei um pouco cansado deles. Crescer perto deles faz a gente começar a enxergar por trás da poeira lunar.

— Você foi criado perto daqui?

— A alguns quilômetros. Minha mãe é engenheira e fez muitos trabalhos para a agência.

Helms começou a retirar as luvas de borracha, com certa dificuldade para puxá-las dos dedos finos.

— Em alguns dias você vai perder este olhar de espanto. Vai estar almoçando e perceber, de repente, que o sujeito ao seu lado já voou em um ônibus espacial.

Aí você vai voltar para o seu saco de salgadinho. Vai voltar para seus livros e tubos de ensaio e se dar conta de que este lugar é um emprego, e não apenas um sonho.

Sem luvas, Helms dirigiu-se para a porta, fazendo gestos para que Thad o seguisse.

— Teremos muito tempo para conversar sobre isso mais tarde. Você vai para a festa da piscina, não vai?

— Festa da piscina?

— Acontece a cada duas semanas. Algumas meninas daqui moram em um condomínio com piscina, e elas dão umas festas boas demais. É uma espécie de ritual. As pessoas ficam bêbadas e falam o que não devem. Você vai descobrir que está em um lugar com muita vida social, apesar da reputação de rigidez.

Thad seguiu o novo amigo até a porta. Apesar de frequentar a universidade por tantos anos, ele não tinha participado de muitas festas. Em parte por ser casado, em parte por conta de sua educação. Nunca vira graça nessa história de festas.

Mas ali era um lugar para se reinventar. Sonya compreenderia. Ela iria querer que ele aproveitasse a experiência ao máximo.

— Uma festa na piscina parece divertido.

— Primeiro vamos passar no lugar mais importante deste campus.

— E qual é?

Helms sorriu, saindo com Thad pela porta, e verificou se ela estava bem fechada já do lado de fora. Thad reparou que havia uma tranca computadorizada, de aspecto high-tech, ao lado da maçaneta — era um painel coberto com teclas numeradas em alto relevo. No momento em que a porta fechou, a tranca zumbiu e uma luz digital começou a piscar.

— O refeitório — respondeu Helms. — É o centro nervoso da Nasa.

Thad ainda olhava para trás, para a estranha fechadura computadorizada. Helms reparou e apontou o polegar.

— Você precisa ter cuidado e verificar sempre que a tranca está fechada depois que passar. A segurança é realmente levada a sério por aqui. Você não iria querer ser expulso antes de começar.

Thad ergueu as sobrancelhas.

— Aí eu nunca teria a chance de ser um astronauta, certo?

Helms sorriu.

— Ah, você quer ir para a Lua um dia desses?

— Não. Quero ser o primeiro homem em Marte.

Thad não sabia bem por que dissera aquilo. Sentiu-se um pouco bobo, mas Helms apenas deu de ombros.

— Talvez você seja — disse ele, enquanto afastava-se da porta com Thad. — Se eu não chegar lá primeiro.

7

O objeto era vermelho vivo e vinha rápido. Seguia uma trajetória baixa e elíptica, espiralando pelo caminho, vomitando gotículas de um líquido claro, como um rabo de cometa que pinta sua rota pelo ar carregado de eletricidade. A velocidade era aterrorizante e Thad teve apenas um instante para colocar a mão na frente do rosto — mas não adiantou. O objeto passou por seus dedos e bateu direto na testa. O impacto fez com que ele perdesse o equilíbrio, enquanto uma ducha de água gelada explodia em seu rosto.

— Skylab, garotão! É o que acontece quando você tem órbita baixa e gravidade demais!

Thad sacudiu a água dos olhos, enquanto lutava para recuperar o equilíbrio na parte rasa da piscina. Helms estava a uns três metros de distância, agachado atrás de um par de espreguiçadeiras, com um segundo balão de água na mão direita. Havia garotas estendidas nas duas cadeiras: bonitas, louras e de biquíni. A garota à direita era a mesma que Thad conhecera na fila de entrada do Auditório Teague — Sally Bishop, aquela do namorado que ainda não tinha aparecido, mas supostamente estava a caminho. A garota à esquerda de Bishop também era loura, mas tinha uma altura mediana. Havia algo um pouco mais natural e suave na forma como seu corpo preenchia o biquíni de estampa floral. Um punhado de sardas recobria a pele exposta de seus ombros e braços, e quando ela ria a região em torno de seus olhos azuis se enrugava de maneira adorável.

— Você colocou os balões de água na geladeira? — Thad tossiu, tremendo de frio enquanto os últimos vestígios do projétil escorriam por suas costas. — Me parece um exagero.

— Nunca apareço em uma festa de mãos abanando — Helms começou a responder, porém foi interrompido por outro balão lançado por trás de seu ombro esquerdo, que fez um arco bem acima da piscina e depois explodiu como um morteiro, a alguns metros da churrasqueira gigante do outro lado do pátio

calçado com pedras. Thad ergueu os olhos e viu que o segundo balão tinha vindo de uma das sacadas com vista para a piscina. Havia mais *co-ops* em trajes de banho no segundo andar, e muitos seguravam copos plásticos vermelhos, que aparentemente tinham sido abastecidos no barril que ocupava boa parte da área gramada do outro lado da churrasqueira. No total, Thad contou pelo menos trinta pessoas na festa na piscina — e ainda tinha mais gente para chegar. Ele não sabia como eram as festas na faculdade, mas essa reuniãozinha era bem impressionante.

Sua atenção se desviou da sacada no momento em que a loura sardenta deslizou para fora da espreguiçadeira e entrou na piscina a apenas alguns metros de distância. Levou as mãos para trás da cabeça, levantando o cabelo esvoaçante — e o movimento fez maravilhas com a parte de cima de seu biquíni. Thad sentiu que estava corando e desviou o olhar, cheio de timidez. Reinventando-se ou não, ele ainda tinha um longo caminho a percorrer antes de se sentir completamente à vontade em uma situação dessas.

— Sou Lisa Daniels — disse a garota. — Acho que vi você hoje de manhã na fila do Centro Espacial Houston.

— É — disse Thad, encabulado. — Era eu. Acho que não sou tão inteligente assim, porque provavelmente teria vagado por ali o dia inteiro se um garoto de macacão espacial não tivesse me dito que eu estava no lugar errado.

A garota riu.

— Para falar a verdade, cometi o mesmo erro ontem. Cheguei um dia antes para dar uma olhada no lugar. Graças a Deus.

Thad adorou o fato de participar de um programa em que uma garota tão atraente era também cdf o bastante para aparecer um dia antes do começo de algo que, no final das contas, não passava de um estágio glorificado. Encostou-se na borda da piscina ao ver Helms e a outra garota, Sally, deslizarem para dentro da água, ao lado de Daniels. Quase ao mesmo tempo, um punhado de outros estagiários se juntou a eles na parte rasa. Todos estavam um pouco nervosos, um pouco empolgados e talvez um pouco radiantes demais. Pelo menos Thad sabia que se sentia assim. Por alguma razão, ele queria impressionar essas pessoas. Se não iria mais ser tímido, queria partir para o outro extremo. Queria se tornar o centro da cena social dos *co-ops*, possivelmente só para provar algo para si mesmo, ou quem sabe para acabar com aquela sensação, que ainda o atormentava, de que ele não pertencia àquele lugar. Tinha 23 anos, era casado e havia sido expulso de casa mais ou menos na mesma época em que os outros garotos dali concluíam o ensino fundamental.

— Então isso acontece uma vez por mês? — perguntou, sacudindo um pedaço do balão de água de seu cabelo um tanto longo. — Acho que deveria acontecer uma vez por semana.

Um dos estagiários esparramados nas espreguiçadeiras começou a rir. Era um sujeito alto, de porte atlético, vestido com uma camisa polo engomada que provavelmente tinha custado mais que todo o guarda-roupa de Thad.

— Vamos trabalhar duro demais para conseguir fazer festas toda semana — disse o de camisa polo. — Quer dizer, pelo menos quem estiver envolvido com engenharia de foguetes.

Thad tentou fingir que não era uma sutil indireta ao fato de ele não ter experiência em engenharia.

— É que este lugar é tão legal — continuou Thad. — É uma pena desperdiçá-lo com apenas um evento mensal. A gente deveria incorporar isso ao treinamento.

A mente de Thad trabalhou rápido quando ele percebeu que tinha capturado a atenção de todos os estagiários nas imediações. Era uma boa sensação, ser o centro das atenções, e seu cérebro era ágil o suficiente para se aproveitar da situação.

— O que você quer dizer? — perguntou a garota sardenta. Os olhos dela permaneceram em Thad por tempo demais.

— Podemos transformar isso em um joguinho. Um tipo de jogo educativo, como uma competição.

Helms olhava para ele com uma espécie de advertência no olhar. Mas Thad o ignorou e continuou sem parar:

— A cada semana, vamos identificar a experiência mais incrível, mais bacana que se pode ter na Nasa. Vamos descobrir a coisa mais legal que alguém poderia fazer para se dar bem, e quem fizer aquilo até o final da semana, na próxima festa na piscina, é o vencedor.

O garoto atlético de camisa polo se inclinou para frente.

— A coisa mais legal... Você quer dizer algo como conseguir o autógrafo de um astronauta?

— Achei que a gente poderia ser um pouco mais criativo — disse Thad. — Como aquelas coisas que a gente leu nos folhetos do estágio. Talvez dar uma volta no KC-135, o Cometa do Vômito, aquela aeronave que vai para cima e para baixo onde se fica por alguns minutos em gravidade zero.

— Ou entrar no LFN! — Daniels quase se esgoelou. — Sabem? O Laboratório de Flutuabilidade Neutra, a maior piscina coberta do mundo, onde os

astronautas treinam...

— Não sei se isso é uma boa ideia — interrompeu Helms, mas um dos outros meninos gritou outra ideia.

— Alguém poderia entrar no Laboratório Lunar!

— Ou tirar um retrato com um autêntico capacete de astronauta! — outra pessoa sugeriu.

— Ou entrar no Controle de Missão.

Thad se esforçou para conter um sorriso enquanto olhava todos os rostos empolgados a sua volta. Sabia o que deveria fazer para consolidar seu papel. *Precisava ter a melhor ideia de todas*. Mas ele não iria simplesmente dizer alguma coisa — tinha que dizer e de fato *fazer*.

— Vou contar o que farei — declarou em um tom de voz baixo o bastante para que todos tivessem que se inclinar em sua direção para ouvilo. — Vou entrar no Prédio 5 e ficar bem do lado do Simulador de Ônibus Espacial.

O lugar ficou em silêncio. Thad podia ouvir a água atravessando o filtro do outro lado da piscina. Todos os estagiários olhavam fixamente para ele. Então o rapaz de camisa polo caiu na gargalhada.

— Sem chance. Você nunca vai conseguir. Só os astronautas podem se aproximar do Simulador de Ônibus Espacial.

O garoto de camisa polo provavelmente estava certo. Não se tratava de uma simples reprodução como aquela que Thad tinha visto no Centro Espacial Houston. Era um simulador de voo hiperrealista, de uso prático, e lá dentro era possível controlá-lo como se fosse o ônibus espacial de verdade. O Prédio 5 era um dos mais seguros do campus da Nasa. Porém, Thad já tinha enveredado por essa estrada e com certeza não recuaria agora.

— Vamos ver — disse Thad, e deu de ombros. — Mas espero que todos estejam de volta na semana que vem para a gente conversar sobre o assunto.

Depois disso, a festa começou a esvaziar, com os estagiários partindo sozinhos e em duplas. Daniels, a garota sardenta, ficou o máximo que pôde — mas Thad se esforçou para não dar a ela nenhuma atenção especial, pois não queria encorajá-la. Sonya estava bem distante, mas Thad havia sobrevivido à igreja mórmon durante quase 19 anos. Tinha condições de resistir a três meses de festas na piscina com garotas sardentas em biquínis sumários.

Estava se preparando para sair da água quando percebeu que Helms tinha se aproximado dele, ainda com aquele ar de advertência.

— Não faça nenhuma idiotice, cara. Você não precisa impressionar ninguém.

Thad olhou para ele de relance.

— Não estou tentando impressionar ninguém. Só acho que vai ser divertido. Anime-se. Não vou fazer nada ilegal.

Helms o encarou por mais um momento e depois bateu em seu ombro.

— Se você levar isso adiante, vai acabar agitando este lugar. Acho que eu iria gostar.

Os dois olharam para as garotas, Bishop e Daniels, que passavam pelas espreguiçadeiras. Daniels ajustou a parte de cima do biquíni, tentando cobrir um pouco mais de sua pele sardenta, enquanto se movimentava.

— Ainda assim — prosseguiu Helms. — Como eu disse, você não quer ser expulso daqui. É uma oportunidade boa demais.

Thad não sabia ao certo se seu novo amigo estava se referindo às garotas ou à Nasa — mas tinha de concordar com ele nos dois casos.

8

Sorria para as câmeras.

Thad manteve a cabeça baixa ao passar diante da entrada do Prédio 5 pela sexta vez. Vinha examinando o lugar havia vinte minutos, mas ainda não tinha conseguido pensar em nada parecido com um plano. Meu Deus, ele daria um péssimo criminoso. Se alguém estivesse monitorando a dúzia de câmeras empoleiradas por aquele caminho ladeado de árvores que cercava o moderno complexo no canto sul do Centro Espacial, iria pensar que um dos estagiários tinha pirado: um garoto com olhos verdes brilhantes, vestindo uma camisa da Nasa e calças cáqui, que circulava sem rumo pelas imediações de uma das instalações de treinamento de astronautas mais seguras do campus.

Thad não conseguia imaginar o que tinha passado na sua cabeça quando fez aquela fanfarrice na festa da piscina. Estava na Nasa havia menos de dois dias e lá estava ele. Vinte minutos antes, ele chegou ao fim de um dia incrível em que aprendera a fatiar meteoritos até que se transformassem em segmentos minúsculos. Agora, vagava em volta de um prédio de alta segurança, pensando em uma proeza que poderia expulsá-lo do programa — e possivelmente mandá-lo para a cadeia.

Enquanto passava por um conjunto de arbustos que demarcava o outro lado do prédio, segurou o crachá amarelo pendurado em seu pescoço. Amarelo queria dizer nível dois — um passo a mais em relação à maioria dos *co-ops*, por causa de seu trabalho no departamento de ciências da vida. O crachá significava que ele podia entrar na maioria dos prédios do complexo, mas havia algumas exceções muito importantes. O Prédio 1, onde ficavam os escritórios dos oficiais de alta patente da Nasa. O Prédio 31N, que guardava todos os valiosos materiais lunares. E o Prédio 5. Ainda assim, lá estava ele, vagando de um lado para o outro diante da entrada de vidro fumê, tentando pensar em um jeito de entrar.

Helms tinha passado a maior parte do dia tentando convencer Thad de que aquela era uma péssima ideia. Helms foi criado naquele ambiente e sabia com

que seriedade as pessoas do Centro Espacial respeitavam regras e regulamentos. Mas, para Thad, Helms encarava tudo da forma errada. A ciência envolvia superar regras, correr riscos. O objetivo do programa de estágio não era expandir a mente? Além do mais, era só Thad fechar os olhos e se via de novo na piscina, com todos aqueles garotos acompanhando cada palavra que ele dizia. Nunca havia se sentido assim. E queria se sentir daquele jeito de novo.

Ele parou no canteiro seguinte e voltou a se dirigir para a entrada de vidro do prédio. Não havia mal algum em tentar. Tudo que desejava era entrar no prédio, dar uma rápida olhada no simulador e sair correndo dali. Se fosse pego, bem, poderia bancar o bobo. Se ninguém parasse para olhar seu currículo, ele provavelmente conseguiria se safar.

Chegou aos degraus que conduziam à entrada de vidro negro — mas desta vez não parou. Fez o máximo para controlar sua respiração ao entrar no prédio.

Logo Thad se viu em um saguão austero, de frente para uma imensa porta metálica. A superfície da porta era completamente lisa. Não via maçanetas, botões ou alavancas. Acima da porta, havia uma única câmera de segurança apontada para ele. À esquerda das portas, um painel numérico e uma minúscula tela de televisão.

Thad sentiu uma onda de pânico atravessá-lo e quase deu meia-volta para sair correndo pela porta de vidro. Mas percebeu que a câmera já podia vê-lo. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, uma voz de mulher ecoou do monitor.

— Posso ajudá-lo?

Thad precisou improvisar.

— Pode. Estou aqui para ver o Simulador de Ônibus Espacial.

Não houve sequer uma pausa. Um zumbido soou atrás da porta, seguido por um estalo metálico. A porta se abriu alguns centímetros e Thad empurrou-a rapidamente. No mesmo instante, viu-se em um movimentado corredor. Havia pessoas por todos os lados, algumas com jalecos brancos, outras com camisas da Nasa iguais à dele. Mas os olhos de Thad logo se concentraram nos astronautas — ele podia ver pelo menos três — em uniformes azuis, todos com distintivos do ônibus espacial nos ombros.

Meu Deus. Thad sentiu o coração martelando em seu peito. Mais uma vez, lutou contra a vontade de dar meia-volta e sair por onde havia entrado. Mas já tinha ido tão longe — e o fato era que ninguém naquele lugar parecia reparar nele. Havia gente em toda parte, mas ninguém prestava atenção nele.

Ele se apoiou na parede para refletir sobre o próximo passo. Viu que algumas pessoas seguravam pranchetas. Os caras com as pranchetas pareciam os mais

distraídos, então concluiu que abordar um deles seria a melhor saída.

Esperou até que alguém segurando uma prancheta passasse perto dele e começou a seguir o homem, andando no mesmo ritmo. Quando o sujeito finalmente ergueu os olhos, Thad sorriu, esforçando-se para eliminar o nervosismo da voz.

— Poderia me dizer onde fica o Simulador de Ônibus Espacial?

O homem não hesitou nem por um instante.

— Claro, estou indo para lá.

Thad precisava quase saltar para acompanhar o ritmo do homem enquanto percorria o grande corredor. Deram uma guinada de noventa graus — e de repente estavam diante de outra porta metálica. Havia um leitor de cartão perto da porta e, sem sequer parar, o homem com a prancheta pegou um crachá e passou. Abriu a porta, pôs a cabeça lá dentro e gritou para alguém que estava do outro lado.

— Tem um cara aí para um teste no simulador. Você pode cuidar dele?

Thad quase engasgou. Quis falar alguma coisa, mas a voz tinha sumido. O homem com a prancheta segurou a porta para ele e Thad não teve escolha senão entrar.

Ai, cacete. Thad nem chegou a ouvir a porta se fechar atrás dele. Estava na beirada do que parecia ser um enorme hangar de aviões. Havia computadores por toda parte, estações de trabalho separadas por painéis de controle e quadros brancos, todos interligados por uma macarronada de cabos elétricos grossos e negros. E ali, no meio, erguendo-se bem no alto daquele espaço imenso, estava o Simulador de Ônibus Espacial. Só podia ser descrito como espetacular.

— Primeira vez? Queria que fosse sempre tão fácil assim identificar uma virgem.

A voz veio da esquerda de Thad. Ele então lançou um olhar em direção a dois técnicos com jalecos azul-claros, pairando sobre algo que parecia um gigantesco circuito eletrônico. O homem que tinha falado com ele sorria, e Thad retribuiu, mas não conseguiu manter a concentração por muito tempo. Como um molho de chaves dentro de um aparelho de ressonância magnética, seu olhar foi arrebatado pela maravilha tecnológica que ocupava a maior parte do hangar diante dele.

— De perto, parece muito maior — balbuciou.

O simulador era formado por duas partes separadas. A menor delas, a estação de tripulantes com movimentos, como era chamada, se ligava a um imenso guindaste — um monstro articulado feito de aço, repleto de molas e tubos

pneumáticos enrolados que evidentemente forneciam incríveis níveis de sustentação hidráulica. A estação com movimentos parecia o nariz do ônibus, suspenso por um colossal braço robótico. Embora Thad, do lugar onde se encontrava, não conseguisse enxergar o interior daquela coisa, ele sabia que sua configuração era idêntica à de uma verdadeira cabine de ônibus espacial, com espaço para o comandante do ônibus e o piloto. O braço fornecia seis graus de movimentos — ou seja, aquilo simulava qualquer fase de um voo espacial, do lançamento à aterrissagem. Podia se inclinar noventa graus em qualquer direção, simular aceleração e até mesmo momentos de ausência de peso.

A segunda parte do simulador era a estação fixa de tripulantes. Uma caixa retangular que era um autêntico espinheiro de fios, antenas e até pequenos radares. Tinha espaço para um comandante, um piloto, um especialista da missão e alguns outros integrantes. Não simulava o movimento, mas também se erguia sobre uma plataforma elevada e reproduzia com perfeição o ambiente no interior do ônibus espacial. Para simulações de missão de longa duração, a tripulação podia passar dias ou até mesmo semanas lá dentro. Comida e bebida eram levadas até eles para que pudessem viver exatamente como se estivessem em órbita.

— É para isso que servem cem milhões de dólares dos seus impostos — respondeu o técnico, quando afinal se afastou do circuito eletrônico e se aproximou de Thad. — Imagino que você esteja aqui para fazer a verificação mensal dos sistemas?

Thad olhou de novo para o sujeito. O técnico tinha cerca de 35 anos, com entradas nos cabelos e alguns quilinhos a mais pendendo sobre o cinto. Devia ser um funcionário contratado, obviamente alguém que Thad não considerava uma figura de autoridade. O técnico com certeza o confundira com uma pessoa que deveria estar ali, ou talvez não se importasse. Viu a camisa da Nasa e aquilo lhe bastou.

Por um instante, Thad pensou em acabar com a brincadeira. Alguma coisa parecia errada naquela farsa, embora ele não tivesse feito nada para convencer ninguém de que deveria estar onde estava. Ao mesmo tempo, Thad não podia ignorar as ondas de adrenalina que ricocheteavam por dentro dele. Fora assim na primeira vez que voara sozinho em um monomotor, porém ainda mais intenso. Sentia-se muito vivo, e o medo de ser pego não lhe passava mais pela cabeça.

— Correto — ele ouviu sua própria resposta. — Vim para observar o teste.

— O resto da tripulação já está lá dentro — respondeu o técnico, partindo na direção do simulador. — Se nos apressarmos, podemos chegar lá antes do início.

Os olhos de Thad se arregalaram. Ele tinha imaginado que observaria o teste do lugar onde estava. *Bem, se me arrisquei tanto até aqui, posso me arriscar mais por um simulador de cem milhões de dólares.* Não havia como recuar. Então seguiu o homem em direção àquela máquina colossal.

Um segundo depois, encontrava-se a poucos metros do gigantesco guindaste hidráulico. O nariz do simulador estava bem diante dele, e o técnico se dirigiu para a lateral e apontou para uma abertura oval.

— Vocês têm os melhores brinquedos.

Thad não sabia ao certo se ainda respirava quando passou pelo técnico, abaixando a cabeça para não bater no teto da estação. Antes que pudesse piscar, estava no interior da cabine do ônibus espacial, uma reprodução tão realista que nenhum astronauta do mundo saberia apontar a diferença.

De certa maneira, era como o interior de um avião. Só que um milhão de vezes *superior*. Havia janelas com visores triangulares na frente, janelas dos dois lados — e praticamente todas as superfícies estavam cobertas de interruptores, diodos, campainhas e alavancas. Um homem já se encontrava afivelado ao assento do piloto, à direita de Thad, que não conseguia dizer se aquele era um astronauta ou um técnico, porque ele vestia algo parecido com um macacão cinza. Mas não havia dúvida de que o sujeito sabia o que estava fazendo. As mãos mexiam nos interruptores, dando início ao que só podia ser a sequência de lançamento. Sem levantar o olhar, ele apontou para a outra cadeira — o lugar do comandante.

Thad sentiu mais um momento de pânico extremo, que precisou engolir rapidamente. Como disse ao técnico, só estava ali para observar. Era a farsa que tinha inventado e era essa farsa que ele iria manter. Apenas um humilde estagiário enviado por seu mentor para testemunhar o teste mensal do Simulador de Ônibus Espacial.

Levou um momento para que descobrisse como se prender ao assento do comandante. Havia cintos de segurança vindo de todos os ângulos e um estojo que cruzava seu peito. Quando ele terminou, o piloto disse algo no comunicador preso sobre suas cabeças e Thad ouviu o ruído da portinhola se fechando atrás dele.

— Vamos concluir a verificação — grunhiu o piloto, e Thad olhou para onde o homem apontava.

Havia uma lista impressa presa entre os assentos. Como Thad tinha brevê de piloto, conseguiu, ainda que mais ou menos, acompanhar o que se passava. Não sabia onde ficava nada, mas era capaz de reproduzir o gesto do piloto, apertando

um interruptor aqui e ali, lendo um alternador ou o controle de temperatura.

— Fogo — disse o piloto.

E logo em seguida toda a cabine começou a sacudir. A princípio era um tremor suave, mas depois a coisa começou a balançar para cima e para baixo, como um avião de papel atravessando uma tempestade elétrica. Subitamente, toda a cabine foi jogada para trás, o nariz apontado para cima. Thad abafou um grito. Para sua surpresa, a janela à sua frente não contemplava mais o hangar de aviões adaptado. Thad estava olhando para o céu. Não eram sequer janelas, mas monitores de alta definição que transmitiam imagens de um autêntico lançamento.

Um segundo depois, Thad foi empurrado com força contra o banco. A vista das janelas se tornou apenas movimentos, fachos de luz faiscavam diante de seus olhos como raios laser. O som dos motores era como um trovão reverberando ao redor dele em estrondos ensurdecedores.

Thad notou que dava gritos de alegria. Talvez o piloto percebesse, talvez não conseguisse ouvir por conta do barulho dos propulsores de mentira — Thad não se importava. Em sua cabeça, ele não estava em um simulador escondido no interior de um prédio de alta segurança no campus do Centro Espacial Johnson.

Estava na cabine de um foguete, avançando rumo a Marte.

* * *

A sensação podia não ser exatamente igual à energia irresistível do propulsor de um simulador que o achatava contra o assento de couro do comandante — mas era bem parecida. Sentado de pernas cruzadas na beirada da mesma piscina da semana anterior, com metade da população jovem de Clear Lake espalhada pelo pátio diante dele — tantos olhos e ouvidos concentrados apenas nele, enquanto contava a história —, talvez enfeitando um pouquinho aqui e ali, mas mantendo-se fiel o máximo possível... Bem, foi um momento importantíssimo na vida de Thad. Ele podia ver seu próprio carisma refletido nos olhos das garotas bonitas que estavam mais perto dele e até nas expressões claramente admiradas dos homens.

— Então, no final das contas... — Thad afinal encerrou a história. — Acho que foi uma semana muito boa.

Houve um momento de completo silêncio, exatamente como tinha acontecido quando ele propôs a competição, na semana anterior. E então todos aplaudiram ao mesmo tempo, felicitando-o, em ondas de apertos de mão,

tapinhas nas costas e até alguns beijos na bochecha. Helms exibiu um relutante polegar para cima, sacudindo a cabeça angulosa com ar de admiração.

Thad havia garantido seu lugar no topo da cadeia alimentar da vida social. Era um lugar que nunca tinha ocupado antes — e ele gostou.

Quando a multidão se afastou, Helms se aproximou dele, afundando os pés que mais pareciam nadadeiras na água fresca da parte rasa da piscina.

— Sua competição foi um grande sucesso. Pode ser que se torne um acontecimento semanal. Mas duvido que alguém consiga superar um voo no ônibus espacial.

— Foi só uma simulação — riu Thad. — Acho que vou ter que esperar até minha terceira visita para entrar em um de verdade.

Helms também riu — depois parou e olhou para Thad.

— Você está brincando, não é?

Thad deslizou para dentro da piscina, submergindo até que só seus olhos verdes brilhantes ficaram de fora.

9

Era um momento que todo cientista de verdade conhecia bem — embora não fosse algo quantificável ou que se pudesse prever, reconstituir, mapear em dados, nem que fosse possível descrever. Um momento que qualquer pessoa que tivesse passado um bom tempo isolada em um laboratório, atrás da tela de um computador ou de frente para um quadro-negro, com o giz levantando nuvenzinhas raivosas como uma tempestade, poderia identificar, ainda que não conseguisse definir.

Thad tinha uma palavra para aquilo: *serenidade*. O momento em que o *ato* da ciência se transforma organicamente na *arte* da ciência, quando até mesmo os procedimentos mais comezinhos e coreografados alcançam tal ritmo que se tornam acordes invisíveis de um único violino perdido na complexidade de uma sinfonia perfeita. Minutos se transformavam em um estado de atemporalidade, em que o mundo parecia congelado, mas Thad de alguma forma avançava: satisfeito, realizado, livre.

O projeto em si não tinha nada de espetacular. Retalhar um pedaço de rocha vulcânica usando uma serra minúscula com ponta de diamante, enquanto ficava de olho em cada partícula microscópica de poeira, documentando com precisão o peso final da amostra que sobrou. O trabalho era meticuloso, mas a pedra vulcânica era apenas um dublê, como a reprodução de uma cabine de ônibus espacial. Ela deveria representar algo infinitamente mais valioso. Um fragmento da Lua, entregue pessoalmente, trinta anos antes, por homens cujos nomes foram imortalizados em livros de história. Para Thad, não importava que o procedimento estivesse mais para uma prova de figurino. Ele tinha sido dominado pelo processo em si e naquele momento se encontrava de fato perdido na arte da ciência. O zumbido da serra de diamante, o odor pungente da amostra vulcânica aquecida, o redemoinho de poeira que subia para uma máquina de medição à base de mercúrio. Ele se encontrava naquele lugar sereno em que nada mais existia. E ficaria satisfeito em permanecer ali para sempre.

— Uau! Você fez tudo isso sozinho?

Thad levou um momento para processar as palavras, até que aquela voz familiar o trouxesse de volta ao laboratório. Ele desligou a serra e olhou para trás. Helms estava de pé perto do balcão onde Thad havia espalhado todas as suas amostras para a prática; eram de todos os tipos, desde mínimas fatias com fins educativos, embrulhadas individualmente em sacos de teflon, a dessecadores que guardavam meteoritos falsos, prontos para serem enviados para laboratórios de toda a Nasa.

— Eu não tinha certeza de quando você terminaria as tarefas para o doutor Draper. Por isso resolvi começar sozinho. Acho que perdi a noção do tempo.

— Estou vendo. Presumo que o doutor Agee tenha mostrado a você como fazer tudo isso.

Agee, o mentor de Thad, realmente havia aparecido no início daquela manhã para se apresentar, mas ficou ali só por alguns minutos. Thad passou a maior parte do dia sozinho. Isso não o incomodava. Na verdade, ele achava libertador. A aventura no simulador lhe ensinara que a Nasa era um lugar em que pessoas de mente independente, como ele, podiam se dar bem. E Thad tinha se tornado muito independente desde que foi expulso do hermético mundo onde fora criado — a igreja mórmon da forma como seu pai a interpretava, o autoritarismo do Centro de Treinamento Missionário. Estava ávido por criar seu próprio futuro, construir seu nome. Parecia que a melhor parte do programa de estágio da Nasa seria poder encontrar seu caminho, em um conceito mais amplo.

— Ele me deu algumas dicas. Mas aprendi um bocado lendo seus cadernos e usando o passo a passo que encontrei no laptop.

Helms olhou para onde ficavam os computadores, do outro lado do laboratório. Havia um laptop, dois desktops e uma fiação que conduzia ao mainframe da Nasa. Era um equipamento de tecnologia bem avançada e muito segura. Helms tinha informado a Thad que a segurança da Nasa podia monitorar qualquer tipo de uso do sistema de computadores, inclusive e-mails pessoais. Thad chegou à conclusão de que era melhor assim. Se em uma busca superficial no mainframe, a partir do laptop, tinha descoberto que existiam muitas informações úteis disponíveis para um empregado do seu nível, ele só podia imaginar o que o acesso a níveis maiores de segurança permitia.

— Você perdeu o almoço — disse Helms, aproximando-se de Thad para ajudá-lo a desmontar a serra. — Mas se formos rápidos podemos comer alguma coisa no caminho para a palestra.

Thad ergueu as sobrancelhas. Ele tinha perdido a noção do tempo. Estava na

Nasa havia mais de uma semana, mas só conseguira ir ao Stardust Café duas vezes. Não ligava, na verdade — a comida nunca foi uma prioridade para ele. Em casa, Sonya muitas vezes precisava lembrá-lo de comer. Como uma modelo que tentava se firmar, ela achava muito irritante a facilidade com que ele pulava refeições. Na Nasa, porém, para Thad as refeições eram a parte menos interessante do dia — não importava com quem ele poderia esbarrar na lanchonete.

A palestra que estava por vir era um exemplo perfeito. Embora Thad ainda não tivesse se encontrado com o doutor Everett Gibson, conhecia sua reputação. Gibson era um pesquisador de renome na divisão de ciências da vida havia mais de trinta anos. Uma das mentes mais brilhantes no setor de pesquisa de astromateriais, era a encarnação do cientista da velha guarda da Nasa. Depois de concluir o mestrado em físico-química e o doutorado em geoquímica, foi trabalhar no Centro Espacial Johnson — que na época era chamado de Centro de Espaçonaves Tripuladas — em julho de 1969, pouco depois que a cápsula da Apollo 11 voltou do espaço.

Thad já o admirava. Gibson podia não ser um astronauta, mas era tudo que um cientista de laboratório poderia sonhar em se tornar. Era natural que ele desse sua aula no prédio de ciências da vida, onde Thad trabalhava. Gibson passou quase todos os seus 33 anos de Nasa instalado naquele prédio — porque, como Thad tinha descoberto no dia anterior, durante uma conversa com Helms e alguns outros estagiários, o Prédio 31 um dia abrigou o laboratório que recebia materiais lunares.

Quando as primeiras missões Apollo voltaram da Lua, a Nasa montou uma quarentena muito rigorosa. Ninguém tinha ideia do que as amostras trazidas poderiam conter. Havia um medo muito real de que patógenos alienígenas pudessem espalhar alguma doença estranha e desconhecida no planeta por todo o centro espacial — e de lá, quem sabe, para o resto do mundo. Por isso foi criada uma quarentena high-tech não apenas para os próprios astronautas, que passavam semanas em câmaras vedadas sujeitando-se a múltiplos níveis de purificação, exames de sangue e até avaliações psicológicas, mas para as amostras lunares — as pedras da Lua, como logo passaram a ser chamadas pelo público.

O protocolo para o transporte e armazenamento das pedras vindas da Lua era incrivelmente rígido e envolvia caixas seladas a vácuo, câmaras de nitrogênio, além de macacões com oxigênio.

Gibson foi um dos primeiros cientistas encarregados da preparação e do estudo das pedras lunares trazidas pelo programa Apollo, das missões 12 a 17.

Tinha conduzido os estudos originais das pedras lunares, em busca de sinais de vida, materiais desconhecidos, patógenos — tudo que fazia com que fossem únicas. Mais tarde, a quarentena dos astronautas e dos materiais foi flexibilizada e enfim abandonada na época da Apollo 15. As pedras, embora supostamente valiosas, não eram mais consideradas um perigo. Porém, ainda eram insubstituíveis. Assim que o programa Apollo foi encerrado, passou a ser ilegal que cidadãos dos Estados Unidos sequer possuíssem uma amostra lunar autêntica.

No total, os astronautas do projeto Apollo coletaram 382 quilos de material, divididos em 2.200 amostras individuais, subdivididas posteriormente em 110.000 partículas que poderiam ser estudadas — e foi determinado que as pedras lunares precisavam de um edifício somente para elas. Como uma instalação independente, o Prédio 31N foi construído bem do lado. Thad ainda precisava visitar o Laboratório Lunar, mas já tinha ouvido muitas histórias sobre o local. Era considerado o prédio mais seguro construído pela Nasa. Com controle atmosférico e nenhuma ligação com o mundo exterior — sem cabos, canos ou dutos —, foi planejado para ser forte o bastante para passar mil anos debaixo d'água sem que seu conteúdo fosse danificado. Ele provavelmente duraria mais que toda a cidade de Houston.

Thad esperava ter uma oportunidade de visitar o Laboratório Lunar. Como estava envolvido com o estudo de materiais espaciais, sabia que não era uma ideia absurda. No entanto, até que ele pudesse manipular as amostras pessoalmente, o mais perto que chegaria das pedras seria convivendo com gente como o doutor Gibson.

— Esquece o almoço — disse Thad, arrumando apressado sua mesa. — Prefiro passar fome e conseguir um bom lugar na frente do que me entupir e ficar na última fila.

Helms sorriu, apesar de já ter ouvido as palestras de Gibson antes, pois era a sua segunda visita. Mas ninguém no Prédio 31 perdia uma chance de ouvir alguém que esteve tão envolvido falar sobre as missões Apollo. Era o mais próximo que um cara que trabalhava com tubos de ensaio poderia chegar de caminhar na Lua.

* * *

Gibson começou seu discurso falando sobre a Lua, porém a maior parte da palestra levou a plateia para milhões de quilômetros além dali. Sentado na

primeira fileira do anfiteatro em estilo grego, recostando-se o máximo que podia para ter uma visão melhor daquele sessentão troncudo e de ombros largos atrás do púlpito, Thad percebeu que não se surpreenderia. Como todo mundo na Nasa, Gibson foi atropelado pela incrível reorientação do programa espacial americano. Mas ainda era impressionante ver aquele cientista de óculos, grisalho e ligeiramente calvo, um gênio que tinha participado da maior aventura da história moderna, envolvido com tamanho entusiasmo em algo novo, que levaria pelo menos um quarto de século para se realizar.

No início da palestra, Gibson falou sobre as primeiras amostras que viu quando começou a trabalhar na Nasa — as da Apollo 11, coletadas por Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua. Gibson prosseguiu descrevendo como havia diferenças entre as amostras provenientes de cada missão lunar, como os seis pontos de pouso tinham sido escolhidos para estudar diferentes áreas da topografia do satélite. O resultado disso foram tipos de rocha espantosamente distintos, dos grãos muito finos trazidos de um vale profundo entre as montanhas da parte nordeste da Lua chamado Taurus Littrow — um material composto por continhas minúsculas em geral conhecidas como "vidro laranja" — às amostras cinzentas, quase negras, da Apollo 17, que foram as últimas coletadas por seres humanos, retiradas da face oculta da Lua. Gibson confirmou que eram extremamente valiosas. Não que fossem insubstituíveis, mas todos os dias chegavam pedidos de cientistas, museus e universidades do mundo inteiro que desejavam exibir ou estudar aqueles tesouros nacionais. E, a cada ano, a Nasa escolhia uma centena de sortudos que teriam a chance de ver uma pedra lunar verdadeira.

Thad sorriu ao ouvir esse trecho do discurso de Gibson. No laboratório, a alguns andares de lá, ele vinha praticando as técnicas que seriam usadas para preparar aquelas pedras lunares. Ele fazia parte da engrenagem da Nasa, parte do grupo de cientistas que tornavam essa ciência possível. Quando Gibson acrescentou, quase como uma curiosidade, que as amostras eram também infinitamente valiosas não apenas do ponto de vista científico, Thad mal registrou aquela informação — de que alguém tentara vender um único grama de pedra lunar ilegal por cinco milhões de dólares. Aquilo de fato não significou nada para Thad na época. O valor daquelas amostras ia muito além do dinheiro. Elas representavam a maior conquista humana em toda a história.

Quando Gibson começou a falar de outro assunto, que não dizia respeito às pedras lunares, Thad não acreditou que o homem seria capaz de reconquistar a atenção da plateia, mas o cientista chocou a todos ao pôr a mão atrás do púlpito e

erguer um pequeno frasco. Da primeira fileira, Thad conseguia distinguir o que estava lá dentro — um pedaço de rocha que lembrava vidro, quase de natureza vulcânica, mas era algo que ele, com certeza, nunca tinha visto antes. Gibson sorriu para a multidão ao dizer o nome do objeto.

— ALH 84001. Recuperada do gelo na Antártica em 1984, esta coisinha tem sido o centro da minha vida há quase uma década. Em 1996, publiquei os resultados científicos de meus estudos na revista *Science*. Estou certo de que alguns de vocês leram. Este meteorito contém em seu interior evidências de atividades biológicas passadas. Em outras palavras, este meteorito sugere, de forma inequívoca, a possibilidade de vida em Marte.

Thad reagiu como o resto da plateia, espantado e impressionado. Olhou em volta e viu os rostos fascinados dos estagiários que o cercavam. Uma coisa era impressionar uma piscina cheia de universitários com uma história sobre a viagem no Simulador de Ônibus Espacial, mas Gibson mostrava para um anfiteatro inteiro indícios de vida em outro planeta. Ele tinha segurado pedras lunares de todos os pousos na história da humanidade — e lá estava ele, com um pedaço de Marte nas mãos, escavado das profundezas do gelo da Antártica.

Thad podia até estar se reinventando como líder social entre os estagiários do Centro Espacial, mas Everett Gibson era um astro do rock.

* * *

Depois que a palestra terminou e a plateia se dispersou rumo aos vários laboratórios, cafés e estações de trabalho que povoavam o campus da Nasa, Thad ficou para trás. Esperou até que Gibson terminasse de arrumar suas anotações — e a amostra de Marte — no interior de uma maleta de couro da Nasa antes de se aproximar do palco. Helms estava algumas fileiras atrás, batendo papo com uma garota bonita que estudava na Universidade do Texas. Mesmo assim, Thad podia ver, pelo canto dos olhos, que o amigo também o observava. Helms, pelo que parecia, estava sempre de olho nele, talvez preocupado com sua capacidade de levar as coisas longe demais, de se arriscar além da conta. A ideia divertiu Thad. A Nasa era um sonho que se realizara e ele não tinha a menor intenção de fazer qualquer coisa que arruinasse esse sonho.

Tudo que ele queria era se apresentar ao homem que havia acabado de abrir seus olhos. Gibson finalmente terminou de arrumar suas coisas e então reparou em Thad, na beirada do palco. Gibson se aproximou, com seu passo casual, um tanto rígido. Abaixou-se para que Thad pudesse apertar sua mão.

— Sou Thad Roberts. Trabalho aqui no prédio. É a minha primeira visita.

— Reconheço o nome — disse Gibson, sorrindo de forma amistosa —, e estou ansioso para conhecê-lo melhor durante sua permanência aqui na Nasa. Está se divertindo até agora?

— Eu me sinto mais vivo do que jamais me senti — começou Thad, notando que falava rápido demais, em uma velocidade que soava quase maníaca. Mas não conseguiu se conter. — Não posso acreditar que estou apertando a mão do homem que descobriu vida em Marte.

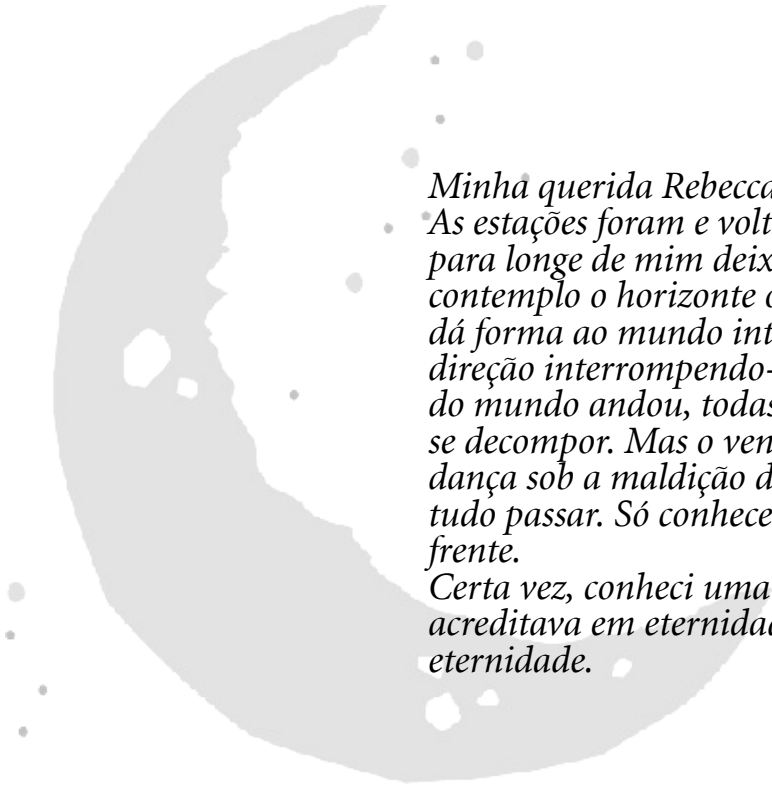
— A ciência é um trabalho de equipe aqui na Nasa. Um monte de gente inteligente dedicou um bocado de tempo para fazer descobertas como esta, você com certeza vai perceber. Aqui, nada acontece da noite para o dia. E é mais importante fazer parte de uma constelação brilhante do que tentar fazer tudo sozinho.

Antes que Thad pudesse responder, um grupo de estagiários mais antigos se pôs na frente dele, capturando a atenção de Gibson. Thad levou cutucões e foi empurrado para longe do palco, até quase voltar para junto da primeira fileira, e ficou observando o brilhante cientista ser bajulado. Ainda sentia o olhar de Brian Helms em suas costas, mas não se virou.

Bem no fundo, ele compreendia o que Gibson lhe dissera, que integrar um lugar como a Nasa significava fazer parte de uma constelação brilhante.

O que Thad ainda não percebia, mas logo aprenderia, era que ser apenas uma estrela brilhante de uma constelação não fazia parte de sua natureza. Homens como Everett Gibson — e Brian Helms — podiam se contentar em serem partes reluzentes desse histórico sistema solar. Mas Thad sempre iria querer algo mais.

Queria ser a estrela mais brilhante, aquela que todo mundo vê primeiro ao erguer os olhos para o céu. E o mais assustador era que não importava se essa estrela seria brilhante por ser a maior ou por sua capacidade de, a qualquer momento, se transformar em uma supernova.



Minha querida Rebecca,
As estações foram e voltaram, mas o tempo fluiu para longe de mim deixou-me sozinho enquanto contemplo o horizonte onde sua lembrança ainda dá forma ao mundo inteiro. O vento sopra na outra direção interrompendo-me constantemente, o resto do mundo andou, todas as coisas estão destinadas a se decompor. Mas o vento nunca conhece seu centro, dança sob a maldição de alcançar tudo, de deixar tudo passar. Só conhece a triste canção de ir em frente.
Certa vez, conheci uma bela jovem que não acreditava em eternidade. Ela se tornou a minha eternidade.

10

— Dez, nove, oito, sete…

— Vejam os olhos dele! Ele não vai aguentar!

— Seis, cinco, quatro!

— Vamos lá, cara, está chegando!

— Três…

Thad soltou um uivo súbito. Seu braço direito disparou para frente, de uma forma quase involuntária, e ele agarrou com desespero o gigantesco shake de iogurte no meio da mesa redonda de madeira. Estava quase caindo da cadeira, e a outra mão segurava a beirada da mesa com tanta força que os dedos ficaram praticamente da mesma cor que o shake. Os joelhos tremiam e gotículas de suor escorriam por suas bochechas ruborizadas. Por muito pouco não derrubou um enorme prato de frango *tandoori* ao lutar para levar a bebida em direção a seus lábios ardidos.

— Eu achei mesmo que ele ia conseguir — alguém gemeu.

Thad desmoronou na cadeira e recebeu um coro de aplausos, risos e até mesmo algumas vaias. Havia apenas seis pessoas na mesa no canto dos fundos de um restaurante indiano decorado com muito bom gosto, apesar da pouca autenticidade, mas algumas das mesas vizinhas tinham acompanhado a torcida. Não havia dúvidas de que todo mundo ali — do grupo de mulheres sentadas no bar em forma de canoa e enfeitado de maneira ridícula, no canto mais distante do restaurante, a grupos dispersos de homens de meia-idade com imitações de narguilés no interior daquela espelunca indiana de paredes cobertas com cortinas brilhantes — trabalhava na Nasa, em uma função ou outra. Uma semana após o início de sua segunda visita, Thad presumiu que alguns ali o reconheciam; outros não. Mas certamente conheciam os demais rostos da mesa, pois Thad estava em pleno processo de ser torturado por algumas das maiores mentes da atualidade.

— Não se preocupe com isso, garoto — disse com simpatia o homem que estava bem a sua frente, enquanto Thad dava grandes goles no estranho iogurte

de nome impronunciável. — Pedi para Sanjay misturar alguma coisa especial ao *tandoori*. Acho que nem mesmo Saumya conseguiria aguentar dez segundos, e ele nasceu com um narguilé na boca.

Um indiano com uns cinquenta anos de idade deu um tapinha no ombro de Thad.

— Foi um nobre esforço. E você terá uma chance de se redimir no próximo prato. Se achou o *tandoori* picante, espere até provar o *bhindi masala*. É simplesmente escandaloso.

Thad riu, apesar das lágrimas que se acumulavam nos cantos de seus olhos por causa dos temperos. O Kashmir Express era um restaurante horrível, mas por alguma razão tinha se transformado no ponto de encontro semanal favorito de uma grande facção da elite do Centro Espacial Johnson. A proximidade, sem dúvida, era um fator importante, mas havia muitos restaurantes, e bem melhores, a menos de oito quilômetros do vasto campus. Alguma coisa naquela imitação extravagante e excessivamente picante de um lugar badalado de Bombaim, localizada em uma esquina solitária do centro comercial de South Houston, encantava os ratos de laboratório que tinham em comum com Thad o gosto por aventuras.

O ritual do almoço de segunda-feira não tinha sido ideia de Thad — ele apenas ficou empolgado por ter conseguido receber um convite de pessoas tão importantes. Todos os homens na mesa redonda trabalhavam no Prédio 31, mas ele era o único *co-op* do grupo. A maior parte das interações dele com cientistas de tamanho prestígio ocorrera nos corredores, elevadores e escadarias do prédio de ciências da vida. Mesmo assim, Thad conseguiu impressioná-los, e desde o último mês de sua primeira visita, apesar do trimestre em que precisou voltar à Universidade de Utah, ele fazia parte da turma do almoço semanal.

Se algum dia Thad sentiu que destoava dos outros estagiários, ao lado desse grupo ele não era muito mais do que uma sombra na parede. Os seis cientistas dominavam inúmeras áreas — como geologia, física, astronomia, engenharia —, mas o que realmente tinham em comum era a fama mundial. Se Thad entrasse em qualquer livraria do país e procurasse livros conhecidos sobre Marte, encontraria seus nomes. Embora Everett Gibson não estivesse nesse almoço em particular, já tinha se juntado ao pessoal no restaurante indiano várias vezes. Lá estavam os colegas de Gibson, seus contemporâneos, e Thad, vinte anos mais novo do que o mais jovem deles, sentia-se realmente abençoado por ter recebido o convite, mesmo quando o torturavam com níveis quase letais de combustíveis indianos.

O iogurte fresco finalmente apagou as chamas invisíveis que atormentavam as membranas de sua boca e Thad voltou a prestar atenção na conversa animada que alegrava a mesa. Em geral, o almoço de segunda-feira era uma oportunidade para os cientistas tentarem impressionar uns aos outros, mas nesse dia um dos geólogos mais experientes do Prédio 31 superou a todos. Tinha acabado de voltar de uma missão de coleta de rochas na Antártica, o mesmo tipo de missão que deu origem ao trabalho de Everett Gibson com o meteorito Allan Hills.

— Você ficaria surpreso em ver como o acampamento-base está ficando luxuoso — dizia o geólogo, gesticulando com um pedaço de frango. — Já me hospedei em lugares piores em Nova York. Pode fazer trinta graus abaixo de zero, mas ao menos a gente tem espaço para se esticar.

Enquanto o homem falava, Thad se via embrulhado no último modelo de macacão para neve, percorrendo as massas de gelo flutuantes sobre um *snowmobile* incrementado e vasculhando as planícies glaciais em busca de meteoritos. Sabia que a geleira da Antártica era basicamente uma grande cobertura de gelo que funcionava como uma esteira rolante. A neve caía e se aglomerava em regiões montanhosas, descia pelas ravinas, empurrando cada vez mais rochas para áreas naturais de coleta. Os geólogos da Nasa viajavam anualmente para realizar pesquisas nesses pontos, onde tinham maior probabilidade de encontrar meteoritos que caíram há milhares, e até mesmo milhões, de anos.

O geólogo não tinha encontrado nada tão significativo quanto a evidência de Gibson sobre a possibilidade de vida em Marte, mas voltara para casa com um par de pequenos meteoritos que renderiam alguns bons artigos publicados em periódicos científicos. Os outros homens na mesa davam claros sinais de inveja, mas de uma forma bem-humorada. Como Gibson havia dito, a Nasa era uma constelação, e não um bando de estrelas isoladas.

Depois que o geólogo terminou, o assunto da conversa rumou para Thad. Assim como o próprio restaurante indiano, os relatos de Thad sobre os estagiários se tornaram parte importante do ritual. Do mesmo modo que ele vivia indiretamente as histórias contadas pela nata dos cientistas, por meio de Thad os mais velhos vivenciavam as experiências com os novos integrantes da Nasa.

Pouco depois da festa da piscina, Thad começou a organizar excursões para sua turma de *co-ops*. Criado no interior de Utah, ele sempre se sentiu mais à vontade ao ar livre e descobriu bem rápido que os outros estagiários tinham muito pouca vivência na natureza. Assim, Thad se transformou em um tipo de

diretor social da turma, organizando aventuras que incluíam tudo aquilo que ele dominava — de montanhismo a bungee-jump.

— Este fim de semana não foi nada especial — começou Thad, menosprezando a notícia na medida certa. — Só pulamos de paraquedas pela costa de Galveston...

Ele enfeitou a história enquanto contava, embora nem fosse necessário. Tinha descoberto que, por mais imponentes que aqueles cientistas parecessem, era fácil empolgá-los. Bastava incluir muitas cenas com voluptuosas estagiárias do primeiro e do segundo ano, além de algumas aventuras perigosas. Montanhismo, mergulho, voo livre, rafting — todas as coisas que Thad praticava havia anos ao lado de Sonya, mas que eram novas para os funcionários do Centro Espacial.

Everett Gibson parecia demonstrar um fascínio especial por essas aventuras. Thad lembrava-se de como Gibson se iluminou quando ele descreveu como era estar na fila entre dois adolescentes apavorados — que nunca tinham saltado do galho baixo de uma árvore, muito menos do alto de um penhasco com dez metros de altura — para dar um mergulho de que se recordariam pelo resto da vida.

Na verdade, a maioria dos estagiários jamais tinha sequer acampado, quanto mais saltado de penhascos. Aos interessados, Thad dava aulas curtas de táticas de sobrevivência, desde como acender o fogo a como subir em árvores. Achava ridículo que aqueles meninos brilhantes nunca tivessem feito tais coisas, e Gibson obviamente concordava. Thad presumiu que era porque o próprio Gibson, no passado, fora bastante aventureiro. Havia contado para Thad que, durante a universidade, ele foi guia nos rios do Grand Canyon e também tinha muita experiência com trilhas.

Na cabeça de Thad, o doutor Gibson nutria mesmo uma simpatia por ele. E, falando sinceramente, Thad se tornara um pouco obcecado pelo famoso cientista. Tinha lido tudo sobre ele e era fascinado pela obra de Gibson sobre o meteorito ALH — algo que começou e terminou na década de 1980, apesar de só ter sido levado a público mais tarde. Ao mesmo tempo, e talvez fosse apenas uma fantasia, uma criação de sua mente para aproximá-lo do nível de seu ídolo, Thad começou a suspeitar que, de certa forma, Gibson poderia invejá-lo, pois Thad ainda estava na fase aventureira de sua vida. Gostava de pensar que Gibson um dia tivera uma vida parecida com a dele e agora ministrava palestras para *co-ops*.

Ainda assim, Thad sabia que não era justo se comparar com homens que já haviam realizado tanta coisa. Ele só tinha passado três meses e uma semana na

Nasa. Talvez seu nível de entusiasmo fosse um pouco excessivo. Sabia que sua atitude vivaz às vezes funcionava como uma força da natureza. Ela o levava a esperar que as coisas acontecessem mais depressa do que era possível.

Thad se perguntava se aquele entusiasmo também seria a fonte dos atritos que tinham começado a surgir entre ele e Sonya nos últimos dois meses, antes de ele retornar para a segunda visita na Nasa. Em casa, de volta às aulas na universidade, a vida cotidiana parecia uma perda de tempo. Não podia esperar para voltar a Houston, ao laboratório e ao convívio com aqueles cientistas. Nem sua casa nem Sonya podiam chegar perto de competir com o que ele tinha lá.

Quando dois garçons indianos começaram a colocar sobremesas estranhas sobre pratos frágeis com o formato de tapetes mágicos, Thad tentou se convencer de que as desavenças com Sonya estavam apenas em sua cabeça. Com certeza não eram culpa dela. Era só que... Bem, ficar longe da Nasa era como estar parado. Ele nunca foi do tipo que conseguia permanecer parado.

Thad estava feliz porque, no dia seguinte, Sonya teria a chance de ver de perto o que a Nasa significava para ele. Estava indo para lá de avião e passaria o fim de semana, e Thad tinha prometido a si mesmo que iria lhe mostrar por que o lugar era tão impressionante. Sabia que ela compreenderia, que seu entusiasmo seria transmitido para ela. A vida de Sonya em casa e seus sonhos de se tornar modelo — os castings, as roupas, as boates que ela começara a frequentar com as colegas — empalideceriam em comparação com a magia do Centro Espacial.

Thad sorriu quando afundou a colher em uma sobremesa condimentada que fez novas lágrimas brotarem em seus olhos. Ao mesmo tempo, imaginou Sonya agarrada em sua cintura enquanto ele pilotava o *snowmobile* por um terreno glacial na Antártica. Via o cabelo louro avermelhado esvoaçando atrás dela, as pernas longas e bem torneadas prendendo-se à fera que rugia embaixo deles. E, mesmo naquele momento em que sua boca ardia como o coração da Índia, Thad podia sentir o gelo salpicado em seu rosto.

11

Havia somente uma palavra para descrever aquilo.

Poder.

Thad encontrava-se em um trecho gramado sob a sombra, alguns metros depois do caminho de pedras que cercava o belo monstro, erguendo o pescoço para contemplar o mais próximo dos cinco propulsores. Cada propulsor tinha o dobro de sua altura em diâmetro. Eram ocos, montados uns sobre os outros em um pentágono enérgico que se projetava da base do primeiro estágio de combustível cilíndrico. Os propulsores eram, em todas as suas curvas e ranhuras, símbolos de puro e completo poder.

Ele estava sozinho na base do Saturno V, embora houvesse ao menos três diferentes grupos de visitantes do Centro Espacial Houston perambulando pelo canteiro, em volta do foguete, naquela tarde. Mas os turistas pareciam bem mais interessados nos longos e impressionantes estágios de combustível e no nariz cônico — o módulo lunar da Apollo que o foguete transportava na ponta —, onde os astronautas deveriam ter viajado. Para os turistas, os propulsores eram feios e utilitários. Mas Thad tinha apenas que fechar os olhos para vê-los com sua beleza bruta, cuspindo imensas rajadas de fogo e jatos de fumaça colossais, respirando puro combustível de foguetes catalisado, como um dragão rugindo pelo céu.

Foi a primeira vez que Thad de fato parou diante do Saturno V e admirou sua grandiosidade. Já tinha passado por ele algumas vezes, caminhando, quando precisava relaxar depois de um longo dia no laboratório, mas nunca havia simplesmente parado para contemplar aquele objeto. Não importava que o calor já estivesse começando a subir da grama bem cortada debaixo de seus pés. Ou que a umidade já encharcasse sua camisa polo da Nasa e desmanchasse os cachos de seu cabelo. Ele se sentia em paz, em repouso — um sentimento bastante incomum para ele.

Incomum e tão irresistível que Thad não ouviu o carrinho de golfe que se

aproximava por trás dele até que o veículo parasse no caminho a alguns metros de onde ele se encontrava. Porém, as batidas de saltos altos contra a pedra eram impossíveis de se ignorar. Sua atenção se desviou dos propulsores e ele se virou a tempo de ver Sonya andando com dificuldade em sua direção, uma pequena bolsa de viagem precariamente pendurada sobre um ombro desnudo, enquanto se despedia, acenando, do segurança que lhe dera carona desde o portão da frente. Quando se aproximou de Thad, ela sorriu, mas ele identificou a sombra de irritação em seus olhos escuros de gato.

— Está fazendo quase quarenta graus aqui fora. Você não acha que teria sido melhor a gente se encontrar em seu apartamento?

Ela se inclinou para beijá-lo no rosto. Sem sequer pensar, por reflexo, Thad esticou as mãos em direção à barriga reta de Sonya, para pôr os dedos sob o tecido fino de sua camiseta regata — mas ela afastou as mãos dele, como se estivesse brincando.

— Estou me sentindo horrível agora por causa do voo. E não acho que você precise aquecer suas mãos aqui. Se você tocou naquele foguete, já deve ter queimado sua pele toda.

Thad pegou a bolsa e a pôs sobre seu próprio ombro. Imaginou que haveria muito tempo para as alegrias domésticas. Passariam todo o fim de semana juntos. Primeiro, era mais importante que ela conhecesse seu mundo, sua Nasa — e ele sabia exatamente por onde queria começar.

* * *

Thad não entendia bem por que estava tão nervoso. Enquanto ficava ao lado da esposa nos lugares mais altos do anfiteatro, esperando pelo fim da palestra, as palmas das mãos estavam úmidas e ele oscilava o peso do corpo de um pé para o outro. Era tolice, disse a si mesmo. Já tinha estado no anfiteatro dezenas de vezes. E a tarde havia começado em um lugar tão seguro e reconfortante — seu laboratório, a apenas alguns andares de lá.

Helms não apareceu, mas ainda assim Sonya gostou de ver onde Thad trabalhava. Ficou impressionada com o cenário futurista e teve a oportunidade de conhecer o chefe imediato de Thad, o doutor Agee, que pareceu ter se encantado com ela — e quem não se encantaria? Ela estava espetacular com aqueles saltos altos e a camiseta regata. Não se encaixava exatamente no código de vestimenta da Nasa, mas com certeza iluminava o lugar.

No entanto, o laboratório não era o principal motivo que levava Thad a

querer que Sonya visitasse o Prédio 31 naquele dia específico. Ele queria mostrar-lhe a Nasa que não era possível conhecer somente lendo um folheto. Os dois compartilhavam a afinidade por coisas reais, objetos que contavam histórias, e foi por isso que ele a levou direto para o anfiteatro, depois de passar no laboratório. Agora, ao observar os garotos do primeiro ano começarem a deixar os assentos e se dirigir para as escadas, esvaziando o auditório, Thad só podia torcer para que seus esforços rendessem o resultado esperado.

Levou mais alguns minutos até que ele finalmente visse o cabelo grisalho bem aparado e os óculos grossos do doutor Gibson, que começou a subir a escada depois que os últimos estagiários saíram. Gibson usava o jaleco sobre uma camisa social azul e parecia ter saído do laboratório, em vez de ter acabado de concluir uma palestra que era uma das maiores atrações do primeiro ano do programa de estágio. Porém, estava com a maleta da Nasa na mão direita. Thad sentiu uma emoção em ver aquela maleta se balançar para frente e para trás à medida que o cientista subia os degraus, pois sabia exatamente o que se encontrava lá dentro.

— Doutor Gibson — chamou ele, quando Gibson estava a ponto de passar pelo local onde ele e a esposa se encontravam. — Quero apresentá-lo a alguém. Estava mostrando o lugar para minha esposa e acho que ela iria ficar muito empolgada em conhecer um cientista do projeto Apollo.

Gibson ergueu os olhos. Pareceu um pouco distraído, mas quando viu Sonya — o sorriso nervoso nos lábios carnudos e o modo como tirava o cabelo da frente dos olhos — ele amoleceu. Ela tinha esse efeito nas pessoas.

— O prazer é meu — disse Gibson, emanando classe. — Thad é uma das figuras mais entusiasmadas daqui. Estamos aprendendo muito com ele.

Thad sorriu e depois apontou para a maleta.

— Eu esperava que o senhor pudesse mostrar para Sonya um de seus meteoritos tão legais. Sei que ela gostaria muito de ver um deles de perto.

Gibson deu uma olhada para a maleta e depois para Thad e Sonya.

— Para falar a verdade, hoje eu trouxe um par de pedras lunares das grandes. Os meteoritos voltaram para o laboratório.

— Uma pedra lunar também seria fantástico — Thad começou a dizer, mas Gibson o interrompeu.

— Não é um problema. Podemos ir para o meu laboratório. Mas vocês já comeram alguma coisa? Porque estou morrendo de fome. O que acham de a gente dar uma parada rápida no restaurante chinês?

Thad percebeu que Sonya gostara da ideia. Era muito legal receber um

convite para almoçar com um sujeito que tinha participado do projeto Apollo.

— É uma ótima ideia — respondeu Thad.

Comida chinesa e pedras lunares — mais uma tarde normal no Centro Espacial.

* * *

Quarenta minutos depois, Gibson os conduziu pelo longo corredor de um andar intermediário do Prédio 31. Sonya estava logo atrás dele, e Thad um passo depois. Avançavam pelo prédio em ritmo rápido. Gibson e Sonya jogavam conversa fora, como tinha acontecido durante a maior parte do tempo no restaurante chinês. Ela estava aproveitando ao máximo seu tempo com um cientista do projeto Apollo.

Enquanto caminhavam, Gibson descreveu como o prédio era assim que ele chegou ao Centro Espacial. Não importava quantas vezes Thad já tinha ouvido as histórias, sempre ficava fascinado em pensar como deve ter sido para Gibson, ainda um rapaz, ver aquelas pedras lunares pela primeira vez. E Gibson parecia gostar de repetir.

Ele mal tinha começado a falar da Apollo 17, a última missão tripulada, quando virou em um corredor e apontou para uma porta aberta. Do lado de fora, o laboratório de Gibson era semelhante ao seu, e Thad não pôde deixar de perceber que havia uma fechadura com senha ao lado da moldura da porta, exatamente como do lado de fora de seu próprio laboratório — mas, como a porta já se encontrava aberta, a tranca estava, naturalmente, desligada. Gibson pediu a Thad e Sonya que esperassem na porta e entrou no laboratório. Thad concluiu que devia ser algo protocolar. De onde estava, via que ali havia pelo menos um assistente ou estagiário, trabalhando em um dos balcões de aço inoxidável. Não sabia dizer o que o homem estava fazendo, porém presumiu que tinha algo a ver com materiais extraterrestres autênticos, e não com as pedras para treinamento que ele e Helms eram obrigados a usar.

Enquanto Gibson desaparecia no interior do laboratório de cinco por seis metros, Thad se deixou vencer pela curiosidade. Decidiu que não haveria mal algum em colocar a cabeça lá dentro e ver para onde o homem ia com a maleta. Sonya nem pareceu notar o que o marido fazia: esticando o pescoço, Thad viu Gibson no canto dos fundos do aposento retangular, de pé diante do que parecia ser um imenso cofre. Havia uma grande tranca em forma de roda na porta do cofre — mas Gibson não estava mexendo na roda, e sim inclinado sobre o cofre,

com a maleta ainda nas mãos. Thad forçou a vista e notou um pedaço de papel com números escritos preso no alto do cofre. Ele se perguntou se aquilo podia ser realmente a combinação — bem ali, colada no próprio cofre? Parecia uma grande besteira, mas ainda assim era um ambiente muito seguro. Era o laboratório pessoal de Gibson, onde ele provavelmente já trabalhava fazia décadas. Se ele não se sentisse seguro ali, não se sentiria seguro em lugar nenhum.

Thad não conseguiu perceber muito bem o que Gibson fez com a combinação depois que acabou de olhar no pedaço de papel preso no alto do cofre, mas um momento depois a enorme porta se abriu. Thad viu que o cofre continha cinco gavetas, separadas em compartimentos. Gibson dobrou um joelho, abriu a maleta e começou a guardar o conteúdo dentro do cofre. Ao terminar, voltou-se para o interior de um compartimento diferente e pegou um objeto do tamanho da palma de sua mão.

Thad então tirou a cabeça da porta e voltou para o corredor, enquanto Gibson fechava a porta do cofre. Um minuto depois, Gibson estava de volta à entrada do laboratório, com um sorriso de orelha a orelha. Pediu para Sonya mostrar a mão. Quando ela fez isso, ele colocou um pequeno frasco de vidro sobre a palma da mão esticada.

— Isto é o que chamamos de meteorito calcário. É o meteorito de menor densidade que já encontramos. Em geral eles se quebram por completo quando chegam à atmosfera, mas este pedacinho sobreviveu à viagem.

— É incrível — exclamou Sonya. — Isto aqui não é da Lua, é?

— Não — disse Gibson. — Pedras lunares são um pouquinho valiosas demais para serem presenteadas. Mesmo para cientistas como eu, obter uma amostra lunar exige passar por vários estágios. Você concebe um experimento, escreve uma proposta de pesquisa e então ela é avaliada por cientistas de fora da Nasa — existe um sistema rígido de controle. Todas as amostras disponíveis vieram das seis missões Apollo. Não existem mais e não haverá mais. Não seria legal que *eu* fosse dono de uma pedra lunar. Aquelas que guardo em meu cofre, adquiri em mais de 33 anos de projetos de pesquisa, e quando me aposentar elas voltam direto para a caixa-forte lunar.

— E este meteorito? — perguntou Sonya.

— É um presente para vocês.

Sonya pareceu ter vontade de dar um abraço em Gibson. Thad sentiu-se cheio de orgulho, apesar de não ter nenhuma relação com o presente.

Gibson dispensou a gratidão deles.

— É nossa tarefa inspirar jovens como vocês. É o objetivo deste lugar. Muito obrigado aos dois por essa tarde tão agradável.

E assim Gibson voltou para o laboratório, fechando a porta. Thad ouviu a tranca com senha se fechar. Então, pegou a mão de Sonya para que os dois pudessem contemplar juntos o meteorito. E durante aquele momento, por mais breve que tenha sido, todo o atrito que havia entre eles desapareceu.

Ainda posso ouvir, Rebecca. Sinto quando fecho os olhos — quando abro as mãos nas correntes de ar que dançam a minha volta. Durante anos, aguentei e esperei em pequenos sussurros, enquanto permanecia acordado no meio da noite sozinho, como as folhas que se apressam a cair perto do fim. Meus tesouros ainda são as imagens cheias de vida que dançam dentro de mim... de como seus olhos se iluminavam quando conversávamos sobre nossa próxima aventura... de como seu corpo se soltava graciosamente enquanto eu escovava seu cabelo, de como o resto do mundo sempre desaparecia quando eu segurava sua mão. Ainda estremeço nos momentos solitários, quando a agitação diminui e tudo a minha volta se acalma. É quando escuto com mais nitidez. É quando ouço os sinos tocarem, quando meu coração amplifica a harmonia de seus momentos mais preciosos. Está sempre comigo. Não foi apenas uma melodia passageira.

12

De longe, a cena poderia parecer uma espécie de culto suicida bizarro: uma dúzia de rapazes e moças estendidos formando um círculo sobre a superfície plana no alto de uma gigantesca abóboda de granito, deitados de costas em sacos de dormir bem fofos, usando mochilas como travesseiros — e apenas um par de lampiões a gás butano para enfrentar a noite que invadia o local.

Thad encontrava-se no centro do círculo humano, agachado sobre o saco de dormir. Tinha ficado naquela posição estranha por uns bons minutos e agora a maior parte daquele acampamento improvisado olhava para ele. Sorriu para a pessoa mais próxima, uma menina quieta de cabelo louro e espetado, vestida com um short bem curto e uma regata da Nasa grande demais para ela.

— Tenho um dilema — disse ele, em um tom pouco mais elevado do que um sussurro. — Por um lado, o geólogo que existe em mim quer deitar de bruços, porque este é um tipo de formação rochosa que não se vê todos os dias. Por outro, o astronauta que também existe em mim quer que eu deite de costas, porque isto é como um cinema, com todo o sistema solar salpicado na tela.

A garota devolveu-lhe um sorriso tímido. Mesmo aquele pequeno esforço espalhava rubor em sua bochecha ligeiramente coberta por sardas. Era uma das poucas pessoas ali que Thad não conhecia bem. Seu nome era Sandra e ela se inscrevera no último minuto para a excursão daquele fim de semana.

— Acho que o astronauta deve ganhar, não é? — prosseguiu Thad, por fim deitando-se de costas. Ele colocou as duas mãos atrás da cabeça. Sentia o granito duro e liso sob os dedos, mas a pressão não o incomodava em nada. A pedra ainda era mais morna que o ar do sul do Texas e pareceu quase terapêutica ao tocar sua pele.

Como sempre, a excursão tinha sido ideia de Thad, que organizou tudo, desde o aluguel dos carros usados para a viagem de três horas partindo de Houston até a compra de mantimentos e dos sacos de dormir de que precisariam para passar 48 horas na natureza selvagem. Bem, "natureza selvagem" era certo

exagero. O Parque Estadual de Austin — mais especificamente a Reserva Natural da Rocha Encantada — era uma área muito utilizada para trilhas e acampamentos. Do circuito de seis quilômetros que circundava as formações de granito que davam nome ao parque às inúmeras cavernas, fontes naturais, áreas de piquenique e até mesmo playgrounds espalhados por aquele ponto turístico preservado, o local era na verdade um parque de diversões ao ar livre para novatos em camping. Tinha até chuveiros e banheiros.

Mas também havia a grande abóboda de granito, onde Thad e seu pequeno grupo acampavam. Erguendo-se a quase trinta metros acima do parque, era uma espécie de tigela de pedra de cabeça para baixo, inclinada em alguns pedaços, protuberante e áspera em outros. O que era de fato legal na abóboda era a encosta íngreme para se chegar ao topo. A tração era tão grande que praticamente dava para subir direto a pé, com as botas esmagando cristais no caminho. E, quando se chegava no alto, a vista parecia não ter fim.

Embora as estrelas começassem a aparecer, Thad já se sentia como se assistisse ao início de uma exibição de fogos de artifício. A Lua estava tão brilhante que se sobrepujava aos lampiões, e Thad não teve dificuldade para identificar as constelações sem precisar sequer mexer a cabeça. Passara tantas noites assim em Utah, no observatório que era o seu segundo lar. Mas ali, na natureza selvagem de um parque estadual, no alto de uma montanha de granito — aquele era o tipo de lugar que transformava até os cínicos em românticos.

Não era permitido acampar no alto da abóboda. Havia placas em todo o parque avisando da proibição, mas Thad sentia que tinha uma obrigação com seu pequeno grupo de estagiários e aprendizes. Estavam sob sua responsabilidade, e ele era seu diretor social. Não podia permitir que as regras exageradas de algum guarda-florestal idiota privassem os melhores e mais promissores cientistas do país de uma vista dessas.

— Você tem que admitir, vale a entrada.

De novo, a garota apenas sorriu. Era bonita, mas muito jovem, quase como um desenho animado da Disney, como o camundongo bonitinho que vai começar a cantar a qualquer momento. Percebia-se facilmente que ela era bastante tímida, ainda tentando entender o mundo a sua volta. Doce, inocente, tinha 18 anos e era aprendiz — ou seja, provavelmente estava no primeiro ano da faculdade, porém era sortuda o suficiente para passar algum tempo na Nasa. Era impressionante que ela tivesse ousado se inscrever na excursão. Naquele lugar, era um peixe totalmente fora d'água.

— Eu me pergunto quantos de nós vão ter a chance de ir lá em cima —

prosseguiu Thad, apontando com um ar preguiçoso para o céu estrelado. — Acho que é por isso que estamos na Nasa, mas a maior parte de nós, ao sair de lá, vai fazer outras coisas.

Thad percebia que a menina finalmente reunia coragem para responder. Ele esperou, tentando tornar as coisas mais fáceis para ela.

— Se alguém pode chegar lá — disse ela, finalmente, e até sua voz lembrava um ratinho —, acho que vai ser você. Mas espero que seja eu.

Thad sorriu. Ela tinha presença, afinal de contas. Para uma estudante de engenharia.

— Até nas primeiras cápsulas da Apollo havia espaço para duas pessoas — respondeu ele, brincalhão.

— Mas só um é o piloto.

— O piloto? É uma porcaria de posto. É o outro cara que caminha fora do módulo, que dá tacadas com bolas de golfe na Lua. É o outro cara que está disposto a se arriscar.

— Qualquer um que deseja ser um astronauta precisa gostar de se arriscar.

Thad ficou surpreso ao ver o ar de travessura no sorriso dela. Gostou da menina na mesma hora. Não no sentido romântico, apesar de seu corpo pequeno e firme preencher o short e a regata de forma notável. Mas o fato de que ela lutava contra a timidez para brincar com ele era interessante de um modo platônico. Thad tinha vários conhecidos na Nasa, mas, além de Helms, não havia ninguém que pudesse chamar de amigo. Era assim que sua vida sempre tinha sido. Havia Sonya e o resto das pessoas.

Recentemente, mal havia Sonya. Tinham se passado apenas três semanas desde a visita dela ao Centro Espacial, mas a situação se deteriorou bem rápido assim que ela voltou para Utah. Aquele fim de semana tinha sido incrível, uma espécie de lua de mel, inspirada pelo meteorito presenteado pelo doutor Gibson. Mas no minuto em que ela entrou no avião seu comportamento em relação a Thad pareceu mudar. Quando conversavam por telefone, ela só queria falar sobre seus trabalhos de modelo, da vida em Utah. Estava ficando cada vez mais difícil para Thad viver em dois lugares ao mesmo tempo.

Ali, no alto da abóboda de granito, com o rosto bem iluminado sob as estrelas, não era nada difícil esquecer Sonya.

— É fácil falar sobre riscos — ele contrapôs, agora encarando Sandra diretamente. — É bem mais difícil enfrentá-los.

Sandra tinha se aproximado, talvez porque não quisesse que os outros estagiários e aprendizes ouvissem o que estavam dizendo. Thad não queria lhe

dar falsas esperanças, mas estava gostando da atenção.

— Você acha que eu só falo da boca para fora?

— Para falar a verdade, não acho que você tenha dito nada demais. Será que eu me enganei a seu respeito em mais alguma coisa?

— Acho que você vai ter que descobrir sozinho.

Thad sorriu. Era uma menina de 18 anos tentando parecer mais velha, tentando impressioná-lo ao fingir que não estava assustada. Ele sentia que era seu dever ajudá-la. Fazê-la se abrir. Se quisesse mesmo ser uma astronauta, precisava sair daquela concha.

— Você acha que está pronta para fazer algo arriscado?

O sorriso de Sandra começou a se desfazer um pouco, mas ela pareceu lutar.

— O que você tem em mente?

* * *

— Você tem certeza?

— Acho que sim.

— Porque se não tiver certeza...

— Thad, cala a boca e tira a roupa.

Ele riu. Era hilariante ouvir aquela vozinha de camundongo da Disney lhe dar uma ordem daquelas. Ela devia estar aterrorizada àquela altura, porque até ele sentia um frio na barriga. Estava completamente escuro no lugar onde se encontravam, sob uma densa cobertura de árvores — tão escuro que ele não conseguia ver as próprias mãos. Mesmo assim, estavam em um local público e a apenas vinte minutos de caminhada do alto da abóboda de granito onde os outros estagiários ainda deviam estar dormindo. Não tinha sido difícil se esgueirar para fora do acampamento e chegar até a margem de um riacho sinuoso que corria por uma das ravinas naturais. Mas, agora que se encontravam ali, lado a lado, descalços sob as árvores, tudo parecia deliciosamente errado.

— Quando eu contar até três — disse Thad, procurando os botões da camisa.

— Já estou muito na sua frente — respondeu Sandra.

Thad só sentiu uma camisetinha regata branca aterrissar no seu rosto, fazendo com que ficasse ainda mais cego do que já estava. Ele riu, arrancando o tecido macio bem a tempo de vislumbrar a pele ligeiramente sardenta de Sandra, iluminada pela Lua, correndo na margem até o riacho agitado.

Com pressa, ele tentou abrir a camisa, mas desistiu dos botões e arrancou-a pela cabeça. Teve certa dificuldade com o cinto e, enquanto estava com as calças

nos tornozelos, ouviu-a caindo na água, dando um gritinho de prazer e mergulhando o mais fundo que aquele riacho raso permitia.

— E você jura que nunca fez isso antes? — Thad berrou enquanto corria e os pés descalços chafurdavam na lama úmida da margem.

A cueca saiu em um só movimento quando seu pé esquerdo entrou na água, e aí ele mergulhou com tudo, o peito se contraindo enquanto a água gelada respingava sobre a pele.

— Caramba, está bem mais fria do que eu esperava!

Sandra riu e ele seguiu sua voz com o olhar. Estava a pouco mais de um metro de distância, ajoelhada para que a água a cobrisse toda até acima do peito. Ele se esforçou ao máximo para não olhar com atenção demais. Havia protocolos a serem cumpridos quando se tomava banho de rio sem roupa, e como era a primeira vez de Sandra ele queria garantir que nenhum limite fosse ultrapassado. A única coisa que queria dela era amizade.

Ele afundou na água, acomodando-se de pernas cruzadas no fundo do riacho. A água mal chegava ao alto de seu bíceps, e era bom sentir a pressão suave da correnteza batendo nos músculos.

Nus sob todos os aspectos, ele descobriu que era muito fácil conversar com Sandra. Mesmo sem querer, ele se abriu e contou tudo que se passava em sua vida. Dos problemas que estava começando a ter com Sonya, passando pela grande admiração que sentia em trabalhar para a Nasa, até o futuro que esperava construir. Para sua surpresa, Sandra também começou a se abrir. Como suspeitava, era insegura ao extremo. Era caloura da Universidade do Novo México e tinha sido criada em uma cidadezinha bem pequena perto de Nashville, Tennessee. Era do tipo que só tirava nota máxima e se saía bem como aprendiz do Centro Espacial — porém ainda se sentia pouco à vontade perto dos cientistas agressivos que povoavam o campus.

Thad fez o melhor que pôde para convencê-la de que não havia motivos para se sentir insegura. Era tão inteligente quanto qualquer pessoa ali e estava um passo à frente da maioria das meninas de sua idade. Tinha as mesmas chances que todos os outros de se tornar uma astronauta. Precisava superar a timidez. Explorar o mundo, acumular experiências.

— Eu sei — disse ela, enquanto ouvia aquele discurso de encorajamento com os braços cruzados diante do peito nu. Thad quase viu um mamilo rosado sob o cotovelo, mas tentou desviar o olhar. — Foi por isso que me inscrevi na excursão deste fim de semana. E é por isso que andei pensando tanto sobre a competição que você começou no ano passado, antes que eu chegasse aqui.

— Você ouviu falar disso?

Para falar a verdade, Thad sabia que todas as semanas os estagiários saíam pela Nasa tentando ultrapassar os limites de segurança liberados para eles e acumular experiências que pudessem servir de assunto para as conversas nas piscinas espalhadas por Clear Lake.

— Claro, e já planejei o que quero fazer. Mas não vou contar para você, porque quando eu fizer vou ganhar com toda certeza.

— Não tenho dúvida disso. — Thad não participava mais da competição agora que estava em sua segunda visita. Entretanto, ficou feliz por saber que tinha inspirado gente mais jovem do que ele.

— Qual será sua próxima façanha? — perguntou Sandra. — Não acho que nadar pelado vá ajudar você a colocar seu nome nos livros de história.

Era um desafio sutil — vindo de uma menina de 18 anos pelada em um riacho no meio do nada —, mas ele o encarou com seriedade. Como sempre, detestava a ideia de ficar parado, e nas últimas semanas, nos últimos meses, os problemas com Sonya pareciam estar empurrando Thad para trás, o que era ainda pior.

A corrente o lançou para frente quando ele se desprendeu do chão do leito do rio.

— Acho que estou esperando que a próxima oportunidade apareça.

— Você não me parece o tipo de cara que espera que as coisas aconteçam.

Thad jogou água nela de brincadeira, e ela mergulhou para que não entrasse nos olhos. O movimento revelou mais um pouco daquela pele iluminada pelo luar, mas ele foi gentil e se virou para não ver. Deitou-se na água fria, obrigando seus músculos a relaxarem e desejando simplesmente flutuar.

Ela estava com a razão, apesar de não saber nada sobre ele. Não era mesmo do tipo que se sentava e esperava que alguma coisa fantástica acontecesse.

Mas ele tinha uma certeza — na Nasa, nunca era preciso esperar muito tempo.

13

Uma semana depois, Thad estava na mesa do computador nos fundos do laboratório, terminando as últimas páginas de um projeto que tratava do cinturão de asteroides do sistema solar. O projeto não tinha sido gerado por seu departamento, mas essa era umas das coisas boas de se trabalhar na Nasa. Havia muita liberdade e um estagiário mais motivado do que a média podia se envolver em qualquer tipo de trabalho fascinante.

Durante a primeira visita, ele passou um bocado de tempo conhecendo todo mundo, só andando pelo Prédio 31 e fazendo muitas perguntas. Graças a esses encontros casuais, teve contato com uma série de experiências fantásticas. Por três semanas ajudou a disparar canhões carregados com diferentes tipos de materiais geológicos e medir as crateras que resultavam do impacto, tentando empregar a engenharia reversa a partir daquelas crateras para identificar as rochas que haviam causado o dano. Em outra ocasião, passou dez dias analisando modelos computadorizados de explosões solares — simplesmente porque um dia tinha conversado com um especialista daquela área enquanto esperava na fila do refeitório.

E, naquele momento, Thad auxiliava na catalogação de todos os asteroides no cinturão de asteroides. Separava-os em diferentes classes, com base na composição geológica, e procurava tendências que poderiam ajudar a determinar onde esses asteroides teriam se originado. Era algo com que ele se envolvera por acaso no tempo livre e que supostamente levaria o resto de sua segunda visita para ser concluído. Mas, poucas semanas após ter começado, ele já tinha quase acabado de compilar as informações e esperava entregar o resultado em menos de uma semana para o cientista especializado em planetologia que trabalhava dois andares abaixo dele.

Por causa da atmosfera de liberdade do Centro Espacial, Thad não se surpreendeu quando uma mulher que ele conhecia somente dos corredores, a doutora Andrea Cooper, apareceu por acaso em seu laboratório, viu-o no

computador e no mesmo instante o fez se esquecer de asteroides, explosões solares e crateras. A doutora Cooper, como ele sabia, era uma cientista envolvida com o Laboratório Lunar, um dos poucos lugares da Nasa onde Thad ainda não havia entrado. Quando apontou um dedo para ele e lhe deu um sorriso suplicante, ele foi todo ouvidos.

— Você não parece muito ocupado. Preciso de alguém para me ajudar com um inventário. Será na próxima terça de manhã, mas pode levar o dia inteiro, talvez dois. Vai ser pura tortura e você não vai ganhar nenhum tipo de reconhecimento pelo trabalho. Parece bom para você?

Thad ficou feliz por Helms não estar ali para receber a proposta antes dele. Cooper acabara de convidá-lo para entrar no Laboratório Lunar e provavelmente na caixa-forte — o interior do laboratório, onde as amostras eram armazenadas. Para ele, não importava se o trabalho seria complicado. Era como ser convidado para visitar o porão do Instituto Smithsonian.

— Acho que posso encaixar na minha agenda.

A mulher fez um sinal de aprovação com o polegar e voltou a desaparecer pelo corredor.

Thad teria a oportunidade de manipular pedras lunares de verdade.

* * *

Nos cinco dias que se seguiram, Thad não conseguia pensar em mais nada. Na terça-feira, sua ansiedade era quase insuportável, e, quando Cooper acompanhou-o junto com um técnico da Lockheed Martin, uma das empresas responsáveis pela manutenção do Laboratório Lunar, seu nível de energia estava tão alto que sentiu dificuldades em ficar um passo atrás da cientista. Se tivesse uma chance, teria ultrapassado Cooper e entrado sozinho na caixa-forte.

— É como entrar em um submarino — ela disse ao conduzilos a uma escadaria com paredes de concreto, carregando um maço de folhas impressas que continham uma lista aleatória das amostras lunares que eles precisariam verificar e inventariar. As amostras estavam catalogadas por missão. Aquelas trazidas pela Apollo 11 começavam com o número 11, seguido pelo número do catálogo. A primeira amostra da Apollo era, portanto, a 110001; a segunda, 110002, e assim por diante.

— E não estou falando apenas da decoração — prosseguiu Cooper, fazendo-os subir os degraus. — O lugar foi projetado para ser um prédio totalmente independente, com atmosfera regulada. Foi erguido em 1979, como um projeto

de construção de nível quatro, ou seja, ele é capaz de resistir a um furacão de categoria cinco sem sofrer qualquer dano.

O sujeito da Lockheed assobiou baixinho, embora já soubesse de tudo isso. Thad olhou para ele e reparou que o homem era bastante forte. Provavelmente tinha jogado futebol americano na faculdade. Thad presumiu que agora ele era um engenheiro mecânico lotado na Nasa como parte de algum imenso contrato com o governo.

Chegaram ao topo da escadaria e encontraram uma grande porta de aço e uma fechadura com senha. A doutora Cooper digitou um número, depois passou seu crachá da Nasa diante de uma câmera localizada no alto. A tranca eletrônica se desarmou e a porta abriu lentamente. Ela acompanhou os dois para o interior.

Thad percebeu que se encontrava em um pequeno vestiário. Havia um banco no meio do cômodo, duas pias e uma fileira de armários. Junto dos armários ficava uma arara com uma dúzia de macacões brancos embrulhados em plástico. A doutora Cooper apontou para as roupas com o maço de papéis.

— Primeiro a gente veste os macacões. Nos armários, vocês vão encontrar pantufas brancas para usar sobre os calçados. Também vão precisar de luvas, rede para os cabelos e, sobre ela, uma touca cirúrgica.

Aquilo ia ser legal demais. Seguindo a deixa da cientista, Thad e o técnico vestiram cuidadosamente os macacões brancos sobre as roupas. Levou um momento para descobrir como os fechos funcionavam, mas por fim Thad conseguiu prender aquela coisa no corpo, com elásticos bem apertados em volta de seus tornozelos, pulsos e pescoço. Ele tirou um par de pantufas de um dos armários, colocou-as sobre o sapato. Depois pôs as luvas, a rede e a touca.

— Vocês estão lindos — disse Cooper, terminando de colocar a touca.

— Eu me sinto como um vendedor de sorvetes — respondeu Thad. — Ou um neurocirurgião.

Cooper os levou em direção a uma porta de vidro nos fundos do vestiário. Empurrou a porta e mostrou a eles uma pequena sala cúbica com paredes de vidro e grades de aço no piso. Ao entrar, Thad percebeu que o teto também tinha grades de aço, o que dava uma sensação muito claustrofóbica. Era tão pequeno que ele podia tocar os dois lados com as mãos. Então Cooper fechou a porta atrás deles.

— Esta aqui é chamada de "sala limpa". É projetada para eliminar qualquer partícula de poeira que esteja em seus pulmões. Não se preocupem, não vai doer nada.

Houve uma súbita mudança na pressão, seguida por uma brisa suave, com

um quê de antisséptico, que circulou pelo cômodo. Os segundos passavam em um leitor digital afixado em uma das paredes de vidro. Depois de exatamente um minuto, houve um zumbido alto e a porta do outro lado da sala limpa se abriu. A doutora Cooper voltou a gesticular e Thad, que estava mais próximo, foi em frente.

Ele se viu em um laboratório, mas não era nada parecido com aquele que ele e Helms consideravam seu lar. Em vez de balcões de aço inoxidável, havia imensas câmeras de nitrogênio em acrílico, com escotilhas lacradas que pareciam válvulas. Algumas das escotilhas tinham luvas de borracha presas a elas. Outras eram projetadas para servirem de apoio a microscópios de aparência assustadora e outros equipamentos cujos nomes Thad não sabia dizer. Havia também respiradouros no teto, junto com grandes leitores digitais que indicavam os níveis de oxigênio e nitrogênio na sala. Ele presumiu que aquele lugar poderia ser inundado com nitrogênio caso fosse necessário para alguma experiência. Nesse caso, precisaria usar um dos macacões de alta proteção, com sistema de ventilação independente, que ele via pendurados em uma das paredes.

Cooper os conduziu pelo laboratório e bem ao fundo da sala eles encontraram o que Thad deduziu ser a porta da caixa-forte. Não era difícil identificar — era de fato colossal. Imensa, de aço, com aparência ameaçadora, parecia ter saído de um banco do século XIX. Havia uma gigantesca roda metálica no meio da porta, e do lado dela Thad podia ver outra tranca com cara de ser bem difícil de abrir.

Cooper se aproximou da tranca e introduziu cinco números. Depois, o técnico da Lockheed Martin assumiu seu lugar e girou a roda com outra combinação. Os dois códigos eram necessários para abrir aquela coisa, pelo visto. Quando o técnico terminou, Cooper apontou a roda gigantesca para Thad.

O rapaz praticamente pulou no cofre, pondo as duas mãos enluvadas sobre o metal frio. Com certo esforço, ele girou a roda e ouviu as trancas se desarmando. Cooper mandou que Thad empurrasse, e ele usou todo o seu peso, inclinando-se para trás a ponto de quase se pendurar naquele negócio. Para sua surpresa, a porta não se mexeu.

— Tem certeza de que colocou a combinação correta?

— Ele é projetado para aguentar meio quilo de explosivo C-4 — respondeu Cooper. — Faça um pouco de força.

Thad rangeu os dentes e voltou a tentar, usando toda a sua força. Lentamente, a porta começou a se deslocar. Houve um chiado quando o ar pressurizado, repleto de nitrogênio, de dentro da caixa-forte deixou a câmara,

equilibrando-se com o ar do laboratório. Centímetro por centímetro, a porta deslizou até se abrir o suficiente para que eles passassem pela fresta.

A caixa-forte era bem maior do que Thad imaginava — ela se estendia pelas profundezas do prédio. Junto às paredes, ele viu fileiras com imensos armários de alumínio. Começavam a pouco mais de meio metro do chão e iam até o teto. Os armários continham prateleiras e compartimentos, cada um com cerca de vinte centímetros de largura por cinco de altura e quase cinquenta centímetros de profundidade.

Cooper dirigiu-se para o armário mais próximo para pegar uma das caixas. Ela a segurou com uma mão enluvada, puxou e Thad viu que a caixa deslizou para fora. Havia um lacre metálico no alto. Cooper rompeu o lacre e lá dentro se encontravam inúmeras amostras, cada uma embrulhada individualmente em sacos de Teflon e catalogada por número.

— Vocês estão vendo como a coisa funciona — disse ela. — Existem cerca de 110.000 amostras aqui, cujos tamanhos variam de um quilo até uma poeira microscópica. Cada uma delas contém um rótulo, e nossa tarefa é examiná-las, encontrar as amostras aleatórias da lista, abrir os lacres metálicos das caixas de amostra, confirmar que elas se encontram ali, colocar a tampa de volta e lacrar novamente.

— Cento e dez mil amostras — repetiu Thad.

— É, um total de 380 quilos. Eu avisei que seria divertido.

Thad olhou para o armário aberto diante de Cooper. Podia ver o que estava dentro do saco plástico. Parecia ter o tamanho de um cascalho pequeno, escuro, com algumas manchinhas. Ele não sabia dizer com certeza seu peso, mas devia ter pelo menos uns trinta ou quarenta gramas. Thad se lembrou do que Gibson dissera na palestra — que alguém, certa vez, tentou vender um único grama de pedra lunar por cinco milhões de dólares. Quarenta gramas! Bem, isso queria dizer que o saquinho plástico talvez valesse algo em torno de duzentos milhões.

Era uma ideia maluca, mas para Thad dinheiro algum poderia dar conta de um tesouro daqueles. Porém, ao olhar em volta e ver todos os armários de alumínio que cobriam as paredes — *110.000 amostras, 380 quilos...* —, ficou desconcertado só de imaginar. Era como o Fort Knox, só que sem os guardas armados e homens de uniforme militar tomando conta. Havia apenas o respeito compartilhado por homens e mulheres que davam mais valor à ciência, e à natureza histórica das missões Apollo, do que a qualquer quantia em dinheiro.

Enquanto Cooper e o técnico começavam a trabalhar, procurando as amostras listadas nas folhas impressas, Thad ficou olhando a sala por mais um

momento e de repente reparou em uma pequena porta no outro lado. Não chegava a um metro de altura e havia mais uma fechadura com senha na parte de fora.

— Doutora Cooper, o que fica lá dentro?

Ela tirou os olhos da lista.

— É onde a gente guarda as amostras devolvidas.

— Amostras devolvidas?

— Isso. As pedras que foram enviadas para fora, estudadas e devolvidas.

Thad fitou a portinhola. Naturalmente, as amostras devolvidas precisavam ser guardadas em separado, pois tinham sido retiradas do ambiente imaculado e controlado da caixa-forte e usadas em experiências. Não eram mais úteis para pesquisa. Ainda assim, parecia estranho que elas ficassem trancadas em um canto ainda mais recôndito.

— Não se preocupe — prosseguiu Cooper. — Elas também serão inventariadas. Lá dentro há um cofre de menos de um metro de altura, e é até bonitinho, apesar de as amostras devolvidas serem consideradas basicamente lixo.

Lixo. Parecia uma forma dura de descrever as amostras devolvidas. Continuavam sendo pedras lunares, recolhidas pelas mãos de astronautas do projeto Apollo. Thad teve uma sensação estranha, como se, subitamente, ele estivesse de volta ao museu da Universidade de Utah, vasculhando caixotes de fósseis na área de armazenamento no porão. *O lixo de um homem é um tesouro para outro.* Só que nesse caso era um tesouro absurdamente importante. Era vergonhoso pensar naquilo como lixo.

— As pedras devolvidas ainda são tão valiosas quanto o resto, não?

— O grande objetivo deste lugar é abrigar materiais lunares para serem usados por cientistas em suas experiências. O valor monetário dessas pedras não é relevante. E eu também não daria importância excessiva a esse conceito de lixo, pois apenas uns dois por cento de toda a coleção se encontra no cofre de devolução.

Dois por cento de 380 quilos. Thad fez as contas na cabeça. Isso queria dizer que quase oito quilos de pedras lunares se encontravam no cofre de devolução, trancados e classificados como lixo. Eram 7.700 gramas de pedra lunar. A cinco milhões de dólares por grama...

— Quarenta bilhões de dólares — sussurrou Thad, olhando fixamente para a portinhola.

— Quarenta o quê? — Cooper perguntou, distraída com os papéis. Já tinha

mudado de assunto e não estava mais interessada na portinhola, nem nas amostras devolvidas. Mas Thad não conseguia pensar em outra coisa.

Parecia ser um desperdício inacreditável. De fato as amostras da Apollo eram bem mais do que seu valor monetário. Eram tesouros nacionais, símbolos da maior conquista do homem. A opinião de Thad não mudara desde o dia em que ouvira a palestra de Everett Gibson no prédio ao lado. Mas essa portinha no fundo da caixa-forte, a ideia de um cofre onde ficavam trancadas as amostras devolvidas, consideradas lixo — isso era demais para que ele ignorasse.

A menos de um metro de onde ele se encontrava, havia uma pequena porta que levava a um cofre contendo algo que valia quarenta bilhões de dólares e que a Nasa considerava lixo. Trancado, no escuro, onde ninguém podia vê-lo ou tocá-lo, ou sequer saber de sua existência. *Quarenta bilhões de dólares.*

Thad sacudiu a cabeça, conseguiu tirar os olhos da portinhola e se juntou a Cooper e ao técnico enquanto iniciavam o longo processo de inventariar a caixa-forte lunar. Porém, dentro dele os pensamentos ainda fervilhavam. Não tinha a menor ideia de para onde aquele processo mental o levaria, mas o conhecimento que acabara de obter não iria simplesmente desaparecer. Sua mente não funcionava desse jeito.

Ao contrário dos cientistas da Nasa, ele não conseguiria arquivar esse fato atrás de uma portinhola, em um cofre designado como *lixo*.

14

Thad não dormiu bem naquela noite. Por volta das duas da manhã, ele se virava e revirava na cama de solteiro do dormitório, tentando encontrar uma posição confortável que permitisse que sua mente se desligasse. Queria acreditar que sua incapacidade de adormecer se devia a dores musculares. O trabalho de inventário tinha sido torturante, como Cooper disse que seria. Catorze horas completas se abaixando e às vezes engatinhando enquanto avançavam pelas folhas com a lista das amostras aleatórias. E aquela pesada porta da caixa-forte — Thad esticou todos os músculos das costas tentando alongá-los depois que terminaram.

Mas ele sabia que não tinha sido o trabalho físico que agitara seus pensamentos. Sempre que fechava os olhos, via a portinhola — e o que havia atrás dela. Em certo momento durante o inventário, Cooper atravessou a portinhola com ele até o cofre. Lá dentro, aquelas amostras lunares pareciam exatamente iguais às outras rochas, pois a olho nu não diferiam em nada. Talvez tivessem ficado expostas ao ar, mergulhadas em líquidos, talvez alguns cientistas em algum lugar tivessem aplicado nelas pressão ou calor. Mas aquilo não alterava o que eram. Pedras lunares das missões Apollo, tesouros nacionais, infinitamente valiosos.

Thad não sabia por que aquela ideia o deixava fora de si. Porra, ele já tinha ficado perto de materiais valiosos antes. Na Nasa, todas as peças dos equipamentos que ele usava para trabalhar no laboratório valiam mais do que seu carro, mais do que qualquer coisa que ele pudesse ter na conta bancária. O dinheiro nunca fora importante, sobretudo porque nunca havia possuído dinheiro algum. Ele e Sonya tinham dívidas, sempre tiveram. No momento, Thad devia seis mil dólares no cartão de crédito, talvez mais cinco mil em financiamento estudantil. Mas não podia ser por isso — por que hoje seria diferente de uma semana atrás, de seis meses atrás ou de dois anos atrás?

Mas hoje *era* diferente. Seu relacionamento com Sonya passava por

problemas, talvez estivesse se encaminhando para o fim. E na Nasa ele havia se transformado naquele personagem aventureiro que impressionava os outros — todo mundo o conhecia, todos queriam ficar perto dele. Porém, no fundo, ele sabia que, em parte, aquilo se tratava de uma encenação. Era uma reinvenção, porque bem no fundo ele continuava sendo o garoto tímido, problemático, que foi expulso de casa, se casou cedo demais e queria ser um astronauta, mas provavelmente nunca conseguiria.

Deitado na cama, no meio da noite, pela primeira vez Thad, de fato, deixou a verdade ressoar dentro dele. Suas chances de se tornar um astronauta, de fazer parte da história da humanidade, como Everett Gibson, eram mais do que improváveis. As probabilidades jogavam contra ele. Não tinha contatos, nenhum plano B, nenhum meio de competir com garotos que podiam arcar com os custos de seguir adiante na vida.

Ainda assim, ele vivia cada dia como se fosse apenas uma questão de tempo. Foi arrebatado pela fantasia de ser o primeiro homem em Marte, assim como havia criado a fantasia de quem ele era agora, este aventureiro, este personagem no estilo James Bond que podia fazer qualquer coisa, que faria qualquer coisa. A fantasia era seu verdadeiro talento. A fantasia sempre tinha sido seu verdadeiro talento. O man-to que ele usava para se proteger de coisas que não podia controlar.

E agora, de repente, suas fantasias tinham recebido um novo elemento para trabalhar, e por razões que ele não conseguia explicar por completo aquele elemento o empurrava em uma direção — só um cutucão, a princípio, nada mais do que um cutucão. Mas, de qualquer maneira, era palpável.

15

Cinza sobre cinza sobre cinza. Denso, escuro e ameaçador, como as cordas entrelaçadas de uma imensa rede de pesca lançada sobre o céu, engolindo todos os centímetros visíveis de ar e obscurecendo tudo, até mesmo o brilho apagado de uma Lua quase cheia.

Ao olhar para o céu furioso, Thad sabia que estava a ponto de ficar encharcado. Ainda assim, permaneceu onde estava, deitado de costas no fresco telhado de concreto do prédio sul de física da Universidade de Utah, com a cabeça apoiada em uma almofada desbotada enquanto olhava as nuvens cobrirem a Lua. Passava das dez e ele estava daquele jeito no telhado do prédio havia umas boas duas horas. Já tinha ignorado meia dúzia de telefonemas de Sonya no celular, deixando que o irritante toque tecnopop, que escolhera para representar a garota que ela rapidamente vinha se tornando, reverberasse pelas paredes da cúpula onde ficava o observatório que se erguia no telhado atrás dele. Houve um tempo em que Sonya teria ido com ele para a Festa das Estrelas semanal, todas as quartas-feiras, evento que ele criou quando ressuscitou o observatório depois de um longo período de coma — mas Sonya, esta noite, como havia feito nas últimas quartas-feiras, tinha se juntado a suas amigas modelos em uma boate do Centro, deixando Thad sozinho com o céu cinza.

Naturalmente, não haveria Festa das Estrelas esta noite. As nuvens impediram. De qualquer forma, o dever de Thad com o observatório — que ele tinha reconstruído pessoalmente, fazendo campanha na universidade para a obtenção de fundos e equipamentos e transformando a astronomia em uma das disciplinas extracurriculares mais prósperas do campus — ainda era uma boa desculpa para evitar o desperdício de uma noite em alguma boate barulhenta e cheia de fumaça. Por pior que estivesse o tempo, havia sempre uma ou outra ovelha desgarrada que apareceria. Nem sempre as pessoas entendiam que, se não dava para ver a olho nu as estrelas por trás das nuvens, um telescópio Celestron de 11 polegadas não faria a menor diferença.

Embora Thad fosse responsável pela crescente popularidade do clube de astronomia, o observatório já existia fazia quase cinquenta anos. Erguido no telhado do prédio sul de física em 1976, tinha passado por uma série de mudanças nas últimas décadas. Com a recente aquisição de um par de telescópios de última geração, algumas câmeras, um espectrógrafo, além de suportes e instalações novos em folha, o lugar ganhou uma estrutura de primeira linha para observar as estrelas. Assim que Thad voltou de sua segunda visita à Nasa, retomou as Festas das Estrelas às quartas-feiras e, nos últimos meses, tinha ampliado seu público, a princípio formado por um punhado de malucos obcecados pela Lua, até transformar o evento em um autêntico acontecimento social, às vezes com dezenas de frequentadores.

Thad estava orgulhoso por ter sido capaz de trazer para a universidade alguns aspectos de sua personalidade reinventada. Infelizmente, no entanto, sua nova identidade não o ajudou em nada nos problemas com o casamento. Sonya também se tornou mais extrovertida e sociável, mas seus novos amigos e o tipo de lugar que gostavam de frequentar... Thad não tinha mais nada em comum com o mundo dela. Por isso, simplesmente parou de acompanhá-la nos castings, coquetéis e sobretudo nas saídas para boates.

Deitado ali fora, no telhado do prédio da universidade, com o observatório se erguendo atrás dele, enquanto contemplava o céu cinza — ali ele podia fingir que estava de volta à Nasa. De volta a um mundo de ciência e fantasia.

Os pensamentos de Thad sobre a Nasa se dissiparam quando o som de uma porta abrindo e fechando ecoou no telhado deserto. Ele não levantou a cabeça ao ouvir os passos se aproximarem. Pela forma como as botas daquele desconhecido se arrastavam contra o concreto, percebia que a pessoa estava bêbada ou a caminho de ficar bêbada, o que queria dizer que provavelmente era um dos frequentadores habituais da Festa das Estrelas, embriagado demais ou burro demais para perceber que um céu nublado ainda era um céu nublado mesmo quando visto através do mais poderoso telescópio da Terra.

— Obrigado por aparecer — disse Thad sem erguer a cabeça da almofada. — Mas a Festa das Estrelas desta semana foi cancelada devido à falta de estrelas. Volte na próxima semana e, com um pouco de sorte, vamos ter alguma coisa para olhar.

Os passos sequer pararam e foram se aproximando até chegarem a poucos metros de distância. Thad ouviu um grunhido quando alguém se abaixou ao lado dele, no telhado, e depois ouviu o som de um isqueiro. Uma nuvem de fumaça doce e enjoativa, certamente de alguma erva, flutuou diante do rosto de Thad.

Thad não tinha nada contra o uso da maconha, embora ele próprio não gostasse. Mas achava surpreendente que alguém fumasse uma substância ilegal bem ali, em público, no alto de um prédio da universidade. A qualquer momento, um professor ou um segurança poderiam passar — e de fato os monitores de astronomia apareciam com frequência nas Festas das Estrelas, embora soubessem muito bem que não adiantava visitar o observatório em uma noite nublada.

Curioso, Thad ergueu a cabeça para olhar o visitante. O sujeito estava sentado de pernas cruzadas, com as costas apoiadas na parede do observatório e os braços cruzados. Usava um gorro de lã enfiado até quase os olhos. O jeans tinha buracos e ele usava luvas com os dedos cortados. Parecia um sem-teto, mas onde o rosto estava iluminado pelo minúsculo baseado Thad podia ver que era jovem, talvez mais novo que ele. Havia pontos com barba na sua mandíbula, e tinha as bochechas avermelhadas de alguém que passava muito tempo ao ar livre. Cachinhos de cabelo castanho escapavam do gorro. Ele olhava para trás de Thad, para além do telhado, para a vista ao sul do campus universitário.

— Não esquenta, cara — disse o desconhecido. — Estou feliz em ver as nuvens, mesmo se não posso ver as estrelas.

Havia um vestígio do sotaque de surfista californiano no jeito como o rapaz falava. Talvez fosse a erva, mas ele parecia tão descontraído, completamente desprovido de tensão. Thad nunca tinha se sentido desse jeito. Sempre foi muito mais tenso, cheio de uma energia que costumava ser interpretada como entusiasmo. Ele não conseguia imaginar alguém descrevendo aquele sujeito como entusiasmado.

— Acho que é uma ótima atitude.

O sujeito deu mais uma tragada no baseado e descansou a cabeça na parede do observatório.

— Qual deve ser o tamanho dele? Quer dizer, será que ele não tem mesmo fim, como dizem nos livros? Como alguma coisa pode não ter fim?

Thad presumiu que o sujeito falava do céu ou, mais especificamente, do universo. Comparada com o tipo de discussão que Thad se acostumara a ouvir na Nasa, era uma conversa muito primária e um tanto imatura — mas era ciência e Thad gostava de falar de ciência mais do que qualquer outra coisa no mundo. Comparado com os papos sobre moda e vida de modelo em alguma boate com luzes de neon, aquilo era o mais próximo do Centro Espacial que ele poderia ficar. Por isso, voltou a se recostar na almofada e começou a falar.

Enquanto conversavam, Thad descobriu muitas coisas sobre aquele garoto

despreocupado. Seu nome era Gordon e ele também estudava na universidade. Tinha parado um pouquinho aqui e ali, mas agora parecia ter achado um rumo nos estudos e tentava chegar ao fim do semestre sem se perder no caminho. O que Thad mais admirou em Gordon era que ele parecia extremamente curioso em relação às grandes questões da vida. Sobre o tamanho do universo, quantas estrelas existiam, as possibilidades de vida em outros planetas. Para sua surpresa, ao mesmo tempo, Gordon era muito religioso e ficou claro quase no mesmo instante que ele tinha sido criado em um ambiente mórmon muito parecido com o de Thad. No meio da conversa, Gordon mencionou alguma coisa sobre ter perdido a esposa e o filho para a igreja mórmon, e Thad não o pressionou a falar mais sobre isso. Era uma loucura que, com aquelas idades, os dois já tivessem se casado, mas estavam em Utah. De alguma forma, Gordon permanecera ligado à mãe e ao tio e também tinha mantido boa parte dos ensinamentos mórmons. Ele citava com frequência a escritura mórmon entre uma ou outra pergunta sobre ciência. A possibilidade de vida em outros planetas parecia deixá-lo em conflito, mas não o impedia de tentar se aprofundar.

Thad gostou do sujeito e sentiu que havia algo de muito ousado e empolgante nele. Teve a coragem de simplesmente se sentar ali, no telhado, e fumar maconha falando de alienígenas — porém, bem no fundo, continuava sendo um garoto mórmon bem-educado. Acrescentando algo mais ao conflito em sua personalidade, em certo momento da conversa Gordon mencionou que possuía uma ficha criminal, alguma coisa pequena e insignificante, mas estava lá. Durante um tempo as coisas não deram certo para ele, mas agora tinha voltado a estudar e estava se dando bem. Queria ficar perto de pessoas que fossem boas para ele e gostou muito de saber que Thad frequentava três cursos na faculdade, que era obviamente alguém que dava duro e caminhava na direção correta.

Quando deu meia-noite, a meia dúzia de ligações de Sonya já havia se transformado em mais de dez e Thad sabia que estava na hora de pensar em ir embora. Ele e Gordon combinaram de manter contato, fosse lá o que isso queria dizer. Nada muito formal, apenas um acordo de se encontrarem pela rua, talvez almoçarem juntos.

Enquanto se dirigiam para o elevador, uma chuva leve começou a cair. Gordon não pareceu perceber, talvez porque, a esta altura, ele já estivesse no segundo baseado ou porque o gorro estava tão enfiado em sua cabeça que ele não sentia os pingos. Mas Thad tremia à medida que a umidade encontrava seus ossos. Alguma coisa em Gordon tinha inspirado nele um pensamento: os dois talvez nunca se tornassem amigos, mas isso não queria dizer que não causariam

impacto um na vida do outro.

Às vezes, e Thad sabia disso por ser um cientista, eram as moléculas que mal se tocavam que provocavam as maiores reações.

* * *

Thad esbarrou em Gordon um punhado de vezes durante as semanas seguintes. Duas em um dos refeitórios do campus, quando Thad estava de saída e Gordon entrava. Uma vez, diante do prédio de geologia, enquanto Thad caminhava com algumas garotas de uma de suas aulas de ciências e Gordon estava apenas sentado ali, no banco, fumando outro baseado. E uma terceira vez nos degraus da biblioteca principal. Gordon bebia alguma coisa em uma garrafa térmica, ainda com o gorro de lã e as luvas cortadas. Thad parou diante dele e tomou uma súbita decisão.

Não tinha intenção de tocar no assunto, mas ao ver Gordon sentado nos degraus da biblioteca, bem ali à luz do dia, decidiu que estava na hora de verbalizar os pensamentos que fluíam em sua cabeça. Botar para fora e ver onde isso ia parar. Mas não aqui, no meio do campus.

— Você está fazendo alguma coisa agora? — perguntou.

Gordon olhou para ele como se Thad estivesse maluco.

— Resolvendo o problema da fome mundial. Por quê?

Thad sorriu e chamou Gordon para ir com ele até um lugar.

* * *

Vinte minutos depois, Gordon ainda seguia Thad enquanto este caminhava por uma ala vazia onde ficava a coleção de minerais do Museu de História Natural da Universidade de Utah, apontando diversos cristais e fósseis singulares espalhados pelos armários de vidro iluminados junto às paredes. Era uma ótima coleção e Thad havia passado muitas horas perambulando pelo museu sozinho com Sonya. Em vários momentos de sua vida em Utah, ele trabalhou na catalogação daqueles mesmos minerais e fósseis, transportando-os de carrinho das áreas de armazenamento no porão do museu. E, sim, ele pegara emprestados alguns deles para exibir em seu apartamento, mas nada tão valioso quanto os espécimes diante deles naquele momento, como as marcas da pata de um brontossauro à esquerda ou o depósito de jade verde e reluzente abrigado em cubos iluminados logo à frente.

Thad ficou surpreso em ouvir que Gordon também já tinha visitado o museu. Na realidade, no verão anterior, o garoto havia doado um raro cristal de calcita com forma de asa de anjo para a universidade, que agora era exibido com o bilhete que o próprio Gordon escrevera: *Em memória de Kelen McWhorter* — uma irmã que morrera em um acidente de carro cinco anos antes. Thad tinha ouvido falar do cristal e disse para Gordon que acreditava que valia uma bela quantia em dinheiro, o que acabou levando, naturalmente, ao assunto que Thad queria discutir no museu. E para ele seria apenas isso, dois universitários conversando. Nada perigoso ou ilegal como acender um baseado. Apenas uma conversa, palavras, a expressão de uma pequena fantasia que vinha se formando na mente de Thad.

— Andei pensando em uma coisa — começou Thad — e queria sua opinião.

— As pessoas normalmente não me procuram para pedir conselhos — respondeu Gordon, olhando para uma vitrine que continha insetos fossilizados do período jurássico.

— Tudo bem, não é exatamente um conselho. Só estou pensando em uma coisa. Sabe, acho que talvez eu consiga botar as mãos em algo valioso.

— Como fósseis de dinossauros? — Gordon apontou, sorridente. Thad riu.

— Ainda mais valioso. E estou tentando entender se seria possível encontrar um comprador. Assim, na internet ou coisa parecida.

— O mundo é feito de compradores e vendedores. Se você tem algo para vender, em geral tem alguém disposto a comprar. E, com a internet, você pode encontrar um comprador para qualquer coisa, basta procurar.

Era o tipo de resposta que Thad esperava ouvir de Gordon. O que Thad achava era que, como Gordon obviamente sabia alguma coisa sobre drogas e já mencionara ter uma pequena ficha na polícia, talvez ele conhecesse gente no submundo. Talvez tivesse alguma ligação estranha com algum mercado clandestino, em algum lugar.

— Então, se eu tivesse algo valioso, acha que seria capaz de encontrar alguém para comprar?

— Depende do que estamos falando.

Thad engoliu em seco. Será que conseguiria dizer aquilo em voz alta?

— Pedras lunares.

Gordon olhou para ele e começou a rir.

— Você sabe que é tudo uma cascata, não é?

— O que é cascata?

— Toda aquela história do homem na Lua, cara. Dois caras andando por aí,

batendo em bolas de golfe, plantando uma bandeira maluca, você acha que isso aconteceu mesmo?

Thad esfregou os olhos, tentando entender se aquele menino doidão estava gozando com a cara dele ou se falava sério. Percebeu que nunca tinha mencionado explicitamente para Gordon que trabalhava na Nasa. O garoto não tinha ideia de que ele andava com homens que, de fato, estavam lá quando Neil Armstrong caminhou na Lua.

— Então você acha... — começou Thad, mas ele interrompeu suas palavras. Não iria entrar em uma discussão sobre teorias de conspiração. — Olha só, o negócio é o seguinte. Talvez eu conheça alguém que pode pôr as mãos em algumas pedras. Elas valem muito dinheiro se a gente conseguir encontrar alguém interessado. Um colecionador, um negociante de pedras, alguma coisa assim.

Gordon estava batendo com os dedos na vitrine de um fóssil.

— Pedras lunares. De um museu? Coleção particular?

Thad deu de ombros. Ele não queria se aprofundar. O garoto podia acreditar no que quisesse, que Thad sabia de uma pedra lunar trancada em uma gaveta do porão do mesmo museu em que caminhavam, ou que um integrante da família real de algum país da América do Sul tinha uma pedra que ele queria negociar. Quem se importava com isso? Thad só queria saber se Gordon poderia ajudar a descobrir uma maneira de vender uma pedra lunar, caso ele tivesse alguma.

— Eu provavelmente consigo encontrar alguém — disse Gordon, afinal. — Se pesquisar um pouco, mandar uns e-mails. Sou muito bom com internet.

Thad assentiu, e sua empolgação foi aumentando. Havia algo de errado em fazer com que Gordon enviasse alguns e-mails? Seria uma coisa do outro mundo? Thad ainda não tinha feito nada de errado, e provavelmente nunca faria. Porra, ele nem achava que aquele negócio de pedra lunar era mesmo possível. Só de pensar no que precisaria armar para entrar naquela caixa-forte — não, era só um jogo mental. Outra fantasia que ele começava a construir. Aquele era seu verdadeiro talento, a fantasia. Thad se reinventara como a locomotiva social da Nasa, impressionava todo mundo com suas aventuras e competições, com seu entusiasmo — e tudo mais. Esses pensamentos eram apenas uma progressão natural — outra aventura, mas muito mais implausível. E era mais provável que permanecesse como uma fantasia.

Thad continuou caminhando pelo museu. Deixou os fósseis e os minérios para ir a uma área repleta de mosaicos preciosos que o museu pegara emprestado de um colecionador na Turquia. Quando chegaram à saída do prédio, Gordon

puxou o gorro até os olhos e tirou a garrafa térmica de dentro do casaco. Para Thad, Gordon já havia se esquecido da conversa. As pedras lunares tinham voltado para o espaço escuro e tranquilo no fundo de sua cabeça.

E talvez fosse melhor assim.

Meu Deus, seria mesmo melhor assim.

16

Tinham se passado menos de duas semanas quando Thad voltou a encontrar Gordon, ao se cruzarem nos degraus da biblioteca. Thad andava depressa, com um monte de livros imensos de física nos braços, mal prestando atenção no ambiente porque já estava com dez minutos de atraso para uma palestra sobre mecânica quântica. As pedras lunares eram a última coisa em seus pensamentos. Tinham sido substituídas por quarks, neutrinos e dúzias de pequenas partículas mal compreendidas, girando e se contorcendo em órbitas imaginárias por trás de seus olhos. No meio do semestre da primavera, ele começava a achar a física quase tão interessante quanto a astronomia.

Thad estava tão envolvido com a palestra que quase deixou cair seus livros quando ouviu a voz familiar de californiano doidão vindo dos degraus da biblioteca.

— O trem não para de andar, não é, cara? Você vai acabar atropelando alguém, andando assim tão rápido.

Thad reequilibrou os livros nos bíceps, olhou para cima e viu Gordon descer os degraus em sua direção.

— Estou indo para uma palestra.

— Muito bem, meu irmão. Eu e você, nós dois. Mas, quando tiver uma oportunidade, talvez queira dar uma olhada em seus e-mails.

Thad sentiu o peso dos livros se afundar na pele de seus braços. Percebeu com um susto que não olhava os e-mails fazia um dia, talvez mais. Nas primeiras 24 horas depois da última conversa com Gordon, ele verificava as mensagens a cada duas horas, mas nos últimos dias vinha checando cada vez menos. Tinha presumido que estava certo, que Gordon esquecera seu pedido. Mas, pelo sorriso no rosto do garoto, era óbvio que Thad estava errado.

— Vou olhar agora.

Gordon não parou de andar. Passou direto na frente de Thad e lhe deu uma pequena piscadela.

— E a sua palestra?

Mas Thad já tinha mudado de direção e subia correndo os degraus da biblioteca.

A física quântica podia esperar.

* * *

Não levou muito tempo para que Thad encontrasse na biblioteca um terminal de computador livre em uma cabine isolada nos fundos da área de pesquisa, que parecia ter saído direto da década de 1960. O computador não chegava nem perto daquele moderníssimo que ele usava na Nasa, mas funcionava perfeitamente e, o mais importante, o cubículo tinha paredes altas o bastante para impedir que a tela fosse vista pelos olhos curiosos de alguém que estivesse por perto.

Thad sabia que estava sendo paranoico ao se curvar sobre o computador, batendo nas teclas com rapidez, quando abriu sua conta de e-mail. É claro que ninguém estaria interessado no que ele fazia. E, na verdade, não estava fazendo nada de mais, apenas lia o e-mail de um amigo.

Levou menos de um minuto para Thad localizar a mensagem: o endereço de onde tinha sido enviado era tão bizarro que só poderia ter vindo de uma pessoa em particular.

Fractalysed@yahoo.com.

E o e-mail parecia tão desconjuntado quanto o endereço. Tinha mais de uma página e era óbvio, logo de cara, que Gordon havia cortado e colado uma série de mensagens diferentes. Thad contou pelo menos sete endereços de e-mail dentro do corpo do texto, todos de pessoas que Gordon havia contatado ou que tinham respondido para ele.

Algumas podiam ser promissoras, mas não havia nada de concreto. Parecia que Gordon tinha disparado uma série de propostas quase aleatórias na terra de ninguém eletrônica — começando por um site de colecionadores internacionais de minérios localizado no Iraque, de onde ele tinha separado uns cinquenta endereços de potenciais interessados. Tendo esses e-mails como alvo, Gordon escreveu uma mensagem curta, basicamente um spam, e mandou para todos. O texto era bem bobo, sobretudo o pseudônimo que Gordon escolhera para si, porém ele obteve várias informações úteis. Era uma loucura ver aquele spam. A ideia de que ele estava por aí, quicando pela internet, era bastante assustadora. Mas também era arrebatadora. Embora muitas respostas fossem apenas

mensagens curtas, às vezes recheadas de palavrões, explicando que a venda de pedras lunares era ilegal, havia um punhado delas que parecia vir de pessoas interessadas.

Thad percebeu que precisaria cuidar do assunto a partir daquele momento. Gordon tinha feito o seu trabalho e conseguido alguns contatos, mas Thad era a pessoa que de fato sabia o que estavam tentando vender. Se é que estavam mesmo tentando vender alguma coisa.

Thad tinha passado tempo suficiente nos computadores da Nasa para saber como montar um endereço de e-mail falso. Por mais ridículo que soasse o pseudônimo de Gordon, Thad se viu obrigado a adotar o novo nome.

Usando aquela identidade, começou a trabalhar em uma nova mensagem: ao reler o e-mail de Gordon, descobriu que vários alvos em potencial eram relacionados a um site internacional para colecionadores de minérios — uma espécie de clube para "caçadores de pedras". Como o site era na Europa, Thad não ficou nervoso ao elaborar um anúncio para ser colocado no informativo on-line do clube. Precisava escolher as palavras com muito cuidado, mas sabia que o anúncio atingiria o clube inteiro de uma vez. Se essas pessoas levavam o hobby a sério a ponto de gastarem seu tempo navegando por um site dedicado a rochas, então havia uma boa chance de pelo menos uma delas se interessar pelo que Thad estava se propondo a vender.

Enquanto Thad esboçava o anúncio, tentou imaginar que tipo de pessoa poderia se interessar por uma oferta para comprar a substância mais valiosa da Terra. Sabia que muita gente achava as pedras lunares fascinantes, mas ele precisava de um indivíduo especial, alguém desesperado para segurar uma delas na palma da mão.

Estava em busca de um verdadeiro caçador de pedras. Alguém que levasse seu hobby a sério o bastante para, assim que lesse o anúncio, imediatamente sentir uma injeção de adrenalina que só poderia ser causada por um autêntico vício.

Sorrindo com aquela ideia, Thad apertou mais algumas teclas do computador. Apesar de ser pouco mais do que um jogo, ao menos naquele momento, era bem possível que os e-mails de Gordon e seu próprio anúncio, mais articulado, estivessem a ponto de fazer o dia de um sortudo caçador de pedras.

17

Antuérpia, Bélgica

Saudações.

Meu nome é Orb Robinson, de Tampa, na Flórida. Tenho em mãos uma rara pedra lunar multiquilate e estou à procura de um comprador. As leis que tratam deste tipo de transação são conhecidas, por isso serei direto e franco em relação ao fato de querer um comprador particular. Se você ou alguém que conheça estiver interessado em tal negociação, por favor, me informe. Obrigado.

Orb Robinson

Axel Emmermann observou o brilho amarelo esverdeado da tela de computador dançar na curva da tulipa enquanto ele virava com habilidade o longo copo diante de seus olhos. Conseguia compreender apenas algumas palavras do estranho e-mail que chegara em sua caixa de mensagens momentos antes, mas por enquanto sua atenção estava mais voltada para o conteúdo da tulipa do que para a superfície da tela. A cerveja era incrivelmente leve, sua coloração dourada, cuidadosamente cultivada, era tão profunda que quase podia ser descrita como uma textura. O tom intenso se sobrepunha por completo ao punhado de minúsculas borbulhas que indicavam uma suave carbonatação. Axel apertou lentamente o copo contra os lábios, bebericando e deixando que a mistura doce e amarga, defumada, brincasse em suas papilas gustativas. Reparou, com bastante contentamento, que a temperatura da cerveja estava quase perfeita e que a tulipa havia permitido que ela respirasse o suficiente para atender seu paladar experiente. Completamente satisfeito, ele trouxe o copo de volta aos lábios e deu outro gole, agora maior.

Axel sabia que seria engraçado se a esposa ou um de seus dois filhos, de 12 e 15 anos, fosse até a sala de estar, no primeiro andar, e o flagrasse executando o

ritual da tulipa e da cerveja âmbar. No mundo de Axel, mesmo uma coisa tão simples e prosaica quanto desfrutar de uma cerveja tarde da noite tinha suas regras. *Tudo no seu lugar, tudo do seu jeito*. Uma vida meticulosamente analisada, Axel costumava falar e, de fato, não conseguia ser de outro jeito: gostava que as coisas em seu mundo se comportassem da forma esperada, fosse em relação à precisa temperatura e à aeração da cerveja pelo tempo exato ou em relação às questões políticas mais gerais que pareciam muito estranhas em um lugar tão sereno como aquele tranquilo cantinho nos subúrbios da Antuérpia.

Axel se considerava um autodidata nos assuntos mais variados e colecionava, fazia cinquenta anos, informações sobre como o mundo deveria funcionar. A mulher e os filhos gostavam de dizer que ele era um estudante de tudo — um curso impossível de se concluir, como costumavam afirmar. Axel sabia que provavelmente estavam certos e que não havia como esgotar o conhecimento a ser adquirido pelo puro prazer de se obtê-lo. Mas era o que tornava tão interessante ser um estudante de tudo. Todos os dias havia um novo enigma para tentar resolver, o que levava ao próximo enigma, e daí por diante.

Axel bebeu as últimas gotas da maravilhosa cerveja e depositou o copo com todo cuidado sobre o descanso, colocado perto do canto da pequena escrivaninha de carvalho que ele herdara do pai anos antes. Para alguém de fora, o pequeno canto da sala que ele tinha transformado em escritório talvez parecesse entulhado, mas para Axel tudo fazia o mais completo sentido, desde a grande pilha de envelopes pardos contendo informações espectrográficas que ocupavam praticamente cada centímetro do compacto móvel, com vista para o jardim graças a uma pequena janela com persianas, até as sobrecarregadas prateleiras de madeira feitas a mão, tão cheias que estavam prestes a desmoronar a qualquer momento pelo peso das muitas caixas de papelão e recipientes plásticos lacrados. *Tudo no seu lugar, tudo do seu jeito.*

Só que, um pouco depois da meia-noite em um dia de semana, enquanto uma chuva fraca tamborilava no vidro espesso das janelas sobre a escrivaninha, havia pelo menos duas coisas que pareciam completamente fora do lugar ou nada do seu jeito. Para começar, Axel estava acordado, o que era facilmente explicável pelo seu jantar pesado, à base de *vlaamse stoofkarbonaden*, um cozido típico de Flandres feito com cerveja — mas neste caso não era nem de longe um exemplar tão satisfatório quanto o preparado âmbar que ele acabara de sorver. Porém, o segundo enigma parecia bem mais complexo e Axel sabia que não se juntaria à esposa, no andar de cima, antes de ao menos começar a entendê-lo.

Axel se debruçou para frente de forma que seus óculos de aro metálico

ficassem a apenas alguns centímetros da tela do computador e releu o e-mail, ponderando cada palavra como se fosse uma espécie de professor universitário que estudava um texto importante e arcaico. É claro que ele não era um professor, embora sua aparência pudesse dar tal impressão: calvo, com uma barba que rapidamente vinha se tornando grisalha aparada de maneira meticulosa, bochechas rosadas e arredondadas e, às vezes, sobretudo tarde da noite, uma teia de aranha de rugas nos cantos dos olhos, por passar tempo demais olhando coisas que eram muito, muito miúdas.

Saudações.

Meu nome é Orb Robinson, de Tampa, na Flórida. Tenho em mãos uma rara pedra lunar multiquilate...

Axel não conseguiu conter o súbito rubor que sentiu no rosto ao reler a frase. Como todos no mundo contemporâneo, ele recebia uma boa quantidade de porcarias, spam, lixo enviado para seu e-mail todos os dias. Entretanto, não havia dúvida de que este e-mail fora enviado especificamente para ele, pois alguém sabia que seria capaz de deixá-lo muito empolgado. Axel imaginava exatamente onde esse "Orb Robinson" tinha obtido seu endereço: na página do Clube de Minerais da Antuérpia na internet, onde aparecia listado como um dos integrantes da diretoria.

Era um caçador de pedras. Mais do que isso, a obsessão por rochas e minerais tinha sido o centro de sua vida por muitos anos. Ainda se lembrava de como tudo havia começado: tinha cerca de oito anos e ouviu informações no rádio a respeito de uma promoção da British Petroleum que distribuía caixinhas de minerais brasileiros a cada compra de gasolina. Na ocasião, apenas um integrante de toda a sua família possuía carro, e foi necessário algum tempo para convencer o tio a levá-lo para o posto de gasolina mais próximo, lá longe, na estrada que ligava Antuérpia a Amsterdã. Mas Axel foi fisgado no momento em que segurou aquela caixa de pedras com suas mãos de menino de oito anos. Eram 24 pedacinhos de pedregulho, feios como o diabo — mas pareceu mágica para Axel a forma como cada um deles contava uma história sobre um tempo e um lugar, como cada um deles sugeria um registro histórico organizado e compreensível.

Aos 16 anos, Axel conheceu e se associou ao Clube de Minerais da Antuérpia, do qual ainda permanecia membro 34 anos depois. Com o passar dos anos,

sempre manteve um interesse pelas coisas que o ajudavam a compreender as pedras que ele colecionava por intermédio do clube: química, geologia, até mesmo um pouco de ciência espacial. Porém, depois de cumprir o serviço militar obrigatório, começou a achar que as garotas e a cerveja eram um pouco mais empolgantes. Sete anos trabalhando como DJ em uma boate local o tornaram suficientemente bem-sucedido para que sua coleção chegasse a cerca de 900 espécimes, nenhum deles muito valioso, mas formavam um conjunto bem respeitável. Também conseguiu uma esposa que, por coincidência, se chamava Christel. Foi ela que o incentivou a voltar a manter vínculos mais regulares com o clube, de modo que em meados dos anos 1980 ele comparecia às reuniões todas as segundas-feiras, ajudando a recepcionar colecionadores de rochas e geólogos do mundo inteiro. A Antuérpia não era exatamente uma parada obrigatória de qualquer excursão à Europa, mas estava próxima de Paris e de Amsterdã o bastante para atrair algumas dezenas de grandes nomes com o passar dos anos. Axel tinha muito orgulho do que ele e o clube realizaram. Três ou quatro dos integrantes mais famosos da agremiação eram professores que tinham minerais com seus nomes. E um dos membros mais conhecidos, o professor René Venassle, fora convidado para visitar o palácio real e fazer uma palestra técnica quando o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, presenteou o rei com uma autêntica amostra lunar.

Ao reler o e-mail, parando nas palavras *pedra lunar*, Axel se lembrou do episódio, de como o embaixador norte-americano entregou pessoalmente a amostra tão bem guardada e de como ela foi exibida pelo clube de Axel na exposição de minerais daquela semana. Embora na época Axel não passasse tanto tempo na agremiação quanto agora, ele tinha lido bastante a respeito para saber mais sobre o presente de Nixon. Sabia que era ilegal possuir tais pedras e que eram muito valiosas.

Dois fatos tornavam o e-mail imediatamente suspeito, mas também um pouquinho excitante.

Na primeira leitura, Axel tinha se questionado se o autor se referia mesmo a amostras lunares. A primeira coisa que ele pensou foi que o vendedor estava falando da "pedra da Lua", ou selenita, uma variedade de feldspato — um tipo de gema incomum, mas que não chegava a ser incrivelmente raro. Portanto, negociar "pedras da Lua" era algo legal, o que fazia com que a próxima frase do e-mail tivesse menos sentido:

As leis que tratam deste tipo de transação são conhecidas, por isso serei direto e franco em relação ao fato de querer um comprador particular.

Isso significava que o autor do e-mail de fato falava sobre amostras lunares. O impulso seguinte de Axel foi simplesmente deletar o e-mail sem pensar duas vezes, pois se essa pessoa falava de pedras lunares o e-mail era uma espécie de golpe. Axel tinha visto como era bem guardada a amostra de pedra lunar presenteada ao rei. Sem dúvida, todos os espécimes do mundo inteiro eram mantidos sob o mesmo cuidado. Se possuí-las era ilegal, então vendê-las seria ainda mais ilegal. Axel foi até a tecla "deletar" — mas, antes, parou reflexivo, a mente tomada por mais pensamentos.

Ele achava que aquilo era um golpe. Mesmo assim, havia algo de estranho e desconcertante na mensagem. Axel sabia que Christel acharia que era apenas por ele ser obsessivo e curioso por natureza, mas algo não parecia estar certo naquela história.

Se alguém fosse tentar vender uma pedra lunar falsa, um caçador de pedras não seria a última pessoa para se mandar um e-mail? Porque não levaria muito tempo para que um homem como Axel Emmermann reconhecesse uma falsificação. Algumas perguntas, uma foto ou mesmo um momento cara a cara com o item em questão, e ele saberia sua verdadeira natureza.

Não, a pessoa teria de ser idiota demais para tentar vender falsificações para um membro do conselho do Clube de Minerais da Antuérpia. No entanto, ao ler a mensagem mais uma vez, Axel não encontrou qualquer sinal de idiotice. A sintaxe era boa, mesmo que o nome do autor parecesse conter certa petulância: Orb Robinson, uma espécie de brincadeira com Roy Orbison — o falecido cantor de *rhythm-and-blues* que era formado em geologia. Passou pela cabeça de Axel que a pessoa que escrevera o e-mail não tinha nada de idiota.

Portanto, isso significava que ela estava realmente tentando vender uma "pedra lunar multiquilate".

Axel começou a perder a noção do tempo enquanto contemplava o curioso e-mail e percebeu que talvez não conseguisse dormir se não investigasse um pouco mais. Entendia sobre computadores o bastante para fazer uma busca bem simples sobre o autor da mensagem. Para sua surpresa, descobriu depressa que "Orb Robinson" tinha enviado a proposta para um número grande de informativos de clubes de colecionadores de minerais por toda a Europa. Axel também descobriu algo que o fez descolar as costas da cadeira.

Em 9 de março, Orb Robinson tinha colocado um anúncio na página principal do Clube de Minerais da Antuérpia. Axel clicou no link e lá estava o anúncio de número 1.275, na seção do site chamada "Pedreira Virtual":

Pedras lunares de valor incalculável agora disponíveis!
"Orb Robinson" orb_robinson@hotmail.com
Se você tem interesse em adquirir um raro pedaço da Lua de grande valor histórico e gostaria de receber mais informações, por favor, me escreva por e-mail e deixe suas informações de contato e uma explicação a respeito do seu interesse.
Atenciosamente, Orb

Axel assobiou baixinho para si mesmo, depois retirou os óculos e os limpou na manga da camisa. Olhou para a tulipa vazia, desejando que ainda tivesse um pouco daquele saboroso líquido âmbar ao alcance do braço, pois agora sentia que precisava de uma bebida. Tinha suspeitado antes, mas ao ver o anúncio bem ali, na página de seu próprio clube na internet, quase teve certeza. Golpe ou não, ele testemunhava o desenrolar de um crime.

Apesar de ser um colecionador ávido, a ideia de tentar comprar o que essa pessoa se propunha a vender nunca havia passado pela mente de Axel. Assim como achava que o mundo precisava de uma organização, com cada coisa em seu lugar, ele acreditava firmemente no certo e no errado, que existiam linhas que não podiam ser cruzadas, atalhos que não podiam ser tomados. Tinha servido o exército porque era o que se esperava dele, e também por ser a coisa certa a fazer. Não era um homem rico, mas levava uma vida boa em seu cantinho na Bélgica, tinha uma mulher que o amava e dois filhos que não o odiavam. E tinha seus hobbies, os enigmas. Para ele, esse crime era apenas um enigma que ele agora precisava resolver. *Tudo no seu lugar, tudo do seu jeito.*

A única pergunta que permanecia era como Axel iria conseguir colocar esse tal Orb Robinson em seu devido lugar.

* * *

A reunião semanal do Clube de Minerais da Antuérpia já estava a toda quando Axel atravessou cheio de determinação o amplo salão de jantar com pé-direito alto do Centro da Juventude da Antuérpia. Mesmo do fundo do salão, ele

via que a maioria dos frequentadores estava ali, reunida em volta de mais ou menos uma dúzia de mesas retangulares de aspecto industrial que ocupavam boa parte do centro do salão. O projetor de slides já estava ligado, mas ainda não mostrava a primeira imagem que seria exibida. A grande tela que tomava conta da parede do fundo da cantina brilhava com um tom de amarelo vivo, quase solar, iluminando as mesas e o conglomerado de homens de meia-idade, em sua maioria barbudos, que passeavam em volta delas, um rebanho inspecionando um poço conhecido.

Não eram exatamente as mesas que despertavam o interesse do rebanho. Sobre elas, caixas de diversos tamanhos, variando das de papelão a estojos plásticos mais high-tech, com vários compartimentos, que pareciam recipientes para iscas de pesca. Era um ritual semanal: antes da apresentação dos slides havia uma hora reservada para a compra e venda de espécimes. Quando Axel chegou à primeira mesa e, por reflexo, lançou um olhar para o conjunto de caixas mais próximo, pôde ver que eram os artigos de sempre: pedaços de quartzo brilhantes, alguns exemplares vulcânicos, um punhado de pedras preciosas de pouca importância — nada que tivesse valor fora dali. Mas, para esses homens que perdiam uma linda noite de segunda-feira se reunindo no refeitório do Centro da Juventude, um pedacinho de quartzo ou uma pedra vulcânica às vezes era como um tesouro.

Axel ficou decepcionado consigo mesmo por ter chegado tão tarde. Não era típico dele se atrasar. Porém, esta noite, como acontecera nas últimas duas, durante o jantar discutiu com a esposa sobre o estranho e-mail, que agora ele tinha certeza de se tratar de uma janela para alguma espécie de crime em andamento. Não foi uma briga, porque ele e Christel nunca brigavam, mas houve um conflito de opiniões.

Nas últimas 48 horas, Axel tinha se convencido de que precisava fazer alguma coisa a respeito daquilo. Mas Christel não gostava da ideia de ver o marido meter o nariz em algo que poderia ser perigoso. Se *era* de fato uma espécie de golpe, então o perigo seria pequeno. No entanto, se aquela pessoa estivesse vendendo uma autêntica pedra lunar, Axel podia estar se envolvendo com uma figura perigosa.

Axel explicou para a esposa que não era de sua natureza ficar sentado e assistir ao desenrolar de um crime. Que tipo de pessoa poderia ficar por perto e ver algo errado acontecer sem fazer nada a respeito? Mas a mulher não aceitou seus argumentos. Respondeu que, apesar de sua nobre explicação, a verdadeira razão para ele querer se envolver era porque achava que seria divertido. Mais um

entretenimento, mais um hobby, como colecionar pedras. Ou "*popinjay*", outra das paixões de Axel — um estranho joguinho de tiro com arco e flecha que tinha como objetivo acertar um pássaro de madeira que se encontrava no alto de um mastro de trinta metros de altura. Às vezes com uma besta, e diante de uma plateia.

Axel sabia que havia alguma verdade no que ela dizia, mas não quis lhe dar a satisfação de vencer a discussão. Aquilo que ele pretendia resolver podia ser um enigma, mas resolvê-lo consertaria algo errado.

— Senhor Emmermann — chamou um dos barbudos que pairavam sobre uma caixa próxima, recheada com pedras preciosas, fazendo com que todos os homens perto dele erguessem o olhar e sorrissem. — Ficamos preocupados, achando que o senhor talvez tivesse caído no rio ou, no mínimo, enfiado o pé em uma tulipa de cerveja ao sair de casa.

Axel sorriu para o homem e se inclinou sobre a caixa para contemplar o conteúdo. Então disse:

— Para falar a verdade, estamos tendo um probleminha com a fundação da nossa chaminé. Mas eu tinha certeza de que poderia contar com você para providenciar alguns pedregulhos sem valor para preencher as lacunas.

O barbudo fingiu indignação, colocando a mão sobre o coração. Era o secretário do clube — na casa dos sessenta anos, um dos integrantes mais idosos do grupo. Carteiro durante o dia, era um dos caçadores de pedra mais respeitados da Antuérpia, e também sabia como funcionava o projetor de slides.

— Mas por que você precisaria vir até aqui para comprar meu pedregulho quando todos nós sabemos que você poderia usar o cozido da sua mulher. Uma colherada entre os tijolos e sua chaminé teria durado uma centena de anos.

Axel riu, pois não podia contestar o que o homem dizia. Porém, antes que ele pudesse pensar em uma resposta inteligente, um geólogo amador corpulento e cabeludo berrou de uma mesa à esquerda.

— Ou talvez ele tenha se atrasado porque estava ocupado comprando pedras lunares.

Axel ficou de orelhas em pé, paralisado diante da caixa cheia de pedras preciosas de pouco valor. Olhou para o homem corpulento e cabeludo. Alfred Schnermeyer era um dos poucos Ph.D. do grupo e, nos últimos três anos, atuava como editor do boletim informativo do clube. Em seguida, Axel olhou para os outros caçadores de pedras que estavam por perto e viu que todos sorriam, como se estivessem por dentro da mesma piada.

— Não fique tão surpreso — exclamou o secretário do clube, apertando o

ombro de Axel. — A gente estava falando do assunto antes de você chegar.

— Todos vocês receberam o e-mail também?

— Todo mundo que está na página principal do clube na internet. Este Orb Robinson é um maluco bem persistente. Escreveu para o presidente, para o vice-presidente, para todos nós aqui, até para alguns de nossos palestrantes. Gostaria que um de nós tivesse imprimido o e-mail, para podermos colocá-lo no slide de abertura, mas todo mundo deletou no mesmo instante.

Axel estava a ponto de dizer alguma coisa, de informar que não havia apagado o e-mail, porém percebeu nos olhos de seus companheiros de hobby que eles estavam convencidos de se tratar de um golpe, de algo com o que não valia a pena perder tempo.

Axel decidiu guardar suas suspeitas para si. O mais provável era que ele estivesse exagerando e os amigos estivessem corretos — era algum lunático, um maluco desperdiçando o tempo das pessoas. Na mente de Axel, entretanto, de qualquer ponto de vista que fosse, tudo estava errado. Se a pessoa por trás do e-mail realmente tivesse pedras lunares, elas só poderiam ser roubadas. Se não as tinha, ela estava tentando cometer uma fraude.

— Uma pena — Axel por fim respondeu brincando. — Poderíamos ter usado a proposta na capa do nosso próximo informativo. Talvez atraia alguns novos membros, alguém que traga para cá uma coleção que não se pareça com nada que eu pudesse usar para pavimentar a minha rua.

Todos riram muito, e Schnermeyer se aproximou do projetor de slides, preparando-se para dar início à reunião. Os outros integrantes do Clube de Minerais da Antuérpia já tinham se esquecido do e-mail e do maluco que se apresentava como Orb Robinson.

Mas Axel Emmermann ainda tinha imagens de pedras lunares dançando em sua cabeça.

* * *

Quando Axel afinal voltou do Centro da Juventude, sua casa já estava às escuras. Ele entrou o mais silenciosamente possível, para não incomodar a mulher e os filhos. Dormir tarde pela segunda vez em uma única semana era incomum demais para ele, mas Axel tinha a sensação de que era apenas a primeira de uma série de coisas incomuns. Pensou em despertar Christel e contar a ela o que iria fazer, porém não queria recomeçar a discussão. Além do mais, não acreditava estar para fazer algo perigoso. Embora não tivesse certeza,

presumia que todo um oceano o separava de Orb Robinson.

Esgueirou-se pela casa com o maior cuidado possível até chegar à sala às escuras. Nem mesmo sentou-se à escrivaninha. Apenas ficou parado diante do computador no canto do cômodo e começou a digitar. Quando acabou, afastou-se do computador. Banhado pela luz morna e cheia de pixels do monitor sobre a mesa, ele sentiu as bochechas corarem.

Tudo no seu lugar, tudo do seu jeito.

A mão tremia quando ele a esticou e apertou a tecla para enviar o e-mail.

18

Talvez eu tenha interesse se for por um bom preço...
Você dispõe de alguma prova de que a mercadoria é exatamente o que você diz ser?

Thad se curvou sobre o laptop enquanto se sentava na beirada da cama que dividia com Sonya, tentando se convencer de que deveria simplesmente deletar aquilo, enviar o pequeno pacote de informações eletrônicas para o buraco negro da não existência, esquecer que havia recebido uma resposta, esquecer todo aquele jogo mental, a caixa-forte lunar e a portinhola que levava ao cofre recheado com "lixo" lunar, porque agora começava a parecer menos um jogo e mais algo real. Ali, diante dele, estava uma resposta de um sujeito na Bélgica, um colecionador de minerais, um caçador de pedras com o nome hollywoodiano de Axel Emmermann. O belga parecia pronto e ansioso para cometer o que ele sabia ser um crime — adquirir uma pedra lunar "multiquilate" ilegal de um desconhecido na internet. Thad ainda estava em um jogo, mas esse Axel Emmermann não. Ele, de fato, queria comprar um pedaço da Lua.

Thad passou a mão pelos cabelos avermelhados e encaracolados. Vestia apenas um calção de banho, depois de voltar de um dia de aula de mergulho na ACM local. O cabelo ainda estava úmido e ele sentia calafrios que subiam pelas costas e peito nus. Não estava com pressa para se vestir, embora precisasse se aprontar para o jantar. Não tinha nenhum interesse em sair com Sonya e suas amigas naquela noite. Mesmo antes de ter recebido o e-mail do colecionador da Bélgica, ele pensava em dizer a Sonya que não se sentia bem.

Houve uma explosão de risadas, de repente, na direção da sala e Thad deu uma olhada para a porta fechada do quarto. Não sabia quantas modelos amigas de Sonya estavam reunidas ali — quando chegou da piscina, contou pelo menos quatro exemplares sarados e perfeitos, além de três ou mais garrafas de vinho tinto já abertas —, mas não achava que conseguiria lidar com outra noite de

conversas bobas em algum restaurante barulhento, caro e excessivamente estiloso. E agora, ao ver o e-mail, ele sabia que não aguentaria fingir que estava tudo bem e enfrentar aquele martírio.

Talvez eu tenha interesse se for por um bom preço...

Thad estremeceu. Ainda não tinha pensado no preço, nem mesmo em seu jogo mental, pois a verdade era que ele não tinha ideia de como conseguiria de fato realizar aquele roubo. A caixa-forte lunar era incrivelmente segura, do teclado numérico que dava acesso do Prédio 31 à entrada monitorada. Havia a sala limpa e, é claro, a imensa porta de aço da própria caixa-forte. O cofre com "lixo" guardava cerca de oito quilos de rochas lunares, mas Thad não achava que seria possível sair com tudo isso passando pela sala limpa e as câmeras de segurança. Era por isso que, no e-mail original que ele enviara a dezenas de colecionadores estrangeiros, tinha especificado uma única "pedra lunar multiquilate".

Com isso em mente, tentou chegar a uma quantia imaginária que ele pediria em troca de uma pedra lunar imaginária. Embora se lembrasse de que um único grama de material lunar tinha sido negociado por cinco milhões de dólares — e, mesmo que esse valor parecesse ridículo, ele leu em algum lugar que, em um leilão da Sotheby's, um grama de material lunar chegou a ser vendido por quatrocentos mil dólares —, Thad não tinha a intenção de ser tão ganancioso. Queria que fosse rápido e fácil, o tipo de transação que não chamasse atenção. Até por que um colecionador belga provavelmente não teria mesmo todo esse dinheiro. Thad precisava encontrar um valor que fosse ao mesmo tempo possível e alto o bastante para que o risco valesse a pena.

Tem que valer a pena, repetiu para si mesmo, incrédulo diante dos próprios pensamentos. Invadir um prédio da Nasa, roubar a coisa mais valiosa da Terra, arriscar suas chances de se tornar um astronauta — Thad sacudiu a cabeça. Era só uma forma de ver o jogo mental. A Nasa classificava aquelas rochas como lixo, inúteis. Thad poderia usar o dinheiro para se tornar um cientista melhor, um candidato melhor para o programa de treinamento de astronautas. Ficaria sem dívidas, teria dinheiro para pagar os estudos, pesquisar, fazer o que precisasse. E, se ele se tornasse um astronauta, poderia ajudar a Nasa a realizar o objetivo de chegar até Marte — o que, de certa forma, significava que esse furto poderia ser

positivo para a instituição. Ele precisava pensar sobre o roubo dessa maneira, pois assim era mais palatável, heroico e nobre. Thad se via como um cientista e usaria tudo que pudesse ganhar com o roubo no avanço da ciência. Para permitir seu próprio avanço no reino da ciência.

Além do mais, ninguém poderia ser preso por um roubo imaginário, não é?

Thad secou as mãos úmidas no cobertor e reabriu sua conta de e-mail. Mandou uma mensagem rápida para Gordon, pedindo que ele investigasse o tal Axel Emmermann para reunir todas as informações que encontrasse na internet ou através de quaisquer outros meios a sua disposição. Thad queria saber com quem estava lidando antes de dar o próximo passo.

Enquanto isso, começou a escrever uma resposta para o caçador de pedras belga. Nem percebeu quando Sonya e as amigas saíram da casa, levando com elas as risadas, a conversa fiada e a cacofonia das taças ressoando em brindes. Não notou sequer quando o Toyota Tercel verde saiu pela rua, com os pneus cuspindo cascalho, enquanto o grupo se dirigia, sem ele, ao restaurante. Sonya nem se lembrara de que ele iria acompanhá-las. Mas Thad não reparou. E, se tivesse reparado, não teria se importado.

19

Lá no ar. É um pássaro? É um avião? É Emmermann...

Axel sorriu ao se imaginar voando em círculos no céu azul e límpido sobre a Antuérpia, com sua charmosa barriguinha de cerveja fazendo força para se libertar do interior de uma roupa colante em vermelho vivo, uma capa sedosa esvoaçando por trás dele enquanto o ar morno da primavera zumbia ao redor de sua testa aero-dinamicamente calva. Ele se via dando voos rasantes sobre castelos e igrejas do século XVI, enquanto os turistas acenavam e aplaudiam e ele os salpicava com poeira lunar...

O sorriso se transformou em uma verdadeira gargalhada. *Axel Emmermann, super-herói.* No momento, Axel, o super-herói, estava de joelhos na pequena faixa de terra atrás da janela da sala, e seu rosto ficava vermelho vivo enquanto ele lutava contra uma espécie particularmente abominável de erva. Usava as duas mãos em um movimento característico de estrangulamento, puxando com toda força para tentar desalojar aquela peste verde, um monstro botânico que estava asfixiando as raízes da salsa de sua esposa. Aquela coisa maldita se prendia com tudo, como se suas raízes estivessem cravadas nas próprias entranhas da terra.

Ele queria que Christel pudesse vê-lo naquele momento, com as mãos e os joelhos na lama, à mercê de uma planta descerebrada. Teria visto por si mesma como era engraçado o rótulo que ela havia lhe dado. Estava tão longe de ser um super-herói quanto um colecionador de rochas de 49 anos, prestes a completar 50, poderia ser. Mas Christel não estava ali. Tinha saído de casa agitada, rumo ao mercado, depois que Axel enviara seu último e-mail, deixando-o sozinho para enfrentar ervas perversas.

A esposa não estava realmente zangada. Era mais uma mistura de frustração e talvez um pouquinho de medo, porque muitos dias tinham se passado desde que Axel enviara a primeira resposta para Orb Robinson, e Christel imaginou que o assunto tinha sido esquecido. E estava certa. Os outros integrantes do clube de minerais se esqueceram daquele golpe tolo havia muito tempo. Mas Axel era de uma espécie diferente e, mesmo após uma semana, não conseguia deixar o

assunto de lado. Talvez ele estivesse mais para uma erva daninha do que para um super-herói.

Naquela mesma manhã, tinha decidido agir. Não havia necessidade de roupas colantes. Só ele mesmo, usando seu short de jardinagem, botas na altura dos joelhos e uma camisa de manga curta, sozinho no computador, até poucas horas antes.

Não tinha sido muito difícil encontrar no Google o site da divisão do FBI em Tampa, na Flórida. Ele não sabia ao certo se Orb Robinson de fato residia em Tampa, mas não conseguia pensar em um lugar melhor para começar. A polícia belga com certeza não se envolveria em um caso de fraude como este. E ele duvidava que a Interpol sequer tivesse uma página na internet. Pedras lunares eram um tesouro exclusivamente americano. Se alguém deveria investigar, o mais provável é que fosse o FBI.

Axel tinha preparado o e-mail com bastante cuidado. Seu único erro foi mostrá-lo para a mulher antes de enviar:

Sou um colecionador de minerais que vive na Bélgica. Algumas semanas atrás, fui contatado por e-mail por uma pessoa, Orb Robinson, que alega ter pedras lunares da Nasa para vender. Ele também colocou o seguinte anúncio na seção "Pedreira Virtual" da página de meu clube na internet: "Pedras lunares de valor incalculável agora disponíveis!"

Creio que essa pessoa está tentando dar um golpe e tirar dinheiro de pessoas inocentes. Respondi seus e-mails informando que teria interesse em comprar se fosse por um bom preço. Se quiser, posso remeter uma cópia desses e-mails. Percebo que se trata de um assunto de baixa prioridade, mas de qualquer maneira gostaria de registrá-lo.

Cordialmente, Axel Emmermann

Ao pensar na ruidosa reação de Christel quando ele contou para ela do e-mail, Axel agarrou a erva de jeito e jogou seu peso nada insignificante para trás. A praga finalmente se soltou, quase o derrubando na lama. Ele recuperou o equilíbrio no último instante e jogou a planta na lixeira. Depois se ergueu com dificuldade e os joelhos envelhecidos rangeram com o movimento. Sacudiu a terra das pernas nuas e tirou as luvas enlameadas. Então, dirigiu-se para dentro de casa.

Enquanto se aproximava do computador no canto da sala, ele se perguntou

se Christel não estaria certa. Não em relação a ser um super-herói ou sobre o perigo do envolvimento, mas na observação de que não se tratava de uma questão de certo ou errado, e sim que Axel não conseguia deixar o assunto de lado porque, para ele, era divertido. Era um jogo, outro hobby. Como o *popinjay*, só que, em vez de atirar flechas em um pássaro de madeira no alto de um mastro, enviava e-mails para um inimigo invisível.

Era verdade, não estava trabalhando no momento. Tinha tirado uma curta licença médica da fábrica de polietileno onde era supervisor de controle de qualidade por causa de uma lesão recorrente. Não dava para ocupar todas as horas do dia com a coleção de pedras. O arco e flecha ocupava a maior parte dos fins de semana — e talvez a luta contra o crime preenchesse as lacunas.

Sem dúvida, ele sentiu uma onda de adrenalina ao sentar-se diante do computador. Não esperava realmente que o FBI enviasse uma resposta tão depressa, mas tinha a sensação de que passaria a checar o computador com mais frequência todos os dias. Cedo ou tarde ele receberia uma resposta.

Para sua surpresa, no minuto em que entrou em sua conta de e-mail, viu que havia uma nova mensagem na caixa de entrada, mas não era da divisão do FBI em Tampa. Por coincidência, o e-mail era de Orb Robinson:

Sim, provas legítimas serão fornecidas. Qual é aproximadamente o preço por grama que você considera "bom"? Vamos discutir seu possível interesse e ver se podemos fazer uma grande parceria de negócios. Se estiver mesmo interessado, fornecerei informações mais detalhadas.

Atenciosamente, Orb Robinson

Axel não conseguia acreditar no que estava lendo. Depois de mais de uma semana e logo após ele ter entrado em contato com as autoridades — agora esse tal Robinson tinha finalmente respondido. Como a erva daninha no jardim, o maluco não havia simplesmente desistido e ido embora.

Olhando com mais atenção para a nova mensagem, Axel reparou em uma coisa. Robinson não falava mais em quilates. Agora falava em dólares por grama. Para um colecionador de pedras como Emmermann, era uma diferença significativa. Quantas pedras lunares esse sujeito tinha? Ele achava mesmo que um especialista em minerais acreditaria que ele possuía muitos gramas da mais rara substância no planeta?

Axel tinha certeza de uma coisa: não esperaria Christel voltar do mercado para preparar sua resposta.

Logo pensou em números, tirando praticamente tudo de sua cabeça. Estava interpretando o papel de um comprador interessado, por isso precisava ser verossímil.

Oi, Orb,

Se você puder fornecer provas legítimas de que são realmente pedras lunares, eu estaria disposto a comprá-las caso o preço não exceda oitocentos dólares/grama para pedras com menos de dez gramas e seiscentos dólares/grama para exemplares maiores.

Axel Emmermann

Robinson respondeu apenas no dia seguinte. Por volta das nove da manhã, Axel ia e vinha da cozinha, onde Christel servia ao filho e à filha enormes waffles lambuzados com mais manteiga do que seria seguro do ponto de vista nutricional, até o computador, olhando a caixa de e-mail várias vezes seguidas. E, finalmente, lá estava. Axel não tentou sequer esconder a empolgação que explodiu em seu rosto ao ver a nova mensagem:

Axel Emmermann,

Seus preços estão ótimos. Na verdade, posso oferecer condições melhores, mas tenho exigências mínimas em relação ao volume. Para dar uma ideia do volume com que estou trabalhando, prefiro me manter em torno de um quilo. Envio a tabela com a variação de preços...

500 dólares/g (0,5-0,64 kg)

400 dólares/g (0,65-0,85 kg)

300 dólares/g (0,86-1,5 kg)

Naturalmente, antes de sua aquisição serão fornecidas provas. Acredito que, caso esteja de fato interessado, então deveríamos nos encontrar e confirmar o negócio pessoalmente. Por favor, diga-me o que acha.

Atenciosamente, Orb Robinson

O belga recostou-se na cadeira. Os quilates haviam se transformado em

gramas e agora os gramas tinham se transformado em quilos. Meu Deus, esse vigarista era audacioso demais. Axel fez os cálculos de cabeça, rapidamente. Pelos preços que Orb Robinson citava, um quilo de pedra lunar sairia em torno de trezentos mil dólares. Isso não chegava perto de seu valor real, porém era uma enorme quantia em dinheiro para um homem como ele. A simples ideia de se negociar tanto dinheiro por uma espécie ilegal de pedra despertou seu instinto de combate contra o crime. Não era uma pequena fraude — e sim bastante significativa.

Ao reler o e-mail, Axel começou a pensar que talvez tivesse levado a história o mais longe que poderia. O vigarista agora tinha citado preços, e a única coisa que restava a ele fazer seria arrumar as malas, entrar em um avião e se dirigir a Tampa. É claro que ele nunca faria isso. Em 49 anos, nunca fora para muito longe da Bélgica. Jamais tinha visitado aos Estados Unidos. E não tinha interesse nenhum em comprar o que provavelmente não seria muito mais do que um grande pedaço de pedra lunar falsificada. Teria de ser outra pessoa a levar o caso adiante.

* * *

Dois dias depois, Emmermann estava de volta ao computador quando a cavalaria finalmente chegou. Abriu o e-mail assim que viu o cabeçalho — da divisão do FBI em Tampa.

Senhor Emmermann:

Primeiro, muito obrigado por ter transmitido esta informação. O senhor despertou meu interesse.

Em segundo lugar, temo estar pouco familiarizado com as leis que tratam da venda e/ou posse de pedras lunares. Presumo — com base na carta de Robinson — que provavelmente seja ilegal. Na realidade, imagino que o senhor Robinson esteja de posse de contrabando ou que esteja adulterando (no esforço para enganar alguém) um mineral mais comum, ou seja, está violando a lei de um jeito ou de outro. Poderia me dizer se minhas suposições estão corretas?

Por fim, se iniciarmos uma investigação sobre o assunto, o senhor estaria disposto a apresentar um investigador para Robinson como seu representante nos Estados Unidos? Como Robinson já o contatou, sua credibilidade junto a ele deve ser suficiente para suprimir qualquer preocupação que ele tenha a respeito de conduzir uma transação ilegal

com um completo desconhecido.

Mais uma vez, obrigado por alertar o FBI acerca deste assunto.

Agente especial Lawrence A. Wolfenden, Divisão de Tampa.

A princípio, surpreendeu Axel que o agente do FBI parecesse estar se baseando em sua interpretação da situação — que estivesse basicamente pedindo conselhos a Axel sobre se valia ou não a pena envolver o FBI. Ao mesmo tempo, Axel sentiu uma imensa onda de orgulho. O FBI estava entrando em contato com ele, do outro lado do mundo. A mulher podia fazer piadas, mas ele estava realmente fazendo algo, devolvendo algo a seu devido lugar. Se Christel queria chamá-lo de super-herói, bem, agora ele tinha algo para mostrar a ela. Mas antes de imprimir o e-mail e sair correndo pela casa, ele preparou a resposta.

Senhor Wolfenden,

Acredito que suas suposições estejam corretas. Em minha opinião, é quase impossível que o senhor Robinson tenha adquirido legalmente amostras autênticas de pedras lunares da Nasa. Portanto, ele deve estar violando pelo menos algumas leis. O tom da mensagem também me sugere que esta não é a primeira tentativa dele de fraudar algum comprador ingênuo do além-mar. Posso estar me adiantando, mas queria saber até onde isso nos levará.

Estou mais do que disposto a apresentar um investigador para ele, caso estejam dispostos a levar adiante esta investigação. Em minha opinião, seria melhor que o senhor esboçasse uma resposta, pois tem bem mais experiência em lidar com esse tipo de gente. Um colecionador de minerais de verdade (não sei se existe algum deles em sua equipe ☺) expressaria pelo menos alguma preocupação com a autenticidade. Naturalmente, se eu fosse mesmo tão crédulo a ponto de acreditar no senhor Robinson, poderia ser facilmente persuadido a comprar se "meu cunhado" tivesse permissão para "dar uma olhada" nas pedras antes da aquisição. Embora ele já tenha diminuído o preço que sugeri por grama, as pedras "multiquilate" evoluíram para rochas de meio quilo e maiores. Essa seria minha resposta se eu de fato estivesse interessado na compra...

A esta altura do e-mail, Axel esboçou o que diria para Robinson se realmente quisesse levar adiante a negociação — mas de um jeito que permitisse que alguém do FBI assumisse o controle da situação, fingindo ser seu cunhado. Axel

estava mesmo apreciando o aspecto criativo disso tudo. Era como se ele fosse um membro do FBI planejando derrotar um gênio do crime. Naturalmente, ele não achava que Orb Robinson fosse um gênio do crime, apenas um maluco tentando levar adiante uma fraude. De qualquer forma, era um trabalho gratificante.

Mais uma vez, para sua surpresa, a primeira resposta que ele recebeu no dia não foi do FBI. Parecia que Orb Robinson estava ficando impaciente.

Axel,

Por favor, me informe se você está interessado e/ou tem condições de adquirir um raro exemplar lunar. O tempo, para mim, é um assunto delicado, por isso não quero desperdiçar o seu. Nós dois sabemos que você estaria fazendo um grande negócio, e se ainda estiver preocupado com a possibilidade de eu estar tentando lhe vender uma pedra falsa, bom, não quero que você precise apenas acreditar na minha palavra. Deixe-me acabar com as suas preocupações. Apenas me diga quais são. A aquisição deste exemplar é um assunto delicado para mim, como você pode imaginar, e é por isso que faço exigências em relação ao volume mínimo. Para que esta transação valha a pena para mim e para meu grupo, é preciso ultrapassar uma barreira financeira mínima. Portanto, se você se mantém cético em relação à autenticidade das origens da pedra, tudo bem, eu lhe fornecerei provas convincentes quando acreditar na sua seriedade. Se você está preocupado por não poder bancar esta transação, compreendo. Talvez você possa encontrar um número significativo de clientes interessados em adquirir partes de sua amostra lunar para assim ter o incentivo para fazer tal investimento. Seja como for, se não estiver mais interessado, por favor, mantenha-me informado.

Obrigado, Orb Robinson.

Aquilo era fascinante. Orb Robinson tinha se tornado "eu e meu grupo". E, o que era mais interessante, Robinson havia insinuado que as pedras ainda seriam adquiridas. Ele não estava de posse das pedras lunares? Era algo que ainda iria de alguma forma ser arranjado? O tamanho do exemplar permaneceu próximo ao quilo, mas era muito significativo. Se não fosse apenas uma fraude, se este Orb Robinson iria de fato providenciar as pedras lunares, então era um crime que ainda não havia sido cometido.

Axel passou a mão em sua careca. Tinha visto muitos filmes de Hollywood e sempre gostou dos jogos de gato e rato entre a polícia e os ladrões. Ainda assim, ele se perguntava: se estivesse oferecendo dinheiro pelas pedras e aquilo fizesse

Robinson sair por aí e cometer alguma maluquice para arranjá-las, não estaria ele, Axel, na realidade, inspirando o crime?

Axel sacudiu os ombros. Robinson já tinha feito algo ilegal. Havia se esforçado para vender pedras lunares pela internet. Fossem reais ou falsas, o que era mais provável, aquilo não estava correto. E, se Axel não tivesse respondido, talvez outra pessoa respondesse. Axel fizera tudo certo. Havia entrado em contato com as autoridades. Esse Orb Robinson parecia ansioso demais para concluir a negociação. Era ele que estava pressionando, que enviava os e-mails. Era ele que estava cometendo o crime.

Axel se perguntou se Christel concordaria com ele. Logo, descobriu que o FBI concordava.

Em um e-mail bastante longo, o agente especial Wolfenden deu a Axel exatamente o tipo de resposta que ele queria que fosse enviada para Orb Robinson. Tinha como base o esboço que o próprio Axel havia escrito, o que o encheu com mais orgulho. Seus instintos para o combate ao crime eram obviamente acurados. Qualquer questão ética desapareceu quando ele leu o e-mail. Seu "cunhado" se transformara em "cunhada", obviamente porque o FBI tinha uma agente que queria usar na armação. Mas, no geral, foi como Axel planejara:

Olá, Orb,

Seus preços são melhores do que eu esperava, mas os exemplares são bastante grandes. Você falou de "pedras multiquilate", mas uma pedra com quinhentos gramas me custaria 250 mil dólares, o que não é uma quantia pequena. Esse valor está longe das minhas possibilidades e eu precisaria encontrar um ou mais sócios. Essas são mesmo as menores pedras de que você dispõe? Eu estaria mais interessado nas menores. Sempre seria possível cortar uma pedra maior para revenda, mas ainda seria um grande investimento.

De qualquer maneira, posso conseguir cem mil dólares em um prazo relativamente curto. Ficaria feliz em gastá-lo em uma única pedra (autenticada) com pelo menos 250 gramas.

Não posso deixar o trabalho no momento, por isso um encontro pessoal teria que esperar até setembro. Porém, meu irmão e sua esposa vivem na Pensilvânia, nos Estados Unidos. Confio neles completamente, e minha cunhada também coleciona minerais, como uma espécie de hobby. Ela seria capaz de verificar a procedência das pedras, acredito eu. Você estaria disposto a negociar comigo por intermédio dela?

Atenciosamente, Axel Emmermann

Não chegou a completar um dia até que Robinson respondesse. Axel imediatamente remeteu o e-mail para o agente Wolfenden. Sentia-se um pouco como se estivesse assistindo a um filme em tempo real, representado na internet, com todos aqueles e-mails vindo dos Estados Unidos para a Bélgica e retornando para os Estados Unidos. Talvez o criminoso e o FBI estivessem separados por apenas alguns quilômetros, ambos se comunicando através de um caçador de pedras da Antuérpia. Eram os dias mais empolgantes da vida de Axel desde a temporada que passou no exército, embora ele fizesse pouco mais do que se sentar diante de uma tela de computador na sala.

Axel,

Para tentar manter as coisas claras entre nós, vou falar das minhas preocupações. Como você sabe, é ilegal vender pedras lunares provenientes do projeto Apollo nos Estados Unidos. Obviamente, esse fato não me desencorajou, pois vivo nos Estados Unidos. Porém, preciso ser cauteloso e garantir que esta negociação seja tratada com cuidado para que eu não sofra uma exposição pública. A mesma lei que torna ilegal a venda das pedras lunares do projeto Apollo também as transforma, para nosso benefício mútuo, em itens muito raros e valiosos. O retorno projetado para este negócio é de pouco mais de 250 mil dólares e eu, naturalmente, prefiro me envolver em uma única negociação para liquidar com o assunto e minimizar meus riscos pessoais. Tendo dito isto, se pudermos construir uma relação de mais confiança, talvez eu possa fazer negócio com você por 150 mil dólares e depois, se encontrar mais compradores, você pode comprar o resto. No entanto, isso diminui minha segurança e aumenta o risco. Portanto, só me sentiria à vontade de fazer tal coisa se aprendesse a confiar em você, o que é difícil diante das circunstâncias. Talvez você devesse me dar os nomes de seus parentes/contatos nos Estados Unidos e fazer com que eles entrem em contato comigo por e-mail e a partir daí deveremos construir uma relação de confiança. Eu poderia encontrá-los nos Estados Unidos, resolver nossas preocupações mútuas e confirmar a autenticidade dos exemplares por intermédio deles. Posso adquirir três exemplares muito singulares e valiosos e estou esperando para lhe fornecer maiores detalhes sobre eles quando tivermos uma relação de maior confiança. Um deles envolve poeira. Por favor mantenha-me informado se for impossível para você encontrar mais investidores para tornar possível essa compra. Prefiro esta solução a duas compras. De uma forma ou de

outra, estou interessado em manter uma relação de negócios com você e desejo que consiga obter um bom lucro com nossa operação. Por favor, escreva-me para dividir seus pensamentos e preocupações.

Obrigado.

Atenciosamente, Orb Robinson

Axel ficou analisando o tom de Orb Robinson, assim como a mensagem em si. Parecia que o pequeno fraudador estava ficando frustrado com os fundos limitados de Axel — e também aparentava estar muito ansioso para resolver a situação. Tinha mencionado ainda "três exemplares muito singulares e valiosos", o que era bastante específico. Se fosse uma fraude, por que apresentaria qualquer especificação?

Axel combateu o desejo de responder sozinho e esperou até o FBI lhe enviar o esboço do que deveria dizer:

Sr. Emmermann:

A seguir, a resposta que gostaríamos de enviar a Robinson:

Olá Orb,

Eu preferia fazer a primeira aquisição no valor de 100 mil dólares, como havíamos falado. Se as pedras lunares forem autênticas e tudo correr bem, será bem mais fácil convencer outras pessoas a investir e ajudar em uma segunda aquisição. Falei com meu irmão e minha cunhada e eles estão dispostos a adquirir as pedras lunares para mim. Como lhe disse antes, minha cunhada também tem como hobby colecionar minerais. Ela me permitiu passar para você seu endereço de e-mail, que é xxxxxxxxxxxxxxx@xxxxxx.xxx e disse que está disposta a me representar nesta transação inicial. Embora confie em minha cunhada, não confio necessariamente em sua capacidade. Como você irá demonstrar que as pedras lunares que está oferecendo são reais? Pode me fornecer também a documentação? São meteoritos ou amostras de uma das missões Apollo? Não estaria interessado na aquisição de meteoritos.

Atenciosamente,

Se Robinson gostar disso, acho que a próxima mensagem provavelmente será

dirigida para mim e para a agente Nance. Irei manter você informado.

Agente especial Lawrence A. Wolfenden, Divisão de Tampa

Ao ler a nova carta e repassá-la para Orb Robinson, Axel compreendeu que dali em diante, se tudo corresse bem, Robinson entraria em contato diretamente com a "cunhada" e o FBI assumiria o comando. Ele se sentiu murchar quando percebeu que perderia o lugar na primeira fila que tinha até então na investigação. Mas não havia muito mais que ele pudesse fazer na Antuérpia e não entraria em um avião para se encontrar frente a frente com um gênio do crime. Pelo e-mail, parecia que o FBI estava juntando cem mil dólares para tentar convencer esse tal Orb Robinson a fechar o negócio. O agente Wolfenden parecia estar levando tudo bem a sério.

O e-mail seguinte de Robinson, enviado uma hora e dezoito minutos depois apenas, foi o último que Axel receberia por algum tempo. Se era uma fraude, Robinson iria levá-la até a beira do precipício, até o momento de trocar o dinheiro pela pedra:

Axel,

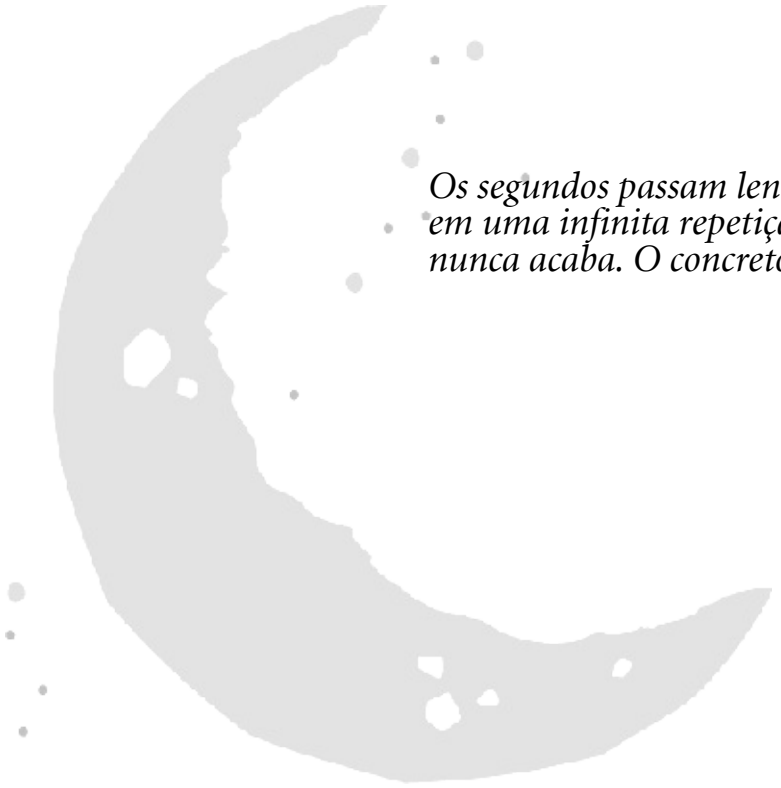
Como confio na autenticidade das pedras, espero que você seja capaz de encontrar muitos clientes rapidamente após nossa primeira transação e continuarei, por enquanto, a planejá-la. Mandarei um e-mail para sua cunhada e marcarei o horário e o local para nos encontrarmos. Assegure-se de que ela estará preparada para pagar em dinheiro e eu garantirei que ela receba todos os documentos relevantes e publicações relativos a cada um dos exemplares. O tipo de prova que fornecerei serão publicações científicas que podem ser facilmente verificadas e reproduzidas por você. Nesses documentos/publicações, existem medidas quantitativas descrevendo as amostras, fotos e descrições delas que são impossíveis de se falsificar. Eu aconselho você a recomendar que sua cunhada traga todo o equipamento científico que puder caso queira mais garantias das propriedades precisas das amostras. Não posso alertá-lo sobre quais são exatamente essas amostras antes da negociação porque o risco se torna grande demais. Porém, compreendo que, durante a transação, ela (e presumo que o marido dela também estará lá para garantir sua proteção) vai ter muito tempo para verificar tudo antes da compra. Portanto, vamos discutir os detalhes minuciosamente, antes de tudo acontecer. Por favor, permaneça em contato e me informe sobre qualquer mudança de plano, preocupações ou novidades.

Obrigado,
Orb

Ao ler este último e-mail, Axel precisou admitir que aquilo não parecia mais uma fraude elaborada. Talvez sua esposa tivesse razão em se preocupar. Talvez houvesse mesmo algum perigo nesta caixa de Pandora. Axel ficou feliz por ter trazido o FBI para a história, pois autoridades de verdade lidariam com tudo dali para frente. Super-herói ou não, Axel não se sentia mais em uma brincadeira. Tudo estava começando a parecer bastante sério — e o que quer que viesse a acontecer iria acontecer em breve.

Agora Axel tinha certeza de uma coisa.

Orb Robinson estava a ponto de cometer um crime grave.



Os segundos passam lentamente. Eles se desdobram em uma infinita repetição, ecoando um dia que nunca acaba. O concreto frio é eterno.

20

Centro Espacial Johnson, 6 de junho de 2002

Thad pressionou os solados de borracha contra a superfície branca, brilhante e curvilínea da Estação Espacial Internacional e se soltou, sentindo uma súbita onda de adrenalina enquanto seu corpo flutuava para frente. Os braços ergueram-se por instinto para os lados do corpo, com as palmas das mãos estendidas dentro de luvas, e por um momento ele parecia uma espécie de anjo sem asas deslizando no vazio devastadoramente azul. Então seu corpo começou a girar e dar cambalhotas para frente sobre o próprio eixo, como um cata-vento humano em câmera lenta que descreve um arco cuidadosamente modulado, movendo-se cada vez mais para longe do imenso casco da estação em uma sinfonia de movimentos sem peso. Quase de imediato, outra forma começou a aparecer nos cantos da visão giratória de Thad. Usando os braços com habilidade para desacelerar as rotações, em um instante ele voltou a ficar quase parado, flutuando de cabeça para baixo no vazio azul. Pelo visor de acrílico ele olhou para a forma, agora mais bem definida.

Mesmo vendo de ponta-cabeça, o ônibus especial era belo. De seu ângulo, Thad distinguia apenas uma parte do compartimento cilíndrico de carga, mas sua mente completou as lacunas. Do bico curvilíneo e elegante atravessando o azul em algum ponto lá em cima à protuberante barbatana de tubarão da cauda erguendo-se para o alto, fora de sua visão, a presença poderosa era inteiramente palpável, mesmo paralisado a cerca de 15 metros. Thad estava tão fascinado pela visão que não reparou que a portinhola embutida na metade da fuselagem se abriu até ficar quase perpendicular em relação à nave.

Ele não podia distinguir detalhes àquela distância. O interior do compartimento de carga não guardava nada além de uma cavidade escura. No entanto, uma nova forma apareceu de repente na escuridão, erguendo-se até encher a abertura como uma espécie de criatura alienígena. Bulbosa, ainda mais

branca do que a Estação Espacial Internacional atrás de Thad, a criatura tinha braços e pernas e era claramente mais máquina do que homem. Suas pernas eram grossas como troncos de árvores, terminando em enormes botas com solas de borracha. Os braços, quase tão grossos quanto as pernas, estendiam-se para fora, com mãos calçadas com luvas que seguravam os lados da portinhola aberta como se estivesse se preparando para dar um grande salto à frente. O tórax branco da coisa era transpassado por tubos e mangueiras que corriam por ambos os lados até uma gigantesca mochila retangular presa às suas costas.

Ainda de cabeça para baixo a mais de 15 metros de distância, Thad ergueu o olhar para o rosto da criatura. O único problema era... que não havia um rosto — onde deveria estar o rosto ele viu uma lâmina côncava feita de um material dourado, que refletia a luz, tão liso que reluzia como se fosse iluminado por sua própria fonte interna de luz.

— Meu Deus — sussurrou Thad.

Não era a primeira vez que colocava os olhos em uma Unidade de Mobilidade Extraveicular, também chamada de EMU, do inglês *Extravehicular Mobility Unity*, mas era a primeira que via uma como *esta*: totalmente operacional, usada por um astronauta de verdade no momento em que ele estava a ponto de deixar o compartimento de carga do ônibus espacial. Unidade de Mobilidade Extraveicular era um nome particularmente elaborado para um traje espacial — mas, para ser justo, um traje espacial *muito* elaborado. Mais parecido com uma espaçonave, era uma unidade independente projetada para proteger o astronauta das condições difíceis do espaço. Com a construção derivada do projeto original empregado durante as missões Apollo, a EMU era uma das mais sofisticadas ferramentas do arsenal da Nasa. Da rígida parte superior do tórax, feita em fibra de vidro, que continha o módulo de controle e os sistemas primários de sustentabilidade de vida — de onde saíam os tubos e as mangueiras que controlavam o oxigênio e o resfriamento e aquecimento de líquidos para manter o astronauta vivo —, passando pelo capacete ultrassofisticado composto por um respiradouro que controlava o fluxo e a pressão do oxigênio, à bolha, essa fácil de reconhecer, coberta pelo visor extraveicular e revestida com uma fina camada de puro ouro para filtrar os perigosos raios do Sol.

Fora da televisão e do cinema, bem poucas pessoas tiveram a chance de ver uma EMU em ação, e agora Thad observava uma bem de perto. Era um momento espetacular, congelado no tempo, e ele desejou poder ficar ali para sempre, de cabeça para baixo na vastidão azul, perdido em sua própria mente, em suas fantasias — porque nas fantasias era ele quem usava a EMU, olhava para

fora pelo visor dourado, saía pela porta do compartimento de carga e mergulhava no vazio do espaço. Era ele com a roupa de astronauta, começando uma caminhada espacial a centenas de milhares de quilômetros da Terra, avançando em direção à Estação Espacial Internacional, juntando-se às fileiras de homens e mulheres heroicos que se arriscavam no espaço enquanto o mundo inteiro assistia. Ele não era o pobre mórmon rejeitado pelos pais e expulso de casa, aquele que vivia um relacionamento em franca deterioração, o sujeito com uma personalidade e em um lugar aos quais ele não pertencia, mas um astronauta de verdade, a ponto de fazer algo perigoso e importante, para deixar sua marca na história. E então, do nada, uma voz reverberou por dentro dele, trazendo-o de volta a si mesmo, pendurado de cabeça para baixo no infinito azul.

— Comandante do ônibus, aqui é o Controle de Missão. Prossiga com a atividade extraveicular. Delta Alfa, a nosso comando.

Thad estremeceu como se as palavras se movimentassem através de seu crânio. Era uma estranha sensação, um som traduzido diretamente pelos ossos, como se as palavras viessem de dentro de seu corpo, e não de um transmissor que saía de sua máscara. O condutor ósseo de sons era outro brinquedo legal da Nasa, e apesar de Thad poder apenas receber sons, sem responder, aquilo acrescentava toda uma nova dimensão de ficção científica ao momento que testemunhava.

— Afirmativo, Controle de Missão. Quando mandar.

A resposta tinha um leve sotaque, talvez do Texas ou de Louisiana, mas Thad não conseguia identificar com precisão aquela voz. Não conhecia pessoalmente o astronauta que deixava o compartimento de carga, mas se ficasse próximo o bastante tinha certeza de que poderia reconhecer o homem dentro do capacete. Só aquele pensamento já era muito empolgante. Embora estivesse na primeira semana de sua terceira e última visita, Thad ainda não tinha conhecido um número de astronautas grande o bastante para que ele deixasse de vê-los como divindades. E agora, ao observar um em plena ação dentro de uma EMU, não era para menos, pois eram mesmo parecidos com deuses. Ele desejava poder dizer algo, queria que o transmissor funcionasse nos dois sentidos, em vez de ser apenas um observador silencioso. Mas, afinal de contas, o que ele diria? Apesar das fantasias, ele era apenas um estagiário.

— Agora.

Houve apenas uma breve pausa, e então o personagem no traje espacial se lançou para fora da porta do compartimento de carga. O traje bulboso flutuou para frente com o dobro da velocidade com que Thad originalmente se lançara

da estação espacial. Era espetacular de assistir. E não era um sonho, não era uma fantasia — mas, ao mesmo tempo, também não era de todo *real*.

— Roberts — uma voz diferente soou de repente pelo transmissor de condução óssea de Thad —, bom trabalho em prender a câmera estroboscópica ao corpo da estação. Pode vir à tona. O doutor vai verificar como você está e depois pode ir para o chuveiro.

Thad suspirou, deu uma última olhada no astronauta com a EMU, depois girou o corpo e bateu os pés de pato de borracha. Ziguezagueou para cima sentindo a água azul e fresca se chocando contra sua roupa de mergulho. Apesar de estar respirando nitrox, e não ar comprimido comum, ainda precisava tomar cuidado para não subir depressa demais. O nitrox, mistura regulada para controlar a absorção de nitrogênio do corpo a fim de ampliar o tempo de mergulho, oferecia certa proteção, mas havia sempre o risco da doença de descompressão. Ele tinha ficado lá embaixo por muito tempo, prendendo a câmera no casco da estação de uma forma perfeita para que o Controle de Missão pudesse fotografar a caminhada espacial simulada. Foi um trabalho exaustivo — ainda mais difícil por conta da atmosfera de gravidade próxima a zero naquela profundidade —, e mesmo com uma lanterna presa ao respiradouro era difícil enxergar, devido à natureza azul, estranha e avassaladora das profundezas.

Thad estava exausto, mas ainda se movimentava com o controle preciso de um mergulhador experiente, subindo metro a metro com o mínimo esforço das pernas e das nadadeiras. Sua cabeça finalmente rompeu a superfície da água e o azul desapareceu de seus olhos em uma explosão de viva iluminação fluorescente. Ele precisou de alguns minutos para nadar os vinte metros que o separavam de Brian Helms, de pé, que olhava para baixo com um sorriso de aprovação no rosto. A roupa de mergulho de Brian estava aberta, caída para trás a partir da cintura, revelando um peito nu que tinha quase tantos ângulos ossudos quanto seu rosto triangular. Assim como Thad, que ainda estava na água, Brian ofegava. Ele havia acabado de sair da piscina, momentos antes.

Para Thad, chamar aquilo de "piscina" não fazia jus à grandiosidade do ambiente: o Laboratório de Flutuabilidade Neutra era simplesmente colossal, uma das mais impressionantes instalações da Nasa, embora não estivesse localizado no campus do Centro Espacial Johnson, e sim no ultrasseguro prédio Sonny Carter, que ficava a dez minutos do campus principal indo de carro por dentro de Clear Lake. Aquele laboratório era a maior piscina coberta do planeta. Com 61,5 metros de comprimento, 31 metros de largura e 12,3 metros de

profundidade, continha 22 milhões de litros de água e era o principal ambiente para treinamento de astronautas em funcionamento.

Olhando para trás e vendo a vasta extensão de água, Thad achava difícil acreditar que lá embaixo, de onde acabara de voltar, havia uma completa reprodução da Estação Espacial Internacional, do compartimento de carga do ônibus espacial e até mesmo do telescópio Hubble. Os únicos indícios do que se encontrava no fundo eram os enormes guindastes mecânicos em amarelo vivo, que pendiam sobre a água, usados para reposicionar as reproduções para diferentes projetos e programas de treinamento. Embora Thad estivesse trabalhando no Laboratório de Flutuabilidade Neutra nos últimos seis dias, ele ainda ficava admirado com as instalações. Quando chegou à Nasa, leu a respeito do laboratório, mas vê-lo ao vivo era uma experiência realmente acachapante. Pois de muitas formas, assim como o Simulador de Ônibus Espacial onde ele havia se esgueirado em sua primeira semana, aquilo era o mais próximo do espaço que um não astronauta poderia chegar.

No fundo da piscina, os astronautas podiam praticar caminhadas espaciais, como Thad acabara de testemunhar, além do trabalho no interior da estação espacial e do ônibus em uma atmosfera de flutuação neutra. As EMU protegiam os astronautas da água e da pressão, e com a ajuda de mergulhadores para mantê-los flutuantes eles podiam chegar bem perto da sensação real de viver e trabalhar na gravidade zero. Dentro das EMU, os astronautas usavam ceroulas e uma fralda corporal, além de tubos com líquidos para aquecimento e resfriamento que os mantinham em temperaturas adequadas. Luvas, reguladores, ventiladores, comunicadores dentro do capacete — a EMU continha tudo que o astronauta usaria em uma autêntica caminhada espacial e era mantida em uma pressão interna perfeita de 4,3 psi. Vestido assim, um astronauta podia viver com o traje por quase nove horas, e embora a experiência fosse um pouco alterada para o ambiente subaquático o conceito era incrivelmente parecido. Qualquer missão que acontecia no espaço começava ali, e agora Thad fazia parte daquilo tudo, trabalhando em projetos que um dia seriam reproduzidos no espaço sideral.

Thad se pegou sorrindo como Brian ao sair da piscina para o deque amplo e gradeado do Laboratório de Flutuabilidade Neutra. Seu corpo estava cansado e ele podia ouvir o coração batendo dentro do peito. Tinha ficado um pouco mais de tempo do que imaginava. Por causa do nitrox, era improvável que tivesse doença de descompressão, mas, mesmo assim, depois que o médico o examinasse e o mandasse para o chuveiro, precisaria ficar ali mais algumas horas

e ser examinado de novo para garantir que o tempo debaixo d'água não tinha causado qualquer dano. Porém, na realidade, ele não se importava com os riscos físicos que corria como assistente de mergulho daquele local. Não trocaria o posto por nada. Era a função dos sonhos dos *co-ops*, a vaga mais disputada no programa de estágio da Nasa. O fato de estar ali, no deque do Laboratório de Flutuabilidade Neutra, e de Brian estar com ele era pura sorte. Na verdade, mais timing do que sorte — como muitas coisas na vida de Thad, tinha a ver com estar no lugar certo na hora certa e saber como aproveitar uma oportunidade.

* * *

Depois de duas visitas alocado no departamento de ciências da vida, Thad começou a procurar algo diferente, mais dinâmico, em que ele pudesse aproveitar suas habilidades pouco comuns para impressionar o alto escalão da Nasa. Então, quando ouviu falar que havia uma vaga disponível no Laboratório de Flutuabilidade Neutra, ficou interessado no mesmo instante. E o fato de Brian, que tinha decidido voltar para a Nasa para uma rara quarta visita por exigência da mãe, também estar interessado no posto só aumentou o espírito de competição. Em geral havia uma lista de espera de dois anos para trabalhos naquele laboratório, e sem dúvida dúzias de candidatos estariam interessados na mesma vaga.

Na semana anterior à entrevista de Thad, ele saía da costumeira reunião de terça-feira com o grupo de bombeiros voluntários — às quartas a programação era velejar; às quintas, montanhismo — quando reparou em uma coisa na calçada, bem a sua frente: uma carteira, que alguém com certeza deixara cair por acidente. Dentro dela, havia a foto de uma pessoa que Thad reconhecia vagamente de outros encontros, mas não sabia seu nome. Havia também um crachá e, assim que Thad voltou para casa, procurou o sujeito na lista de telefones da Nasa e ligou para ele. Ao cair em uma secretária eletrônica, deixou um recado.

Uma hora depois, o homem retornou a ligação, feliz por Thad ter encontrado a carteira. Já tinha cancelado os cartões de crédito e estava providenciando um novo crachá. Thad se ofereceu para deixar a carteira no seu trabalho, mas ele preferiu marcar uma hora para passar no laboratório de Thad, no Prédio 31, no dia seguinte.

Quando o homem apareceu em um pequeno conversível esportivo vermelho no horário marcado, Thad ficou surpreso ao ver como ele parecia estar grato

com seu gesto. Não havia feito nada que outra pessoa não faria. Porém, de qualquer maneira, no final do dia Thad já tinha se esquecido daquele encontro. Na verdade, não se lembrava sequer do nome do sujeito.

Uma semana depois, ele e Brian faziam o possível para se manterem otimistas enquanto seguiam juntos de carro, pelo curto trajeto de dez minutos até o Centro de Treinamento Sonny Carter, para a entrevista do Laboratório de Flutuabilidade Neutra. Os dois ficaram empolgados só de ver o prédio, pois era um dos mais importantes da instituição e nenhum deles tinha permissão para entrar lá sem um acompanhante. Não achavam que teriam mesmo a oportunidade de caminhar à beira daquela imensa piscina, mas o simples fato de se encontrarem no mesmo edifício onde os astronautas treinavam debaixo d'água já seria uma experiência espantosa.

Quando entraram no prédio, foram encaminhados para uma pequena sala de espera bem diante das portas pesadas que conduziam à área principal. Não foi surpresa o fato de Brian ter sido o primeiro a ser levado pelo corredor até os escritórios da administração. Agora não restava dúvida de que sua mãe tinha dado um telefonema. Thad não invejava os bons contatos do amigo. Se tivesse a sorte de ter nascido filho de astronauta, andaria o tempo todo com uma foto do pai ou da mãe na carteira.

Vinte minutos depois, Brian voltou para a sala de espera com um imenso sorriso no rosto.

— Eu e ele estudamos na mesma faculdade — disse, mal contendo a alegria. — Então tivemos muito assunto para conversar. Acho que estou dentro.

Thad o parabenizou. Estava realmente feliz pelo amigo, não só porque gostava de Brian e o respeitava — mas, se Brian tivesse acesso ao Laboratório de Flutuabilidade, talvez fosse capaz de levá-lo junto, de vez em quando.

Passaram-se mais vinte minutos antes que Thad fosse chamado para a entrevista. Brian desejou-lhe sorte e Thad seguiu pelo corredor que levava ao escritório do gerente. A sala ficava no fim e a porta já estava aberta. Ele entrou, olhou o que parecia ser um espaço imenso com uma enorme escrivaninha no meio. Havia um homem sentado, de costas para a porta, digitando sem parar no computador. Thad teve a impressão de que ele já tinha tomado sua decisão. Não parecia ansioso para se encontrar com mais um estagiário.

No entanto, quando o homem se virou, Thad levou um susto. O sujeito sorria exatamente da mesma forma que havia feito na semana anterior, quando Thad devolveu para ele a carteira perdida. Seu nome era Mike e, por uma daquelas coincidências malucas da vida, era um dos gerentes de projeto do

Laboratório de Flutuabilidade Neutra, incumbido da tarefa de contratar um novo estagiário para a vaga de assistente de mergulho.

— Podemos acabar com o suspense agora — ele disse —, porque você ficou com a vaga. Você e seu colega lá fora: vou ter que dar um jeitinho, mas com toda certeza podemos abrir espaço para dois. Mas precisamos ficar aqui durante pelo menos 15 minutos para parecer que estamos fazendo uma entrevista, senão posso ter problemas.

E durante os 15 minutos seguintes eles conversaram principalmente sobre o laboratório e sobre como Thad precisaria de um novo certificado de mergulho que atendesse aos padrões de exigência da Nasa. Thad não estava preocupado com nenhum teste. Até então, nunca havia fracassado em algo que estivesse determinado a fazer.

* * *

— Não me importa o quanto aquela piscina monstruosa é legal — berrou Brian, sob o som de chuveirinhos da era espacial que jorravam em todos os ângulos do seu corpo. — O que me deixa doido mesmo são as malditas toalhas.

Thad sorriu, erguendo o rosto para deixar que um dos bocais do chuveiro lançasse água em seu pescoço e na parte superior do peito. A tensão estava se esvaindo enquanto os jatos de água superaquecida variavam entre o suave e o intenso, de acordo com um programa de massagens preestabelecido. Os chuveiros dos astronautas pareciam ter saído de um episódio dos *Jetsons*. Os boxes em si eram cápsulas inteiriças formadas por algum material sem junções, de aparência espacial. Os painéis de controle eletrônicos afixados nas paredes lisas do interior eram incrivelmente complexos e controlavam a temperatura da água e a pressão dos jatos. Thad ficou impressionado com as variações extremas de temperatura e pressão que era possível obter. Dava para quase queimar a carne até os ossos, se você quisesse. E, como ele tinha muito tempo para passar ali, esperando ser liberado pelo médico, Thad gostava de montar programas de massagem com uma margem bem ampla de pressões e temperaturas. Os controles também permitiam que ele escolhesse os tipos de xampu e condicionador que quisesse — bastava apertar os botões do recipiente preso ao teto. Não era raro um assistente de mergulho tomar uma chuveirada de pelo menos meia hora.

E, quando Thad saía do chuveiro, era aí que o mistério se instalava. Com toda precisão, uma toalha escaldante surgia da parede diante dele. Tanto Thad como o

amigo tinham passado horas procurando os sensores que avisavam ao computador que estava na hora da toalha — sem sucesso.

— Acho que é alguma coisa que eles trouxeram do espaço — respondeu Thad, enquanto os jatos de água que golpeavam seu corpo finalmente diminuíram de intensidade, indicando o fim do ciclo. — Só pode ser uma tecnologia alienígena.

Quando a água parou por completo, ele saiu da cápsula e logo veio o zumbido mecânico, seguido por uma toalha quente. Ele agarrou a toalha e a enrolou em volta da cintura. Brian já estava diante de seu armário, resgatando a camisa da Nasa e as calças cáqui.

Enquanto Thad se aproximava do armário ao lado, um pensamento passou por sua cabeça — e aquela não era a primeira vez. Ele e Brian eram bem chegados, tinham trabalhado juntos por um bom tempo. Brian não o conhecia de fato, só conhecia aquele personagem que ele tinha inventado na Nasa, aquela pessoa que ele havia se tornado desde a primeira noite na festa da piscina. Mas Thad o considerava um bom amigo.

Ele se perguntou o que aconteceria se contasse a Brian sobre os e-mails e o jogo mental que vinha praticando. Mas então, bem depressa, afastou a ideia. Por mais que estivesse morrendo de vontade de contar tudo para alguém além de Gordon, que na realidade era pouco mais que um conhecido, Brian nunca compreenderia. Ele não veria aquilo como um jogo mental ou uma espécie de brincadeira em potencial, que era como Thad começava a descrever a situação para si mesmo. Brian enxergaria aquilo como um crime em potencial.

Embora a Nasa considerasse as pedras como lixo e não houvesse uma boa razão para que elas permanecessem armazenadas para sempre na escuridão, bem, talvez fosse *realmente* um crime em potencial. Mas, se Thad encontrasse um jeito de levar aquilo a cabo, seria um crime e tanto.

A verdade era que, apesar de Thad procurar demonstrar confiança nos e-mails que trocara com Axel Emmermann e, desde então, com a cunhada do sujeito, uma mulher chamada Lynn Briley, ele não tinha a menor ideia de por onde deveria começar a executar uma coisa daquelas. A caixa-forte lunar ainda parecia inexpugnável.

Tinha progredido um pouco organizando alguns dos passos que teria de cumprir, uns preparativos que precisavam ser feitos antes de sequer começar. No entanto, de modo geral, ele ainda não tinha ideia de como chegaria àquele cofre cheio de pedras lunares descartadas.

Era mais um motivo para querer conversar com alguém, desabafar com um

confidente. Porém, ao observar Brian em frente ao armário, enfiando seu rosto triangular pela gola da camisa da Nasa... Aquele sujeito era certinho demais, era Nasa demais por dentro.

No momento, apesar de todos os e-mails e de agora haver uma mulher nos Estados Unidos que tinha juntado cem mil dólares e estava pronta para fazer o pagamento — uma imensa quantia para Thad, que nunca imaginara possuir tanto dinheiro —, aquilo continuaria sendo um jogo mental, uma fantasia como muitas outras que faziam parte de seu dia a dia. Uma fantasia impossível, maravilhosa, aterradora.

A alguns metros de distância ficava uma piscina onde se encontravam a Estação Espacial Internacional e o ônibus espacial. A alguns metros de distância astronautas vestindo suas EMU treinavam caminhadas espaciais, enquanto o Controle de Missão os guiava, com a ajuda de transmissores de condução óssea.

Na Nasa, nada era impossível.

E eram cem mil dólares... Não seria uma boa motivação para resolver os problemas que estavam por vir? Não valia a pena correr o risco por aquele dinheiro? Thad estava em sua terceira visita. Trabalhava no Laboratório de Flutuabilidade Neutra. Era um destaque entre os estagiários. Havia uma chance de ser contratado pelo Centro Espacial Johnson depois de se formar.

Ao mesmo tempo, o relacionamento com Sonya estava quase acabado. Ele nem tinha certeza se voltaria para Utah, que parecia ficar a um milhão de quilômetros dali. A Nasa era a sua vida, mesmo que para um estagiário ela fosse mais fantasia do que realidade.

Essa não poderia ser a sua vida de verdade, um dia desses?

Cem mil dólares não era uma quantia grande o bastante para fazê-lo correr todo esse risco. Precisava de mais alguma coisa — um catalisador. Algo que transformasse o jogo mental em uma coisa diferente. Gordon tinha sido o primeiro passo, alguém que o colocou em contato com uma pessoa disposta a entrar com o dinheiro. Entretanto, para transformar isso em realidade, ele precisava de um gatilho ainda mais significativo.

Sem um novo catalisador potente de verdade, que dissipasse o ar de fantasia, aquilo nunca seria mais real do que o ônibus espacial no fundo da piscina.

21

Pensando bem, foi um erro usar chinelos de dedo. Thad tinha conseguido concluir a viagem de uma hora e meia em direção ao sul, com o Toyota comandando a pequena caravana formada, sobretudo, por carros estrangeiros caros que saiu do estacionamento externo do Centro Espacial Johnson rumo à costa do Texas, sem perder um único estagiário no caminho. Mas, assim que todos se amontoaram na balsa de um único convés para aquela curta viagem até seu destino, no istmo da baía de Galveston — os carros tão próximos que mal havia espaço para os mais ousados do grupo abrirem as portas o suficiente e se esgueirarem para fora durante o trajeto —, Thad percebeu que devia ter escolhido calçados mais apropriados. As botas espaciais do EMU com pegadas magnéticas seriam adequadas, embora seus Timberlands empoeirados já servissem.

Ele cambaleou para frente quando a balsa bateu com força em uma onda errante e mal tinha recuperado o equilíbrio ao quase tropeçar sobre o capô de um BMW sedã preto. Havia uns cinquenta centímetros entre o BMW a sua direita e o Range Rover à esquerda, e Thad foi obrigado a andar de lado enquanto passava entre os carros. Os chinelos de dedo estavam levando sua noção de equilíbrio — normalmente perfeita — à loucura. As malditas solas se prendiam nos sulcos de metal que desfiguravam o piso da balsa, e era muito pouco provável que ele estivesse causando uma boa impressão enquanto visitava a fileira de carros, saudando os estagiários que o seguiram até ali. Não era como se tivesse se esquecido de preparar um discurso nem nada, mas ele tinha uma reputação a preservar. Muitos dos garotos que estavam na primeira ou segunda visita não o conheciam pessoalmente, mas a maioria tinha se inscrito na excursão de final de semana porque Thad Roberts, astro da cena social da Nasa, era o organizador, o que indicava que seria algo divertido, algo diferente. *Uma aventura.*

Ele foi até a janela do motorista do BMW e apertou a mão de um jovem que estava lá dentro, apresentando-se. Arquivou o nome do sujeito em sua memória

quase fotográfica e continuou até o próximo carro. Outra onda o empurrou contra o porta-malas do Range Rover, e ele então improvisou, dando tapinhas nas mãos de um jovem casal no banco de trás do veículo, *co-ops* do segundo ano que ele reconheceu do refeitório do Centro Espacial. Depois se endireitou com a ajuda do para-choque de um Mercedes de quatro portas.

A excursão para a baía de Galveston era uma das mais populares, e por isso ele tinha escolhido programá-la para o primeiro fim de semana da terceira visita. As praias para onde se dirigiam tinham regras bem flexíveis — o que queria dizer que, ao anoitecer, Thad poderia acender várias fogueiras sem se preocupar com a possibilidade de aparecerem autoridades mandando que fossem apagadas. Haveria álcool, é claro, embora Thad não tivesse trazido nada, nem planejasse usufruir. Ele provavelmente nunca seria capaz de olhar para bebidas, cigarros ou drogas de qualquer espécie sem se lembrar das histórias impressionantes que seu pai contava sobre inferno e condenação, mas gostava de ficar perto da atmosfera festiva que o álcool costumava inspirar. Não que a bebida e as fogueiras fossem os pontos altos da excursão — nisso a natureza superaria qualquer coisa que ele ou seus protegidos pudessem organizar.

A praia para onde se dirigiam era conhecida não só pela omissão da polícia. Para onde iam, as algas eram a principal atração. Thad sempre acreditou que as algas bioluminescentes eram algo a ser visto de perto. Não havia nada como entrar no mar com água até a cintura, agitar as mãos no fundo e ver a água se iluminar como se fosse o Quatro de Julho.

E, se a fogueira e os fogos de artifício de algas não bastassem, Thad tinha algo ainda mais espetacular planejado para o final. Ia fechar o encontro com uma aventura da qual todos os *co-ops* se recordariam pelo resto de suas visitas.

Estava tendo mais sorte em manter o equilíbrio quando passou pelo Mercedes e por um segundo BMW, apertando as mãos dos estagiários que enchiam os veículos. Pelo avanço da balsa, ele percebia que faltavam apenas dez minutos para chegar a seu destino e ele estava a ponto de voltar para seu carro quando reparou no Jeep Cherokee na frente da fileira à esquerda, a apenas dois carros de distância. Achou que poderia muito bem chegar até a ponta e cumprimentar todo mundo. Além do mais, ele conhecia o motorista do Jeep, um estagiário em sua segunda visita chamado Chip Ellis, que já tinha participado de uma dúzia de excursões.

Estava quase alcançando o Jeep quando, ao olhar pela imensa janela traseira do veículo, notou que havia duas passageiras no banco de trás. Garotas que ele não reconhecia, uma delas alta e com cabelo claro e, do outro lado, uma do tipo

mignon, de cabelos pretos e bem curtos, com um corte quase ao estilo pajem.

Concentrado nas garotas, usou as mãos para avançar até a frente do Jeep, em uma tentativa de não ser jogado para frente no último momento e fazer papel de idiota. Pelo jeito como os rostos das meninas se iluminaram quando o viram passar na janela lateral rumo ao motorista, Thad percebeu que, apesar de nunca ter visto as duas antes, elas sabiam quem ele era.

Chip abaixou o vidro e apertou a mão de Thad vigorosamente antes de apresentá-lo às damas. A loura se chamava Rachel, engenheira física da Carolina do Sul que tinha começado a primeira visita trabalhando com veículos de exploração submergíveis controlados por rádio. Thad concluiu que, mais cedo ou mais tarde, ele provavelmente a veria no deque do Laboratório de Flutuabilidade Neutra.

A outra moça, a morena baixinha, chamava-se Rebecca. Chip a apresentou como uma promissora bióloga. Tinha apenas vinte anos e estava lá há uma semana, em sua primeira visita, mas já havia impressionado Bob Musgrove e outros cabeças do programa de estágio, convencendo-os a deixá-la conduzir seu próprio experimento sobre fotossíntese e vida vegetal. O crescimento das plantas em gravidade zero era uma das áreas de estudos mais importantes na Nasa, agora que Marte estava sob os holofotes. Criar um ambiente sustentável envolveria, um dia, o mundo secreto da biologia botânica.

Thad mal registrou o fato de que Rebecca já vinha sendo descrita como uma cientista brilhante. Agora que estava perto o bastante para vê-la pela janela aberta, ele estava tendo uma reação quase vascular.

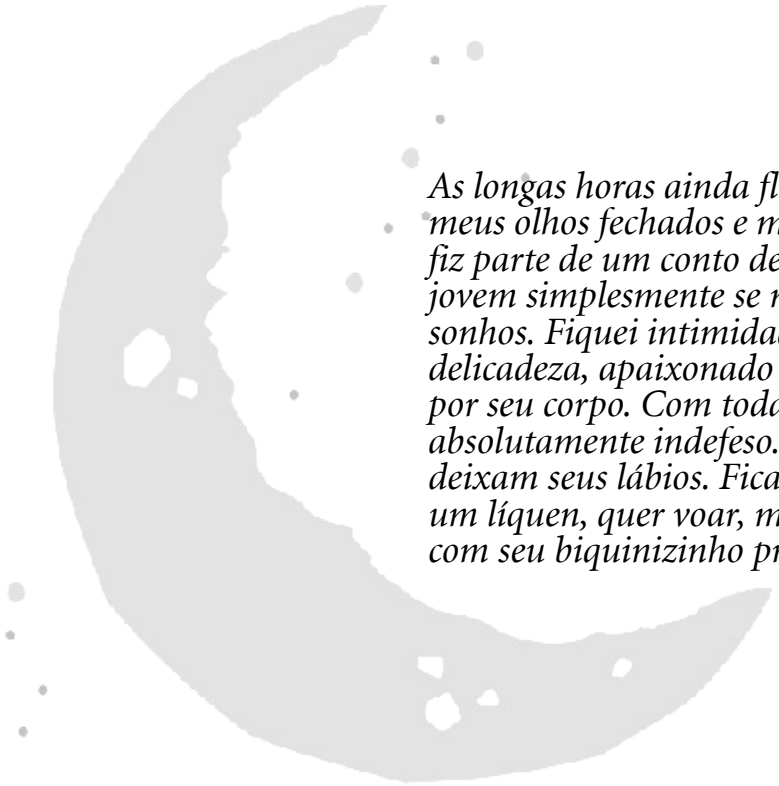
Fisicamente, ela era deslumbrante. O cabelo era negro e brilhoso, emoldurando um rosto que parecia ter sido esculpido em porcelana das mais finas. As maçãs do rosto eram altas e os alegres olhos azuis se iluminavam de um jeito que lembrava as algas bioluminescentes que estavam indo observar. Vestia uma camiseta branca e um short bem curto. Mesmo de relance, era fácil notar seu corpo firme e atlético. Um fiapo de pele desnuda entre a camisa e o short fez com que Thad sentisse calafrios percorrerem sua espinha e ele então desviou o olhar. Para sua completa surpresa, sentia-se intimidado por aquela garota que não devia pesar muito mais do que quarenta quilos.

Não lhe dirigiu nenhuma palavra — ainda assim, estava apavorado que a jovem pudesse enxergá-lo por dentro, por trás da personalidade exuberante que havia criado, que visse exatamente a sua essência. E ele não queria outra coisa a não ser que ela reagisse a sua essência da mesma forma como ele reagia à presença dela. Sentia-se entorpecido, como se tivesse passado um minuto a mais

do que devia no Laboratório de Flutuabilidade e agora precisasse que os médicos o enviassem direto para aqueles chuveiros saídos de uma ficção científica.

Por isso, ele fez a única coisa em que pôde pensar. Ignorou-a por completo, concentrando-se no conhecido do banco dianteiro. Jogou conversa fora por alguns minutos e depois voltou às pressas para o fim da fileira de carros, rumo ao Toyota. Seu coração martelava e ele não se incomodava mais com a forma como os chinelos de dedo agarravam no chão irregular. Lutou contra a vontade de olhar para trás para ver se ela o observava. Tinha a sensação de que, se fizesse isso, haveria uma boa possibilidade de perder de vez o equilíbrio e acabar debaixo de um dos carros. Não sabia explicar o que sentia. Se tinha alguma relação com o progressivo fim de seu relacionamento com Sonya, bem, o timing não poderia ser melhor. Ele precisava de uma experiência nova.

Quando alcançou seu carro, teve a sensação de que os novos estagiários não eram os únicos a ponto de embarcar em uma aventura capaz de transformar suas vidas.



As longas horas ainda florescem. Eu as vejo com meus olhos fechados e me lembro de como, certa vez, fiz parte de um conto de fadas. Como a mais bela jovem simplesmente se materializou, saída de meus sonhos. Fiquei intimidado por sua graça e delicadeza, apaixonado por sua mente e fascinado por seu corpo. Com toda minha confiança, me senti absolutamente indefeso. Palavras em francês deixam seus lábios. Fica empolgada em me mostrar um líquen, quer voar, me traz o céu, pula na água com seu biquinizinho preto — é a primeira!

22

Aconteceu tão depressa que Thad não teve chance de reagir.

Estava na metade do discurso, com os braços estendidos, as palmas das mãos abertas, como se fosse um ator de uma produção de segunda em alguma escola de teatro — Júlio César implorando ao Senado, só que neste caso César estava praticamente nu, a não ser por um calção de banho amarelo berrante da Ocean Pacific que se grudava a suas coxas musculosas, e o Senado era um bando de garotos de 19 e 20 anos apavorados e amontoados, com as costas apoiadas contra um afloramento rígido de rocha com veios de granito. Os calcanhares descalços de Thad estavam dois centímetros para fora da beirada do penhasco onde eles se encontravam, um espaço de poucos metros de pedra praticamente plana que terminava de uma forma que só poderia ser descrita como um verdadeiro precipício. Era uma queda arrebatadora de 15 metros até o reservatório natural lá embaixo. A magnitude daquela queda fazia parecer ainda mais absurdo o que Thad dizia para os estudantes ali reunidos. E o fato de ter praticado seu discurso de motivação meia dúzia de vezes na noite anterior não o ajudou em nada.

— Tudo bem, gente, a história é a seguinte. Sei que, daí de onde vocês estão, tudo parece ser muito radical. E não vou mentir para vocês, a queda atrás de mim é intensa mesmo. São 15 segundos, talvez 30, que vão parecer uma vida inteira, e ninguém vai segurar a mão de vocês na descida. Será cada um de vocês sozinho, com o ar zumbindo e a água se aproximando a toda velocidade. Pois é, vocês têm motivos para se apavorar.

Não era *Coração Valente*, nem *Gladiador* e muito menos *Spartacus* — mas Thad percebeu que tinha conseguido chamar a atenção deles. De olhos arregalados, mal respirando, os estudantes ouviam todas as palavras que ele dizia.

— Agora — prosseguiu, com a voz mais tranquilizadora possível. — Ninguém vai obrigá-los a saltar dessa beirada, assim como ninguém obrigou vocês a me seguir até aqui. Ninguém segurou as suas mãos e disse que era algo que precisavam fazer. E não é uma coisa que vai entrar para o currículo de vocês.

Certamente não é algo que vá impressionar seus pais nas férias de Natal. Se fizerem isso, se tiverem a coragem, será apenas pela experiência. Não vai ajudá-los a entrar na pós-graduação ou a obter aquele emprego que todos nós um dia esperamos conquistar. É só uma experiência. Mas será a *sua* experiência e ninguém nunca vai tirá-la de vocês...

E aconteceu bem naquele instante. Sem aviso, subitamente começou uma movimentação rápida vinda do fundo da multidão de estudantes apavorados. Uma pessoa se lançava para frente, com as pernas nuas movendo-se agitadas enquanto corria direto para a borda. A boca de Thad se escancarou quando ele a viu passar lembrando mais uma aparição do que uma universitária de vinte anos, com seu corpo miúdo e firme, que naquele momento era mais constituído de pernas do que qualquer outra coisa. E naquele breve segundo ele percebeu duas coisas. A garota não usava nada além de um minúsculo biquíni preto. E Thad sabia exatamente quem ela era.

No entanto, antes que ele pudesse gritar seu nome, a garota voou como um rojão, bem do lado dele. O corpo passou a apenas alguns centímetros do lugar onde Thad se encontrava, ainda de costas para o precipício — o deslocamento de ar fez com que ele oscilasse sobre os calcanhares. Mal conseguiu recuperar o equilíbrio, agitando os braços para recompor seu centro de gravidade. Sentiu uma rajada de perfume floral, um toque sutil do xampu cítrico de uma mecha errante do cabelo curto da garota — e então ela desapareceu abismo abaixo.

Ele se virou para vê-la, estupefato — ou, para ser mais preciso, para ver o local em que ela tinha estado por um instante. Ouviu os cochichos dos outros universitários espantados, porém mal registrou as palavras. Fitando o torvelinho de ar e a poeira de granito que se ergueu por onde ela havia passado, Thad soube que algo importante acabara de acontecer. Pois nesse momento, enquanto observava aquela criatura jovem e linda se atirar do precipício com tamanho entusiasmo e total despreocupação, ele soube que tinha encontrado algo bem mais poderoso do que uma simples motivação.

Thad Roberts havia se deparado com seu catalisador.

Em sua cabeça, uma contagem regressiva teve início.

E assim, sem dizer nenhuma outra palavra para os estudantes atrás dele, Thad se lançou no precipício, atrás dela.

23

Os dedos de Thad tremiam enquanto ele discava o número de telefone pela terceira vez, determinado a chegar até o último dígito. Não ficava tão nervoso por causa de um telefonema desde a entrevista com Bob Musgrove. Embora, desta vez, não tivesse colado na parede sobre a pequena escrivaninha no seu apartamento de Clear Lake um retrato da pessoa para quem estava ligando, poderia desenhar todos os centímetros daquele rosto de porcelana. Bastava fechar os olhos.

Enquanto teclava os números, voltou a pensar no primeiro momento em que realmente olhou nos olhos dela: pouco depois de seguila precipício abaixo, ele tinha rompido a superfície vítrea do reservatório, lutando para respirar e olhando furiosamente para um lado e para o outro a sua procura — e lá estava ela. Quase em cima dele, sorrindo, dando gargalhadas e jogando água nele como se a queda de 15 metros não fosse mais do que um simples passo. Enquanto os outros estagiários em busca de aventura os seguiam, um por um, pulando do penhasco, Thad ficou com ela dentro da água, tentando estabelecer um vínculo que ela não esqueceria.

Apesar da conexão que sentiu no minuto em que a viu pular, ele se viu retornando para sua antiga personalidade tímida. Aquilo bastou para aterrorizá-lo. Não podia permitir que ela enxergasse além da fachada que ele criara na Nasa, a personalidade pela qual tanto lutou. Mas, momentos depois de começarem a conversar pela primeira vez, percebeu que não havia motivos para se preocupar. Ela estava tão arrebatada por sua reputação como qualquer pessoa no Centro Espacial Johnson. O que a fez pular, como contou com as bochechas ainda coradas pela experiência, foi a vontade de ser como ele. Tinha ouvido dizer que Thad era bom em tudo que fazia, e aquilo era incrivelmente irresistível para ela, embora não conseguisse explicar por quê.

Em algum momento antes de se arrastarem para fora do reservatório e se dirigirem para as fogueiras, Rebecca deu o número de seu telefone para Thad.

Aquilo tinha funcionado como combustível de foguete em seu calção durante toda a viagem de volta para o Centro Espacial.

Porém ligar era bem mais difícil do que seguila no precipício. Na realidade, foi outro telefonema que o convenceu a finalmente dar o passo seguinte.

Ele não falou com Sandra em momento algum durante sua estadia em Utah — mas agora, de volta à Nasa, mantinha contato quase constante, por telefone ou e-mail, com a menina quietinha e sardenta com quem tinha nadado nu, e logo os dois se tornaram bons amigos. Embora tivesse voltado para a faculdade, Sandra se tornou sua confidente durante a terceira visita dele. Falavam sobretudo dos problemas de Thad com Sonya, de sua percepção crescente de que o relacionamento com a esposa estava no fim. Não contou para Sandra sobre outras ideias que fervilhavam em sua cabeça — não queria envolvê-la, nem mesmo em um inócuo jogo mental. Mas o encontro com Rebecca não teve como não ser mencionado.

Thad esperava que Sandra o convencesse a desistir de qualquer coisa que decretasse o fim definitivo de seu relacionamento com Sonya. Entretanto, para sua surpresa, ela lhe deu o maior apoio. Talvez porque conhecesse apenas a Sonya que ele descrevia — a modelo que passava o tempo todo em boates e salões de beleza, e não a alma gêmea, amante da natureza, que o resgatou de uma infância turbulenta. De qualquer maneira, Sandra achou que Rebecca parecia exatamente o tipo de aventura que Thad precisava viver.

Quando Thad chegou ao último número, seus nervos quase o derrotaram, mas ele voltou a pensar naquele momento em que Rebecca desapareceu no precipício — e soube que estava tomando a decisão correta. Prendeu a respiração enquanto o telefone tocava três vezes e aí a voz de Rebecca preencheu seus ouvidos.

Desde o início, ela falava tão depressa que as palavras se atropelavam. Ele nem teve a oportunidade de convidá-la oficialmente para sair, pois antes disso Rebecca já tinha presumido que aquele era o motivo da ligação.

— Estou fazendo compras neste momento — disse ela, com o som do trânsito ao fundo. — Mas devo chegar às seis. Você pode vir e a gente passa um tempo junto.

As coisas estavam começando muito bem. Thad não pretendia convidá-la para sair no meio da semana, pensava em algo para o fim de semana — mas, caramba, assim era ainda melhor. Era uma terça-feira, dia em que ele tinha a reunião do grupo de bombeiros voluntários e, normalmente, não estaria livre antes das oito ou nove da noite, mas hoje ele abriria uma exceção.

Naquela noite, às seis em ponto, ele se encontrava diante da porta da frente do apartamento dela, a poucos quarteirões de sua própria residência em Clear Lake. Ela abriu a porta antes que ele tivesse a oportunidade de bater, outro bom sinal, porque provavelmente tinha observado todo o tempo que ele passou andando de um lado para o outro e juntando coragem para se aproximar da porta. Ela estava fantástica — a regata branca e o short jeans de alguma forma eram quase tão reveladores quanto o biquíni preto do mergulho no penhasco. Um telefone sem fio estava apoiado em seu pescoço. Ela então pôs a mão no bocal enquanto o recebia.

— Minha mãe — cochichou. — Está me dando conselhos sobre homens.

Thad sorriu e se inclinou para frente, para dar um beijo no rosto da garota. Era algo que ele tinha aprendido durante uma escavação paleontológica comandada por uma equipe de canadenses. Rebecca corou e ele sentiu mais uma vez aquele maravilhoso perfume floral.

— Diga a ela que eu concordo: a maioria de nós não presta. Mas existem algumas exceções.

Rebecca apontou para um curto corredor de entrada que terminava em uma sala pequena e retangular. O cômodo era inteiramente desprovido de mobília. Havia apenas piso de madeira e paredes brancas e nuas. Thad ergueu as sobrancelhas e Rebecca gesticulou em direção a um lugar perto de uma das janelas. Ele viu uma garrafa de vinho e um par de taças.

Rebecca saiu por uma porta, ainda ao telefone, e Thad atravessou sozinho a sala vazia. Presumiu que a garrafa de vinho e as taças já diziam tudo. Não precisava ser um gênio da ciência para entender para onde deveria se dirigir. Sentou-se no assoalho de madeira, de pernas cruzadas, com as costas apoiadas na parede. Pela janela, uma bela vista para um quintal cercado. Alguém havia plantado flores nas margens do gramado e ele imaginou que tinha sido Rebecca — ela ali, com os joelhos na terra, cavando carinhosamente buracos para as sementes.

Thad não se serviu de vinho. Havia se recuperado o suficiente de sua infância repressora para não crer que uma taça de vinho fosse uma passagem sem escalas para o inferno, mas ainda precisava superar a sensação de que o álcool era algo muito sério. Gostava de ver que, para Rebecca, era uma coisa casual, indiferente e sem importância o bastante para ser deixado ali em um canto da sala. Para ela, beber não era algo que se fazia para impressionar os outros, nem era um gesto de rebeldia, tampouco revelava algo sobre seu caráter. Era apenas uma garrafa de vinho.

Ela finalmente deixou o outro aposento, devolveu o telefone à base e então se sentou ao lado de Thad, no chão.

— Como você pode ver, minha mobília ainda não chegou. Então feche os olhos e imagine um sofá grande ali, outro de dois lugares aqui e uma mesa de centro.

— Não sei se aprovo sua escolha de cores. Mas gosto de todo esse couro.

Rebecca riu. Pegou a garrafa de vinho, tirou a rolha e encheu as duas taças.

— Para falar a verdade, eu não bebo — disse Thad, antes que pudesse se conter. Sentiu-se um idiota ao recusar álcool servido por uma garota gostosa como aquela. Mas havia algo em Rebecca que tornava mais difícil para ele censurar seus pensamentos. Aquilo era particularmente assustador, considerando o quanto de si ele gostava de esconder das pessoas que conhecia.

— Bem, você pode tomar só um gole — respondeu ela. — Eu fico com o que sobrar. Ou guardo para tomar mais tarde.

É, estava tudo caminhando realmente muito bem.

* * *

"Reino, *Animalia*. Filo, *Chordata*. Família, *Balistidae*. E, naturalmente, a espécie: *R. aculeatus*."

Thad recostou-se na cadeira, com uma mão distraidamente beliscando os mariscos empanados em seu prato, enquanto observava Rebecca. Ela estava quase se levantando da cadeira. Inclinava-se tão perto do espesso vidro ao longo da parede atrás da mesa deles, em um canto, que Thad podia distinguir o reflexo da garota com muita nitidez, mesmo estando ele a quase um metro de distância. Na frente dela, do outro lado do vidro, o peixe triangular colorido parecia tão fascinado quanto Thad. A linda criaturinha estava paralisada dentro da água, com as nadadeiras zumbindo como as asas de um beija-flor.

— Puxa — disse Thad, ainda concentrado na reflexão dela. — E eu achei que era apenas um peixe.

— É o que ele quer que você pense. Observe o narizinho alongado, os olhinhos tristes e velhos. Não é um peixe que chama a nossa atenção. E, quando vemos o corpo, as cores bonitas, as listras e até algumas bolinhas aqui e ali, começamos a pensar: "Tudo bem, talvez seja bonito, mas é só um peixinho." E aí você nada bem ao lado dele...

De repente, ela avançou na direção de Thad, debruçou-se sobre a mesa que os separava e arrebatou um dos bolinhos no prato do rapaz.

— E de um instante para o outro ele parte para cima de você com as presas arrancando pedaços de sua pele. O cangulo é um dos monstros marinhos mais territoriais que existem. Mergulhe perto de um que esteja protegendo seus ovos e você vai ver!

Ela então deu uma mordida perversa na comida, sorrindo enquanto mastigava. A energia dela era impressionante, quase tanto quanto a de Thad. Não houve um momento de silêncio durante o percurso de carro até o cais, e o jantar transcorreu com uma história atrás da outra. Ela compartilhava muitos de seus interesses — mergulho, idiomas, o amor pela ciência —, mas era bem mais do que uma diletante, incrivelmente inteligente e rápida para uma garota de sua idade. Caminhar pelo restaurante com aquele aquário na parede, adequadamente chamado de Aquarius, era como participar de uma visita guiada a uma exposição de biologia marinha. Ela sabia o nome, o filo e a personalidade de todos os pequenos pedaços de vida por trás do vidro e não se constrangia em exibir seus conhecimentos. Thad a achou incrivelmente revigorante.

De certa forma, ela estava tentando impressioná-lo. Várias vezes, durante a noite, contou para Thad que os novos estagiários falavam dele — de sua reputação como uma espécie de James Bond. Diziam que era bom em tudo, um líder nato.

— É verdade que você entrou escondido no ônibus espacial? — perguntou ela em um momento, abaixando a voz.

Thad riu daquela ideia. Pensou em enfeitar a história, como sua cabeça já costumava fazer, mas com ela era muito difícil não ser honesto.

— Perto. Eu entrei escondido no simulador. Mas parecia de verdade.

— Eu imagino. Chegar tão perto de realmente estar no espaço. Acho que não conseguiria dormir durante uma semana depois disso.

Lá estava aquele incrível entusiasmo. Tinha tanta vontade de se tornar um astronauta quanto ele. A julgar pelo que viu no aquário, Thad acreditava que ela sem dúvida iria impressionar todo mundo e garantir uma vaga para trabalhar no Centro Espacial Johnson quando concluísse as três visitas. A maneira como citava não apenas os nomes e as características das criaturas marinhas, mas de onde vinham e como interagiam, só podia vir de uma pessoa com memória quase fotográfica, como o próprio Thad. Era o tipo de garota que só podia ser encontrada em um lugar como a Nasa.

Thad esperou até o fim do jantar, quando deixaram o restaurante-aquário para passearem pelo cais em direção a uma imensa roda-gigante que dominava uma das extremidades do calçadão um tanto brega. Resolveu finalmente abordar

o assunto delicado que não queria calar: seu casamento e o sofrimento causado pelo desgaste do relacionamento. Mas Rebecca logo mostrou que não dava importância a coisas que não faziam parte do aqui e agora. No aqui e agora, eles eram dois jovens candidatos a astronautas caminhando na beira do cais, conversando sobre ônibus espaciais e cangulos.

Quando se aproximaram da roda-gigante, Thad não conseguiu se conter e, um pouco constrangido, procurou a mão dela. Nesse exato momento, ficou muito nervoso — e para piorar, ela fez um movimento estranho. Mas então ele percebeu que Rebecca não estava se afastando. Ela pegou mão de Thad e colocou-a na sua cintura.

Daquele momento em diante, seu nervosismo desapareceu. Thad estava encantado com ela, com seu intelecto, com sua personalidade, e sentindo a mesma intensidade que experimentara ao vê-la correndo para o precipício vestida naquele minúsculo biquíni.

Depois de três voltas na roda-gigante, que se erguia bem alto no céu sobre o cais — tão alto que podiam apontar as estrelas e rir de como, um dia, estariam correndo entre elas, Rebecca cuidando das plantas espaciais enquanto Thad caminharia em volta da espaçonave vestido com um EMU —, voltaram para o apartamento.

Rebecca era a segunda garota que Thad beijava na vida, e o momento foi tudo o que ele poderia imaginar. Um pouco desajeitado, um pouco constrangedor, as mãos sem saber exatamente o que deveriam fazer, o piso de madeira machucando-lhe os joelhos enquanto ele se inclinava sobre ela, que estava com as costas apoiadas contra a parede sob a janela, de onde podia ver seu jardinzinho cheio de flores — o jardim que agora Thad protegeria como um cangulo cuidando de seus ovos.

E então o beijo se tornou algo mais, com as mãos de Thad deslizando sob a camiseta justa, os dedos subindo por sua carne cálida, sentindo as protuberâncias de suas costelas e o pequeno volume de seus seios perfeitos e empinados. As mãos dela pareciam se demorar da mesma forma sobre o corpo dele, as unhas delicadas sobre os braços e as pernas musculosos dele. As coisas esquentaram com rapidez entre eles e, em algum momento, Thad pensou em dizer para esperar, para diminuírem o ritmo e conversarem mais, refletirem. Mas então ela se virou de lado, exibindo as curvas desnudas de suas costas. Na metade de sua coxa esquerda, Thad viu que havia uma tatuagem, um pequeno ideograma chinês. Ele tinha estudado chinês durante o período de suas três visitas à Nasa, mas não reconheceu o símbolo. Rebecca reparou que Thad olhava para sua

tatuagem e sorriu para ele, segurando os seios ao se virar para exibila um pouco melhor.

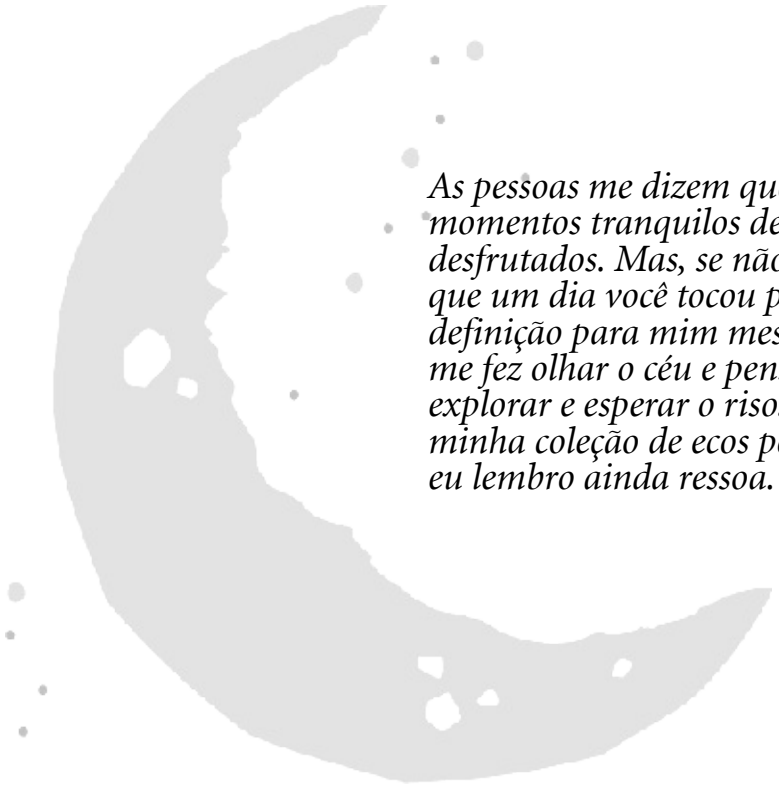
— Quer dizer liberdade.

Thad sentiu um tremor atravessar seu corpo. Soube ali, naquele momento, que se esperasse mais um instante iria revelar a ela a única coisa que ainda não havia contado. O segredo que ainda escondia de todo mundo. *Liberdade — para lhe dizer qualquer coisa. Para lhe dizer tudo.* Mas sabia que, se começasse a contar, se descrevesse os e-mails e o que pensava, o jogo mental que vinha praticando por tanto tempo não teria volta.

Em vez disso, mergulhou ainda mais fundo nela, pressionando sua boca contra a parte de trás da cintura, e desceu até as coxas, deixando que a língua dançasse sobre o caractere chinês.

E, quando os dedos passaram para a parte da frente do corpo de Rebecca, entrando sob o tecido rendado do sutiã, ele soube que não seria capaz de esconder o segredo por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, a verdade ficaria tão nítida quanto a tatuagem em sua coxa. E aí saberia com toda certeza se ela era mesmo o catalisador que ele imaginava ou se era apenas mais um componente em outro jogo mental — uma fantasia que parecia tão real que ele não queria que terminasse.

Catalisador ou fantasia? De uma coisa Thad tinha certeza: esta garota ia mudar sua vida.



As pessoas me dizem que não foi real — que os momentos tranquilos devem ser evitados, e não desfrutados. Mas, se não posso apreciar a canção que um dia você tocou para mim, então não tenho definição para mim mesmo. Foi uma harmonia que me fez olhar o céu e pensar. Ela me inspira a buscar, explorar e esperar o riso... e o êxtase do amor. Na minha coleção de ecos permanentes, a canção que eu lembro ainda ressoa.

24

A verdadeira diversão não estava na potência da coisa — a força daquelas imensas turbinas, o poder daquele monstro mecânico construído com o propósito de subir, erguer-se, livrar-se da gravidade, da física e às vezes, pelo que parecia, do senso comum. A diversão de verdade acontecia naquele momento de total impotência, quando se estava preso a um assento, jogado para trás em um ângulo de quarenta e cinco graus de inclinação enquanto o monstro subia, subia e subia.

E, de repente, não subia mais, com as turbinas mastodônticas reduzidas ao gemido dos propulsores reversos, a ponta para baixo — e era como se estivesse caindo. As correias se soltavam e a pessoa saía do assento, flutuando de um jeito bizarro, deslocando-se pela cabine acolchoada, batendo nas paredes, no teto, nos equipamentos a serem testados. Ainda impotente, mas agora, como as leis da física que regiam toda vida tinham subitamente desaparecido, tomado por uma sensação nova, única e maravilhosa.

Ausência de peso. Gravidade zero.

E aí o alarme soava, dizendo que estava na hora de se prender mais uma vez. A aeronave agora mirava para baixo em um ângulo de trinta graus, mergulhando a uma velocidade incrivelmente alta de volta à Terra, mais uma vez sob o domínio da gravidade e da física. No momento seguinte, a sequência inteira recomeçava: a subida, o momento de felicidade sem amarras, a descida. De novo, de novo e de novo.

A Nasa tinha um nome para aquilo. Chamavam de Maravilha sem Peso, um aviãotanque KC-135 conhecido como Nasa 931, uma aeronave especialmente preparada para a manobra. Voando em uma rota perfeitamente parabólica sobre a Terra, oferecia a seus passageiros até 25 segundos de ausência de peso para cada 65 segundos de voo. Não parecia muito — até se estar lá em cima, girando no meio da cabine branca acolchoada e tentando descobrir como usar uma chave de fenda, plantar uma árvore ou mesmo como usar um vaso sanitário. A subida era

bastante estimulante, mas aqueles momentos em que a gravidade desaparecia eram um universo completamente diferente. Para algumas pessoas — um terço das que subiam naquela coisa —, era mais do que podiam aguentar. A Nasa a chamava de Maravilha sem Peso, mas o resto do mundo a chamava de Cometa do Vômito.

— Na verdade, é uma concepção errada — dizia Sandra, tão animada que parecia um personagem de desenho animado enquanto quicava pelo apartamento de Thad usando gestos para ilustrar a situação para ele, que estava deitado em um sofá e tentava se imaginar na cena descrita. — Não é ausência de peso. Na realidade, você está caindo, caindo em torno da Terra a 2.700 quilômetros por hora. No total, você tem uns vinte minutos de gravidade zero, e é simplesmente maravilhoso.

A mão esquerda ainda fazia movimentos elípticos que mostravam o caminho percorrido pelo avião, e o rostinho sardento estava iluminado, como se ela tivesse acabado de saltar daquele negócio. Thad ficou impressionado. Sandra tinha só 19 anos, era apenas uma aprendiz, nem mesmo uma estagiária, e havia conseguido fazer algo que ele próprio nunca fizera. Ela tinha mesmo saído da concha, e Thad se sentia orgulhoso por ter ajudado no crescimento dela. Se não fosse pela confiança que ele vinha instilando nela naquele último ano, ao vivo e via debates telefônicos, ela nunca teria coragem de apresentar seu projeto para a equipe encarregada do Cometa do Vômito. Mas o fato de terem escolhido seu trabalho era mérito todo dela. Era uma estrela em ascensão e sem dúvida conseguiria uma vaga como *co-op* em sua próxima visita.

— Você ficou enjoada? — Thad precisou perguntar, prendendo as mãos por trás da cabeça enquanto fitava o teto. Em sua mente, ele flutuava dentro daquela cabine acolchoada.

— Nada. Eles dão umas pílulas que tornam os enjoos quase impossíveis. Acho que só dez por cento das pessoas apresentam problemas. Eu estava empolgada demais para ficar enjoada. E, assim que comecei a trabalhar, esqueci completamente que estava em um avião. Você faz ideia de como é difícil ligar um circuito impresso em gravidade zero?

Thad só podia imaginar. Estava feliz de verdade por Sandra, pois ela havia passado por uma experiência que pouquíssimas pessoas viviam. Nem estava em tempo integral no Centro Espacial, só ia lá de vez em quando, mas agora possuía uma lembrança que levaria consigo pelo resto da vida.

Thad deve ter ficado em silêncio por mais tempo do que devia, porque antes que pudesse perceber Sandra se meteu no sofá junto dele, empurrando suas

pernas para conseguir espaço e se acomodar nas almofadas. Encarava-o atentamente, e ele olhava para o outro lado, pois sabia qual era o assunto que ela estava a ponto de iniciar.

— Tudo bem, agora você vai me contar — começou, provando que ele tinha feito uma leitura correta. — Não é justo você guardar segredos desse jeito. Tem a ver com Rebecca?

Sandra vinha enchendo Thad com perguntas sobre Rebecca desde que o encontro no aquário se transformou em um caso de amor. Nas últimas duas semanas, Thad e Rebecca não se desgrudaram. Ele passou todas as noites no apartamento dela, ainda sem mobília. Dividiram quase todas as refeições, acamparam nos fins de semana, sozinhos em uma barraca. Todas as noites fizeram amor e acordaram nus e enroscados.

Ele não falava com Sonya desde que conhecera Rebecca. A princípio, ela ligou algumas vezes — mas nos últimos nove dias tinha desistido de tentar falar com ele e, sem dúvida, suspeitava que estivesse acontecendo alguma coisa no Centro Espacial que envolvesse outra pessoa. Thad não queria magoá-la, mas a verdade é que Rebecca tinha se transformado em bem mais do que uma relação passageira.

Estava apaixonado. Como sempre, para ele era difícil separar fantasia e realidade. No entanto, os sentimentos que nutria por Rebecca pareciam as duas coisas, fantasia e realidade. Por isso, Thad se deixou levar totalmente.

E quanto mais tempo passava com ela, mais seus pensamentos se tornavam nítidos, mais o jogo mental começava a assumir uma forma concreta. Enquanto isso, o jogo se tornou um segredo cada vez mais difícil de esconder. Tanto Rebecca quanto Sandra percebiam, sobretudo em momentos como aquele, quando ele ficava em silêncio, vendo as cenas na cabeça, como um filme em um rolo que não parava de se repetir. Ele havia resistido à tentação de contar a Rebecca e dissera que era uma coisa da qual precisava protegê-la, que se de fato ela quisesse saber ele contaria, mas ficar na ignorância seria para seu próprio bem. Com Sandra, ele simplesmente permanecia misterioso. Mas pelo jeito como ela segurava a canela dele, com dedinhos de camundongo transformados em garras, era óbvio que estava cansada de subterfúgios. Se ela era mesmo sua confidente, achava que tinha o direito de saber.

— Tudo bem, se não é a Rebecca, é a Sonya de novo? Porque eu ainda acho que você está fazendo a coisa certa...

— Por que haveria uma garota envolvida?

— Porque você é um galinha — respondeu Sandra. E sorriu. Naquela idade,

com apenas duas garotas no currículo em toda a vida, Thad não podia estar mais longe de ser um galinha, embora ele *fosse* tecnicamente casado e andasse dormindo com uma beldade de vinte anos. Porém, não via mais a situação dessa forma. Estava dormindo com a garota por quem estava apaixonado.

— Tudo bem, se não é a Rebecca nem a Sonya, então o que é?

Thad sentou-se devagar, cruzando os braços. Olhou para a menina, tentando ler as sardas nas bochechas dela. Sandra realmente queria saber — e, para falar a verdade, ele queria mesmo contar. Mas, no minuto em que dissesse aquilo em voz alta para alguém dali, do Centro Espacial, a história se tornaria real de uma forma completamente diferente. Gordon estava tão fora de tudo e tão distante... Thad se convencera de que seu amigo doidão não tinha uma ideia real do assunto discutido naqueles e-mails. Gordon também jogava, embora Thad não tivesse certeza do tipo de jogo. Mas Sandra iria compreender — acharia impossível, porque de fato era, mas iria compreender. E, só de saber, passaria a fazer parte da trama. Thad não queria ser responsável por isso. Tinha ajudado a jovem a sair da concha. Não queria fazer nada que pudesse prejudicá-la minimamente.

Porém, a ideia de falar no assunto, mesmo de forma comedida, era atraente. Decidiu que não faria mal algum sentir a reação de alguém, ainda que sem revelar nada de muito comprometedor.

— Não é exatamente um segredo. Na verdade, é mais uma hipótese.

— Como se, hipoteticamente, eu acredito ou não em amor à primeira vista? Se alguém pode ficar tão apaixonado assim em duas semanas...

— Não se trata de amor. É mais uma questão moral. Digamos que você sabe que uma pessoa possui uma coisa, que isso é inegavelmente dela por direito, mas ela joga essa coisa no lixo, identifica essa coisa como lixo. Digamos que você tenha a oportunidade de pegar essa coisa antes que alguém perceba e que, apesar de rotularem como lixo, você pode vendê-la por muito dinheiro.

Sandra o observava com atenção, a mão esquerda ainda pousada sobre a canela dele, mas com as garras recolhidas.

— Muito dinheiro — repetiu ele. — Seria moralmente correto pegar essa coisa e vendê-la?

Os olhos de Sandra não deixavam o rosto dele.

— Aonde você quer chegar?

— É só uma hipótese.

— Thad...

— Vá em frente. Quero muito saber sua opinião.

— Tudo bem, hipoteticamente, acho que não tem problema. Não estaria fazendo mal a ninguém, porque, seja lá quem for o dono dessa coisa, ele já a classificou como lixo. Você está criando um valor. De certa forma, é até algo bom.

Thad sentia um calor por dentro, como aconteceu ao dar um gole no vinho de Rebecca antes de deixá-la terminar a taça.

— Isso é uma tortura — resmungou Sandra. — Você sabe que pode confiar em mim. Quer dizer, eu conheço você há dez vezes mais tempo do que a Rebecca. E não esqueça que vi você nu primeiro.

— Não é uma questão de confiança. É só... É uma coisa bem maluca. E seria bem mais seguro você não saber.

— Agora você vai ter mesmo que me contar. Não estou assustada. Não me assusto mais com nada.

Thad riu. Não queria contar, mas estava ficando sem desculpas para dar. Assim como acontecia com Rebecca, era duplamente difícil guardar um segredo quando a gente não quer que seja realmente um segredo. E será que aquilo que era mesmo algo além da hipótese que ele mencionou? Não era apenas um roubo hipotético?

— Vou lhe dar apenas uma chance — disse. — Um joguinho. Se você ganhar, eu conto. Mas, se perder, não vai me perguntar nunca mais.

— Que tipo de jogo?

Ele esticou o braço e pegou uma caixinha de papelão no chão. Dentro da caixa havia uma série de *flash cards*. Cada uma tinha um caractere chinês escrito de um lado e a tradução em inglês do outro. Thad tinha examinado aquelas cartas muitas vezes enquanto estudava chinês e, mesmo assim, ainda encontrava dificuldades. Ler aqueles traços retorcidos em tinta negra era tão difícil quanto intuir uma expressão a partir de um rosto sardento.

— Vou mostrar vinte dessas cartas e dizer o que significam. Aí, vou embaralhá-las e mostrá-las de novo, uma de cada vez. Se você acertar as vinte, conto o que você quer saber. Se não acertar...

— Não posso voltar a perguntar nada sobre esse assunto.

Ela mudou de posição para encará-lo de frente, com as mãozinhas no colo e o rosto transformado em uma máscara de concentração. Quase imediatamente, Thad arrependeu-se de ter proposto o jogo. Mas eram vinte caracteres — ela não conseguiria acertar todos.

— Vamos lá.

Ele segurou a primeira carta, mostrando os traços contorcidos que

compunham uma das palavras mais fáceis de se reconhecer na língua chinesa.

— Isto quer dizer "amor". Acho que é tão boa para se começar quanto qualquer outra palavra.

— Pelo menos — Sandra brincou enquanto os olhos examinavam a carta de cima a baixo, gravando-a na memória —, quando terminar estarei com ótimas ideias para uma tatuagem.

Thad suspirou, desejando não ter lhe contado tantos detalhes sobre o tempo que tinha passado com Rebecca. Segurou a carta seguinte, mostrando outro caractere.

— "Guarda-chuva." Não é tão popular para tatuagens, imagino.

E assim foram examinando as vinte cartas. Thad não foi rápido demais, nem muito lento. Em alguns minutos, tinha exibido todas e começou a embaralhá-las. Sandra mal parecia observá-lo, mas ele sabia que ela não parava de examinar os caracteres dentro de sua cabeça.

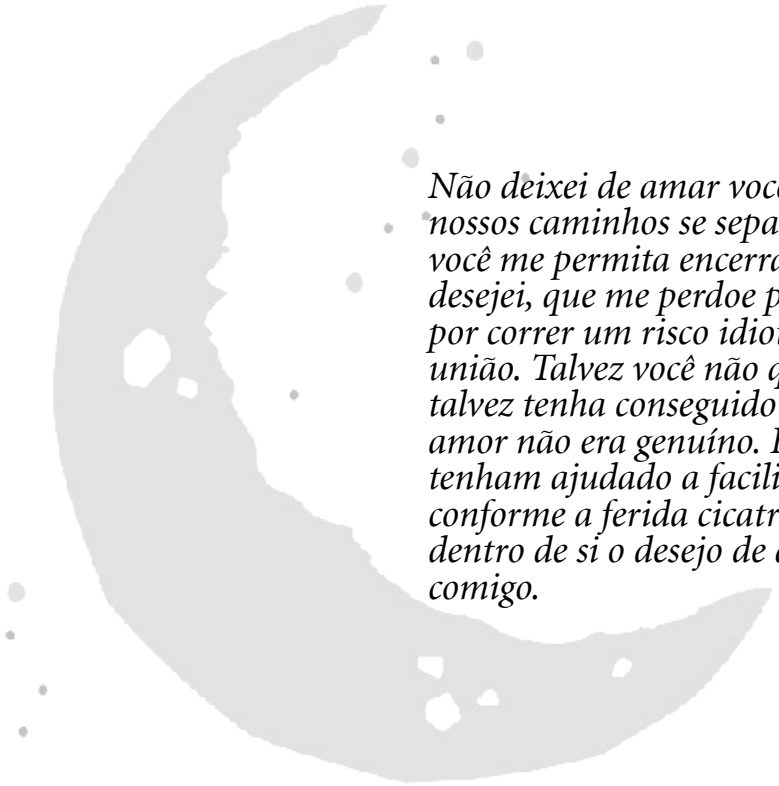
Cuidadosamente, começou a exibir as cartas embaralhadas, uma de cada vez. Na altura da décima quinta, sentiu que suas bochechas coravam. Ele a subestimara. A memória da garota era ainda melhor que a dele. Quando chegou na vigésima, seus dedos tremiam. Segurou a carta diante dela, que fez uma pausa de apenas um instante. Depois, seu rosto se abriu em um sorriso imenso e sardento.

— "Felicidade" — ela quase gritou, com a voz reverberando nas paredes.

Merda. Thad pensou em ignorar os resultados e simplesmente dizer de novo que não podia correr o risco de envolvê-la. Era para o bem dela. Mas Sandra havia aceitado o jogo e vencido.

Ele se inclinou para perto dela e abaixou a voz.

— Tudo bem — disse ele. E começou a falar.



Não deixei de amar você, Rebecca, mas aceitei que nossos caminhos se separaram. Espero que um dia você me permita encerrar tudo da forma como desejei, que me perdoe por não estar aí para sempre, por correr um risco idiota que ameaçou nossa união. Talvez você não queira ser minha amiga, talvez tenha conseguido se convencer de que meu amor não era genuíno. Espero que essas coisas tenham ajudado a facilitar esses últimos anos, mas, conforme a ferida cicatriza, espero que encontre dentro de si o desejo de dividir seus pensamentos comigo.

25

Rebecca ricocheteou pela compacta cozinha em formato de corredor, primeiro jogando a bolsa sobre uma pilha de cartas fechadas, depois agarrando com uma das mãos um saco plástico amarrado, cheio de artigos recicláveis, ao mesmo tempo em que abria a geladeira e retirava da porta duas garrafas de refrigerante. Ainda em movimento — nossa, a garota nunca parava de se movimentar —, ela ofereceu uma das garrafas para Thad, que praticamente saltitava, tentando acompanhá-la. Então abriu a porta corrediça que conduzia à pequena sacada onde deixava o lixo. O saco de material reciclável aterrissou com uma pancada metálica ao lado da lixeira transbordante e Thad teve a sensação de que a namorada cuidava da reciclagem do prédio inteiro.

— É uma loucura como as coisas eram — ela disse empolgada enquanto dava meia-volta e atravessava de novo a cozinha, usando os braços para se erguer até a beirada do balcão, as belas pernas à mostra com as canelas cruzadas. — Quer dizer, tudo ainda é legal, mas naquele tempo era simplesmente uma loucura. Esses caras, esses cowboys, o que eles faziam era basicamente se amarrar na ponta de mísseis, disparar em direção ao espaço e tentar colocar um pé na superfície da Lua. Na verdade, competiam pela oportunidade de fazer parte de uma missão quase suicida, e tudo isso acontecia em uma época em que os maiores supercomputadores eram menos sofisticados do que o meu celular.

Thad riu, mas se impressionava tanto quanto ela diante dessas ideias. Ele supôs que conversas como aquela deviam estar se desenrolando por todo o Centro Espacial. Naquela noite, tinha acontecido o rito anual dos estagiários, quando todos se reuniam para assistir ao filme *Apollo 13* — que contava a história de uma das malsucedidas tentativas de se replicar a caminhada de Neil Armstrong sobre a Lua.

Após visitar a antiga sala do Controle de Missão, onde os eventos documentados pelo filme haviam ocorrido, Thad pôde ver por si mesmo como a tecnologia usada na era Apollo tinha sido rudimentar. Ele se sentou na autêntica

cadeira do diretor de voo, com os dedos tocando os mesmos consoles usados nas missões. Mas, ao ver o Controle de Missão original, não se sentiu nada superior. Pelo contrário, depois de ver o equipamento com que aqueles homens trabalhavam e conferir a coragem verdadeiramente histórica deles, Thad se sentiu muito pequeno.

— Marte não vai ser tão diferente — respondeu Thad, botando as mãos sobre os joelhos dela ao se inclinar e dar um beijo em seus lábios. — Ainda vamos nos prender em uma latinha acoplada a um míssil. O brinquedo é mais reluzente, mas o projeto vai ser perigoso do mesmo jeito. Vai ser preciso uma pessoa bem especial para embarcar no que pode virar uma missão suicida. Alguém disposto a se arriscar, a dar um salto no escuro.

Rebecca pôs as mãos nos ombros dele, sentindo os músculos sob a camisa.

— Um salto no escuro. Gosto disso. É como descobrir que se está loucamente apaixonado por alguém que conhece há apenas dez dias.

Estava sorrindo, mas Thad não sabia dizer com certeza o que ela pensava. Não tinha certeza se falava dela mesma ou dele. Vinham usando palavras como *amor* e *para sempre* desde a primeira noite que passaram juntos, mas era difícil saber se tais sentimentos eram apenas sintomas da juventude dela ou símbolos da paixão dele. Thad só tinha certeza do que sentia. E ia muito além de qualquer coisa que ele sentira antes. Sempre amou Sonya, mas não se lembrava de ter sido algo tão devastador, tão desconcertante.

Percebeu que, mais uma vez, havia penetrado naquele outro lugar, ficando em silêncio enquanto olhava direto para Rebecca. O sorriso dela havia murchado enquanto o observava, as mãos se afrouxaram em seu peito.

— De novo — disse ela. — Aquela coisa que você faz, às vezes no meio de uma frase. Até quando a gente está transando. Sei que você está escondendo alguma coisa de mim.

Thad recuou, tirando as mãos de seus joelhos. Não era a primeira vez que tinham esta conversa. Ele explicara muitas vezes que não se tratava de outra mulher, de algum relacionamento ou de nada referente a Sonya. Mas agora chegaram a um ponto em que ela perguntava sobre seu segredo quase sempre que estavam juntos.

— Não é que eu não queira contar para você. É só que, bem... Estou pensando em fazer algo que, tecnicamente, é ilegal. Quer dizer, estou bem certo de que não vou fazer, mas falar do assunto já me parece muito perigoso.

Sentiu a adrenalina aumentar — nunca tinha chegado tão perto de contar para ela. E sabia que se encontrava no alto de uma colina escorregadiça. Contar

para Sandra não tornou o segredo mais fácil de ser guardado. Na verdade, tinha sentido tamanha emoção por revelar o plano que andava com dificuldades para não subir no telhado e berrar para o mundo inteiro. E percebia pela intensidade do olhar de Rebecca que ela não ficaria satisfeita com mais uma desculpa.

Talvez estivesse na hora de contar. Conhecê-la tinha feito o jogo mental avançar. Naquela mesma manhã, enviara outro e-mail para Gordon, pedindo-lhe que fizesse uma pesquisa sobre a cunhada do caçador de pedras belga, uma mulher chamada Lynn Briley, porque, pelo menos por e-mail, eles estavam chegando perto de marcar um encontro ao vivo. Não era um encontro qualquer, mas uma permuta de dinheiro por bens — como se pudesse ser tão simples assim, como se não houvesse uma diferença considerável entre a troca de e-mails e a entrega do embrulho mediante o recebimento de cem mil dólares em uma maleta. Um passo que permanecia inteiramente na fantasia, ainda impossível.

Thad respirou profundamente e então abriu o jogo. Era como se estivesse de volta ao penhasco, com os calcanhares na beirada do precipício — mas desta vez ele seria o primeiro a pular.

— Tenho uma ideia. É completamente maluca. E também impossível. Estou pensando em roubar um cofre cheio de pedras lunares. Fica em um laboratório impenetrável, protegido pelo mais alto nível de segurança encontrado na Nasa. As amostras são consideradas lixo porque já foram usadas em experiências, mas são muito, muito valiosas. Já tenho alguém disposto a me pagar cem mil dólares por um pedacinho da Lua.

Rebecca ainda o encarava, de olhos arregalados, com os lábios abertos de forma que ele podia ver a ponta dos dentes dela. Mesmo enquanto falava, Thad estudava a ideia, não apenas refletindo a respeito de como seria complicado, ridículo e impossível realizá-la. Ele próprio se perguntava por que continuar com aquele jogo, por que simplesmente não apagava todos os e-mails, perdia os contatos da mulher na Filadélfia, talvez até jogar fora o número do telefone de Gordon e se esquecer desse negócio idiota de uma vez por todas. Mas continuou falando.

— Quer dizer, cem mil dólares é dinheiro pra caramba. As coisas que nós dois poderíamos fazer com a grana... Poderíamos ir para a África e você teria a oportunidade de estudar a vida das plantas de lá. Guardaríamos dinheiro para criar nosso próprio laboratório e aí não precisaríamos concorrer a uma bolsa ou esperar até ficarmos velhos. A gente poderia começar a fazer as coisas de que a gente tanto fala. Mas o dinheiro é apenas uma parte da história.

Ele ficou esperando que Rebecca o interrompesse. Esperava que ela sacudisse

a cabeça, olhasse para ele como se pensasse que ele era louco, que tentasse convencê-lo a mudar de ideia. Esperava que ela lhe dissesse que parecia empolgante, mas ele obviamente não deveria fazer aquilo, que estaria colocando tudo em risco, que arranjaria uma enorme encrenca e que era mesmo uma ideia descabida. Mas Rebecca permaneceu em silêncio, deixando que ele concluísse o pensamento que vinha crescendo dentro dele desde a primeira vez em que pousou os olhos nela.

— Rebecca, quero dar a Lua para você. Quer dizer, um pedaço da Lua. Como os astronautas que a gente acabou de ver naquele filme, os cowboys que se arriscavam feito doidos só para pôr o pé onde somente duas pessoas tinham passado. Quero dar isso para você. Quero lhe dar a Lua.

Thad percebeu que seus olhos se enchiam de lágrimas. Parecia tão insano, tão estúpido e... bem, na verdade ele não sabia o que parecia, mas sabia que estava falando sério.

A cozinha estava em completo silêncio, a cena congelada como uma fotografia dentro de um álbum. Então os olhos de Rebecca se iluminaram e ela sorriu.

— Parece tão romântico. Vamos fazer.

E, naquele instante, Thad soube que estava certo. Rebecca era seu catalisador. O amor instantâneo, febril e arrebatador que sentia por ela havia espatifado a parede de vidro que separava a fantasia da realidade em sua mente. A fratura que começara muito tempo atrás agora se completava, e o jogo mental foi promovido da condição de experimento imaginário para projeto, nada diferente de qualquer um dos projetos em que ele trabalhava na Nasa, não menos real do que o Simulador de Ônibus Espacial ou a estação espacial afundada na piscina de 23 milhões de litros.

Sem dizer nenhuma palavra, Thad se inclinou para frente e apertou seus lábios contra os dela. Primeiro lentamente, depois com mais intensidade. Para Rebecca, Thad era tudo o que ele sempre quis ser: empolgante, aventureiro, James Bond. Não sabia se alguém já tinha prometido a Lua para ela antes — mas ele era o cara que iria cumprir a promessa.

Ela era o catalisador dele.

E agora era só uma questão de tempo.

26

Nada era capaz de fazer aquele velho coração bater tão depressa quanto o grito penetrante e estridente de um telefone atravessando o calor inerte e estagnado de uma manhã de verão. Não era particularmente cedo, mas Axel tinha tirado um cochilo bem pesado, sua silhueta arredondada esparramada no pequeno sofá em uma das paredes da sala de estar. A televisão ainda estava ligada, a poucos metros, sintonizada em um programa francês sobre um misterioso caso de assassinato, a que ele assistia antes de fechar os olhos por um momento. Mas, quando a campainha metálica reverberou outra vez em sua cabeça, ele teve certeza de que o som não vinha de algum distante estúdio em Paris. Ecoava nas paredes de sua própria casa, em um cantinho tranquilo da Antuérpia.

Tinha sido uma perfeita manhã de fim de semana antes de o som da campainha arruiná-la. Perfeita porque as crianças estavam trancadas na cozinha, estudando para as provas, e porque Christel tinha saído para tomar café da manhã com uma amiga, o que permitia a Axel desfrutar de um bom tempo com suas almofadas preferidas. Como não vinha dormindo muito bem à noite — a mente permanecia presa ao drama que ele imaginava estar se desenrolando do outro lado do oceano —, os minutos a sós com o sofá eram tão valiosos quanto um topázio polido.

Dez dias sem contato com o FBI ou Orb Robinson certamente afetaram a psique de Axel. Era como assistir ao mistério do assassinato francês com o som desligado. Ele só podia fantasiar o que se passava. Pelo que ele sabia, a coisa toda podia ter fracassado e desaparecido. O fraudador talvez tivesse se cansado do jogo e mudado de estratégia. Talvez estivesse mandando e-mails em que se passava por um banqueiro nigeriano ou por um primo de um príncipe deposto. *Mande apenas um cheque ao portador e minha fortuna será sua.*

Entretanto, logo que Axel ouviu o filho, Sven, atender o telefone atrás da porta que separava a sala de estar da cozinha, assim que registrou o tom chocado

na voz do jovem de 15 anos, teve a sensação de que a espera afinal terminara. Sentou-se, sacudindo os últimos vestígios de sono dos olhos, bem a tempo de ver a cabeça do filho aparecer pela porta da cozinha, com o telefone apoiado contra o peito.

— Pai, acho que é para você. É um americano.

Parecia que Sven tinha visto um monstro, o que fez o coração de Axel bater ainda mais depressa. Ele fez com a mão que iria atender no aparelho da sala e que o filho deveria desligar assim que ele estivesse do outro lado da linha. Então se levantou, alisando as dobras das calças com as palmas das mãos, e foi até a mesa do computador, no canto do cômodo. Não sabia por quê, mas por alguma razão queria parecer apresentável, embora fosse ter somente uma conversa por telefone. Não era todo dia que ele recebia ligações dos Estados Unidos. Na verdade, isso nunca tinha acontecido.

Pigarreou e então pegou o aparelho.

— Aqui é Axel Emmermann.

O americano do outro lado da linha logo se apresentou como o agente especial Nick Nance, do FBI. Axel sentiu que seus ombros estavam para trás, que o peito se projetava, quando ouviu as palavras do sujeito. Os e-mails eram uma coisa, mas agora ele conversava com um agente do FBI da vida real. Sua condição de super-herói só aumentava.

O homem que falava do outro lado da linha com uma voz formal rapidamente o colocou a par sobre o andamento do caso. Apesar de Axel não ter nenhuma notícia nos últimos dez dias, o FBI tinha andado bem ocupado. Os agentes que se passavam por irmão e cunhada de Axel continuavam enganando Orb Robinson e já haviam chegado ao ponto em que pareciam estar prontos para realizar a transação. Naquele momento, armavam um encontro cara a cara. Robinson, aparentemente, ainda não estava de posse dos itens, mas acelerava a negociação, como se pudesse obtê-los a qualquer momento.

O agente Nance explicou que "Lynn e Kurt" tinham confirmado um depósito de cem mil dólares e que mandaram um e-mail para Robinson dizendo que confiavam nele, que acreditavam que ele dizia a verdade e estavam prontos para comprar o que ele vendia.

Axel precisou se esforçar para conter a vontade de começar a pular pela sala. O programa francês na televisão agora parecia uma besteira, comparado com o autêntico mistério do qual ele era parte integrante. Estava realmente conversando com o FBI, cujos agentes se encontrariam com aquele vigarista. Mal podia esperar que a esposa chegasse em casa para lhe contar as novidades. Então

Nance acrescentou um componente à conversa — algo que Christel não acharia tão fascinante.

— Bem, há uma chance de que o tal Robinson tente ligar para você diretamente. Não acho que seria difícil para ele descobrir onde você mora e arranjar o número de seu telefone. Então estamos pensando em instalar um equipamento de gravação para podermos ouvir, caso isso venha a ocorrer.

Axel engoliu em seco, concentrando-se na parte que dizia que Robinson não teria muita dificuldade para descobrir onde ele morava. No mesmo instante, imaginou seus filhos na cozinha, amontoados sobre os livros escolares. Era uma ideia assustadora. Essa informação com certeza ficaria de fora da próxima conversa com Christel.

— E se tudo der certo — prosseguiu o agente Nance —, se prendermos esse Orb Robinson, precisamos perguntar, o senhor estaria disposto a testemunhar? Poderíamos trazê-lo para os Estados Unidos e mantê-lo em um hotel durante todo o julgamento, se for necessário. O senhor estaria disposto?

Ao ouvir aquilo, Axel precisou se sentar na cadeira diante do computador. Ser convidado a tomar parte do julgamento daquele criminoso, em vez de ser apenas o intermediário de uma investigação por e-mails, e desempenhar um papel físico, tornar-se um dos personagens do drama — uau!

— Eu ficaria honrado em me pôr à disposição de seu sistema judicial.

Axel Emmermann, o super-herói, tornava-se Emmermann, a testemunha-chave. Aquilo certamente superava uma tarde no campo de *popinjay*.

No entanto, ao sentar na cadeira e olhar para o computador onde tudo havia começado, Axel começou a pensar. Pelo jeito como Nance falava, parecia que aquilo era mais do que uma simples fraude. Se pensavam em mandá-lo até os Estados Unidos... bem, não era apenas porque alguém tentava ganhar dinheiro fácil na internet.

— Agente especial Nance, os senhores estão começando a suspeitar que esse Robinson talvez esteja mesmo tentando vender pedras lunares autênticas?

Houve uma longa pausa. Por um breve momento, Axel pôde ouvir o zumbido da ligação internacional.

— Não é impossível.

Com isso, o agente do FBI agradeceu mais uma vez por seu tempo e desligou. Quando Axel botou o aparelho no gancho, as palavras continuaram a reverberar em sua cabeça. *Não é impossível.*

Meu Deus, no que ele havia esbarrado, afinal de contas?

* * *

Axel ainda estava sentado diante do computador, remoendo o que acabara de descobrir e esperando o bater dos saltos da esposa nos degraus da frente da casa para relatar os acontecimentos e se vangloriar um pouquinho da possibilidade de atravessar meio mundo para colocar um gênio do crime atrás das grades, quando apareceu um ícone na tela do computador indicando que ele tinha um novo e-mail. Um clique depois, viu que era do FBI, do agente especial Nance:

Senhor Emmermann,

Foi bom falar com o senhor esta manhã. Esqueci de pedir a sua ajuda para criar algumas perguntas que deveriam ser feitas por Lynn. Como meu conhecimento de materiais lunares é, na melhor das hipóteses, limitado, gostaria que o senhor nos fornecesse, por e-mail, perguntas que possam nos dar mais credibilidade. Ficaríamos extremamente gratos com qualquer ajuda que o senhor possa nos oferecer...

A princípio, Axel ficou bastante confuso com este novo e-mail, que veio acompanhado por uma explicação ainda mais longa a respeito daquilo que Nance desejava. Parecia que o FBI pedia a ajuda de Axel para explicar como a agente poderia reconhecer pedras lunares autênticas — e também para diferenciar pedras lunares retiradas manualmente da Lua daquelas que caem na Terra sob a forma de meteoritos. O FBI não teria seus próprios peritos para explicar isso melhor do que um colecionador de pedras amador, como ele?

Mas, quando Axel examinou a questão com mais atenção, percebeu que o pedido do FBI fazia sentido. Orb Robinson tinha escrito que as pedras lunares não estavam, no momento, com ele, o que indicava que pretendia roubá-las.

Só havia um lugar na Terra de onde ele poderia roubar a quantidade de pedras de que falava: o Centro Espacial Johnson, em Houston. Se os agentes do FBI quisessem conversar com especialistas capazes de identificar autênticas pedras lunares, teriam de recorrer ao lugar onde aconteceria o crime de Robinson — o Centro Espacial.

Obviamente, o FBI não podia pedir ajuda à Nasa para obter informações. Eles não sabiam quem era Orb Robinson, mas precisavam suspeitar de qualquer pessoa com acesso às pedras das missões Apollo. Era difícil para Axel acreditar que alguém na Nasa planejasse o roubo das pedras lunares. Não só por se tratar

de um tesouro nacional, mas como alguém com sorte suficiente para trabalhar na Nasa, nas mesmas instalações sagradas onde o programa Apollo foi concebido, poderia jogar tudo fora por cem mil dólares?

De qualquer maneira, Axel ficou mais do que feliz em continuar ajudando o FBI. Depois do primeiro contato com Robinson, fez uma boa pesquisa sobre pedras lunares. Com base em suas anotações, começou a escrever a resposta para o agente Nance.

As pedras lunares eram, em geral, leves, claras e compostas sobretudo de basalto, com uma mistura de piroxena e feldspato em seu interior, facilmente identificáveis por um geólogo com o auxílio de uma lente de aumento. Mas essa informação não seria útil para um agente durante este tipo de operação. Ainda mais um agente que tentava se passar por um colecionador de rochas — e não por um geólogo profissional.

Porém, havia uma forma bem mais simples de reconhecer uma pedra lunar. E também de distinguir uma pedra lunar coletada manualmente por um astronauta na Lua de uma proveniente de um meteorito, que poderia ser roubada de um museu.

Como a maioria das pessoas sabe, a Lua não tem atmosfera. Isso significa que qualquer coisa que atinja sua superfície — de um asteroide gigantesco a um minúsculo grão de areia — bate no chão a uma velocidade entre oito mil e dez mil quilômetros por hora. Na Terra, esses objetos são destruídos ao chegarem por causa do atrito com o ar, mas, como na Lua não há atmosfera, caem poeira e areia constantemente em sua superfície a velocidades imensas.

Então qualquer pedra lunar seria coberta por minúsculas crateras causadas pelo impacto. Essas crateras variam de alguns mícrons até alguns milímetros. Seriam reconhecíveis com facilidade até mesmo sem a utilização de um microscópio: um minúsculo centro de vidro negro cercado por um halo de círculos concêntricos, bem parecidos com as grandes crateras vistas por telescópio quando se olha para a superfície da Lua.

Quando Axel enviou o novo e-mail para o agente Nance, uma parte dele desejava seguir aquele pequeno pacote de informações eletrônico pela curva da Terra. Queria se encaminhar até o ponto de encontro com a maleta cheia de dinheiro e sentar-se diante daquele gênio do crime, uma pessoa que ousava roubar um tesouro nacional. Desejava olhar no rosto do homem e lhe dizer: “Fui eu, Axel Emmermann, que derrubei você.”

E aí se lembrou de como tinha se sentido quando o agente Nance lhe contou que o tal Robinson poderia descobrir, sem grandes dificuldades, onde ele

morava. E mudou de ideia rapidamente.

Axel era o tipo de super-herói que ficava feliz em promover a justiça no mundo do conforto e da segurança de sua aconchegante toca na Antuérpia.

27

Dez. Nove. Oito...

Era a manhã de sexta-feira, um pouco depois das sete da manhã e Thad andava com rapidez pelo corredor central que dividia o quarto andar do Prédio 31, contando baixinho, enquanto mantinha um olho no território deserto adiante e o outro grudado na câmera rotativa de segurança que se projetava de uma estrutura metálica embutida ao lado de um dos painéis de iluminação fluorescente. Como tinha previsto, seu avanço pelo complexo de ciências da vida não sofrera nenhuma interrupção até aquele momento. Qualquer cientista de respeito que aparecesse tão cedo para trabalhar naquele ambiente tranquilo, característico das ciências da vida na Nasa, seria novo demais para estranhar ao ver um estagiário perambulando pelos corredores ou estaria tão envolvido em algum projeto que nem perceberia a presença de Thad.

E ainda que alguém esbarrasse com Thad, vestido com a camisa polo azul da Nasa e calças cáqui, a única coisa anormal em seu comportamento era sua forma de andar. Na realidade, se alguém prestasse atenção, talvez reparasse que ele estava andando tão próximo de uma das paredes do corredor que seu ombro direito es-barrava no concreto. O rosto, porém, estava perfeitamente calmo, a expressão indiferente — mesmo quando, de repente, passou para o outro lado do corredor, agora com o ombro esquerdo beijando o concreto.

Outro olhar de relance confirmou o que ele já sabia: tinha saído do alcance da primeira câmera rotativa do teto e precisava apenas evitar a última, plantada bem na outra ponta do corredor. Ela já tinha começado a desenhar seu arco inócuo — filmando a área de onde Thad acabava de sair.

Fácil assim, pensou Thad com seus botões. Um passinho de dança, um arrastar para a esquerda e ele virou um fantasma. É claro que por enquanto não estava difícil manter a calma. Ele não estava fazendo nada de errado, apenas caminhando, sem ser percebido, pelo prédio onde havia trabalhado durante dois semestres como estagiário. Se, por algum acidente do destino, esbarrasse em alguém conhecido, havia uma dúzia de desculpas para explicar o que ele estava

fazendo ali tão cedo, em uma manhã de sexta-feira. As únicas pessoas do mundo que sabiam da *verdadeira* razão para ele estar de volta ao Prédio 31 eram suas belas cúmplices, a nova namorada e sua confidente — e nenhuma das duas pesava mais que 45 quilos.

Procurando conter um sorriso enquanto imaginava Rebecca e Sandra, ambas esperando em seu apartamento pelo telefonema que diria que a Fase 1 estava concluída, ele diminuiu o ritmo, por fim parando ao chegar a uma porta fechada localizada quase no meio do longo corredor. A poucos centímetros, na metade da altura da porta, ficava uma das fechaduras eletrônicas com senha que Thad já conhecia muito bem dos períodos que havia passado no Centro Espacial Johnson. Esta fechadura em particular, ele tinha visto ser aberta um punhado de vezes. Nunca se aproximara o suficiente por trás de alguém para tentar ver a combinação de cinco números — mas isso teria tornado o que ele planejava fazer neste momento algo fácil demais e, agora que estava determinado a realizá-lo, Thad saboreava a ideia de que nada seria fácil. Como acontecia com qualquer bom cientista, eram os projetos complicados e sofisticados que o mantinham afiado e motivado. Talvez mais do que o dinheiro, tinha a ver com a emoção de conseguir fazer o impossível.

Thad pressionou as costas contra a parede de concreto, vigiando o longo corredor mais uma vez, para ter certeza de que ninguém estava por perto. Depois, pôs a mão no bolso esquerdo e retirou lá de dentro um pequeno estojo de maquiagem. Pertencia a Rebecca e tinha um tom de blush que acentuava o contraste entre suas bochechas de porcelana e os olhos azuis brilhantes. Quando abriu o estojo com um movimento do polegar esquerdo, ficou claro que aquele objeto não continha mais blush. O pó que estava lá dentro, uma mistura criada por ele mesmo, brilhava um pouco sob as fortes luzes fluorescentes, e Thad se perguntou por um momento se tinha acertado na concentração. Mas, ao sacudir o estojo suavemente, aplainando o pó, viu que o cintilar cedeu e respirou aliviado. Ia funcionar. *Tinha que funcionar.*

Com todo cuidado, retirou um pequeno pincel do outro bolso e o passou no pó. Depois, começou a pincelar o teclado numérico da fechadura com senha, assegurando-se de que estava cobrindo por completo cada tecla com a substância. Aproximando-se, soprou o excesso e então recuou alguns centímetros para examinar o trabalho. Mesmo a menos de um metro de distância, não havia vestígios visíveis do que ele tinha acabado de fazer. Satisfeito, fechou o estojo e o enfiou de volta no bolso, junto com o pincel. Então continuou pelo corredor com calma. Quando chegou na esquina seguinte, passando bem

embaixo da câmera de segurança, lutou contra a vontade de olhar mais uma vez para sua obra. Thad não contava mais os segundos baixinho. Em vez disso, cantarolava o tema do filme *Missão Impossível*. Antes, quando ficou sozinho em seu antigo laboratório, a alguns andares de distância, tinha sido a música da série *007* que saiu de sua garganta enquanto preparava cuidadosamente a fórmula — quantidades iguais de fluorita, gesso e talco, substâncias encontradas com facilidade nos armários de produtos químicos da Nasa. Mesmo assim, ele não conseguia deixar de se sentir como um espião ou um herói de filmes de ação enquanto misturava aquele preparado engenhoso. Até mesmo o nome que ele e as meninas haviam dado a esta etapa — *Fase 1* — fazia Thad se sentir como se fizesse parte de algo épico, uma aventura que ele um dia contaria aos netos.

Pó em um teclado numérico, Fase 1 — aquilo era mesmo digno de James Bond. Mas ele sabia que ainda não tinha ultrapassado nenhum limite real. Não fizera nada que não tivesse como voltar atrás. O pó em um teclado numérico e uma dúzia de e-mails com um comprador em potencial ainda não eram muito mais do que um jogo mental. Mas Thad também sabia que dentro de 48 horas tudo mudaria, porque agora ele estava determinado. O plano estava em curso.

A Fase 1 estava concluída. Estava na hora da Fase 2.

Sete. Seis. Cinco...

Orb,

Cuidarei disso para Axel. Ele me explicou um pouco sobre o que estamos fazendo e falou da necessidade de termos cautela e discrição. Creio que precisaremos combinar um encontro em algum lugar para ter certeza de que vamos conseguir o que planejamos. É uma rara oportunidade e exige que sejamos muito cuidadosos. Quando e onde poderemos nos encontrar? Viajo bastante, mas certamente posso dar um jeito de ver a mercadoria onde for necessário. Sei que você está em Tampa, na Flórida. Eu não me importaria nada de viajar para a Flórida. Espero ansiosamente por notícias suas.

Lynn

A explosão pulsante de um rock cristão cheio de energia ressoou pelos alto-falantes do Toyota verdeclaro e muito surrado de Thad enquanto ele enfrentava o trânsito da hora do rush na zona sul de Houston. Uma das mãos estava no volante e com a outra ele folheava o maço de e-mails impressos que ocupava boa parte do assento vazio a seu lado. O rock cristão era mais do que apenas um

pouco irritante e de forma alguma seria sua primeira opção, mas o Toyota havia decidido qual seria o tipo de música, pois o patético arremedo de rádio havia congelado na única estação que Thad teria procurado evitar com todas as forças. Mas naquele momento, preso no trânsito, a caminho da Fase 2 do plano em curso, qualquer coisa era preferível ao silêncio. Em silêncio, Thad não conseguia superar as pontadas de energia nervosa que tentavam acabar com seus órgãos internos — e nesta etapa do jogo precisava ser capaz de se concentrar por inteiro nos preparativos.

No sinal vermelho, usou os poucos segundos parado para folhear os e-mails empilhados a seu lado — o que encabeçava a pilha era exatamente a primeira mensagem enviada pela cunhada do belga colecionador de rochas, Lynn Briley —, na ordem, do mais antigo até ao mais recente que ele recebera de Gordon. Assim como Thad tinha feito com Emmermann, ele havia pedido a seu companheiro de Utah — perguntava-se se a palavra *cúmplice* não seria mais adequada agora — para investigar a cunhada americana do belga, pois queria ter certeza de que era mesmo quem ela dizia ser. Gordon não descobriu grande coisa, mas ao menos havia indícios de que a mulher existia, e também a confirmação de alguns detalhes de sua história:

Oi, Orb.

Aqui está a única coisa que descobri sobre Lynn Briley. Ao que parece, é dona de uma editora em Glenside, Pensilvânia, e tem também o endereço do site. Mais nada por enquanto.

Fractal

Thad achou divertido que Gordon se referisse a ele pelo apelido que o próprio Gordon tinha criado — Orb. Considerava que o pseudônimo de Gordon refletia mais a personalidade desconjuntada do amigo doidão: Fractal. Com certeza era melhor e mais seguro usarem apelidos do que seus nomes verdadeiros, mas Thad preferia ter criado seus próprios pseudônimos. Ele não gostava que qualquer elemento do plano, mesmo algo tão simples quanto codinomes, não fosse de sua própria criação. E o pior era que o encontro cara a cara com a tal Lynn Briley e a troca do dinheiro pelas pedras lunares teriam de acontecer na Flórida porque, por alguma razão inexplicável, foi lá que Gordon localizou seu fictício Orb Robinson.

Por outro lado, a Flórida não era a pior opção do mundo. Ficava distante o suficiente de Houston para diminuir parte dos medos de Thad, mas ainda era possível chegar lá de carro. Thad não tinha nenhuma intenção de contrabandear por avião os artigos que em breve estariam em seu poder.

Contrabando. Ainda era difícil pensar dessa maneira, usar um termo tão forte, como se estivesse vendendo drogas ou outra substância do submundo. Sabia que a coisa que ele negociava era bem mais preciosa que isso, apesar de ter sido rotulada como lixo pela Nasa. Na verdade, era a coisa mais valiosa do mundo, e mesmo ganhando apenas cem mil dólares da mulher seria um roubo de proporções históricas. Envolvido como estava na Fase 2 dos preparativos, Thad tinha todo o direito de pensar em si mesmo em proporções históricas.

Enquanto reorganizava os e-mails no banco do carona, virou à direita no cruzamento seguinte, atravessou uma série de ruas suburbanas até encontrar uma entrada da qual ele se recordava de algumas visitas anteriores. Como tinha combinado, o objetivo da visita estava parado ao lado da calçada, deixando apenas o espaço para ele passar. Um momento depois, ele estacionou o Toyota na entrada. Juntou os e-mails e os colocou no envelope de papel pardo que tinha caído entre os dois assentos. Levando o envelope consigo, saltou do carro bem a tempo de ver Chip saindo pela porta da frente da pequena casa de subúrbio. Chip deu uma olhada no Toyota e revirou os olhos.

— Pois é, grande negócio. Não foi à toa que você não conseguiu encontrar ninguém do campus que morasse mais perto e quisesse ajudar.

Thad riu ao jogar as chaves do carro para Chip. Depois se dirigiu para o Jeep Cherokee estacionado na calçada. Era exatamente como Thad se lembrava da viagem na balsa de Galveston: quase tão surrado e velho quanto o Toyota, com lama grudada nos pneus e uma teia de pequenas rachaduras em um canto do para-brisa dianteiro. Mas tinha quase o dobro do tamanho e, com o banco de trás abaixado, seria perfeito para o que ele tinha em mente. E, mais importante ainda, Thad distinguia com facilidade o adesivo do estacionamento da Nasa grudado em uma das janelas laterais.

— Prometo devolvê-lo em tão boas condições quanto ele se encontra agora. E é só pelo fim de semana. No máximo até domingo à noite minha amiga se muda para a casa dela.

— Fique com ele o tempo que precisar — disse Chip ao se dirigir de volta para casa. — As chaves estão na ignição, mas quero tratamento especial na excursão de paraquedismo que você planejou para o mês que vem.

— Prometo que você será o primeiro a saltar do avião. Eu mesmo vou

arrumar seu paraquedas.

Thad deslizou para o assento dianteiro do Jeep, virou a chave e sorriu quando ligou a ignição. Mais uma vez, parecia fácil demais. Chip não suspeitou de nada — por que deveria? Ajudar uma amiga a se mudar era um motivo perfeito para precisar de um carro daquele tamanho. Faltava apenas uma coisa para finalizar a Fase 2, e então Thad poderia ligar para as garotas e informar que estava passando para a fase final dos preparativos.

Levou dez minutos de carro para Thad encontrar o que procurava. Quando virou abruptamente à esquerda e entrou no estacionamento de um centro comercial à beira da estrada, olhou em volta para ter certeza de que não havia indícios de seguranças ou câmeras. Depois parou o Jeep entre dois carros fabricados nos Estados Unidos, bem nos fundos do estacionamento.

Saltou do Jeep e se dirigiu até a parte de trás do veículo mais próximo, um Buick que parecia ter pelo menos 15 anos. Thad se abaixou atrás do para-choque traseiro, como se estivesse prestes a amarrar o sapato, e então, com um movimento rápido, tirou uma pequena chave de fenda que estava presa em sua meia. Podia, é claro, ter levado a chave de fenda no bolso, mas isso seria muito menos digno de um James Bond.

Começou a trabalhar na placa do Buick. O primeiro parafuso deu um pouco de trabalho. Ele já estava suando quando conseguiu soltá-lo — mas os outros saíram com muito mais facilidade. Em poucos minutos, tinha removido a placa e estava de novo atrás do Cherokee. Cinco minutos depois, tinha retirado a placa do Jeep e a substituído pela do Buick. Jogou a placa de Chip na traseira do Jeep e saltou para o banco do motorista. Ao voltar para o trânsito, percebeu que o coração batia depressa. Ainda não tinha ultrapassado nenhum limite de verdade, mas agora já estava dirigindo o carro da fuga. Um Jeep que não tinha nenhuma relação com ele, com um adesivo da Nasa grudado na janela e a placa de um desconhecido presa ao para-choque traseiro.

Quatro. Três. Dois. Um...

* * *

Quase cinco horas depois, Thad estava ofegante, usando toda a força dos ombros, estirando os músculos das duas pernas ao empurrar a cama do hotel, centímetro a centímetro, pelo carpete cor de vômito. Não esperava que o maldito objeto fosse tão pesado. Tudo mais naquele patético quarto parecia frágil ao extremo, da TV aparafusada na escrivaninha de compensado perto da porta às

luminárias que pendiam das paredes com tinta descascada. Rebecca tinha escolhido o hotel e era óbvio que ela havia procurado nas páginas amarelas. Apesar da decoração horrorosa — na qual o carpete cor de vômito era apenas o grande destaque, realçado por um par de pinturas baratas de cães de caça acima do local onde a cama estava logo antes —, o lugar era ideal para a ocasião por alguns motivos. Primeiro, ficava bem na saída da autoestrada, ou seja, não era muito próximo ao campus do Centro Espacial Johnson nem tão distante que precisassem passar horas se deslocando. E, em segundo lugar, parecia quase vazio. Thad contou apenas mais três carros no estacionamento e escolheu um quarto no primeiro andar, cercado pela máquina de gelo de um lado e, do outro, pelo que parecia ser o armário do faxineiro. Com sorte, não haveria ninguém por perto quando chegassem depois do roubo.

Thad sentiu uma onda de emoção dentro de si, mesmo enquanto lutava contra a cama estranhamente pesada, repetindo baixinho as palavras. *O roubo*. Parecia tão legal de ouvir. *O roubo do século. O roubo do milênio. O grande roubo das pedras lunares.*

Soltou uma gargalhada e com uma última explosão de energia conseguiu empurrar a cama até que ela ficasse bem contra a parede. Depois recuou, alongando os ombros enquanto examinava o quarto. Agora haveria espaço suficiente se fosse necessário.

Foi até a escrivaninha e pegou a enorme bolsa de viagem que tinha colocado ao lado da televisão. Abriu o zíper e primeiro tirou duas lonas dobradas, que ele estendeu sobre aquele carpete de dar náusea. Depois voltou para a bolsa e, uma a uma, separou as ferramentas adquiridas na loja Home Depot, junto com as lonas — uma boa variedade delas, pois não sabia ao certo do que iria precisar. Depois das ferramentas, retirou uma grande caixa de iscas de pesca, três pares de luvas de borracha, um caderno e uma caixa de papelão desmontada.

Após espalhar tudo, recuou e sorriu. Era uma bela preparação. As ferramentas não eram exatamente de ponta. A mais sofisticada delas era basicamente um serrote, além de uma série de lâminas com qualidade industrial. Entretanto, ele precisou trabalhar com um orçamento limitado. E estava orgulhoso de planejar aquilo com recursos tão escassos. Uma coisa era realizar um roubo desses com os melhores equipamentos que o dinheiro pudesse comprar, mas ter sucesso do jeito que Thad pretendia fazer as coisas — isso seria algo de fato espantoso.

Agarrou a bolsa, que ainda estava bastante pesada, tirou o celular e ligou para Rebecca. Ela atendeu ao primeiro toque.

— É tão ruim quanto parecia nas páginas amarelas? — perguntou ela, em vez de dizer alô.

Thad olhou para trás, por sobre o ombro, enquanto ia até a porta. Cama contra a parede, lonas estendidas no chão, ferramentas novinhas.

— Para falar a verdade, Rebecca, me parece bonito pra caramba.

A Fase 3 estava concluída.

Houston, temos uma decolagem...

28

— Acho que ninguém mais vai aparecer.

Thad tamborilou os dedos no volante, enquanto olhava pelo para-brisa. Mesmo com os limpadores a toda, ele não conseguia enxergar muito além do redemoinho furioso de chuva que envolvia todo o estacionamento. O minúsculo cone de luz laranja dos faróis do Jeep Cherokee não tinha como competir com o que àquela altura tinha se transformado em um temporal.

— É claro que ninguém vai aparecer. Tem um furacão lá fora.

Ele se virou para olhar Rebecca, a seu lado, no assento do carona. Estava apoiada no painel, passando a mão na condensação que lentamente se espalhava pela parte de dentro do vidro. Percebeu que sua mão pálida tremia e que havia um pouco de suor sobre seu lábio superior.

— É uma maldita tempestade tropical, com certeza — interveio Sandra, sobre o ombro de Thad. — Quer dizer, se alguém *de fato* aparecesse, daria meia-volta assim que chegasse ao observatório. Nem o Super-Homem conseguiria ver as estrelas no meio deste caos.

Thad soltou o ar, contribuindo para a condensação no vidro da janela, depois deu uma olhada em Sandra pelo espelho. Estava bem atrás dele, sentada com as pernas cruzadas sobre a superfície plana que haviam montado na parte de trás do Cherokee ao abaixarem a segunda fileira de assentos. Parecia quase tão nervosa quanto Rebecca, embora sua voz não revelasse tanta tensão. Atrás dela, Thad distinguia a volumosa bolsa de viagem e a forma protuberante e metálica de um objeto bem maior que recolheram a caminho do ponto de encontro. Aquela coisa metálica e pesada tinha custado mais do que todas as outras ferramentas juntas — e o curioso era que Thad esperava que não tivessem a necessidade de usá-la. Mas, como sempre, ele pensava em todos os detalhes e, a esta altura, não queria correr riscos. Assim como a organização no hotel barato, os preparativos serviam para planejar coisas imprevisíveis, *como uma inesperada tempestade tropical que surgiu do nada e ferrou com o álibi deles, planejado com tanto cuidado.*

Foi Rebecca quem teve a ideia de organizarem uma visita ao observatório na noite anterior ao dia planejado para o roubo. E Thad conseguiu confirmar a presença de mais de uma dúzia de pessoas — a maioria estagiários e aprendizes, mas também alguns cientistas mais velhos que já tinham ouvido falar das famosas Festas das Estrelas em Utah — que se empolgaram com a ideia de passar a noite de sábado contemplando as estrelas.

Thad e as garotas carregaram tudo para o Jeep Cherokee, compraram o último equipamento em uma casa especializada no centro de Houston, que Thad descobriu na internet, e depois se dirigiram para o ponto de encontro, indo um pouco mais cedo para já estarem lá quando os outros carros chegassem. Às 21h30, quando começou a chuviscar, ninguém ficou muito preocupado. Em Houston, o tempo mudava tão rápido que parecia que os meteorologistas praticamente lançavam dardos em um mapa para adivinhar o que iria acontecer. Mas às 21h45 o chuvisco se transformou em tempestade, com gotas do tamanho de ovos de lagarto se chocando contra o para-brisa e o teto do Jeep, feito de fibra de vidro, e os três se sentiam como se estivessem sentados no meio de uma chuva de meteoritos.

A tensão no interior do Jeep parecia ainda mais explosiva. Embora o roubo em si só fosse acontecer no dia seguinte, os três concordavam que o passeio de sábado à noite seria um começo perfeito para o álibi deles.

Apesar do álibi arruinado, Thad não se sentiu nem um pouco desencorajado. Na verdade, a chuva que atingia o para-brisa e a tensão óbvia que se apoderava de suas duas jovens e belas cúmplices lhe davam uma emoção palpável. A própria palavra *álibi* o empolgava, e ele a acrescentou à lista. *Álibi, cúmplices, roubo.*

Enquanto a excitação chegava ao auge — a chuva batendo sobre sua cabeça, o perfume das duas cúmplices se misturando ao cheiro de adrenalina —, Thad teve uma ideia e no mesmo instante a transformou em palavras.

— Por que não fazemos agora?

A pergunta ecoou pelo interior do Jeep, abafando o som da chuva por um breve momento. Thad olhou para Rebecca. Ela o encarava, com as mãos agarradas ao painel diante dela. Meu Deus, era linda. Mesmo no escuro, rompido somente pela luz frágil dos faróis e de alguns diodos que piscavam no painel, era verdadeiramente linda. A onda de amor que sentia ao olhá-la tomou conta dele com força, triplicando sua determinação.

Claro, ele só a conhecia havia poucas semanas, mas ela lhe dava um poder quase sobre-humano, compelindo-o a fazer o impossível. Mas não foi Rebecca

que rompeu o silêncio — foi Sandra.

— Você está brincando, não é?

— Pense só — disse Thad com um sussurro. — Estamos com todo o equipamento, temos um quarto de hotel, e já são quase dez horas da noite de sábado. É melhor do que um domingo. Ninguém vai estar lá.

Ainda olhava para Rebecca. Então viu uma faísca de vivacidade nos olhos dela.

— A chuva é um disfarce perfeito — sussurrou ela. — Ninguém vai conseguir reparar muito bem no Jeep. As câmeras externas não vão funcionar direito. É perfeito.

Thad esticou o braço e pôs a mão sobre a dela. Sentiu que todo o corpo de Rebecca tremia. Também começou a tremer, mas não foi por medo.

Olhou para o retrovisor e encontrou o olhar de Sandra. Lentamente, ela fez que sim com a cabeça.

— Meu Deus — disse Thad. — Vamos mesmo fazer isso, não é?

E então ele ligou o carro.

* * *

Rebecca tinha razão. A chuva era um disfarce perfeito. O coração de Thad batia em sintonia com as imensas gotas quando ele parou o Jeep diante da guarita da segurança no portão externo do campus do Centro Espacial Johnson — mas quase que de imediato percebeu que nenhum dos dois guardas corpulentos lá dentro colocaria sequer o braço para fora de seu ninho quente e aconchegante. Não sairiam no meio do temporal para inspecionar um veículo com um adesivo da Nasa colado em uma das janelas laterais.

Na verdade, o guarda mais próximo nem jogou a lanterna na direção de Thad quando ele obedeceu e mostrou sua identificação com a janela do carro semiaberta. Por experiência própria, Thad sabia que os guardas nunca olhavam de verdade para as fotos nos crachás, e a chuva ainda o ajudava. Não havia como alguém de dentro da guarita dizer que havia três pessoas no Jeep, nem repararam no volumoso objeto metálico na traseira. E, mesmo que uma das câmeras presas ao telhado ou ao portão, que já estava subindo para permitir sua entrada, conseguisse uma imagem da placa do Jeep, não faria qualquer diferença. A placa não seria igual à de ninguém que trabalhava na Nasa e, se um dia as autoridades interrogassem o pobre sujeito que havia estacionado nos fundos do centro comercial no dia anterior, nunca poderiam ligá-lo a Thad ou suas

cúmplices.

Depois de atravessar o portão, Thad diminuiu a velocidade para o limite de oito quilômetros por hora e começou a longa e sinuosa jornada até seu destino. Sempre tinha achado o limite de velocidade do Centro Espacial muito irritante, mas naquela noite, com os nervos à flor da pele e o estômago revirado, era quase insuportável. A última coisa de que precisava era que um segurança o mandasse parar por excesso de velocidade. Tinha dezenas de histórias prontas para o caso de esbarrarem com alguém, mas assim que o identificassem toda a ação do roubo cairia por terra. Ainda se encontravam a uma altura em que era possível recuar a qualquer momento — não haviam ultrapassado a linha invisível que separava um pensamento de uma ação. Mas essa linha se aproximava a cada segundo.

Nenhum deles pronunciou uma palavra até Thad finalmente chegar com o Jeep ao estacionamento na parte de trás do Prédio 31, encontrando uma vaga bem na frente do portão mecânico usado para a entrada e saída de equipamentos pesados de laboratório. Thad nunca tinha estacionado tão perto do prédio, e do lugar onde estavam ele parecia duas vezes maior. Sua forma retangular erguia-se sob a forte chuva cinzenta. Desligou a ignição e as luzes e escutou por um momento as batidas da chuva no teto e no para-brisa. Ouviu a respiração pesada de Rebecca a seu lado.

— Tudo bem — disse ele, retirando um pequeno alicate do porta-luvas. — Esperem aqui.

Já passava das 22h e o ar estava bastante fresco para meados de julho, mesmo durante uma intensa tempestade. Thad fechou a porta do Jeep com todo cuidado e correu para a lateral do prédio, apertando-se com força à parede para ficar parcialmente coberto pela pequena marquise que saía do telhado. Primeiro, esgueirou-se até o enorme portão que ficava exatamente atrás do lugar onde havia estacionado o carro. Sabia, só de olhar os controles eletrônicos na porta, que ela estava em perfeitas condições de funcionamento, embora trancada por dentro. Satisfeito, voltou por onde veio e avançou mais três metros até um pequeno nicho na parede. Dentro desse nicho, havia outra porta com estrutura de aço, bem menor do que o portão de serviço, mas também trancada.

Thad passou o alicate para a mão esquerda e secou a palma e os dedos da mão direita na calça. Então procurou o teclado eletrônico ao lado da porta. De memória, digitou cinco números — e sorriu quando a fechadura se abriu. Até agora tudo bem. Obter a senha para a porta traseira do Prédio 31 tinha sido um tanto fácil. Se tivesse acontecido um ano antes, ele mesmo saberia a senha, pois era comum os cientistas que trabalhavam ali usarem a porta traseira para entrar e

sair do edifício depois do expediente. Era conveniente porque ficava perto da sala da impressora de astrofotografia. Se alguém precisava imprimir fotos da face escura da Lua, era para lá que se dirigia.

Thad simplesmente ligou para um de seus conhecidos dos almoços de segunda alguns dias antes e explicou que precisava imprimir algumas fotos. O homem tinha ficado feliz em lhe dar a senha e provavelmente se esqueceu da ligação na mesma hora. Se por acaso lembrasse que Thad havia pedido o número, seria um vago indício de alguma coisa errada. Dezenas de pessoas tinham usado a porta nos últimos dias.

Thad se abaixou, colocando o alicate entre a porta e a moldura e deixando-a alguns centímetros aberta. Depois, voltou depressa ao Jeep e esgueirou-se pela porta do motorista.

— Tudo bem — disse, parecendo mais calmo do que estava. — Vai levar uns dez minutos. Se virem alguém, qualquer pessoa, se arranquem daqui. Se ouvirem alarmes, gritos ou luzes, saiam. Não esperem por mim. Vou ficar bem.

Rebecca apertou os olhos e sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum. Vou entrar com você. Era o plano.

Thad olhou para ela e depois para Sandra. É, aquele era o plano, mas agora que de fato se encontravam ali, a ponto de ultrapassar aquele limite, ele não tinha certeza de que queria que uma delas saísse do Jeep. Mesmo se ele fosse pego, Rebecca e Sandra não poderiam ficar tão encrencadas assim apenas por esperarem no carro, do lado de fora. Na pior das hipóteses, seria como uma brincadeira de estudantes que deu errado, duas universitárias dando força para um garoto com espírito aventureiro. Rebecca era seu catalisador e seu coração, mas não precisava se transformar em sua companheira de cela se tudo desse errado.

— Thad — ela disse. — Quero fazer isso com você.

Ele ficou ali de pé, a chuva escorrendo pelos ombros e pelas costas. Ficou preso entre a fantasia do momento e os pensamentos da vida real que atravessavam sua cabeça. Ela *queria* fazer aquilo com ele. Mas ele não deveria deixar. *Sabia* que não deveria deixar, mas a questão era que, se ela fosse junto, ele sabia que aquilo uniria os dois de uma forma muito concreta pelo resto de suas vidas. Quando duas pessoas sobrevivem a uma maluquice e passam a ter um grande segredo para guardar pelo resto de suas vidas, isso as liga como nada mais poderia. O dinheiro era uma coisa: mudaria suas vidas, daria a eles a chance de fazerem muitas coisas maravilhosas, de se tornarem cientistas, de irem para a África, de serem felizes. Mas, além do dinheiro, a experiência os transformaria.

Já sabia que a amava, de uma forma intensa e absoluta, mas se ela o acompanhasse naquela missão perigosa seria por estar apaixonada por *ele* da mesma maneira. Thad tinha certeza. Teriam isso para sempre, não importava o que acontecesse em suas vidas. *Teriam isso.*

— Tudo bem — disse ele, surpreendendo-se enquanto ela já deslizava pelo banco dianteiro do Jeep para se juntar a ele na calçada. — E Sandra...

— Ah, fico satisfeita de esperar no carro.

Thad sorriu para ela, por cima do banco de trás. Virou-se para olhar a namorada e apertou sua mão. Depois, conduziu-a até a parte de trás do Jeep e abriu a porta traseira. Enquanto ela ficava ali e observava, ele pôs as duas mãos lá dentro e levantou o objeto de metal oblongo, de forma estranha e o pousou no chão. Depois buscou a bolsa e a pendurou no ombro. Parou por um momento, ignorando a chuva que caía, rememorando todos os passos. Tudo parecia em ordem.

Voltou-se para Rebecca e lhe deu um sorriso confiante.

— Hora de cruzar aquela linha.

Um segundo depois estavam no interior do Prédio 31.

* * *

Lá estava ele.

Na tela grande.

Com mais de seis metros de altura em meio a uma glória cinematográfica. Com um macacão cinza azulado, a maior parte do rosto coberta por uma fina máscara cirúrgica branca, o cabelo encaracolado, umedecido, escondido sob uma touca hospitalar de látex, mãos enluvadas e até mesmo os sapatos cobertos por pantufas de tecido branco. Movia-se como um gato por um dos lados do corredor sem fim, com joelhos ligeiramente dobrados para disfarçar o movimento vertical, os olhos verdes brilhantes nas câmeras de segurança giratórias, para ter certeza de que não podia ser visto, mais uma vez um fantasma, uma brisa, invisível como o ar. A garota estava bem atrás dele, seguindo todos os seus movimentos, imitando seu andar, vestida igual a ele, ajudando-o a arrastar aquela coisa metálica pela parede — as batidas e os rangidos das rodas eram os únicos sons além de suas respirações contidas, dos passos dos sapatos cobertos sobre o chão de concreto.

Com movimentos coreografados, mudaram de repente de lado no corredor, passando da visão de uma das câmeras de segurança para a outra, sem diminuir

o ritmo, sem hesitar, movendo-se como bailarinos experientes em um palco da Broadway.

Então, diante deles, lá estava a porta com a fechadura com senha. Sem parar, Thad pôs a mão na sacola e retirou uma pequena luz negra portátil, comprada no Home Depot junto com as ferramentas. Com um rápido movimento do polegar, ligou a luz e iluminou o teclado. Rebecca soltou uma exclamação atrás dele quando cinco das teclas se iluminaram, claras como a Lua em uma noite sem nuvens. Só que, quando olhou com mais atenção, viu que o brilho de cada tecla era diferente. Uma escala progressiva de luminosidade do número mais iluminado ao mais escuro. Thad piscou para ela, os olhos verdes eram a única parte do rosto visível sob a máscara cirúrgica. Seu pó mágico, combinação de fluorita, gesso e talco, havia funcionado. Tinha coberto todas as teclas com ele, mas apenas cinco números do teclado haviam sido pressionados nas últimas 24 horas, pois a pessoa que a digitou sabia a senha, e não tentava adivinhar às cegas. E, a cada tecla pressionada, a oleosidade da ponta dos dedos absorveu um pouquinho do talco, levando junto um pouco menos de fluorita. Thad não precisou sequer presumir qual seria a sequência dos cinco números — podia lê-la com a mesma facilidade com que leria cinco letras sobre uma folha de papel.

Uma por uma, ele apertou as teclas por ordem de brilho. Houve um zumbido, o ruído de engrenagens mecânicas, e a porta se abriu.

— Tudo bem — sussurrou por trás da máscara cirúrgica. — Espere aqui.

Desta vez, Rebecca não reclamou. Thad percebeu, pelo olhar e pelo suor que molhava a máscara, que agora ela estava apavorada. Sua respiração ficava cada vez mais rápida e breve, e havia uma chance real de que ela passasse mal se continuasse daquele jeito. Ele se aproximou, tão perto que sua testa encostou na dela, e olhou bem em seus olhos.

— É isso. Está acontecendo. E você vai ficar bem. Fique aqui. Eu vou cuidar de tudo.

A respiração se acalmou e ela assentiu com a cabeça. Estava assustada, mas iria adiante. Confiava nele. Tinha motivos para confiar nele. A seus olhos, ele era um James Bond, o sujeito que podia fazer qualquer coisa, que fez com que ela pulasse de penhascos e se jogasse de aviões. Falava vários idiomas, nadava com astronautas e um dia poderia caminhar em Marte. Ele ia lhe dar a Lua.

Thad se virou e, sozinho, atravessou a porta.

* * *

Penetrou então no Laboratório Lunar. Passou pelos gabinetes de acrílico, com as luvas de borracha acopladas, girando, circulando, até a colossal porta de aço com a imensa roda, torcendo, espiralando, atravessando a porta de aço e entrando na caixa-forte, oscilando, balançando, passando pelos arranha-céus de armários de aço com as gavetas de alumínio, titubeando, cambaleando pela portinhola até o cofre de *lixo*, ajoelhando-se, inclinando-se, os dedos na fechadura eletrônica digitando um número atrás do outro e...

Nada.

Zerar. Recomeçar. Digitar um número atrás do outro e...

Mais uma vez, nada.

Thad se jogou para trás, afastando-se do cofre e, subitamente, a realidade o atropelou como se fosse um foguete Saturno V bem na sua cara. Não conseguia penetrar na caixa-forte lunar de jeito nenhum. Não havia entrado pela portinhola, nem passado pelos armários de aço. Não tinha aberto aquela porta impossível, colossal, inacessível da caixa-forte.

Não estava na caixa-forte lunar, mas em um laboratório. Especificamente, no laboratório de Everett Gibson, o mesmo que ele visitara certa vez com a esposa, Sonya, para que ela pudesse ver uma pedra lunar com seus próprios olhos. E estava diante do cofre de Everett Gibson, encarando uma fechadura com senha que não se abria.

Piscou com força. Não tinha certeza de quando o plano havia sido alterado — o momento exato em que ele tinha deixado de lado o jogo mental de arrombar a caixa-forte lunar e o substituído pelo quebra-cabeça mais prático, mais exequível, que era entrar no laboratório de Gibson para chegar a seu cofre. Mas, em algum ponto do caminho, um pouquinho de realidade entrou na fantasia de Thad, o suficiente para arrastá-lo para este lugar, para este crime. Em sua mente, ficar ali encarando o cofre que batia nos seus ombros e continha, ele sabia, cinco gavetas repletas de exemplares que Gibson vinha colecionando e usando em experiências por mais de trinta anos — em sua mente, aquilo era o equivalente moral a roubar o cofre de lixo na caixa-forte lunar. Eram pedras lunares usadas, guardadas em um canto de um laboratório de cerca de trinta metros quadrados, retiradas de vez em quando para uma palestra, talvez levadas até uma escola, faculdade ou algum evento fechado da Nasa, mas ainda eram consideradas, em essência, lixo da Nasa. Gibson ficou com elas por trinta anos. Agora era a vez de Thad dar um uso a elas.

E quanto a Gibson? O que aconteceria com aquele homem bondoso, de ar professoral, que era parte da história da Nasa, que segurou e manipulou essas

pedras lunares desde o momento em que foram trazidas pelas missões Apollo, que estava ali quando os pousos lunares aconteceram? Bem, Gibson já tinha vivido aquela experiência. Teria aquela glória, aquele momento com ele pelo resto da vida. Agora era a vez de Thad.

Thad piscou. Sua mente voltou para Rebecca, ainda à espera no corredor, provavelmente apavorada, trêmula, perto de ter um colapso. A mandíbula de Thad enrijeceu quando tentou a combinação mais uma vez. De novo nada. Respirou fundo e examinou o cofre com os olhos. Sim, era grande e ele sabia que era pesado. Entre 220 e 270 quilos. Não era um chute, era algo que ele tinha pesquisado, algo que esperava não precisar saber — mas os preparativos incluíam esses detalhes, coisas que ninguém esperava ter de saber. Planos dentro de planos. Thad tinha esperanças de abrir o cofre, mas também planejara o que fazer caso não conseguisse.

Ele se virou e atravessou o local correndo, agora vendo-o como realmente era, um tanto entulhado de tubos de ensaio, pias de aço e prateleiras cromadas — muito parecido com o laboratório onde trabalhou durante duas maravilhosas visitas. Chegou até a porta e pôs a cabeça no corredor, surpreendendo Rebecca. Ela pulou para trás e quase tropeçou com aqueles sapatos cobertos. Por sorte, recuperou o equilíbrio antes de cair e entrar no alcance de uma das câmeras de segurança.

— Preciso da sua ajuda — cochichou Thad. Sua postura calma começava a fraquejar, ele não tinha tempo a perder. Precisavam ir depressa.

— O quê? Por quê? O que está errado?

— Não tem nada errado. É só que eu não consigo abrir o cofre.

Os olhos de Rebecca se arregalaram.

— Você não consegue abrir o cofre? Meu Deus, o que a gente vai fazer?

Thad apontou para alguma coisa atrás dela, aquele negócio de metal que tinham arrastado com eles desde o Jeep.

— Foi por isso que trouxemos o carro-alavanca.

Rebecca suspirou dentro da máscara cirúrgica. Claro que foi por isso que trouxeram aquela coisa maldita — pesada, desajeitada, mas com capacidade para aguentar 270 quilos com uma alavanca mecânica e tiras para amarrar cargas pesadas —, mas Thad realmente esperava que não precisassem daquilo. Achou que seria capaz de abrir o cofre ali mesmo. Esse foi o principal motivo para ter se concentrado no laboratório de Gibson, pois até em sua fantasia ele percebia que a caixa-forte lunar era inexpugnável.

Apesar de Gibson ter feito com que ele esperasse do lado de fora do

laboratório, ao pegar aquelas pedras lunares para mostrar a Sonya, um ano antes, Thad tinha conseguido ver os números afixados no alto do cofre. Presumiu se tratar de uma combinação. Obviamente, estava errado. Pensando bem, era uma tolice pensar que um homem tão inteligente quanto Gibson guardaria a combinação bem ali, no laboratório. Os números eram, na verdade, uma ferramenta para a memória, talvez uma espécie de algoritmo que o ajudava a calcular a combinação todas as vezes que ele abria o cofre. Seria bastante fácil criar um algoritmo que pudesse ser alterado com um intervalo de algumas semanas, sem muito esforço, sem necessidade de memorizar nada além dos processos para sua utilização — multiplicação, subtração, o que quer que fosse.

Com tempo suficiente, Thad sabia que provavelmente conseguiria chegar à sequência. Mas não havia como fazê-lo aqui e agora. O que ele tinha era um carrinho com capacidade de carga de 270 quilos, duas mãos além das suas — embora pequenas, da cor de porcelana e trêmulas — e um Jeep Cherokee à espera, do lado de fora.

Ele passou por Rebecca e segurou o carrinho, depois fez um gesto para que ela fosse adiante e entrasse no laboratório. Um minuto depois, estava de novo em frente ao cofre, com Rebecca ao seu lado. Com todo cuidado, Thad pôs o carrinho na posição e se ajeitou de forma a usar todo o seu peso contra o cofre. Forçando todos os músculos do corpo, tentou levantá-lo apenas o suficiente para colocar a beirada do carrinho embaixo dele. Nada. Nem com todo o peso dele em cima o maldito se mexeu.

— Você vai ter que me ajudar.

Rebecca colocou as mãos ao lado das dele e, juntos, tentaram de novo. O rosto de Thad ficou vermelho, os braços e as coxas ficaram tensos, as costas reclamavam do esforço. Devagar, a coisa rangeu para frente e então se levantou, apenas uns dois ou três centímetros. Thad usou uma perna para colocar o carrinho embaixo — e então o cofre desabou. Tinha funcionado. O carrinho estava sob a beirada e, com a ajuda de seus dois ombros, levou apenas um minuto para que Thad colocasse aquele negócio onde precisava ficar. Apertou as faixas para carga pesada nos cantos do cofre e se aprontou.

Sorrindo, ofegante, inclinou o carrinho de maneira que o peso ficou sobre as rodas e lentamente começou a arrastá-lo, atravessando o laboratório. Rebecca caminhava a sua frente, garantindo que o cofre não mudasse de posição. De vez em quando, Thad olhava em seus olhos e percebia que ela também sorria sob a máscara cirúrgica.

29

— Um. Dois. Três. Erguer!

Dentes cerrados, ombros queimando, Thad usava toda a força sobre a estrutura do carrinho enquanto as duas garotas juntas jogavam o peso contra a alavanca do carrinho e, bem devagar, o cofre fez um ângulo para trás que foi o suficiente para que passasse pela soleira erguida da porta do quarto do hotel. Um segundo depois, todos soltaram ao mesmo tempo e o negócio desabou no chão, parecendo sacudir o quarto inteiro.

Thad suspirou e sacudiu o suor do cabelo. Em seguida, foi trabalhar nas tiras. Assim que o cofre foi solto, mandou as meninas saírem do caminho e, usando movimentos para frente e para trás, conseguiu chacoalhar o cofre para frente, de forma que ele escorregou, centímetro por centímetro, saindo do carrinho e indo para as lonas que havia estendido sobre o carpete do chão. Logo que o objeto repousou em segurança sobre as lonas, Thad tirou o carrinho do caminho e os três ficaram na entrada, olhando a monstruosidade de aço no meio do quarto.

— Meu Deus — disse Thad.

— É — respondeu Sandra. — Provavelmente esse não é o termo adequado.

Thad sorriu, pousando a mão sobre o ombro dela.

— Você pode fazer o papel de sentinela. Fique do lado de fora da porta, preste atenção em todos os quartos e no estacionamento. Se vir alguma coisa, grite.

Sandra parecia bem feliz por ficar lá fora. Fechou a porta ao passar. Estavam todos tensos, um misto de empolgação e um pouco de medo, pois aquele troço estava ali no quarto, com eles, um grande monólito que parecia sugar todo o oxigênio do ar. Thad podia apenas imaginar por quanto tempo aquilo havia permanecido em um canto do laboratório de Gibson. Quantas vezes o velho tinha aberto aquela porta, guardando, com muito amor, os exemplares dentro dele. Bem, Thad só pretendia abrir aquela porta mais uma vez.

Dirigiu-se até as ferramentas espalhadas ao lado do cofre e descobriu qual

precisava usar. Uma grande serra circular portátil com uma lâmina especializada. Ao olhá-la, notou no mesmo instante que a lâmina era espessa demais para o que ele pretendia fazer — portanto, levaria algum tempo. Pior, também faria algum barulho. Bastante barulho, na verdade.

— Rebecca, a TV.

— Você quer ver TV?

Ele sacudiu a cabeça.

— Só para ter alguma coisa com um som alto.

Ela corou, compreendendo. Correu até o aparelho, ligou-o e esbarrou em uma série cômica em um dos principais canais. Botou o volume no máximo enquanto Thad se aproximava do cofre.

Com cuidado, Thad colocou a lâmina na fenda na beirada da porta trancada do cofre e começou a puxá-la para frente e para trás — a princípio devagar, para ter certeza de que não escorregaria, depois mais depressa, cada golpe consumindo a lâmina, levantando nuvenzinhas de metal e fumaça. Raspando, raspando, raspando, o som estridente de metal contra metal dentro daquele quarto pequeno, mal disfarçado pelo tagarelar idiota vindo da televisão. Trabalhou sem parar durante uns 15 minutos e então parou, com o braço ardendo, o suor escorrendo pelas costas. Fez um sinal para Rebecca, que tirou o som da televisão. Depois olhou para trás, em direção à porta.

— Alguma coisa? — exclamou ele, em um sussurro audível.

Sandra, que estava lá fora, respondeu.

— Nada, pode continuar.

E ele voltou. A televisão a toda, a serra, um borrão em movimento. Raspando, raspando, raspando. Mais 15 minutos, depois uma pausa. A televisão muda, o quarto silencioso.

— E agora? Ainda tudo bem?

— Ainda está tranquilo. O lugar está deserto. Acho que não tem ninguém além de nós neste andar.

Thad sorriu, apesar de estar cada vez mais exausto, e voltou para o cofre. Raspando, raspando, raspando. Percebia que estava funcionando, que a serra desgastava-se — logo iria entrar toda na fenda e ele poderia trabalhar nos pinos que mantinham a tranca fechada. Thad sabia, graças a pesquisas na internet, que um cofre daquele tamanho devia ter quatro pinos. Não tinha ideia da dificuldade que teria para atravessá-los, mas tinha comprado meia dúzia de lâminas diferentes, só para se precaver. Com sorte, teriam acabado antes do amanhecer, quando, com toda certeza, alguém, talvez uma empregada ou um gerente,

poderia passar por perto. Até então, ele já tinha previsto que as coisas se desenrolariam daquele jeito por algum tempo — 15 minutos de trabalho, alguns minutos de pausa para ver se alguém tinha ouvido, e de volta ao trabalho.

Entretanto, sua suposição se mostraria equivocada. Depois de apenas mais um intervalo e de um minuto indo para frente e para trás com a serra, houve um súbito e ruidoso estalo metálico. Thad ficou paralisado, olhando para Rebecca. Rapidamente, ela abaixou o volume da televisão e os dois se aproximaram do cofre, examinando a fenda.

— Não acredito. O pino é de alumínio! Estalou como se fosse uma tampinha de refrigerante!

Rebecca bateu palmas. Thad pediu que ela voltasse para a televisão e mudou de posição, movimentando a serra no local em que supunha estar o outro pino. E de novo — *pop!* —, bem assim, ele estava na metade do caminho. Cinco minutos depois, tinha arrebentado os quatro pinos. Cuidadosamente, retirou a serra e a colocou sobre a lona, ao lado das ferramentas que ele não usaria. O cofre não foi tão difícil quanto esperava.

Rebecca desligou a televisão e eles chamaram Sandra de volta para o quarto. Depois que ela trancou a porta, os três foram até a bolsa e pegaram tudo que seria necessário. Primeiro, recolocaram as luvas de látex. Depois, puseram a caixa de iscas ao lado do cofre — grande, metálica, o tipo de coisa que um pescador profissional usaria —, pronta para receber as amostras que seriam vendidas. Ao lado da caixa de iscas, colocaram uma pequena mala que Rebecca trouxera mais cedo para o hotel, destinada aos documentos e a qualquer coisa que precisasse acompanhar a caixa. E depois, ao lado da mala, abriram a grande caixa de papelão. O endereço já estava escrito no alto: era o endereço da administração geral da Nasa, o que significava que levaria alguns dias para que alguém de lá a classificasse, mas com certeza receberiam o pacote e descobririam o que Thad e as meninas tinham enviado. Thad pretendia devolver tudo que não fossem vender, ou qualquer amostra que ele não considerasse lixo — não importava como a Nasa ou Gibson a rotulavam.

Rebecca pegou um bloco e uma caneta. Ela seria a secretária do evento, anotando tudo que encontrassem no interior do cofre. Manteria tudo catalogado exatamente como haviam achado — pesos, quantidades, posição — e registraria cada coisa, só para garantir. Afinal de contas, eram cientistas e tratariam as amostras com o devido respeito.

De um modo solene, Thad se aproximou da porta do cofre. Deu uma última olhada para Rebecca, depois procurou a beirada e, lentamente, o abriu.

Pelo que lembrava, havia cinco prateleiras no interior, a maioria contendo pequenos recipientes, cápsulas, sacos plásticos selados com materiais dentro. Cuidadosamente, alcançou a gaveta mais próxima e, com as mãos enluvadas, pegou o primeiro recipiente.

— Amostra 167106.88. Da Apollo 16. Leve, límpida. Planalto lunar.

Ouviu o som da caneta deslizando pelo bloco de notas. Sua mente estava em parafuso. Segurava um frasco que continha uma minúscula amostra recolhida por astronautas da Apollo 16. Era quase inacreditável. Com todo cuidado, colocou a amostra na caixa de iscas e passou para a seguinte. Estava em um saco, poeira com alguns pedaços do tamanho de seixos misturados. Tinha uma coloração avermelhada.

— Frasco 17422.20. Apollo 17. Trazida pelo astronauta Jack Schmitt, o único geólogo oficial a pisar na Lua. O infame solo laranja. Vulcânico por natureza.

Colocou o saco em um compartimento na caixa de iscas, depois voltou para o cofre. Seus olhos se dirigiram de imediato para um dos recipientes na prateleira de baixo, pois o número do catálogo chamou sua atenção. Percebeu, ao lê-lo para si mesmo, que vinha da primeira missão Apollo. Continha amostras coletadas por Neil Armstrong — o primeiro homem a pôr os pés na Lua.

Thad ergueu o pequeno recipiente, mas não conseguiu que as palavras deixassem sua boca. Rebecca e Sandra o olhavam. Ele pigarreou.

— Este eu vou guardar.

— Thad...

— Temos mais do que o suficiente para vender.

Então teve uma ideia ainda melhor. Guardaria um pedacinho de cada amostra — só um pouco de poeira, uma pedrinha ou duas. Mesmo depois da venda, ele teria a melhor coleção de rochas do mundo. Guardou o recipiente com a amostra de Neil Armstrong e voltou para o cofre.

Durante uma hora e meia, examinou as quatro primeiras prateleiras. Aos poucos, enquanto progredia, começou a ocorrer a ele — e, quando terminou, tinha certeza — que naquele cofre havia amostras de todos os pousos na Lua na história da humanidade. Algumas eram minúsculas, pouco mais do que poeira. Outras eram maiores, mas nenhuma era particularmente grande. No total, as amostras juntas somavam 101,5 gramas. Era bem menos do que Thad tinha imaginado encontrar lá dentro. Mesmo assim, era uma pilhagem e tanto. Embora tivesse fechado um negócio de cem mil dólares com o belga, se ele quisesse realmente calcular o preço de mercado daquilo que tinha em suas mãos... bem, variaria dependendo dos valores que utilizasse, mas sabia que

podiam oscilar entre quatrocentos mil e cinco milhões de dólares por grama. Aquilo fazia com que 101,5 gramas de rocha variassem de quarenta milhões a meio bilhão de dólares.

Thad levou mais trinta minutos para embrulhar cuidadosamente um pouquinho de cada amostra em um recipiente em separado, que ele pretendia guardar para si. Seria de fato a coleção suprema de rochas — uma amostra de cada pouso que já tinha acontecido na Lua, o que talvez jamais voltasse a ocorrer. Não importava o valor de mercado, era algo que não tinha preço. Depois, voltou para o cofre e chegou à prateleira mais baixa.

Reconheceu alguns dessecadores por conta de seu trabalho no prédio de ciências da vida e sabia, pela aparência, que continham fragmentos de meteoros. Mandou que Rebecca colocasse a maioria deles na caixa que seria enviada para a Nasa. Nos fundos da gaveta, viu um dessecador que parecia um pouquinho maior do que os outros. Curioso, pegou-o e aproximou-o dos olhos para ler o rótulo.

Para seu completo espanto, reconheceu as letras no mesmo instante.

— ALH 84001.

Ficou parado, fitando o pequeno fragmento no interior.

— O que é? — perguntou Sandra. — Outra pedra lunar?

Thad sacudiu a cabeça. Não era uma pedra lunar. Era algo ainda mais valioso. Era a amostra de Marte, um fragmento de meteoro que Everett Gibson usou para provar que existiu vida em Marte. Aquele que foi encontrado no gelo da Antártica em 1984.

— Este aqui é de Marte.

— Marte? Você está brincando.

Ele sacudiu a cabeça. Depois, o guardou com muito cuidado na caixa de iscas.

— Por que você está guardando? Vamos vendê-lo também?

— Talvez — respondeu ele, embora não achasse que conseguiria. Mas, por alguma razão, ele queria levar aquilo também. Só Deus sabia que valor teria para um colecionador como o belga. Porém, para falar a verdade, Thad não sabia se alguma quantia seria capaz de persuadilo a se desfazer daquilo ali. A ideia de que agora era dono de um pedaço de Marte era muito sedutora.

— Tudo bem, agora vamos ver a papelada.

Sob a última gaveta, Thad encontrou formulários curatoriais, o registro feito pela Nasa de todas as amostras que agora estavam na caixa de iscas. Era o melhor recibo que poderiam pedir, e a prova escrita da autenticidade das amostras. Thad colocou os formulários na mala, junto com tudo que parecia importante e ainda

se encontrava no cofre — alguns papéis soltos, um ou dois frascos — e ia começar a reorganizar o conteúdo da caixa de pesca por missão, em ordem cronológica, quando percebeu que Rebecca permanecia atenta à última gaveta do cofre.

— Thad, e aquilo ali? Aquela poeira?

Thad olhou para o interior do cofre e viu o que ela mostrava. Em um canto da prateleira de baixo, havia um pouquinho de pó branco avermelhado. Percebeu que, enquanto empurravam o cofre para cima e para baixo do carrinho, um dos sacos de amostras provavelmente vazou um pouco. Era mesmo uma quantidade de nada, menos de um grama, uma camada bem fina em um dos cantos do cofre, mas ainda assim tinha vindo da Lua. Thad ficou ali, pensando no assunto por mais alguns segundos, e então fez a única coisa que lhe ocorreu.

Esticou o dedo e passou na poeira, depois colocou aquilo na boca. Engoliu e sorriu para Rebecca.

— Agora tenho um pouquinho da Lua dentro de mim.

Sem esperar pela reação dela, trancou a caixa de iscas, fechou a mala e começou a limpar o resto. Colocou as ferramentas no cofre, agora vazio, e pegou o carro-alavanca do lugar onde o deixaram, perto do gabinete com a televisão. O cansaço estava começando a bater, mas ele sabia que ainda tinham muito trabalho antes de a noite acabar.

Enquanto Sandra o ajudava a recolocar o cofre no carrinho, Rebecca dobrou os papéis com cuidado e depois juntou a caixa de iscas, a mala e o pacote destinado à Nasa e os seguiu até a porta. Thad e Sandra lutavam para fazer com que aquele monstro ainda imensamente pesado passasse pela porta. Rebecca não conseguiu calar a pergunta que estava na cabeça das duas garotas.

— E aí, qual era o gosto?

Thad grunhiu enquanto o cofre passou pela porta e avançou devagar para fora.

— Para falar a verdade, salgado.

Percebeu, enquanto trabalhava, que era provável que ele fosse a única pessoa do mundo a ter autoridade para dizer aquilo.

* * *

— Acho que vou querer o Café da Manhã Grand Slam. Na verdade, todos nós vamos querer o Café da Manhã Grand Slam. Grand Slam para todo mundo!

Thad tinha consciência de que parecia ridículo, mas não conseguia se conter.

Além do mais, se não era possível parecer ridículo em uma lanchonete Denny's deserta, em um trecho solitário de estrada, no interior do Texas, então onde um sujeito, sua namorada e sua confidente poderiam ir para relaxar? E ainda era bem tarde, embora não tivessem sequer noção da hora. Só sabia que era tarde mesmo e estava mais do que cansado, tão fora de si por viver uma onda de adrenalina durante tanto tempo que, pela primeira vez, sentia que tinha controle limitado sobre suas faculdades.

As meninas não se encontravam em melhor estado. Rebecca ficou duas vezes mais efusiva do que o habitual e engolia uma Coca diet atrás da outra, enquanto contava em voz alta os poucos faróis que despontavam na estrada do outro lado da grande janela atrás de Thad. Com os olhos semicerrados, Sandra estava caída sobre a mesa, meio acordada, meio adormecida. De vez em quando, Rebecca chutava a menina, debaixo da mesa, para ter certeza de que permanecia consciente.

Nossa, foi uma longa noite, mas até onde Thad conseguia se lembrar tinham feito tudo com perfeição e tomado todas as precauções. Após deixarem o quarto de hotel, primeiro trataram de se livrar do cofre. Dirigiram até uma cidadezinha chamada Alvin, a uns quarenta minutos dos arredores de Houston, perambulando até encontrarem a caçamba de lixo perfeita, em um beco deserto perto de um imenso estacionamento. Escolheram outra caçamba, em outra cidade, para o resto do lixo, que incluía a porta do cofre, que, por precaução, tinham removido na traseira do Jeep porque estava pendurada por um dos pinos retorcidos. Então dirigiram até o carro velho cuja placa tinha sido retirada por Thad e a devolveram.

Depois fizeram a única coisa que podiam pensar para relaxar: saíram para tomar café da manhã. O Denny's era o único lugar aberto àquela hora, por isso os Grand Slams eram a pedida. E, cansados como estavam, sabiam que as coisas seriam ainda mais difíceis nas próximas 24 horas, enquanto finalizavam o plano.

Para compor a parte final de seu álibi, Thad se dispôs a, no dia seguinte, acompanhar um grupo de estagiários até um famoso parque aquático do Texas. Seria necessário ter muita força de vontade para sobreviver à excursão, não só porque estavam exaustos, mas por causa do segredo que compartilhavam, o segredo que era tão fantástico, tão inacreditável que seria uma verdadeira proeza guardá-lo.

E no outro dia... Bem, haveria cinco dias corridos de atividades normais, e os três voltariam às suas rotinas. Thad tinha feito as últimas combinações com Lynn Briley no dia anterior, por e-mail. Iria se encontrar com a cunhada do belga na

Flórida, no sábado seguinte, dentro de cinco dias. Em vez de Tampa, haviam acertado de se ver em Orlando, por sugestão de Briley. Thad nunca fora para Orlando, mas não achava que teria muita dificuldade para chegar ao ponto de encontro — um restaurante na International Drive chamado Italliani. A viagem até a Flórida seria mais cansativa, mas pelo menos ele e as meninas poderiam conversar o quanto quisessem sobre o que tinham feito.

Para falar a verdade, Thad gostava do fato de que naquele momento, em público, precisassem manter o silêncio sobre o incrível segredo. Apoiando-se na mesa, ele sorriu para Rebecca, que girou o canudo para Thad e devolveu-lhe o sorriso. Sabia que o segredo das pedras lunares os uniria para sempre. Muito depois de as venderem e mandarem as sobras para a Nasa, ainda teriam aquela experiência que acabavam de viver — algo de que se lembrariam com carinho e de que falariam para sempre. Ele a amava com todo seu coração e tinha certeza de que ela sentia o mesmo.

Em menos de uma semana, teriam dinheiro suficiente para partirem juntos, talvez até mesmo para começarem uma nova vida juntos. Em sua cabeça, Sonya era o passado. Utah era o passado. A família, o mormonismo, até Everett Gibson — o passado.

Rebecca era o futuro. Cem mil dólares em uma maleta era o futuro. E um pequeno fragmento do planeta Marte.

Tudo isso era seu futuro — *e o futuro era bonito pra caramba.*

30

De olhos fechados, cabeça baixa, Thad apoiou as mãos nas paredes do boxe reluzente de tão branco e deixou que os jatos de água superaquecidos golpeassem seus ombros nus, o pescoço e as costas, enquanto o vapor dos bocais embutidos no chão, sob seus pés, subia como nuvens amorfas, cintilantes, enchendo suas narinas, a boca e os pulmões. Mais jatos dos dois lados cuspiram poderosos jorros de água ainda mais quente no peito e nos lados do corpo. Gotículas raivosas pareciam rasgar a pele como agulhas incandescentes, esculpindo uma careta em seus lábios e uma contração nos cantos dos olhos. Mesmo assim, ele não se mexeu, deixando que o computador que controlava a temperatura e a pressão da água daquele chuveiro high-tech continuasse o brutal ciclo pré-programado, mais quente a cada instante — até que um grito chegasse muito perto de sair de sua garganta.

E bem naquele momento, por sorte, quando soube que não seria mais capaz de aguentar, a água afinal parou de jorrar e o vapor subiu até as grades de ventilação que cobriam os painéis bem iluminados no teto. Thad ficou ali, nu, gotejando continhas de H_2O quase gasosa, lutando para respirar o ar mais fresco que, agora, penetrava pelo boxe. Nossa, tinha sido intenso, mas era exatamente daquilo que ele precisava. Não só para desfazer os nós em seus músculos cansados, mas para limpar a quase constante sensação de tensão em seu cérebro. Apesar de terem se passado dois dias desde o roubo, todo o seu ser ainda se sentia como uma mola tão comprimida e achatada que corria o risco de explodir. Por sorte, faltavam apenas alguns dias — a transação com a cunhada do caçador de pedras belga tinha sido confirmada, e na tarde de sexta ele começaria a longa viagem rumo a Orlando, na Flórida.

Dessa maneira, ele precisava manter sua rotina de sempre na Nasa por mais um tempinho. Eram 11 da manhã de uma terça-feira e ele se encontrava exatamente onde devia, no chuveiro do Laboratório de Flutuabilidade Neutra, esperando o tempo necessário para que os médicos o liberassem para o almoço.

Tinha se demorado um pouco mais do que o normal no chuveiro da família Jetson, mas tinha certeza de que ninguém perceberia.

Diabos, já tinham se passado quase três dias e ninguém da Nasa havia percebido o desaparecimento de um cofre de 270 quilos do laboratório de um dos principais cientistas no Prédio 31. Ele duvidava que alguém chamasse os repórteres só porque um estagiário se empolgou demais com os jatinhos de um chuveiro controlado por computador.

Finalmente abriu os olhos, tirando a água do cabelo. Ao sair do boxe e ver com a admiração de sempre a toalha quente, dobrada, deslizar da parede diante dele, lembrou que, por mais tenso que estivesse, o mais provável era que as garotas estivessem em condições ainda piores. Ele já convivia com a imagem mental do roubo havia mais de um ano. Rebecca e Sandra deviam estar em cacos a esta altura.

Thad passou todo tempo possível acalmando as duas por telefone e em almoços demorados. Conseguiu que as duas parassem de encarar a porta, à espera de policiais armados a qualquer momento. Mas ainda estava extremamente feliz por ter planejado a viagem à Flórida para uma data tão próxima. Duvidava que qualquer uma das duas fosse capaz de passar por mais uma semana como aquela.

Enrolou a toalha na cintura e se dirigiu ao armário. Estava indo pegar suas roupas quando sentiu um deslocamento de ar atrás dele, seguido pelo som de passos escorregadios.

— Você soube o que aconteceu?

Brian estava na entrada da área dos armários, com um ar empolgado no rosto. Ainda trazia o traje de mergulho pendurado na cintura e o transmissor de comunicação óssea em um dos ombros. Era óbvio que acabava de vir do deque do Laboratório de Flutuabilidade Neutra, embora tivessem saído da água juntos, quase uma hora antes.

— Não soube de nada. Estava no chuveiro...

— Parece que você acabou de sair de um forno de pizza. Nunca ouviu a história da rã e da panela de água, em que a rã só percebe que está sendo cozida quando é tarde demais?

— Essa é a notícia? Estão cozinhando rãs no Laboratório de Flutuabilidade Neutra?

Brian sacudiu a cabeça enquanto entrava no vestiário.

— Você não vai acreditar. Alguém roubou 270 quilos de pedras lunares.

Thad sentiu um aperto na boca do estômago. Ficou feliz por estar sentado.

Também estava contente por sua pele ainda estar vermelha por causa da água quente ou suas bochechas ficariam tão pálidas quanto as de Rebecca.

Tinha se preparado para aquele momento. Mais cedo ou mais tarde, alguém perceberia que o cofre tinha desaparecido, mas ainda assim foi assustador ouvir aquilo ser dito em alto e bom som. Não sabia exatamente o que responder, porém isso não fez a menor diferença, uma vez que Brian prosseguiu, a um milhão de quilômetros por hora.

— Queria ser o filho da mãe esperto que teve essa ideia. Duzentos e setenta quilos de pedras lunares? Tem ideia de quanto valem?

Thad cobriu a cabeça com uma ponta da imensa toalha, como se estivesse secando o cabelo. Sob a toalha, ele sorria. Foi incrível ouvir um comentário daqueles vindo do amigo. Era algo que ele jamais esperava ouvir de Brian, que era mais certinho do que qualquer outra pessoa. Quase quis contar a verdade, mas já havia gente demais envolvida na história. Não queria correr o risco de envolver mais ninguém.

— Tenho certeza de que vale muito — respondeu por fim, com a voz abafada pela toalha.

— A gente estava fazendo as contas no deque do Laboratório de Flutuabilidade Neutra. Esses 270 quilos de pedra devem valer mais de um trilhão de dólares.

Thad quis corrigir Brian. Não eram 270 quilos de pedras lunares. Era apenas um cofre de 270 quilos. E não valia um trilhão de dólares, mas com toda certeza valia um bocado. Então o desdobramento do que Brian acabava de dizer entrou em seu cérebro conturbado.

É claro que não era apenas Brian que sabia do desaparecimento do cofre. Se havia chegado ao Laboratório de Flutuabilidade Neutra, que ficava a dez minutos do campus...

— Todo mundo está falando nisso — prosseguiu Brian, colocando os pensamentos de Thad em palavras. — Roubaram o cofre do laboratório de Everett Gibson. Ele ainda está viajando, por isso ninguém sabe ao certo o que mais estava lá dentro, mas os boatos estão à solta. Nunca aconteceu nada parecido na Nasa até hoje.

Thad estava a ponto de responder algo, talvez fazer perguntas para obter mais informações, quando percebeu que o celular estava tocando dentro do armário. Mantendo o ritmo cardíaco sob controle, com aparente indiferença ele retirou o telefone do bolso da calça e viu quem estava ligando. *Rebecca.*

Enquanto Brian continuava tagarelando a respeito da gravidade do que

acontecera, Thad pôs o telefone no ouvido, protegendo-o ligeiramente com a mão para ter certeza de que Brian não ouviria a voz do outro lado da linha. Antes que pudesse dizer uma palavra, Rebecca praticamente gritou em seu ouvido, a voz estridente e cheia de um medo bastante real.

— Todo mundo sabe que o cofre desapareceu. Recebi dezenas de e-mails de gente de todo o campus.

Parecia desesperada. A voz falhava e Thad percebeu que ela tinha chorado. Quis dizer a ela que ficasse calma, que eles já sabiam que as pessoas descobririam em algum momento que o cofre sumira e que não havia como ligarem os três ao que tinha acontecido. Mas, com Brian bem a sua frente, ele precisava ser cauteloso ao extremo.

— É, o Brian acabou de me dar a notícia. Uma loucura. Ninguém tem ideia de como alguém fez uma coisa dessas. Caramba, provavelmente nunca irão pegar quem é que tenha sido.

— Thad, não quero esse negócio no meu apartamento. Precisamos tirar daqui agora.

Thad percebeu que o que estava deixando Rebecca tão apavorada não eram apenas os boatos à solta, mas o fato de que as pedras lunares se encontravam no apartamento dela. Deixaram tudo lá, pois foi onde tinham passado as últimas noites.

— Tudo bem, pois é, a gente pode resolver isso...

— Sandra diz que tem o lugar perfeito. Um conhecido que foi para a Europa passar o resto do verão deu a ela a chave de um depósito. Venha para cá assim que puder e vamos levar tudo para lá.

Após dizer isso, Rebecca desligou. Thad devolveu o celular ao bolso da calça e começou a se vestir. Brian sentou-se no banco ao lado dele, ainda com a história do cofre roubado na cabeça.

— Caramba, cara, quem rouba uma coisa tão valiosa assim nunca vai parar na cadeia, porque pode subornar qualquer pessoa que queira entregá-lo para a polícia.

Thad riu da piada. Por dentro, no entanto, aquela mola tinha acabado de ficar ainda um pouco mais comprimida. Nenhum chuveiro high-tech seria capaz de ajudá-lo agora.

31

Os boatos ainda corriam soltos três dias depois, enquanto Thad enfrentava outra jornada perfeitamente típica no Centro Espacial: uma manhã passada no Laboratório de Flutuabilidade Neutra, com mergulho até meio-dia, chuveiro, almoço, mergulho até o final da tarde, chuveiro, depois receber liberação do médico para sair — e finalmente estava lá fora, desejando a Brian um bom fim de semana, com o sol brilhando em seu rosto, os cachos do cabelo ainda úmido batendo na testa. Correu para o carro de Rebecca, que ele pegou emprestado para substituir o Toyota, que vinha agindo de forma esquisita. Ligou o motor e atravessou a cidade para pegar a namorada e começarem a viagem de 14 horas até Orlando. Thad tinha calculado tudo em suas horas livres no Laboratório de Flutuabilidade, debruçado sobre o computador enquanto usava uma série de sites de mapas para encontrar a rota perfeita. Seriam cerca de 1.500 quilômetros, a maioria em autoestradas — talvez fosse a maior viagem de carro que ele já tinha feito sem parar, e não haveria tempo para que descansassem. Além disso, ele não tinha dinheiro para planejar qualquer parada. Uma loucura: mesmo com tantos milhões de dólares em pedras lunares no porta-malas, ele ainda não podia bancar um quarto de hotel ou mesmo um restaurante de bom nível. Teria de contar apenas com o que estava no porta-malas — e com as lembranças de como aquilo havia parado ali — para impressionar a namorada.

Sorria enquanto fazia o percurso de 15 minutos até o apartamento de Rebecca. Era emocionante pensar que passaria 14 horas sozinho com ela em um carro. O fato de que Sandra, inesperadamente, precisasse ficar para trás, em Houston, parecia um incrível golpe de sorte. Ela queria ir, mas sua prova para obter a certificação de mergulho por acaso caiu naquele fim de semana, portanto não havia outra opção. Precisava do certificado para avançar em seu objetivo de se tornar uma funcionária da Nasa e, apesar do que tinham feito, ainda pretendia realizar suas atividades de sempre. Como Thad tinha passado a última semana convencendo as duas de que deviam ter como prioridade manter as atividades

cotidianas até que o assunto esfriasse e os boatos desaparecessem, ele nem discutiu com ela. E, para falar a verdade, não teria discutido de qualquer forma.

Rebecca já estava do lado de fora do apartamento, sentada diante dos degraus da entrada, quando Thad parou o carro perto da calçada. Agarrou uma mochila que estava a seus pés, pendurou-a no ombro e se dirigiu até ele. Parecia revigorada e feliz, como se aquele fosse o primeiro dia do resto de suas vidas. Usava short, como ele, e uma camiseta com o logotipo de alguma banda de rock no peito. Parecia até mais jovem do que era, uma espécie de fadinha deslumbrante, de cabelos negros, dando vida a tudo que se aproximava dela. O medo e a tensão, visíveis durante toda a semana anterior, pareciam ter sumido agora que estavam a caminho da Flórida e, quando ela abriu a porta do carona, jogou a mochila no banco traseiro e entrou, Thad teve vontade de agarrá-la com as duas mãos e arrancar-lhe as roupas. Naturalmente, haveria muito tempo para essas coisas mais tarde. Em vez disso, foi ela que se inclinou para ele, dando-lhe um beijo feroz nos lábios, passando a mão do peito até as calças e lhe dando um apertãozinho, uma prévia do que estava por vir. Depois, prendeu o cinto de segurança com uma das mãos, enquanto abria, com a outra, um mapa que estava dobrado em seu bolso. O rosto demonstrava seriedade, e Thad percebeu que não conseguia conter o sorriso ao olhar para ela.

Era exatamente como havia pensado — a experiência que tiveram, o segredo que compartilharam, aquilo tinha acelerado o relacionamento e unido os dois. Era como se estivessem apaixonados por muitos anos, embora fossem apenas semanas.

— Uma pena que Sandra não pôde vir — disse ele ao ligar o motor. — Mas é legal, não é? Eu e você, sozinhos? Até o fim?

É claro que ela vinha pensando o mesmo que ele, o que o deixou ainda mais empolgado. Embora a viagem até a Flórida fosse apenas dos dois, não seria assim até o fim. Thad decidiu não mencionar por enquanto o cúmplice que substituiria Sandra quando chegassem a Orlando. Não estava exatamente empolgado com a mudança, nem tinha certeza de que o sujeito apareceria mesmo.

Thad enviara um e-mail para Gordon logo depois do roubo, mais por uma questão de cortesia. Embora Gordon tivesse sido útil na hora de encontrar um comprador, ele ainda não passava de pouco mais do que um conhecido doidão, um elo com o submundo que Thad só podia imaginar em suas fantasias. Tinha garantido a Gordon, muitas vezes, que lhe daria dez por cento do que obtivessem com a transação — dez mil dólares para encontrar um e-mail, o que parecia um ótimo negócio para Thad. Mas sua presença, ao lado dele, nunca tinha feito parte

de seus planos.

Na verdade, estava certo de que Gordon não tinha a menor ideia do que ele havia feito. Afinal de contas, era a mesma pessoa que descartava a possibilidade da chegada do homem à Lua, e até agora provavelmente nem sabia que Thad trabalhava na Nasa. A presença de Gordon ao lado de Rebecca parecia desnecessária e desagradável. Mas Thad tinha enviado o e-mail assim mesmo, esperando pouco mais do que uma felicitação.

Sem obter uma resposta imediata, mandou outro e-mail, partindo do princípio de que Gordon estava deixando a negociação em suas mãos:

Não tive notícias suas, por isso presumo que você não vai para a Flórida. Só para mantê-lo informado, os itens foram listados. São cerca de cem amostras com massa média de 0,8 gramas...

Desta vez, Thad recebeu uma resposta, mas era tão estranha, até para Gordon, que ele acreditou tê-la recebido por acidente. Era uma série de gracinhas que só faziam sentido naquela mente de doidão:

Férias verticais. Olhe bem no céu e vai me encontrar. Saí para pescar. Cavalos selvagens não poderiam me afastar.

Mas um telefonema posterior esclareceu tudo, para a infelicidade de Thad. Gordon planejava ir para a Flórida e o e-mail anterior não tinha sido um acidente. Era apenas Gordon sendo Gordon. “Férias verticais” queria dizer que ele voaria. “Bem no céu” se referia ao avião. “Saí para pescar” e “cavalos selvagens” significavam que ele faria coisas de que gostava.

Depois do telefonema, ele enviou um e-mail com as informações sobre seu voo, de forma que não havia mais como evitar sua presença. Gordon faria parte da história. Thad não sabia muito bem por que o garoto queria estar ali. Para ele, era bem mais perigoso se envolver tanto. Tudo que tinha feito até então se resumia a enviar um punhado de e-mails. Porém, Gordon foi insistente e, decidido a não discutir, Thad encontrou, em vez disso, uma maneira de se aproveitar de novo do colega. Gordon conseguiu que a mãe lhe pagasse a

passagem para a Flórida dizendo que estava indo para uma entrevista de pós-graduação. Thad também fez com que ele falasse para a mãe que precisava de um hotel em Orlando. Havia um Sheraton bem perto do restaurante, na International Drive, o que parecia perfeito.

Thad preferia ficar apenas com Rebecca até o fim, mas Gordon seria o terceiro cúmplice e também disporiam de um novo local para preparativos, onde poderiam fazer os últimos arranjos. Por segurança, Thad planejava deixar as mercadorias no hotel quando fosse para o restaurante.

Primeiro, haveria a viagem de 14 horas e muitas oportunidades para contar a Rebecca sobre Gordon, além de muito tempo para curtir a presença dela sem ninguém por perto. Duas pessoas completamente apaixonadas, compartilhando um segredo, a caminho de um acontecimento histórico. Em apenas quatro semanas, tinham experimentado o que a maioria dos casais não viveria em uma vida inteira.

* * *

— Preciso admitir, isso me parece um pouquinho errado.

Rebecca se acomodou no peito de Thad enquanto ele envolvia a cintura dela em seus braços, puxando-a com força para junto de seu corpo. A perna direita dele estava pousada na coxa dela enquanto os dois olhavam pela janela traseira do carro, os olhares em sincronia. Embora tivessem parado bem nos fundos de um estacionamento vazio, ele não tinha dificuldades em ver a igreja batista de dois andares, sobretudo a cruz que se erguia de uma das duas humildes torres, lançando uma sombra, iluminada pela Lua, que terminava a apenas alguns metros de onde se encontravam, deitados no banco traseiro do carro.

— Tudo bem, entendo o que você quer dizer. Mas, sabe, esses lugares não tratam apenas de devoção. Também têm a ver com perdão, paz, amor, asilo. E, na verdade, não temos muitas opções. É aqui ou no estacionamento de uma lanchonete Waffle House.

Rebecca bateu brincando com a palma da mão no rosto dele. Depois se virou para olhar além da igreja e contemplar a Lua por trás da cruz.

— Asilo, entendo, mas não estamos pedindo perdão, não é?

— Acha que temos que pedir perdão a alguém? À Nasa? Pegamos cem gramas de pedras lunares. Eles têm mais 385 quilos trancados na caixa-forte. Aos astronautas da missão Apollo? Caramba, o roubo provavelmente vai chamar mais atenção para o que fizeram e para o que a Nasa espera fazer agora do que se

essas pedras ficassem trancadas para sempre no cofre do lixo. À ciência? Com o dinheiro que conseguiremos, poderemos viajar pelo mundo, construir nosso laboratório, nos tornar cientistas melhores e até mesmo, quem sabe, astronautas.

Thad sabia que parecia ingênuo e um tanto tolo, mas achava que as palavras eram sinceras. Alguém que estivesse fora da situação poderia chamar aquilo de uma tentativa de racionalização, uma forma de explicar seus atos além do apelo crasso do dinheiro ou do clichê do amor, mas naquele momento, acampados no estacionamento da igreja batista por não conseguirem juntar cem dólares para ficar em um hotel — ainda que houvesse milhões de dólares em rochas lunares no porta-malas —, não havia problema em parecer um pouco tolo.

— E o doutor Everett Gibson? Quer dizer, a gente roubou o cofre dele. Havia documentos lá dentro que certamente tinham algum valor pessoal. O homem vem trabalhando com essas amostras há trinta anos. Era uma espécie de mentor para você...

— O doutor Gibson vai ficar bem. Tenho certeza de que ele guarda cópias de tudo que estava naquele cofre. E se não for o caso... Bem, a ciência é uma coisa viva, em constante movimento. Não é para ficar escondida em um canto. Gibson foi parte da maior aventura científica na história da humanidade. Teve seu momento, aproveitou bastante e agora está nos passando o bastão. Além do mais, a gente guardou todo o resto naquela caixa para mandar de volta para a Nasa. Ou seja, ele vai recuperar tudo aquilo que não vamos vender.

Rebecca ficou em silêncio em seus braços. Talvez estivesse refletindo sobre suas palavras ou apenas olhando para a Lua. Thad tinha certeza de que ela não fazia essas perguntas por se sentir culpada, mas nervosa. Agora estavam bem perto. Quando o Sol nascesse, iriam se encontrar com Gordon no saguão do hotel Sheraton.

Durante a longa viagem, ele e Rebecca tinham conversado sobre o que fariam se as coisas dessem errado, e Thad foi bem claro. Não importava o que acontecesse, Rebecca não teria qualquer problema. Se Thad fosse pego, ela diria para as autoridades que não sabia o que se encontrava no porta-malas do carro. Bancaria a boba e Thad confirmaria.

Em retribuição, ela estaria pronta para pagar a fiança, e mesmo que ele tivesse problemas sérios, se fosse a julgamento, Rebecca ficaria em segurança. Sabia que tinham roubado algo valioso, mas não haviam machucado ninguém. Era apenas uma grande brincadeira de estudantes. A Nasa não veria as coisas desse jeito, mas Thad não passaria a vida inteira na cadeia por causa de 100 gramas de pedra lunar.

Não havia razão para que Rebecca se sentisse culpada ou assustada. Era o catalisador de Thad, e ele a amava — mas tinha sido o jogo mental inventado por ele que se tornara real. Foi o plano dele que eles seguiram. E Thad estava pronto para ver sua conclusão.

— Não precisamos dizer nada — sussurrou na orelha dela. — Nem fazer nada. Vamos ficar deitados aqui vendo a Lua, até o Sol aparecer.

E foi exatamente o que fizeram.

32

Hotel Sheraton, Orlando, Flórida, 20 de julho de 2002

Wild,
Wild horses,
Couldn't keep me away... [1]

O saguão do hotel deu uma guinada para a esquerda, afundou-se adiante e o carpete pareceu ondular sob as botas de Gordon, como ondas do mar batendo na areia da praia. Ele tentou ficar totalmente parado, os olhos piscando com grande rapidez enquanto resistia ao impulso de tombar. Porque cair no saguão do Sheraton, às quatro da tarde, não o ajudaria em nada e chamaria atenção, e a última coisa de que Gordon precisava naquele momento era chamar atenção.

Aos poucos o saguão começou a se estabilizar, e logo Gordon se sentiu bem o suficiente para dar um passo hesitante em direção a um par de sofás exageradamente fofos que ficava de frente para a entrada em forma de arco que se abria para a International Drive. Ele tinha de admitir, enquanto avançava centímetro a centímetro pelo carpete ainda oscilante, que aquele era um saguão bem bonito para um Sheraton. Chegara a Orlando fazia apenas umas duas horas, mas tinha ficado bastante impressionado com o lugar. E a temperatura de quarenta graus, com um índice de umidade relativa do ar de cem por cento, não parecia tão ruim — quer dizer, pelo menos quando havia maconha em seu organismo em quantidade suficiente para deixar um elefante africano sorridente.

Ele afinal conseguiu chegar ao sofá. Agora era só uma questão de dobrar os joelhos, colocar o traseiro naquelas almofadas tão simpáticas e pousar as botas na mesa de centro com tampo de vidro. Nada para ser notado, ninguém especial, apenas um sujeito em um saguão de hotel, à espera de alguns amigos. Tudo bem, estava um pouco chapado e tinha tomado uns drinques no aeroporto, e com toda

certeza planejava tomar mais alguns e fumar outros tantos baseados antes do fim do dia, mas não era diferente de ninguém por conta disso... porra, todo mundo fica doidão com alguma coisa, todo mundo tem seu veneno.

Como era o caso de Thad, ou Orb, ou seja lá qual fosse o nome pelo qual Gordon deveria chamá-lo. Thad era tão doidão quanto ele, mesmo que nunca tivesse tocado em maconha ou em bebida alcoólica na vida. Estava doidão por aquela garota e também com a ideia do dinheiro que ganharia — ficou doidão com as informações que Gordon tinha lhe fornecido. O belga das pedras e a cunhada, a senhora que se encontraria com eles dentro de duas horas. É, Thad ficava doidão com tudo isso. Tão doidão que estava lá no alto, junto ao lustre que pendia do teto do saguão, feito de um cristal tão maravilhoso, tão reluzente e quente, contemplando Gordon lá embaixo, o velho e inútil Gordon. E Gordon estava lá embaixo, naquele lugar, escuro, em um poço de... bem, de tristeza.

Ainda pensava na mulher, no filho e na irmã, sua pobre irmã morta, e no mundo — pois é, a porcaria do mundo que ia se acabar. A qualquer minuto, a qualquer dia, e não podia acontecer rápido demais para seu gosto. Armagedom. Droga, mas estava demorando muito, assim como Thad e a garota que demoravam uma eternidade para chegar ao maldito saguão. Gordon sabia que não podia esperar muito mais, pois a onda estava começando a baixar e ele precisava de uma dose de algo, qualquer coisa, para que ela continuasse. Seu plano estava se tornando nebuloso e ele começava a ver que não era mesmo um plano muito bom. Viajar para a Flórida, fazer parte de alguma coisa grande, divertida, legal, sentir-se uma pessoa de novo, viva, e talvez ter a oportunidade de continuar assim. Quem sabe ficar amigo da senhora e partir para conhecer seu cunhado em Amsterdã, mochilar pela Europa com os dez mil que ganharia com a venda daquela pedra lunar. Usar os dez paus de uma forma bem responsável e inteligente, comprar um pouco de maconha, alguma heroína, heroína suficiente para ter uma overdose em algum albergue holandês, com uma agulha enfiada no braço e uma borracha em volta do bíceps, a veia saltando, e o encontrariam assim e diriam para a mãe que ele partiu feliz e que estava onde devia estar. Cavalos selvagens...

E lá vinham eles, entrando pela porta principal do Sheraton. Thad de bermuda, com camisa de colarinho, carregando uma caixa de iscas de pesca em uma das mãos e uma mala na outra. Ao lado dele, aquela guria, a *chica*, a Eva de seu Adão. É, ela era bonita, de cabelo negro, a americana típica. E tinha aquele olhar ganancioso que Gordon, de súbito, também reconheceu em Thad, um olhar de desenho animado, com os cifrões saltando tanto que podiam esbarrar

no lustre do teto.

Quatro horas, bem no horário. Gordon esperou até que estivessem a poucos metros para se levantar. Por um breve instante, pendeu para a esquerda, depois para a direita, mas suas botas estavam bem plantadas naquele oceano de carpete e nem mesmo os cavalos selvagens seriam capazes de arrastá-lo dali.

Tirou a chave do quarto do bolso, mostrando a eles o número sem nenhuma razão aparente, a não ser o fato de que parecia relevante. É o 905, número da sorte. E então Thad seguiu na frente, pois era naturalmente o líder, e Gordon ainda estava bem chapado, o bastante para ser o bom seguidor que precisava ser. Ia atrás da garota, concentrado no cabelo negro dela, porque era bonito, reluzente e ficaria interessante se fosse preso ao traseiro de um daqueles cavalos selvagens...

De alguma forma, agora estava lá em cima, no nono andar, atravessando o corredor e passando por uma porta, que logo foi trancada. Thad colocava a caixa de iscas sobre uma mesa de centro no meio do corredor e mexia nos fechos, e aí ela se abriu, e aí...

Bem, caramba!

Gordon se aproximou da mesa. Thad se afastou para que ele pudesse olhar o interior da caixa de iscas, e o que viu fez com que a parte dele que permanecia sóbria ficasse paralisada.

A caixa estava cheia de recipientes e bolsas contendo o que pareciam ser, de acordo com a pesquisa de Gordon na internet, amostras lunares. Enquanto ficou parado, fitando, Thad explicou que elas vinham de todas as missões Apollo entre 1969 e 1974, que, embora Gordon tivesse certeza de que o homem nunca tivesse posto os pés na Lua e que tudo não passava de uma maldita fraude, ele estava olhando para pedras trazidas para a Terra por homens em trajes espaciais. E então Thad apontou outra coisa na caixa, uma amostra que não vinha da Lua. De acordo com o que ele dizia, era um pedaço da famosa pedra de Marte encontrada na Antártica, aquela que provou que pode ter existido vida no planeta vermelho.

— É — exclamou Thad, com felicidade. — Esta aqui sozinha poderia valer cinco milhões nas mãos do comprador certo!

Gordon olhou para ele, depois para a garota que estava um pouco afastada, sorrindo com os dentinhos perfeitos, e então voltou para a caixa de iscas. A cabeça girava, e não apenas na órbita da maconha e do álcool, mas com ciclos e rotações oriundos de uma confusão bem mais séria. Porque as bolsinhas também tinham números e letras nelas, e números e letras pareciam o tipo de coisa que dizia que pertenciam à Nasa, a agência espacial, a agência espacial *do governo*.

— Uau, nossa — foi tudo que Gordon conseguiu dizer em voz alta, mas por dentro ele implodia. Agora tinha certeza de que a história não envolvia membros de uma família real da América do Sul que passavam por dificuldades financeiras. E, para ser honesto consigo mesmo, o mais provável é que soubesse disso desde o início. Ele tinha concluído que Thad iria, no máximo, arranjar uma bela e gorda pedra lunar de algum museu, talvez da Universidade de Utah, talvez de outro lugar. E também seria ilegal, é claro. Gordon ainda estaria envolvido em uma atividade ilícita — mas isso?

— Pois é, uau — repetiu Gordon. — Vocês estão mesmo falando sério. Achei que era uma amostra ou outra... Uau.

E então Thad começou a falar sem parar, contando para os dois o que aconteceria em seguida. Dizia que, primeiro, ele iria ao Wal-Mart comprar mais luvas, para que a compradora fosse capaz de tocar nas amostras que desejasse. Depois seguiria sozinho para o restaurante, e Gordon e a garota esperariam ali. Iriam ao cinema ou dariam um mergulho, qualquer coisa, para passar o tempo. E mais tarde, quando ele trouxesse a compradora de volta ao hotel e fechasse o negócio, eles poderiam se encontrar e dividir o dinheiro. Mas Rebecca de repente começou a discutir com ele, o que pareceu surpreendê-lo. Falou que queria ir com ele ao restaurante, que não assistiria a porcaria de filme nenhum, que poderiam fazer um filme com a vida dela — só que ela disse tudo ao contrário, porque estava tão cheia de adrenalina, energia, e com tanta ganância que falou que poderiam fazer uma vida com o filme dela. Ou quem sabe Rebecca quisesse mesmo dizer isso. Talvez assim soasse melhor. E Gordon ouvia tudo, mas não escutava, olhava fixamente para as pedras lunares e sabendo, apenas sabendo, que a história terminaria mal e que seriam pegos. Thad e a garota não paravam, mas então a discussão cessou subitamente, Thad concordou e um novo plano surgiu. Thad iria primeiro, Gordon e a garota entrariam vinte minutos depois como se fossem um casal, de mãos dadas, o senhor e a senhora americanos, a menina bonita e o maridão, e fechariam negócio juntos. Thad e a garota já não falavam mais. Estavam só olhando para Gordon, esperando que ele dissesse algo. Ele continuava com o olhar fixo para a caixa de iscas e as pedras lunares.

E ocorreu a ele, bem ali, naquele momento, que aquilo não era a saída do poço — era ir ainda mais fundo no poço, mas tudo bem, tudo certo, tarde demais para recuar.

— Então está bem — disse afinal. — Vou arranjar alguma coisa para comer.

E, assim, do nada se dirigiu para a porta. Thad e a garota se entreolharam e Thad falou com ele em voz baixa.

— Você está bem, cara?

— Claro, estou ótimo. Vou só arrumar algo para comer e aí eu volto. Vou atrás de uma pizza.

E saiu pela porta. Atravessou o corredor segurando nas paredes para não perder o equilíbrio, pois o chão teimava em não ficava parado. Dirigiu-se para o elevador que ele sabia que deveria subir até o telhado, como um foguete, até o alto do prédio e em direção ao céu. Deveria ter entrado no elevador e sumido dali, sem olhar para trás. Deveria ter simplesmente desaparecido.

Mas também sabia que o que ele ia fazer, na verdade, era comer uma pizza, talvez fumar mais um pouquinho de maconha, voltar direto para o hotel e acompanhar tudo.

Wild horses couldn't drag him away...

[1] "Cavalos selvagens não poderiam me afastar." Verso da canção *Wild Horses*, dos Rolling Stones. (*N. da T.*)

33

— Gordon vai voltar a qualquer minuto. — A voz de Rebecca vinha pela porta aberta do banheiro, quase inaudível sob o som do chuveiro. — Isso aqui pode ficar bem constrangedor.

Thad sorriu quando puxou o pesado cobertor da cama do hotel e testou o colchão de molas excessivamente mole. Estava nu dos pés à cabeça, ainda encharcado pelo chuveiro. Não foi a primeira vez que tomou um banho com Rebecca, mas com certeza aquele foi o mais excitante. Os dois se revezando sob o peculiar chuveiro cromado, os corpos apertados enquanto as mãos de Thad vagavam pela pele de Rebecca, com as pontas dos dedos dele deslizando pela barriga firme dela, da cintura fina até o pequeno arco das costas e as suaves colinas de sua bunda perfeita. Quase a possuiu ali mesmo, sob o jato fraco de água, ensaboado, com os pés descalços escorregando na banheira branquíssima — mas teve uma ideia melhor e, sem dizer uma palavra, saiu pela cortina plástica do chuveiro e entrou no quarto.

— Vejo que você nunca conviveu muito com caras doidões. Para eles, comer pizza é uma espécie de religião. Se o Gordon chegar a tempo de participar da negociação, ficarei surpreso.

Ao pronunciar essas palavras, Thad desejou com todas as forças que aquilo fosse verdade. Ainda tinham mais ou menos uma hora antes do encontro com a compradora no restaurante e ele estava bem certo, pela forma como Gordon reagira ao ver o conteúdo da caixa de iscas, de que o cara acompanharia tudo até o fim.

Gordon ficou muito chocado ao ver os pequenos recipientes com pedras lunares. Embora tenha se abalado diante da situação, também pareceu compreender a natureza histórica do que Thad havia feito. Gordon não iria querer ficar de fora desta festa. O que assustava era que ele parecia fora de si de tão chapado e provavelmente voltaria da missão pizza ainda pior. Thad só podia esperar que Gordon se controlasse o suficiente para não ferrar com tudo.

Com Gordon voltando ou não, Thad sabia que ele e Rebecca teriam algum tempo a sós. Uma breve soneca após 14 horas dentro do carro — e outras cinco no estacionamento da igreja batista — teria sido a opção mais sensata, porém Thad teve uma ideia bem melhor.

Dirigiu-se até a cômoda onde estava pousada a caixa de iscas, entre a televisão do hotel e a mala que trouxeram de Houston. Thad foi direto até a caixa, abriu-a com um cuidado quase amoroso. Examinou os saquinhos e os frascos arrumados com esmero. Depois, procurou aquele que continha as marcações que indicavam que o conteúdo vinha da Apollo 11, da primeira vez em que Neil Armstrong caminhou na Lua.

Lentamente, como se estivesse atravessando uma igreja, voltou para a cama. Com uma mão, ergueu a capa protetora do colchão e, com cuidado, colocou sob ele o saco com a amostra lunar. Voltou a cobrir o colchão, recolocou o lençol no lugar. Depois foi até a caixa de iscas e a fechou.

Estava se afastando da cômoda quando Rebecca saiu do banheiro, enrolada em uma toalha pequena demais até para seu corpo miúdo. A pele de porcelana reluzia onde não se via o tecido de algodão, gotículas de água repousavam no pequeno vão entre os seios, como pérolas saídas de um colar que Thad talvez pudesse comprar em breve. As pernas, firmes e musculosas, estavam nuas até o alto das coxas, até um pouquinho mais do que isso. O cabelo estava encharcado e algumas mechas bagunçadas, grudadas no pescoço — mechas negras descendo na direção de seus ombros nus, na direção das costas perfeitamente esculpidas.

Aguardava seu chamado. Se tivessem mais tempo, Thad ficaria satisfeito só de estar ali, olhando para ela. Em menos de uma hora, no entanto, encontrariam a cunhada do colecionador belga para fecharem o negócio. Por essa razão, ele foi para a cama.

Se Rebecca reparou no pequeno caroço do tamanho de um punho fechado sob a capa protetora do colchão, não disse nada. Talvez estivesse ocupada demais, com os lábios contra os dele, as mãos baixas, primeiro se tocando, depois tocando nele, provocando, guiando, os joelhos dele abrindo suas pernas, as mãos dele alcançando seus pulsos. Quando o momento se aproximou, Thad olhou bem nos olhos dela.

Pelo mais breve dos segundos, ele se viu pairando sobre ela, fantasia e realidade sobrepostas — mas agora a fantasia *era* real, o *momento* era real. Estavam fazendo amor dentro de um hotel Sheraton em Orlando, na Flórida, separados de um pedaço da Lua por uma fina faixa de tecido.

Foi a primeira vez na história da humanidade. Exatamente 33 anos antes,

naquele mesmo dia, Neil Armstrong dera o primeiro passo — mas bem ali, naquele momento, Thad Roberts foi o primeiro homem a fazer sexo na Lua.

34

Thad tentava se lembrar das canções-tema de *Missão Impossível* e dos filmes de James Bond enquanto caminhava pelas margens da autoestrada, mas as notas não vinham. Sua mente não conseguia se concentrar em nada além da imagem do estacionamento do restaurante — que ele já enxergava sobre um aterro cercado por uma sebe baixa, uns dez metros à frente. O fluxo incessante de carros que passavam voando a seu lado, alguns tão próximos que ele podia sentir o calor do escapamento em sua nuca, não ajudava. O ronco dos motores misturando-se ao ritmo preciso de seus tênis contra o asfalto escaldante da Flórida era a única trilha sonora com que ele contaria enquanto se aproximava.

Ser deixado a dois quarteirões do Italliani foi a única parte da reformulação do plano que de fato o agradou. Quando Gordon voltou para o quarto, uns dez minutos antes, Thad praticamente implorou aos dois que o deixassem cuidar de tudo sozinho. Não havia necessidade de irem ao restaurante. Aquilo parecia ser um risco estúpido. Seu plano de proteger Rebecca a qualquer custo ficaria seriamente comprometido se ela fosse pega com ele, no ato. E ainda havia o elemento surpresa por conta do descontrole de Gordon. O sujeito estava ainda mais chapado depois que voltou da expedição em busca de pizza, e não havia como saber de que modo ele se comportaria no restaurante.

Do jeito como as coisas ficaram, Thad exigiu que os dois esperassem pelo menos dez minutos até chegarem ao local, e eles concordaram em bancar um casalzinho que por acaso entrava no restaurante — sem nenhuma ligação com Thad. Se as coisas fossem bem e Thad ficasse à vontade com a cunhada do belga e seu marido, ele os chamaria e poderiam voltar juntos ao hotel para mostrar as pedras lunares para a compradora.

Não era o ideal, mas teria de bastar. Procurando forças, sem a ajuda de uma música realmente boa, Thad atravessou a sebe e, em seguida, o estacionamento lotado.

Ao passar pela entrada principal do restaurante, fez o melhor que pôde para

absorver todos os detalhes ao mesmo tempo — a decoração italiana um tanto brega, as cortinas em marrom avermelhado que cobriam os janelões, as cabines baixas enfileiradas em três paredes do espaço retangular, garçons e garçonetes vestidos de preto e branco, o lugar da recepcionista, onde uma jovem falava com um casal de clientes de meia-idade. Era o tipo de restaurante que poderia existir em qualquer cidade dos Estados Unidos e parecia o cenário perfeito para fazer a transação. Quando Thad se aproximou da recepcionista, ficou feliz e surpreso em ver que o local estava extremamente cheio para o horário — seis horas da tarde. Mas estavam em Orlando, que mesmo no verão servia de refúgio para turistas do mundo inteiro. Ele bem que poderia ter marcado o encontro no meio da Disney. Poderiam trocar as mercadorias ilícitas por dinheiro na subida da Space Mountain.

Naturalmente, não haveria troca de mercadorias ilícitas por dinheiro até que todo mundo se sentisse à vontade. Não havia trazido qualquer amostra consigo e esperava que a compradora demonstrasse a mesma cautela.

Depois que o casal de meia-idade saiu do caminho, Thad se dirigiu até a recepcionista e disse que esperava alguém para o jantar. Não informou nenhum nome. Nem seria capaz de descrever a pessoa com quem se encontraria. De qualquer maneira, a moça lhe disse que ele era o primeiro a chegar, por isso Thad preferiu aguardar na porta do restaurante.

Uns cinco minutos se passaram e ele viu pelo menos meia dúzia de mesas serem ocupadas. O lugar era mesmo movimentado. Parado ali, com tanta gente rondando, começou a se sentir bastante nervoso. Ele nem mesmo tinha certeza de que a outra pessoa apareceria. Talvez a mulher tivesse desistido no último minuto ou até telefo-nado para a polícia. Thad sabia que seu nervosismo estava levando a melhor e teve um desejo súbito de simplesmente dar meia-volta e sair dali.

E então ele a viu: a mulher, do jeito como ela tinha se descrito no e-mail, com cabelos escuros, aparência respeitável, usando um tailleur, parecia uma professora ou uma executiva. Havia um sorriso nervoso em seu rosto jovem.

Ela o reconheceu imediatamente pela roupa que ele disse que estaria vestindo: uma camisa preta e uma corrente prateada com um pingente de golfinho. O pingente tinha um valor sentimental para ele — era um presente que Sonya havia dado anos antes —, mas Thad não sabia explicar por que o escolhera para usar nessa ocasião.

Ela apertou a mão de Thad e se apresentou como Lynn Briley. Ele não disse qualquer nome e deixou a mulher conduzi-lo, com a ajuda da recepcionista, até

uma mesa de quatro lugares, no lado direito do restaurante, bem junto de um dos janelões com cortina. Thad não viu o marido dela nas imediações e presumiu que ela desejava conhecê-lo primeiro, o que fazia sentido, porque era americana. Kurt, irmão de Axel, talvez nem falasse inglês, até onde Thad sabia. Os e-mails de Emmermann sempre pareceram escritos daquela forma telegráfica usada por estrangeiros que aprenderam inglês em uma escola, e não nas ruas.

Depois que sentaram e o garçom anotou seus pedidos, uma lista aleatória feita às pressas com entradas e pratos italianos, foram direto ao assunto. Lynn tinha reparado, naturalmente, que Thad não carregava nada. Usava bermuda, tênis, a camisa e a corrente. Por isso, Thad quis logo tranquilizá-la.

— As amostras estão no hotel. Depois que ficarmos mais à vontade um com o outro, podemos ir para lá e fazer a troca. Que tal?

Ela assentiu, dando um gole na água. Parecia tão nervosa quanto Thad, o que fez com que ele se acalmasse um pouco. Tinha uma beleza de mulher um pouco mais velha. Ele reparou que ela havia deixado o último botão da blusa aberto, e o ângulo da clavícula estava à mostra.

— Tudo bem, qual é o seu hotel?

— O Sheraton.

— Se você se sente mais à vontade assim, podemos fazer isso. O Sheraton ali na frente?

— Aquele bem alto — respondeu Thad. A mulher falava depressa, e Thad queria mesmo fazê-la se sentir tranquila o bastante para relaxar. — À esquerda. Ele é bem legal. Garanto, este é o acontecimento mais empolgante da minha vida, eu acho. Minha nossa, espero que você não esteja com uma escuta! De qualquer maneira, sabe o que minha namorada disse hoje? Ela disse algo como "podiam fazer uma vida com meu filme".

Thad sabia que estava falando demais, mas não conseguia se conter. Estava começando a gostar daquilo, a realmente curtir a adrenalina. A mulher também pareceu relaxar um pouco, divertindo-se com seu evidente entusiasmo.

— Você parece ser mesmo do tipo aventureiro — comentou —, e sua namorada também deve ser assim.

— O que ela quis dizer é que podiam fazer um filme com a vida dela.

Era um comentário extremamente surreal para se fazer — tanto para Rebecca, no hotel, quanto para Thad, aqui, no restaurante lotado, falando com uma mulher que estava a ponto de pagar cem mil dólares para ele em troca de pedras lunares roubadas.

Thad começou a se sentir um pouco mais no controle quando deu um

grande gole na água. Mas ainda havia muitas pontas soltas. Perguntou sobre Kurt, o marido, e ela explicou que ele aguardava sua ligação, ali perto, para saber como as coisas estavam progredindo. Por sua vez, Thad contou que seus parceiros estavam a caminho do restaurante e logo chegariam.

— Você quer falar com seu marido antes de conhecer os outros? — perguntou, querendo adiantar as coisas. O período de dez minutos estava quase no fim e ele esperava que Rebecca e Gordon entrassem a qualquer momento.

A mulher pareceu avaliar por um segundo e depois fez que sim com a cabeça.

— Vou dizer o que eu acho. A música aqui está muito alta. É melhor eu sair. Vou ligar para o meu marido e mandar que ele venha, e enquanto ele está a caminho você pode chamar seus amigos e a gente se senta e bate um papo. Que tal?

Thad estava a ponto de responder quando os viu — Gordon e Rebecca — entrando como se fossem os donos do lugar, de mãos dadas, embora Thad suspeitasse que Rebecca estava apenas tentando impedir que Gordon tropeçasse. Exatamente como Thad tinha exigido, eles se sentaram em uma mesa do outro lado do salão movimentado e chamaram o garçom. Gordon falava alto demais. Tão alto que Thad ouviu, apesar de todo o burburinho, quando ele pediu uma Heineken.

Droga, o sujeito estava fazendo uma cena, mas ninguém pareceu reparar. Por isso, Thad voltou-se para a mulher.

— Tudo bem. Espero aqui.

Thad percebeu que suava ao vê-la sair. Aquela bravata do momento anterior tinha desaparecido, os nervos estavam cedendo e todo o seu ser ficara abalado por ver Gordon e Rebecca sentados ali, do outro lado.

Deu mais um gole na água, tentando se controlar.

* * *

Lynn Briley — aliás, a agente especial Lynn Billings — esperou até sair do alcance dos ouvidos do suspeito, a quem conhecia apenas como Orb Robinson, antes de retirar o celular do bolso da frente e apertá-lo contra a orelha. Estava ofegante, apesar de não se sentir particularmente nervosa. Como agente secreta do FBI, já havia participado de inúmeras missões. Não era a primeira vez que andava grampeada, mas existe sempre aquela sensação especial quando há artigos eletrônicos presos ao corpo — sobretudo quando não se tem certeza da situação em que você está se metendo. Mas Orb Robinson parecia bem

inofensivo. É claro que isso não o tornava menos culpado.

— Kurt — disse rapidamente ao celular. Embora estivesse fora de alcance, nunca abandonava seu personagem durante uma missão. — As coisas estão indo muito bem. Tem dois amigos dele aqui e também estão envolvidos. Ele não trouxe as amostras, por isso querem ir até o quarto de hotel deles, que é no Sheraton aqui perto, na I-4. Disse que é aquele grande. E os dois amigos já estão no restaurante. Ainda não se sentaram à mesa. Querem ficar mais à vontade com você e depois vamos lá. Deve estar tudo no quarto do hotel, no Sheraton, mas tenha cuidado, tenha cuidado com nossos amigos. Sabe, por que você não faz logo aquilo? Bem, vá em frente e faça. Acho que pode ajudar. Tudo bem. Pode entrar que estaremos esperando por você.

Ela então desligou e recolocou o celular no bolso do blazer com grande agilidade. Verificou em silêncio se o equipamento de gravação permanecia oculto sob suas roupas. Com um sorriso tranquilo e confiante nos lábios novamente, voltou para a mesa.

* * *

A mulher já estava falando antes mesmo de se acomodar por completo à mesa.

— Me esqueci de perguntar, antes de sair — disse ela, que parecia mais descontraída após o telefonema —, se você queria que ele trouxesse o dinheiro. Mas ele vai trazer. Achei que era o mais seguro.

— Podemos deixar no seu carro? — Perguntou Thad, que não gostou nem um pouco da novidade. Uma maleta cheia de dinheiro não se encaixava com aquele restaurante, parecia um perigo desnecessário. Afinal, precisariam voltar para o hotel de uma forma ou de outra, para olhar as pedras lunares.

— Você não quer que ele traga?

— Não.

— Você é que sabe. Posso dizer para ele não trazer.

Thad respirou. Não queria ferrar com tudo por ser excessivamente paranoico.

— Tudo bem, não quero abrir uma maleta cheia de dinheiro aqui. Mas ele pode trazer.

Queria deixar a mulher feliz e à vontade. Ainda mais porque ele podia ouvir Gordon, em meio ao burburinho do restaurante, dizendo alguma coisa para a garçonete, algo sobre a imensa gorjeta que ele obviamente já havia lhe dado.

Thad não tinha certeza, mas achou que Gordon estava pelo menos na terceira Heineken. Um pensamento um tanto aterrador, levando em consideração quão alterado o garoto já estava.

— Não importa — acrescentou Thad, rapidamente. — Vou segui-lo até o carro depois e dar uma olhada em tudo bem depressa...

Mal tinha terminado a frase quando viu um homem se aproximando da mesa — alto, de mandíbula quadrada, talvez um pouco magro demais, usando um blazer azul e uma gravata, de aparência um tanto rígida. Kurt Emmermann de fato parecia europeu. E segurava uma maleta na mão esquerda.

Enquanto o sujeito se apresentava, apertando a mão de Thad e dando um beijo no rosto de Lynn, Thad não conseguiu tirar os olhos da maleta. Não tinha a menor intenção de abrila ali no restaurante, mas sabia qual era seu conteúdo. *Mais dinheiro do que ele já tinha visto em toda a sua vida.* Mais dinheiro do que ele podia imaginar em um só lugar. Dinheiro suficiente para mudar tudo.

— Inacreditável — disse ele, percebendo que estava falando em voz alta, mas sem realmente se importar. — Você passa tanto tempo pensando no assunto. Quer dizer, você vê como se fosse um filme dentro da cabeça e aí acontece. Está acontecendo agora. É esquisito. Até parece que já passei por tudo isso várias vezes nos últimos dois meses. Juro, não sei como me sentir. Na verdade, não quero muito mais do que isso.

A mulher e o homem olhavam para ele, talvez tentando decifrar o que ele dizia, talvez apenas imaginando o que ocorreria em seguida. Os olhos da mulher ainda tinham um ar de quem estava se divertindo, mas o homem era bem mais objetivo. Thad não se importava. Sentia que estava com um pé no mundo de fantasia que tinha construído durante o último ano e um pé na realidade. Uma sensação incrível.

Lançou um olhar para Rebecca, chamando sua atenção. Ficou feliz ao perceber que Gordon estava ocupado demais com a Heineken para reparar. Rebecca deixou a mesa e veio sozinha. Teve de driblar uma dupla de clientes que estava sendo conduzida à mesa pela recepcionista — e, enquanto ela passava por eles, Thad percebeu uma coisa pela primeira vez, algo que pareceu um pouquinho estranho.

Com exceção da recepcionista, todas as outras pessoas no restaurante, e devia haver umas cinquenta lá dentro, pareciam ser de meia-idade. Nenhuma criança, nenhum adolescente, nenhuma família. Ninguém estava na casa dos vinte, além de Thad, Rebecca e Gordon.

Bem, talvez houvesse algum tipo de convenção nas imediações. Ou quem

sabe a Flórida era assim mesmo. Thad arquivou o pensamento no fundo da mente. Levantou-se quando Rebecca chegou à mesa, apresentando-a a Lynn e Kurt.

— Você é mesmo bem parecida com o que eu esperava.

Thad não sabia muito bem por que Rebecca tinha acabado de dizer aquilo, mas pela voz percebeu que ela estava bastante nervosa. Fez um gesto para convidá-la a se sentar a seu lado. Kurt e Lynn ficaram diante deles. Lynn voltou-se para Thad.

— Nem sei mesmo o seu... Orb? Eu ia dizer que nem sei mesmo seu nome de verdade, mas tudo bem. Mais um amigo seu está vindo?

Thad deu de ombros, pois torcia para que Gordon apagasse na mesa. Então, sem aviso, Kurt interrompeu a conversa pela primeira vez, com palavras quase irreconhecíveis por causa de seu forte sotaque europeu.

— Nossa, que empolgante. Aposto que você vai pensar nisso para o resto de sua vida. Vocês vão partir para uma praia em algum lugar e vão se lembrar deste dia, deste acontecimento que mudou suas vidas. Muito divertido.

Thad olhou de relance para Rebecca, que pareceu ficar ligeiramente mais à vontade com os alegres comentários do homem. Talvez estivesse visualizando a tal praia. Thad encarou a maleta cheia de dinheiro e o casal a sua frente. Como um navio em meio a uma tempestade que dava sinais de estar acalmando, ele conseguiu recuperar alguma segurança. Estava pronto para seguir em frente.

— Bem, já falamos um pouco. Estou me sentindo bem. Não acho uma boa ideia abrir a maleta no restaurante. E todas as amostras estão no hotel.

Ele apertava a mão de Rebecca debaixo da mesa e sentiu que ela se apoiava nele, alimentando-se de sua segurança renovada.

— Ah, e conte a eles sobre o meteorito da Antártica — interrompeu, com a voz cheia de energia.

Thad se pegou sorrindo. Rebecca estava certa. Por que não se divertir um pouco com isto? Não havia nada de que ele gostasse mais do que uma plateia embevecida.

— Já ouviram falar do meteorito ALH? Foi recolhido na Antártica. Temos uma equipe na Nasa que vai para lá todos os anos. É um lugar e tanto para se encontrar meteoritos.

A mulher e o marido belga se inclinaram para frente, sobre a mesa, obviamente intrigados. Thad sentiu-se como se estivesse de volta ao Centro Espacial Johnson, conversando com novos estagiários, sempre no centro das atenções.

— Enfim, trouxeram tudo para a Nasa e começaram a catalogar. O primeiro, disseram, parecia bem esquisito. Chamaram de 84, na forma diluída 001. Puseram em um freezer enorme, para não se contaminar. Começaram a estudá-lo e repararam em coisas muito estranhas nele. Pareciam microfósseis. Por isso, aprofundaram os estudos e descobriram que era de Marte...

E, bem no meio da palestra, de repente Gordon apareceu, debruçando-se de súbito na mesa, com bafo de álcool. Antes que Thad ou Rebecca pudessem falar algo, ele deslizou para uma cadeira ao lado deles, com a mão disparando na direção do casal do outro lado da mesa.

— Gordon — disse ele, para se apresentar. Kurt e Lynn apertaram-lhe a mão e ele berrou para o garçom.

— Heineken!

Thad sentiu que seu rosto ficava vermelho, mas o casal pareceu não se importar e já tinha voltado a atenção para ele de novo. Decidiu simplesmente ignorar Gordon o quanto fosse possível e continuou a história.

— Mas todo mundo concorda que aquele negócio tem microfósseis de verdade. A pergunta é, já que está aqui, o que isso significa? De qualquer maneira, nem preciso dizer, é uma das rochas mais famosas do mundo. Não coloquei na lista original. Um achado e tanto, não é?

Lynn olhou para o marido e depois para Thad.

— E ela não se encontra dentro de alguma coisa para protegê-la, para não ser exposta?

Thad fez que sim. Ela parecia mesmo interessada. Quem sabe não queria comprá-la também. Talvez houvesse mais maletas cheias de dinheiro a sua espera. E talvez ele vendesse aquilo, se o preço fosse bom. Nossa, começava a se sentir despreocupado, como se tudo pudesse acontecer.

— É, está em um recipiente. Ah, vocês vão adorar. É como um bônus. Ficamos muito felizes por encontrá-lo. Pelo menos, como cientista, este... este exemplar é a rocha mais famosa do planeta. Uau.

E subitamente Gordon entrou no meio da conversa, com a voz alta demais.

— Lembram, você viu alguma coisa na TV no outro dia! Ele me mostrou... Lembra? Passou na TV!

Thad lançou-lhe um olhar lancinante. Que raios ele estava dizendo? Os olhos de Gordon estavam totalmente vermelhos, quase fechados. Estava alucinado. Mas o casal não parecia se incomodar. A mulher pigarreou, chamando a atenção de Thad.

— Então vocês três são mineralogistas?

— Na verdade, eu estudo bioengenharia — meteu-se Rebecca. — Estudamos juntos. Faço biologia.

— Mesmo?

— Bioengenharia.

— Mineralogia, quer dizer, geologia — disse Thad, apontando para si mesmo.

Gordon tossiu.

— Ele vai conseguir três diplomas. É um geniozinho.

Thad deu um pequeno sorriso.

— Posso escolher um dos três.

— Ilhas Cayman! — Gordon gritou de repente, dando um susto em todo mundo. — Não é para onde estamos tentando ir, com a escola? Sentar na praia e curtir! É a Bíblia que funciona para a gente!

Meu Deus, ele estava mesmo perdendo o controle. Thad olhou para Rebecca e percebeu que ela pensava o mesmo. Precisavam resolver tudo e depressa. Thad abaixou a voz, falando diretamente com Lynn.

— Querem ir em frente e verificar?

Gordon voltou a interromper a conversa antes que ela pudesse responder.

— Dei trinta dólares de gorjeta para aquela garota! — exclamou. Thad queria apenas que ele calasse a boca, mas Lynn parecia estar achando graça, em vez de se assustar.

— Está brincando? Cara, você está maluco.

— Fui o primeiro dela, a primeira mesa que ela atendeu na vida. Puxa, foi a primeira mesa. Eu disse: "Vou fazer a sua noite." Bélgica, ei, como está a Europa no momento?

A última frase foi para Kurt. O sujeito parecia não saber muito bem o que pensar de Gordon, mas tentou responder assim mesmo. Para Thad, era como assistir ao desenrolar de um acidente ferroviário.

— A Europa vai bem. Ainda é a Europa. É o lar.

— A Bélgica adotou o euro? — Gordon devolveu. Que raios ele estava fazendo? — O site do seu irmão — prosseguiu, obviamente bêbado, além de chapado — foi de primeira. Fiquei assim, uau, o cara acabou de me mandar um e-mail. Ele me mandou um e-mail. Ei, você disse para ele quantos gramas a gente tem?

Thad cerrou os dentes enquanto lançava um olhar furioso para Gordon.

— Não, acho que vamos falar do assunto mais tarde. Apenas relaxe.

E então ele fez um sinal para o garçom, que veio correndo. Lynn pegou a

conta, antes que Thad pudesse se oferecer para pagar. Gordon pareceu achar isso muito divertido.

— Uau, agora vocês estão competindo. Vocês sempre podem ganhar nessa situação.

E foi tudo o que Thad conseguiu aguentar. Ficou de pé, gesticulando para que os outros fizessem o mesmo. Lynn deixou um par de notas graúdas sobre a conta, indicando que não precisava esperar pelo troco. Em seguida, todos atravessaram o restaurante rumo à porta da frente. Lynn sugeriu que Thad viesse no carro com ela e Kurt, e que Rebecca e Gordon os seguissem no outro carro.

— É, tudo bem — respondeu Thad, gostando da ideia de separar o casal de Gordon o máximo possível. — Ah, em que quarto a gente está mesmo?

— A gente se encontra no saguão — respondeu Rebecca rapidamente.

— Estamos indo para o Sheraton na I-4, certo? — interrompeu Lynn.

— É — disse Rebecca, a primeira a chegar à porta. Gordon cambaleava atrás dela, mas conseguiu passar pela entrada sem perder o equilíbrio.

— Esperem por nós no saguão — exclamou, com voz pastosa —, caso cheguem antes da gente.

Thad concordou, mas Gordon e Rebecca já tinham saído do restaurante e atravessavam correndo o estacionamento, rumo ao carro. Ele olhou para Lynn, que lhe devolveu um sorriso simpático. Kurt já estava pegando as chaves do carro, com a outra mão ainda segurando a maleta, que batia, pesada, em sua coxa esquerda enquanto ele saía pela porta aberta. De certa forma, seu movimento ritmado, pendular, ajudou a acalmar os pensamentos que voavam pela cabeça de Thad. Gordon estava fora de controle, mas a situação não. Na verdade, as coisas estavam correndo muito bem.

Cem mil dólares, um curto percurso de carro.

Enquanto a mulher mantinha a porta aberta para Thad, ele lhe sorriu. Ela devolveu o sorriso, mas naquele breve segundo ele percebeu que, na verdade, ela olhava para algo atrás dele, no estacionamento. Ele rapidamente seguiu o olhar dela, mas eram apenas outros dois clientes do restaurante que entravam em seu veículo do outro lado do estacionamento. Um homem e uma mulher com trajes bem formais para uma noite quente de sábado. E os dois pareciam estar no final da casa dos trinta, entrando nos quarenta.

Esquisito — mas Thad afastou o pensamento. Disse a si mesmo mais uma vez que estava sendo paranoico. Em poucos minutos, estariam de volta ao hotel. E aí seriam só ele, Rebecca e uma maleta cheia de dinheiro. Depois disso, talvez teria uma praia bonita, com muitas palmeiras em volta.

35

Thad ainda pensava naquela praia bonita, perfeita, quando entraram no estacionamento do Sheraton, com Rebecca e Gordon a um carro de distância deles. Lynn e Kurt falaram bastante durante o curto trajeto até o hotel, passando por vários assuntos que iam desde o clima úmido de Orlando até os melhores fabricantes de cerveja da Bélgica e diversas outras coisas. Thad começava a gostar deles e chegou a se pegar pensando se perderiam o contato depois de concluir o negócio. Tinha certeza de que Gordon desapareceria da cena assim que recebesse suas dez mil pratas, mas Thad e Rebecca um dia iriam querer viajar para a Europa — e seria bacana ter alguém por lá para ciceroneá-los. Kurt poderia lhe apresentar o irmão e Thad afinal conheceria o homem por trás de todos aqueles e-mails. Estava certo de que tinha muito em comum com um caçador de pedras tão cuidadoso. Caramba, talvez todos eles acabassem visitando juntos a tal praia paradisíaca, dando algumas risadas sobre a negociação que os uniu.

Mas, no instante em que Lynn pisou fundo no freio e fez o carro parar de repente cantando pneu, a mente de Thad ficou completamente vazia, a praia imaginária foi engolida por uma explosão de puro e instantâneo terror. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, antes que encontrasse as palavras, Lynn e Kurt tinham saído do carro — e havia homens de todos os lados, correndo na direção dele, gritando, berrando e apontando...

E aí Thad viu que os homens carregavam armas. Dezenas delas, por todos os lugares, em todo o estacionamento, armas de tamanhos variados, pistolas, automáticas e até algumas que se pareciam com rifles de longo alcance, todas em punho, apontadas para seu rosto. Luzes brilhantes se acenderam de todas as partes, de uma só vez, iluminando toda a fachada do hotel. Thad ofegava, com as costas grudadas no banco do carro, tentando desaparecer no vinil grudento, suado. Então um dos homens agarrou a porta do carro e surgiram mãos por todo seu corpo, mãos que o puxavam pela camisa, pelo cabelo e até pela pele. Ao ser arrastado para fora, em meio a gritos e berros, escutou o *tum, tum, tum* de um

helicóptero lá no alto. A sombra daquela coisa passou bem em cima dele, o vento feroz das hélices soprando seu cabelo — e depois ela se foi, para além da autoestrada. E Thad viu o helicóptero passar por cima de pelo menos vinte carros policiais, com luzes piscando, estacionados por trás de barricadas e fitas amarelas. Tinham fechado a International Drive. Na verdade, parecia que tinham fechado toda uma área da cidade.

— De joelhos! — berrou uma voz ao lado de sua orelha. — Agora!

Era Kurt, mas agora ele não falava de praias idílicas e não tinha sotaque belga. Agora Kurt apontava um revólver calibre 32 para a nuca de Thad. E ali, a alguns metros, estava Lynn, mas ela não fazia perguntas sobre a namorada aventureira ou sobre o filme de sua vida. Agora havia um distintivo preso no paletó e ela falava com dois homens em uniformes policiais — e todos olhavam para Thad, um deles sorrindo, mas não era um sorriso simpático. Era um sorriso maldoso e arrogante.

Thad soube, com todas as fibras de seu ser, que estava ferrado.

Sentiu a ponta de um sapato chutando a parte de trás de suas pernas e aí seus joelhos atingiram o asfalto. Sentiu um grande peso sobre os quadris e se esparramou no chão, com o braço esquerdo puxado para trás de suas costas. Podia ouvir os estalos de algemas sendo preparadas e, naquele breve instante, sentiu toda sua energia vital se esvair, como se uma tampa tivesse sido aberta e todos os seus sonhos, conquistas e crenças fossem despejados para fora, como água no interior de um balão furado. E soube, naquele instante, que era uma hora perfeita para morrer. Até então, até aquele segundo, tudo em sua vida tinha sido tão incrível e excitante. Era um cientista da Nasa com chances de um dia se tornar astronauta. Tinha uma namorada linda e uma esposa linda, embora estivessem separados. Sabia falar diversos idiomas, pilotar aviões, mergulhar de penhascos e nadar no Laboratório de Flutuabilidade Neutra. Havia andado no Simulador de Ônibus Espacial. Tinha tudo.

E agora tudo desaparecia, tudo pelo que ele trabalhou, tudo que ele conquistou. Desaparecido.

Soube no mesmo instante o que precisava fazer. Levantou os olhos e, mesmo daquele ângulo, ainda via todas as armas apontadas para sua cabeça. Trinta, talvez quarenta delas, minha nossa, apesar de saberem, naturalmente, que ele estava desarmado, que usava bermuda e uma camisa e tinha passado a última hora em um restaurante falando sobre pedras lunares e meteoritos de Marte. Quarenta armas seriam mais do que suficiente para resolver o assunto. As algemas ainda não estavam fechadas, ele tinha um segundo antes de ser tarde

demais — tudo que precisava fazer era rolar e começar a golpear. Bater em um dos policiais ou em um dos agentes do FBI, ou mesmo na cara de Kurt, fazer com que começassem a atirar. Thad não sentiria nada.

Foi então que, com o canto do olho, viu a comoção do outro lado do estacionamento. Gordon e Rebecca estavam sendo arrastados para a calçada da mesma maneira como ele fora, com outra dúzia de policiais avançando sobre eles como vermes na carne. Uma coisa era Gordon, um pobre maluco que tinha se ferrado ao vir para a Flórida — mas Rebecca... Meu Deus, Rebecca. Ele mal conseguia ver suas formas miúdas esticadas na calçada e os punhos sendo presos atrás das costas.

Lágrimas queimaram os cantos de seus olhos. Rebecca. Ele precisava ajudá-la. Tinha de garantir que ela sairia bem dessa história. Precisava protegê-la. E se morresse ali, naquele estacionamento, ela acabaria na cadeia, talvez o odiando pelo resto da vida. Não podia deixar que uma coisa dessas acontecesse. Precisava viver, para garantir que ela continuaria a amá-lo. Para garantir que ela permaneceria em segurança.

Deixou que as últimas gotas de energia vital se esvaíssem da parte de baixo de seu calcanhar, fechou os olhos — e ouviu o estalo metálico penetrante das algemas se fechando com força em torno de seus punhos.

36

Axel Emmermann não compreendia realmente a gravidade da situação — ou a tempestade que vinha em sua direção — até que viu o olhar do filho de 15 anos. Sven tinha passado pela porta do quarto de Axel a toda velocidade e agora estava parado, de olhos arregalados, bochechas coradas, enquanto lutava para recuperar o fôlego. Christel já tinha saído da cama e estava de pé, correndo para o garoto para ver se ele tinha se machucado. Mas Axel acenou para ela, já presumindo que o estado quase catatônico de Sven tinha alguma relação com o turbilhão de telefonemas que o pai recebera no celular na noite anterior.

Aquilo, por si só, já tinha sido incomum, porque ele raras vezes usava o celular e havia perdido as primeiras ligações enquanto tentava descobrir onde o maldito aparelho se encontrava. Quando afinal o encontrou na gaveta de baixo da cômoda, ele ainda tocava. Ficou surpreso ao ouvir a voz familiar do presidente do Clube de Minerais da Antuérpia do outro lado da linha.

O velho amigo pareceu tão ofegante quanto Sven estava agora. O presidente tinha acabado de receber uma ligação apavorada de sua mãe idosa. A senhora, já avançada na casa dos oitenta anos, havia se tornado uma espécie de mascote do Clube de Minerais da Antuérpia. Ao que parecia, ela foi procurada no meio da noite por um jornalista que certa vez escreveu uma reportagem divertida sobre o interesse dela por rochas raras. Por conta da idade, ela ficou bem confusa com a ligação e simplesmente passou as informações transmitidas pelo jornalista para o filho.

— Alguma coisa maluca está acontecendo — ofegou o presidente, assim que conseguiu falar com Axel. — Parece que prenderam alguém grande nos Estados Unidos e, de alguma forma, nosso clube de minerais está envolvido.

Axel quase deixou o celular cair no chão. Não recebia notícias do FBI nem de Orb Robinson havia mais de uma semana. Tinha obedecido e passado o bastão para pessoas que, em teoria, saberiam o que fazer, e até sua esposa se esquecera do assunto. A última coisa que ele esperava era ouvir notícias sobre o caso por

intermédio da mãe octogenária do presidente do Clube de Minerais da Antuérpia.

Ao que parecia, o jornalista belga ficou ansioso para ir atrás dela porque o FBI tinha divulgado um pequeno comunicado à imprensa. Ele mencionava um colecionador belga do Clube de Minerais da Antuérpia. Um repórter de Tampa, na Flórida, entrou em contato com um colega da Bélgica — e a trilha conduzia até Axel Emmermann.

O presidente do clube presumiu, de maneira correta, que Axel não havia simplesmente deletado o e-mail de Orb Robinson, como todo mundo, e tinha assumido a tarefa de fazer algo a respeito daquilo que todos supuseram se tratar de uma vigarice. Depois de passado o espanto inicial do presidente, ele ficou muito empolgado com a perspectiva de aparecer na imprensa. As ações de Axel colocaram o Clube de Minerais da Antuérpia no mapa.

Os pensamentos de Axel eram um redemoinho quando desligou o telefone, mas não teve sequer tempo de informar Christel, pois o celular tocou de novo. Era o *Tampa Herald*, jornal do outro lado do mundo, que ligava para perguntar sobre seu papel na derrocada de Robinson. O repórter ainda não havia colhido muitas informações, sabia apenas que ocorreram prisões e que as pessoas presas tinham ligações com a Nasa. Ainda assim, o jornalista tratou Axel como se ele fosse um herói. E, no final da conversa, avisou a Axel que o mais provável era que a entrevista fosse apenas o começo. Um crime como este nunca tinha acontecido na Nasa. Havia uma boa possibilidade de que se transformasse em uma história de proporções internacionais.

Ao olhar para a cara de Sven, enquanto o pobre garoto ficava parado na entrada do quarto, Axel teve a sensação de que o jornalista estava certo.

— Estão construindo alguma coisa na frente da janela do meu quarto — Sven por fim conseguiu dizer. — Parece algo saído de uma espécie de nave espacial.

Axel olhou para a mulher e saiu correndo do quarto. Atravessou o corredor para chegar ao quarto do filho. Christel e Sven vinham bem atrás dele. A esposa segurava a parte de trás da camisa do marido enquanto seguiam. Quando chegou à janela do quarto do garoto, afastou as cortinas — e Christel soltou uma exclamação de espanto.

No gramado em frente à casa, erguia-se uma gigantesca antena de televisão. Atrás da antena, pelo menos dois caminhões da imprensa com antenas de satélite afixadas nos tetos. Os repórteres se espalhavam por toda parte, alguns que ele reconhecia do jornal regional, exibido todas as noites. Mais longe, depois dos caminhões, dava para ver que seus vizinhos se reuniam na rua, apesar de mal ter

passado das cinco e meia da manhã.

Axel virou-se e sorriu para a mulher. Não precisou dizer nada, pois viu em seu rosto que ela estava igualmente atônita e orgulhosa.

Agora ele era um super-herói *internacional*.

37

A prisão ficava em Tampa, a uma curta distância de Orlando, trajeto feito em caravana policial, com luzes piscando e sirenes berrando, mas poderia muito bem ficar em Marte. Tudo havia se tornado tão surreal, estranho, confuso, e Thad não tinha opção senão acompanhar, algemado e com uma corrente metálica que ia dos pulsos aos pés, tirando impressões digitais e sendo empurrado por um desfile infinito de policiais, agentes do FBI e gente cujos distintivos ele não conseguia sequer identificar. Quando afinal foi levado para a área de detenção, já tinha sido interrogado pelo menos duas vezes e permanecido em absoluto silêncio — mais em consequência de seu atordoamento do que por uma questão de estratégia. Mas, no minuto em que viu Rebecca, separada dele pelas barras das celas individuais, sua mente clareou e os sentidos se ajustaram. O mundo entrou em foco, como se fosse um cinto de couro bem apertado, e ele conseguiu isolar de sua mente as dezenas de pessoas estranhas e aterradoras que cambaleavam pela imensa cela compartilhada ao lado da sua — a maioria parecendo bêbada, chapada, maluca, alguns caras sem camisa e até um completamente nu — e o cheiro de fezes e suor, tão intenso que fazia Thad ter ânsias de vômito. Em vez disso, concentrou-se em Rebecca, apenas em Rebecca.

O rosto dela estava tão branco quanto a parte mais clara da Lua, e havia lágrimas descendo por suas bochechas. Estava enroscada quase como uma bolinha, bem contra as grades, tão próxima que Thad quase podia esticar a mão e tocá-la. Ela o viu, mas não se desenroscou, permaneceu em posição fetal, os ombros se sacudindo a cada soluço.

— Tudo vai ficar bem — disse ele, reunindo forças suficientes para dar firmeza à voz. — Eu prometo, você não vai levar a culpa por nada disso. Só precisa dizer a eles que não sabia de nada.

— Eu já contei tudo! — respondeu ela, praticamente em um guincho, e Thad, por um instante, ficou desconcertado pela perversidade na voz dela. Estava mais do que aterrorizada, desesperada e devastada. — E eles me fizeram ligar para

meus pais.

— Não importa o que você contou. — Thad falou, sem saber muito bem se aquilo era verdade, mas tentando recuperar o controle, mesmo na mais incontrolável das situações. — Vou assumir toda a culpa. Você diz que ficou com medo, que eu a obriguei a fazer isso, que não sabia nada sobre as pedras lunares. Preciso que você fique lá fora. Preciso que fique em liberdade, para eu poder me comunicar com você, para que você seja minha tábua de salvação.

E falava sério. Sabia que iria para a prisão. Só conseguiria sobreviver se ela estivesse lá fora, em liberdade, vivendo sua vida e mantendo contato com ele. Acreditava que podia passar por qualquer situação, desde que pudesse conversar com ela de vez em quando, ouvir sua voz, dizer que a amava.

— Mas meu pai... Ele está vindo me pegar. E disse que nunca mais vou poder falar com você.

Aquilo atingiu Thad com mais força do que qualquer outra coisa até aquele momento. Ele sacudiu a cabeça.

— Não, a gente precisa ficar em contato.

— Disseram que a gente podia pegar trinta anos. Thad, não posso ficar trinta anos na cadeia.

Thad abaixou-se até o chão, com a cabeça contra as grades. Desejou ser capaz de se esticar e tocá-la. Mas estava distante demais. *Trinta anos?* Provavelmente era uma balela. O que fizeram era apenas uma brincadeira, um jogo mental que tinha ido um pouco longe demais. Merda, os policiais estavam só tentando apavorá-la. E tinham feito um belo trabalho.

— Você não vai para a cadeia. Vou dizer que foi tudo ideia minha.

Ela ergueu a cabeça, que estava pousada nas mãos, e os soluços pareceram diminuir um pouco de intensidade. Talvez tivesse finalmente apreendido o sentido de suas palavras.

— Mas meu pai...

— Por enquanto, faça o que ele disser. Depois dê um tempo, quando você estiver livre daqui, a gente dá um jeito...

Mas não teve a chance de terminar a frase, porque subitamente surgiram homens uniformizados na cela de Rebecca e ordenaram-lhe que se levantasse e os seguisse. Ela lançou um último e apavorado olhar para Thad e depois abaixou a cabeça, quase até o peito. Movimentava-se com rapidez na direção que os policiais haviam indicado — e um momento depois tinha partido. Thad ficou sozinho. Respirou fundo, tentando captar um sopro de seu perfume floral no ar, pela última vez, nem que fosse a mais minúscula molécula de sua passagem, para

impedilo de desmoronar por completo, mas não havia ali nada além do cheiro fétido daquele purgatório na Flórida.

Foi sua vez de se enroscar e se fechar em posição fetal, com a mente entorpecida.

* * *

— Um telefonema. Você tem cinco minutos.

Thad ficou diante do telefone público enquanto os policiais uniformizados se afastaram, dando-lhe alguns metros de privacidade. O volumoso objeto de plástico e metal pendurado na parede parecia completamente anacrônico e Thad não pôde deixar de lembrar que, dois dias antes, ele ouvia vozes através do receptor de um condutor ósseo. E agora estava ali, diante de um telefone público de aspecto arcaico, com o barulho de integrantes de gangues bêbados e outros presos ecoando em volta dele.

Thad não tinha ideia de quanto tempo havia passado na cela da detenção quando o policial veio pegá-lo para que desse o telefonema garantido por lei. Pensou em dizer ao homem para deixá-lo em paz. Aquilo não seria de grande ajuda, pois Thad conhecia apenas um número e a pessoa do outro lado da linha não seria muito prestativa.

No minuto em que a voz de Sonya soou, ele soube que tinha acertado na previsão. Ela estava furiosa. Thad ligando a cobrar da cadeia, e sua fúria só fez aumentar quando revelou os detalhes da situação. Não só havia levado o roubo adiante como tinha feito aquilo com Rebecca, uma garota que ele conhecia havia menos de um mês. Durante o curto telefonema, Thad percebeu que Sonya ainda nutria fortes sentimentos por ele — de alguma forma, apesar de mal terem se falado nos últimos meses, ela ainda acreditava que, um dia, eles conseguiriam resolver seus problemas.

Mas Thad pôs um fim nessa ideia. O roubo e até mesmo o cumprimento de uma pena eram coisas que Sonya poderia ter superado, mas o fato de ele ter feito aquilo com outra garota e não com ela, isso era imperdoável.

Tentou apaziguar a raiva de Sonya, pois precisava da ajuda dela. Havia sido informado por um dos oficiais da corte federal que ele teria direito a uma fiança por assinatura, o que significava dizer que qualquer adulto do país sem ficha criminal poderia se dirigir a qualquer tribunal e liberá-lo, para que aguardasse o julgamento em liberdade. Não precisava ser um irmão, nem o pai ou a mãe, tampouco uma ex-mulher raivosa. Bastava a assinatura de um adulto e ele ficaria

livre até que estivessem prontos para julgá-lo pelo crime.

— Se você não quiser fazer isso — implorou pelo telefone —, se seus pais não deixam ou se você não consegue porque precisa ir em frente, eu compreendo. Mas, por favor, procure alguém que me conhece, qualquer um que você lembrar. Talvez alguém da Nasa, ou talvez da universidade...

No entanto, Sonya fez com que se calasse ao dizer uma das coisas mais duras que ele ouviu desde que tinha sido expulso de casa pelos pais.

— Não há ninguém. Ninguém vai assumir a responsabilidade. Você não percebe o que fez?

Thad ficou ali, paralisado, tentando pensar em algo para dizer — quando a ligação foi interrompida.

Thad queria telefonar de novo, nem que fosse apenas para falar que lamentava tudo. Porém, mesmo que o policial já não tivesse cutucado suas costas, levando-o de volta à cela, ele duvidava que Sonya aceitasse a ligação.

Thad percebeu que ninguém apareceria para tirá-lo dali. Nem para fazer uma coisa tão simples como assinar um pedaço de papel, ninguém o ajudaria. Rebecca não podia, por causa do pai. Sonya não queria, porque estava zangada, ou talvez assustada — com a reação da família, com as implicações frente a suas perspectivas de se afastar de um relacionamento fracassado. Não havia mais ninguém além das duas. Thad não contava mais com os pais. E os amigos? Na Nasa, ele agora era um pária. Os outros estagiários o evitariam como a peste. Para os cientistas tão estimados, ele havia sido uma diversão, um garoto promissor que contava aventuras para divertilos, nada além disso.

Estava sozinho, nas mãos do sistema. E ninguém no mundo iria ajudá-lo agora.

* * *

Chamavam aquilo de Submarino.

A cadeia municipal em Orient Road, em Tampa, era o lugar mais deprimente que Thad tinha visto na vida. Poucas horas depois do telefonema, ele foi levado escada abaixo, passou por um desfile interminável de portas de ferro com janelas gradeadas, entrou em um longo corredor de concreto ladeado por minúsculas janelinhas de metal cobertas com aço, tudo pintado em um inquietante tom de azul. Estava algemado, com correntes nas pernas e na barriga, arrastando-se com a cabeça baixa e era levado por dois policiais uniformizados atrás dele, um de cada lado. Fez o melhor que pôde para deixar a mente vazia, porque quaisquer

pensamentos que pudessem irromper em um lugar daqueles não seriam bons para ele. Precisava se transformar em uma casca vazia, pois sabia que ficaria ali por muito tempo.

Após percorrerem um quarto do corredor, os guardas pararam, um deles enfiou uma enorme chave de metal — com uns dez centímetros, algo que parecia saído de um calabouço medieval — em um painel, destrancando a porta de aço. Havia quatro alavancas em um dos lados da porta. Só foi possível virá-las com a ajuda de dois guardas, o que forçou a pesada tábua de aço a escorregar e se abrir, centímetro a centímetro. Pararam quando havia espaço suficiente para empurrarem Thad para dentro. Primeiro, soltaram as algemas, depois tiraram as correntes. Um dos guardas deu um tapinha nas costas dele, cheio de sarcasmo. Assim que Thad passou, a porta se fechou atrás dele.

Em frente à cela estava o que era chamado de sala de recreação, e à esquerda ficava o quarto. Thad observou tudo com rápidas passadas de olhos. No quarto, viu oito beliches, que eram basicamente placas de aço aparafusadas, presas a estruturas de ferro de aspecto industrial, duas fileiras com quatro. Entre o quarto e a sala de recreação, havia duas latrinas de aço — sem tampas, só os vasos, bem no meio do espaço aberto, diante de todo mundo — e um único chuveiro em um canto. Do outro lado do cômodo, oposto ao corredor por onde ele havia chegado, ficava o que chamavam de passarela. Era só um punhado de grades separando a sala de recreação e o quarto de outro longo corredor onde os guardas se revezavam caminhando para um lado e depois para o outro. Não havia qualquer tipo de privacidade.

Quando Thad deu um passo para dentro da sala de recreação, sentiu um nó no estômago. No meio da sala, um par de mesas metálicas de piquenique, com bancos aparafusados. Havia dois telefones públicos contra uma das paredes, ambos ocupados, e atrás dos aparelhos, presa a alguns centímetros do teto, uma televisão. Avistou um botão redondo na TV, mas mesmo daquela distância dava para ver que tinha apenas dois números em volta no botão, dois canais disponíveis. A TV estava ligada, e Thad reconheceu um programa infantil — algo chamado *Teletubbies*.

Na mesa mais distante de Thad, um grupo de quatro homens negros vestidos com macacões da cadeia, em laranja berrante, assistia ao programa, prestando toda atenção e irrompendo, de vez em quando, em uma sinfonia composta pelo que se parecia com gargalhadas ensandecidas. Os homens tinham a aparência esperada por Thad — zangados, tatuados, excessivamente musculosos e aterradores.

Na outra mesa, dois homens brancos. Um deles era enorme, pesava algo perto de 150 quilos, com a barriga pulando para fora das calças cor de laranja. O outro tinha a metade do tamanho, cavanhaque e uma grande tatuagem que subia pelo lado esquerdo do pescoço. Havia um baralho sobre a mesa, diante deles, e o gigante estava prestes a tirar uma carta. Veio um número baixo e parecia ser uma boa coisa, pois ele riu e bateu com as mãos na mesa. Então o homem menor pegou a próxima carta e a jogou na mesa, mostrando um rei. Ele rosnou, depois pulou do banco, foi para o chão e fez dez flexões de braço.

Enquanto Thad olhava as duas mesas e seus integrantes, seu corpo inteiro começou a tremer. Não conseguia acreditar que esta, agora, era sua vida. Três dias atrás, ele tinha mergulhado no Laboratório de Flutuabilidade Neutra, estava entre astronautas, jogava conversa fora com alguns dos homens mais inteligentes do mundo. E neste momento estava no inferno.

Antes que pudesse dar mais um passo, um dos negros da mesa dos *Teletubbies* se aproximou, desfilando como se seus pés pesassem uns cinquenta quilos cada um. Tinha músculos em toda parte e havia uma dureza em seu rosto que fez Thad sentir calafrios nos ossos.

Parou poucos metros à frente de Thad, olhando-o de cima a baixo. Depois sorriu, com dentes que mostravam um tom de amarelo bem peculiar.

— Meu nome é Graveyard. Graveyard Serious.

Deu um forte soco no ombro de Thad, que fez o melhor que pôde para não se encolher. O homem se virou e voltou para os *Teletubbies*.

Thad ficou ali, esperando, mas ninguém deu sinal de notar sua presença. Por isso, dirigiu-se ao quarto em silêncio e foi até o que parecia ser um beliche vazio, de aço. Ao se abaixar na cama, percebeu que era apenas uma sólida folha de metal, com buraquinhos abertos nela para que, supostamente, ficasse um pouco mais flexível. Não tinha colchão, nem lençol. Porém, havia uma fronha — só para lembrar a Thad que ele não tinha travesseiro.

Deitou-se, enrolando a fronha sobre os olhos. Ainda podia ver as luzes brilhantes, apesar do tecido, e um zumbido forte vinha dos painéis fluorescentes. Sabia que não seria capaz de dormir. Em vez disso, fechou os olhos com força e começou a chorar.

* * *

— Houston, temos um problema. Houston, temos um problema.

Os olhos de Thad se abriram com força enquanto as palavras ecoavam em

seus ouvidos e ele se sentou em um salto, quase batendo a cabeça na cama em cima dele. Levou um minuto para reconhecer o lugar onde estava e perceber que não tinha sido tudo um pesadelo, que não se encontrava deitado em seu apartamento da Nasa, nem aconchegado a Rebecca no estacionamento da igreja batista. Estava na cama de baixo de um beliche em uma cela na cadeia, vestindo um macacão laranja, com uma fronha vazia na cabeça. Havia pelo menos outros sete homens no quarto, junto dele, em várias fases do sono — apesar de o lugar estar tão iluminado quanto um dia ensolarado, por causa das lâmpadas fluorescentes no teto, que não paravam de zumbir.

— Houston, temos um problema.

Levou mais um momento para que Thad percebesse que as palavras não vinham de dentro de sua cabeça, que elas de fato reverberavam pela cela inteira, por toda a cadeia municipal, na verdade, através do sistema de comunicação interna dos guardas.

— Houston, temos um problema.

Desta vez, as palavras foram seguidas por um momento de gargalhadas perversas. Quem falava pelo interfone estava se divertindo muito. Thad olhou em volta, tentando entender o que estava acontecendo. E então viu o negro musculoso se aproximando de sua cama.

Era o sujeito que se apresentara a ele como "Graveyard Serious" e segurava alguma coisa com a mão esquerda. Por um breve segundo, a mente reviu todos os filmes passados em prisões que já tinha visto e ele esperou encontrar um cutelo de aço que seria enfiado em sua garganta. Em vez disso, Graveyard jogou-lhe o objeto no peito, onde pousou com uma pancada suave. Não se tratava de um cutelo. Era um jornal. E a manchete principal, no alto da primeira página, só falava de Thad.

— Roubo das pedras lunares — sussurrou Thad, quando leu as palavras.

Ergueu os olhos e viu que os outros prisioneiros tinham todos saído das camas e se juntavam em volta dele. Graveyard apontou o jornal com seu longo indicador.

— Um dos guardas me deu isso. Você é o assunto em Orient County. Rapazes, estamos com uma celebridade aqui.

Thad sentiu as bochechas corarem ao ler a matéria. Estava tudo ali, preto no branco. A prisão de Thad, Gordon e Rebecca. E Sandra, de acordo com a reportagem, tinha sido presa na manhã seguinte, arrastada de seu trabalho algemada. O jornal chamava o incidente de o mais importante roubo da história da Nasa. Everett Gibson, cujo laboratório tinha sido roubado, foi chamado para

um interrogatório ao voltar de uma viagem para a Austrália.

Antes que Thad pudesse ler mais da reportagem, Graveyard arrancou o jornal de suas mãos e o sacudiu diante dos outros prisioneiros.

— É isso aí, digam olá para Pedra Lunar!

E, assim, o nome pegou. *Pedra Lunar*. Thad deitou a cabeça na cama dura de aço enquanto os alto-falantes continuavam berrando em seus ouvidos.

— Houston, temos um problema.

38

— Pedra Lunar, levanta daí.

Thad estava apenas na sétima flexão e devia outras três para Graveyard, mas o guarda de pé, diante da jaula aberta, parecia falar sério, e nem mesmo Graveyard poderia ter ignorado a oferta do policial para sair daquela cela claustrofóbica, mesmo que o motivo fosse completamente desconhecido.

Thad se levantou e apontou para a carta que estava sobre a mesa de piquenique, entre ele e o outro prisioneiro.

— Termino a série de dez quando voltar.

— Se voltar, Pedra Lunar. Talvez eles deixem você sair agora.

Graveyard mostrou os dentes amarelos, divertindo-se com sua própria declaração. Poucas horas do segundo dia tinham se passado, por isso não existia a menor possibilidade de que Thad fosse a qualquer lugar. Mas ele ficava feliz por sair da cela, mesmo que apenas por um momento. Nenhum dos presos tinha tentado matá-lo ainda, mas havia uma tensão raivosa, de violência, naquele lugar. Provavelmente tinha algo a ver com as latrinas compartilhadas expostas ou com os guinchos incessantes dos *Teletubbies*. A cadeia estava tão impregnada de sentimentos ruins que Thad faria quase qualquer coisa para sair dali.

Dirigiu-se à porta e estendeu os braços para ser algemado. Depois das algemas, vieram as correntes e então o guarda o conduziu pelo comprido corredor. Estava sendo levado para uma pequena sala com paredes de concreto e nenhuma janela. Havia uma mesa de aço no meio do cômodo e quatro cadeiras metálicas. Thad foi algemado a uma das cadeiras e deixado a sós com seus pensamentos amedrontados.

Cinco minutos depois, o advogado de Thad entrou na sala, seguido por duas mulheres. Uma delas se identificava como funcionária federal do escritório do inspetor geral, ligado à Nasa. A outra, de olhos severos, com o cabelo castanho bem preso em um coque, apresentou-se como a promotora designada para o caso de Thad.

A verdade era que, para Thad, as duas mulheres eram tão familiares quanto o advogado nomeado pelo tribunal. O homem com um terno azul engomado tinha sido pouco mais do que um nome em uma folha de papel que Thad precisou assinar quando deu entrada na cadeia municipal. Seu nome era John e ele parecia ter acabado de sair da faculdade de direito. Um dia talvez se tornasse um excelente advogado, mas Thad tinha a sensação de que, naquele momento, ele apenas tentava se virar.

Quando os três se sentaram, Thad começou a se sentir muito constrangido. Ainda estava algemado, acorrentado como se fosse matar alguém, como se fosse um criminoso perigoso, e não um cientista da Nasa que havia cometido uma estupidez. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o advogado colocou um gravador no centro da mesa e começou a fazer perguntas. Sobre o roubo, o planejamento, sobre Gordon, Rebecca e Sandra, sobre Everett Gibson e as pedras lunares — sobre tudo. Estava fazendo aquilo bem na frente da promotora e da agente federal e Thad apenas o encarou, tentando compreender o que estava acontecendo, tentando entender como aquilo funcionava.

Quando chegou a hora de responder, Thad sacudiu a cabeça enquanto lançava um olhar lastimoso para o advogado. O homem pareceu entender e logo pediu para que as duas mulheres os deixassem um momento a sós.

Depois que elas saíram, batendo a porta, o advogado recomeçou. Explicou para Thad que a Nasa, a promotoria e o FBI tinham um monte de perguntas que desejavam que ele respondesse — e por isso havia uma possibilidade de Thad conseguir algum tipo de acordo. A Nasa queria saber exatamente como o roubo tinha acontecido: como Thad foi capaz de entrar no laboratório de Gibson, como sabia das pedras lunares — tudo que não tivesse sido gravado durante a operação no restaurante. E, o mais importante, Everett Gibson tinha dito ao FBI que o cofre continha o trabalho de uma vida, uma série de cadernos verdes com trinta anos de suas pesquisas científicas. Pretendia usar os cadernos para escrever um livro após sua aposentadoria — tinham um valor inestimável.

Thad sacudiu a cabeça, com a mente agitada. Não se lembrava de ter visto cadernos verdes no cofre. Até onde sabia, não tinham jogado nada fora além do próprio cofre. Por isso, se os tais cadernos existiam, ainda deveriam se encontrar no depósito ou em uma mala que estava com eles no Sheraton. Mas Thad não desejava falar sobre cadernos fantasmas. Queria falar de Rebecca.

Queria saber o que aconteceria com ela. O advogado pareceu ficar chocado ao constatar que essa era a primeira preocupação de Thad, mas fez o melhor que pôde para explicar a situação. Disse que o sistema funcionava de forma que havia

uma pena obrigatória que o juiz podia dar a alguém por participar de um crime desses, com base, principalmente, no valor dos bens roubados, pois atos de violência não haviam sido cometidos. O valor ainda seria determinado e uma boa parte do julgamento seria descobrir o exato valor de 101,5 gramas de pedra lunar.

A pena mínima estava sujeita a acréscimos, de acordo com as circunstâncias. Pelo crime que Thad e os amigos haviam cometido, estavam contemplando no máximo três acréscimos — ou mais ou menos três anos de prisão.

Thad sentiu um aperto no estômago ao ouvir aquelas palavras — *três anos*. Visualizou a cela de onde tinha acabado de vir, as latrinas expostas, os beliches de metal, os guardas e os prisioneiros. Não podia imaginar como sobreviveria àquilo. Então imaginou Rebecca... Tinha de haver algo que ele pudesse fazer.

O advogado de Thad admitiu que havia, na verdade, outra saída — pelo menos para as garotas, Rebecca e Sandra. Podiam alegar terem sido coagidas ao crime e desempenhado um papel secundário, comandadas por um "líder" com intenções criminosas. John presumia que deveria ser a estratégia aconselhada pelos advogados delas, mas garantiu a Thad que combateria esse artifício com unhas e dentes, porque se ele assumisse o papel de líder poderia esperar uma sentença ainda mais longa.

Thad o interrompeu naquele momento, as algemas se chocando quando ele tentou erguer a mão. Era exatamente o que desejava. Não a parte sobre a sentença mais longa, mas em relação a Rebecca — ele aceitaria o papel de líder se isso significasse que Rebecca permaneceria em liberdade. Se ela ficasse em liberdade, seria sua tábua de salvação. Ele não tinha mais ninguém.

O advogado o encarou, esfregando uma das mãos sobre os olhos cansados. Perguntou de novo se era isso mesmo que Thad queria fazer — basicamente ficar quieto e deixar que as garotas argumentassem que tinham sido coagidas ou seduzidas a participarem do crime. Thad concordou. O advogado repetiu a pergunta pela terceira vez, lembrando que, pelo que Rebecca havia contado ao FBI, fazia um mês que Thad a conhecera. Estava mesmo disposto a jogar fora anos de sua vida por alguém que ele só conhecia havia quatro semanas?

Thad voltou a assentir. Não pensava em Rebecca como alguém que ele conhecesse havia apenas um mês. Ela preenchia alguma coisa dentro dele, alguma coisa da qual precisava. Se era algo inventado por sua cabeça ou algo real, não importava. A vida dela precisava seguir em frente.

Por fim, o advogado deu de ombros. Thad era seu cliente, designado pelo tribunal. Não era um amigo nem um parente. Era a vida de Thad. Se o rapaz

cooperasse com a Nasa e o FBI, talvez fossem indulgentes com ele, mas se fosse o líder, o chefe assumido, bem, ele vislumbrava a perspectiva de passar três anos em uma prisão federal, talvez até mais do que isso.

Thad concordou, desejando que seu cérebro ignorasse o pensamento de ficar ali por todos aqueles anos, e disse ao advogado que faria aquilo. O homem voltou a encolher os ombros e fez um sinal para que a promotora voltasse à sala.

Sei que você nunca vai ler essas palavras, mas preciso escrevê-las mesmo assim. Preciso exprimir, de alguma forma, o seu efeito sobre mim. Preciso transformar as lágrimas em palavras. Certa vez você me perguntou por que eu amava você... uma pergunta que não tem resposta deste lado do horizonte. Não consigo explicar "por quê", assim como não consigo explicar por que tenho consciência. Todos os meus pensamentos, todas as sensações e emoções vêm combinadas com o conhecimento de que eu a amo, de que a desejo, de que desejo saber de sua felicidade, mas questionar por quê vai além de minha própria existência. Há ainda outra pergunta sua que merece uma resposta — a pergunta é "o que" eu amo em você. Para ser justo, essa pergunta também é impossível de ser respondida, mas apenas porque é impossível esgotá-la. Cada pincelada, no entanto, pertence à mesma pintura, todos os detalhes refletem o conjunto.

39

Thad sempre aprendeu rápido.

Na Nasa, ser rápido para entender como as coisas funcionavam foi importante porque chamou a atenção das pessoas que Thad precisava impressionar e tinha lhe dado uma vantagem para que pudesse construir a figura que ele queria ser desde o primeiro dia.

Na cadeia municipal, ser rápido para entender como as coisas funcionavam foi importante porque o ajudou a continuar vivo. Não só naquele sentido estereotipado, dos filmes sobre prisões que passam tarde da noite na televisão — embora sempre houvesse um risco muito real de olhar para alguém do jeito errado, de dizer a coisa errada, de se envolver inadvertidamente em algo que poderia levar a sua morte —, mas no sentido de que, se não fosse capaz de ajustar a cabeça à nova realidade, ele estaria perdido em um lugar onde nem mesmo suas fantasias poderiam protegê-lo.

A sabedoria convencional da cadeia dizia que levava cerca de dois anos para um homem se esvaziar por completo e, enfim, abandonar sua vida antiga — as esperanças, os sonhos, as expectativas, a família, o contato real com o mundo exterior. Dois anos para zerar tudo e chegar ao fundo do poço, para se tornar aquela casca vazia, sem marcas. No final do primeiro ano de prisão, à espera da sentença, Thad percebeu que o mais provável era que a sabedoria da cadeia estivesse correta. Estava na metade do caminho para se tornar aquele nada, aquele homem de lugar nenhum, e se precisasse suportar mais um ano seria esmigalhado pelo tempo e teria de deixar para trás o que havia sobrado de sua antiga pessoa.

O pior momento de cada dia costumava ser quando ele se deitava na cama de metal, ouvindo o zumbido incessante do teto intensamente iluminado, esperando o *tum, tum, tum* das botas dos guardas que caminhavam pela passarela, com frequência tentando ignorar os gemidos abafados e horripilantes dos homens em celas próximas conforme sofriam abusos ou eram surrados e às

vezes até estuprados pelos outros presos. Era um lugar semiacordado, semiadormecido, onde era impossível anular os sentidos, mas igualmente impossível digerir o que se via, ouvia e cheirava.

A melhor hora do dia era quando ficava sozinho no banheiro, pois era a única ocasião em que podia se desarmar e chorar.

Entre uma coisa e outra, havia momentos, bons e ruins, que marcavam a monotonia da vida em uma jaula. As refeições, quase sempre uma papa, servidas em bandejas de plástico que precisavam ser devolvidas e contadas. Exercícios em um quintal que mal serviria para um cachorro, fedorento, quente e perigoso, onde Thad em geral permanecia em um canto, tentando não chamar atenção de alguém que pudesse querer machucá-lo. A hora da televisão, quase sempre com os malditos *Teletubbies*, às vezes com o noticiário, em outras com uma estação cristã recitando as escrituras. E depois jogos de baralho com os companheiros de cela, ocasiões em que pediam muitas vezes para que Thad recontasse a história do roubo das pedras lunares, o que invariavelmente se tornava uma discussão sobre o tipo de pena que ele receberia, agora que tinha se declarado culpado e cooperava com o FBI.

Como tudo mais na cadeia, a sentença se transformara em assunto para apostas, e os prisioneiros estavam ansiosos para participar. Não apenas na cela de Thad. Todas as outras em volta se envolveram, e os presos diziam qual seria a pena que achavam que Thad receberia. Quem errasse por mais de um ano precisaria fazer cinquenta flexões de braço, uma das poucas moedas de troca permitidas na cadeia.

Embora o advogado de Thad ainda estivesse convencido de que a maior pena que ele poderia receber seria de três anos, independentemente do que a Nasa e os especialistas do tribunal definissem com relação ao valor de 101,5 gramas de pedra lunar e do pequeno meteorito de Marte, um punhado de prisioneiros chegou a aventar cinco anos. Thad sabia que não teria como sobreviver enjaulado por tanto tempo, mas, mesmo assim, nunca se arrependeu de ter se declarado culpado nem de desautorizar o advogado a contestar seu papel de líder no roubo.

Assumir tal peso permitiu que Rebecca e Sandra alegassem terem sido iludidas e coagidas, desempenhando papéis secundários no roubo. Quando chegou o dia da sentença de Rebecca, um ano após o roubo, Thad foi tomado por uma mescla de sentimentos. Não falava com ela desde o dia da prisão e cada minuto sem contato havia sido pura tortura. Sempre que conversava com o advogado, seu único elo com o mundo exterior, implorava ao homem que a

procurasse, que lhe desse um número de telefone, um endereço, qualquer coisa, mas o advogado explicava que era impossível. Rebecca se preparava para seu dia no tribunal — e, como dissera, seu pai a proibiu de falar com Thad.

Mas, agora que ela receberia uma sentença, Thad se permitiu ter esperanças de que depois disso a situação pudesse mudar. Quando soube que ela havia recebido liberdade condicional junto com 180 dias de prisão domiciliar, ficou animado. Não iria para a cadeia, estava livre e acabaria tentando falar com ele, acreditava Thad. Sandra também recebeu liberdade condicional e prisão domiciliar, alegando, assim como Rebecca, um papel secundário no plano, sob coação. Thad foi pintado como um manipulador carismático, um libertino boa-pinta, de muita lábia, que havia enganado duas pobres moças inocentes para que elas o seguissem ao laboratório de Everett Gibson. Mas ele não se importava com o que diziam dele, porque aquilo havia livrado Rebecca e ela não precisaria passar pelo que ele estava passando.

Gordon não teve tanta sorte, mas por sua própria culpa. Não tinha aparecido no tribunal na data prevista. Em vez disso, fugiu. Quando, por fim, o encontraram em um parque estadual de Utah, ele agiu como sempre: disse que se chamava Jó, como na Bíblia, garantindo que a ira de um governo raivoso iria ser despejada sobre ele na hora de sua sentença.

Mas Rebecca estava livre, embora Thad ainda não tivesse como chegar até ela. Nas semanas seguintes, isso se tornou uma obsessão. Ele começou a buscar maneiras de entrar em contato com a garota, nem que fosse para escutar sua voz pela última vez. Sempre que ouvia dizer que um prisioneiro estava prestes a ser libertado, ele procurava o homem, implorando-lhe que, assim que estivesse lá fora, fosse atrás de informações sobre uma garota chamada Rebecca Moore e enviasse para ele o que conseguisse encontrar. A maioria dos presos o olhava como se ele estivesse maluco, e alguns soltavam gargalhadas com a ideia de que voltariam a procurar a cadeia depois de saírem por aquela porta.

Quando percebeu que não estava conseguindo grandes avanços, Thad criou um jogo para tentar obter os mesmos resultados. Com um pedaço de jornal que um dos presos obteve com um guarda, recriou um quebra-cabeça que aprendera na Nasa — na verdade, um recurso educativo destinado a ajudar candidatos potenciais ao posto de astronauta, pois era um teste frequentemente aplicado durante o processo seletivo de astronautas. Enquanto os outros presos olhavam, Thad rasgou a folha de jornal criando cinco formas geométricas. Essas formas, explicou ele, podiam ser organizadas de modo a criar um quadrado perfeito. Mas havia apenas uma maneira de organizá-las para que, juntas, fizessem um

quadrado, e havia um limite de tempo. Thad sabia que os candidatos da Nasa levavam em geral cerca de dez minutos para acertar. Por isso, deu vinte minutos aos presos, apostando uma refeição. Se conseguissem criar um quadrado em menos de vinte minutos, ficariam com o jantar dele. Se perdessem, o jantar deles ficava com Thad.

Um após o outro, os presos fracassaram. E todas as vezes ele devolveu o jantar em troca de um único pedido: encontrar Rebecca e dizer a ela que Thad Roberts a amava. Era só isso, nem mesmo um endereço ou um número de telefone — bastava dizer a ela que Thad ainda a amava.

Mesmo depois que o ano se transformou em 14 meses, ele continuou sem receber qualquer indicação de que alguém tinha entrado em contato com Rebecca. Nenhuma correspondência de ex-detentos, nem mesmo um cartão-postal. A única correspondência que ele recebeu veio de Sonya. Os documentos do divórcio com um espaço em branco onde ele deveria assinar para tornar a separação simples e final, para que ela pudesse seguir em frente com sua vida.

Thad não precisou pensar muito no assunto. Era o mínimo que podia fazer e sabia que Sonya merecia ser feliz e se esquecer dele. Como tinha seu número de telefone, resolveu ligar e dizer que não criaria obstáculos, que tornaria o divórcio o mais fácil possível.

Entretanto, aquele telefonema não foi nada fácil. Desde o momento em que sua voz ecoou pelo receptor plástico, frio e pesado, de um dos telefones públicos que ficava no interior da cela, Thad sentiu o peito se apertar. Não nutria mais os mesmos sentimentos do passado, mas ao ouvir sua voz, tão intensa, cheia de vida e normal, ele se encheu de lembranças. Do apartamento que dividiram, da jornada beneficente de bicicleta atravessando o país, das noites passadas em uma barraca, do casamento apressado para que ele escapasse da fúria de seus pais e, acima de tudo, daqueles breves momentos em que ela aquecia as mãos dele em sua barriga, carne contra carne.

Mas ali, naquele momento, com os gritos e uivos dos outros animais enjaulados que o cercavam, a balbúrdia da vida na prisão reverberando no metal e no concreto, ele não conseguiu dizer nada além de um pedido de desculpas e falar que esperava que ela fosse muito feliz. E, quando chegou a vez de Sonya, com o ruído da prisão ao fundo, ela respondeu com as únicas palavras que lhe ocorreram.

— Bem, espero que você esteja se divertindo com seus novos amigos.

E foi só. Thad ficou ali, segurando o telefone mudo na mão. Sonya não compreendia como aquilo que acabara de dizer soava terrível, como o fazia se

sentir completamente sozinho e separado do mundo.

Porém, ele não precisou passar muito tempo com aqueles pensamentos na cabeça, pois pouco depois do telefonema recebeu a notícia de que a hora havia chegado.

Na manhã seguinte, Thad afinal teria um julgamento.

40

No momento em que Thad viu o olhar de seu advogado, soube que algo tinha dado muito errado.

O dia começou ridiculamente cedo. Às três da madrugada vieram algemá-lo e acorrentá-lo e o levaram de novo à cela de detenção do tribunal, um lugar por onde havia passado diversas vezes nos últimos 15 meses. O próprio tribunal havia se tornado um lugar de sobrecarga sensorial e, quando por fim atravessou os corredores e entrou na sala de julgamento, ele se encontrava em um estado de dissociação. Com a mente tão habituada ao ambiente entorpecido da prisão, ele mal conseguia absorver todas as cores a sua volta, desde as estampas dos carpetes às roupas das pessoas. Era mesmo difícil se concentrar no que lhe diziam — e só quando olhou para o advogado, na metade da sessão, foi que ele percebeu que coisas terríveis o esperavam.

Não se falava apenas no valor monetário do que ele havia roubado. Depois de um desfile de especialistas em sessões anteriores, a corte estabeleceu o valor das amostras entre sete milhões e vinte milhões de dólares, baseando-se não em seu preço de mercado, que seria bem maior, mas no custo do programa de pouso na Lua e na quantidade roubada por Thad como uma fração de um total de amostras trazidas dessas viagens. Nesse aspecto, Thad teve bastante sorte. Era um roubo e tanto, mas não chegava à quantia de meio bilhão de dólares que poderia ter sido estimada. Porém, não era o valor das pedras lunares e da amostra de Marte que apavorava seu advogado — mas o que a juíza considerava fazer com a sentença.

Embora Thad só conseguisse entender uma parte do que estava ocorrendo na ocasião, por conta de sua confusão mental, o que aconteceu foi que a juíza agregou um "agravante 5k2.7" à sentença, o que em linguagem de leigos significa que havia um acréscimo na sentença devido a um crime que "fechou um departamento do governo norte-americano". Era um raro agravante, em geral aplicado a terroristas — gente que explodia prédios federais ou matava

importantes funcionários do governo.

O advogado de Thad então fez um pronunciamento apaixonado dizendo que aquilo era absurdo, injusto e ilegal. Mas a juíza não quis ouvir. Não eram as pedras lunares em si nem mesmo o meteoro de Marte que a levavam a tomar uma postura tão draconiana. Eram os cadernos verdes sobre os quais Everett Gibson falou com o FBI, aqueles que Thad não se lembrava de estarem no cofre. Gibson havia feito um discurso emocionado em uma das sessões anteriores — e a juíza tinha decidido que a perda daqueles cadernos, combinada com a perda temporária e o possível dano permanente às amostras, era o suficiente para justificar a medida.

— Não é uma situação comum — exclamou a juíza, olhando direto para Thad. — O dano significativo a um órgão do governo promovido pelo senhor Roberts ao roubar aquelas pedras lunares. Pessoalmente, acho que o depoimento do doutor Gibson foi de partir o coração. Todo o trabalho realizado por ele foi desperdiçado porque o senhor Roberts decidiu roubar não apenas as amostras lunares, mas também toda a obra científica que havia sido registrada naqueles cadernos, tesouros nacionais que não têm preço.

O mundo de Thad começou a derreter quando ele ouviu aquelas palavras, como se fosse uma pintura de Dali que ganhasse vida. Ouvir alguém falar dele daquele jeito — aquilo nunca acontecera antes, não depois de ter sido renegado pela família e pela igreja mórmon. Ele sempre tinha sido uma pessoa com muito potencial.

— Para obter novamente essas coisas — prosseguiu a juíza —, o governo precisaria voltar vinte ou trinta anos no programa espacial. Não estamos indo lá para a Lua fazer coleta de pedras e amostras todos os dias. E, na realidade, o doutor Gibson nunca vai recuperar suas anotações e não é mais possível usar as pedras com os mesmos objetivos educativos e científicos que antes, porque elas perderam o valor. Quer dizer, o doutor Gibson depôs praticamente com lágrimas nos olhos porque todo o trabalho dele foi jogado fora.

Thad não conseguia acreditar no veneno presente na voz da juíza. E, para falar a verdade, até aquele momento, ele nunca tinha levado em consideração a dor sofrida por Gibson em decorrência do roubo. Ainda tinha dificuldades para compreender aquilo como algo que não fosse um crime sem vítimas. Ele e as meninas haviam, na medida do possível, tomado todas as precauções científicas ao lidar com as amostras. De acordo com a visão de Thad, o próprio Gibson se referia às pedras como se fossem lixo.

No entanto, essas respostas não adiantariam muito para a juíza, que

obviamente já havia tomado sua decisão. Antes de pronunciar a sentença, Thad pediu e recebeu a oportunidade de pelo menos pedir desculpas. Com um pouco de sorte, se dissesse as palavras certas, talvez conseguisse que a juíza fosse indulgente, que demonstrasse compaixão.

— Me desculpem, estou muito nervoso — começou, falando o mais alto que podia. Não juntava tantas palavras havia muito tempo e a garganta doía por conta do esforço. — Mas, meritíssima, acredito que a senhora tem uma... Naturalmente, a senhora mostrou todas as coisas ruins que eu fiz na vida, mas a imagem que a senhora faz de mim é muito sombria. Fico até constrangido em falar com a senhora. Pelo que ouvi aqui hoje, acho que seria muito importante para a senhora saber que o motivo que me levou a pensar em tirar as pedras lunares daquele cofre foi o fato de que Everett Gibson as mostrou para mim no ano anterior. Ele, por causa do meu entusiasmo, tinha me informado que se encontravam ali havia muito tempo, que ele era encarregado de guardá-las e me deixou ciente de que não estavam em uso.

Thad começou a se animar enquanto falava, porque era a primeira vez, desde o Centro Espacial Johnson, que tinha a atenção de uma multidão formada por pessoas que ele considerava como seus iguais, gente inteligente e bem-educada. Não era igual a estar à beira de uma piscina cheia de estagiários, mas já era alguma coisa. Depois de 15 longos meses, parecia que ele era, no mínimo, um ser humano.

— Não estou tentando justificar minhas ações. Com toda certeza, elas foram erradas. Mas estou apenas tentando lhe fornecer alguma perspectiva do meu ponto de partida. Estou constrangido e envergonhado por meus atos. Entrei em toda essa história, obviamente, com muita ingenuidade. Não tive ainda uma oportunidade de apresentar meu pedido de desculpas.

E ele realmente se animou, começando um monólogo que vinha elaborando desde sua prisão. Sob certo aspecto, vinha sendo preparado desde que Thad pôs os pés na Nasa. Porque nunca tinha sentido que fazia parte dali. Sempre se sentiu como se precisasse pedir desculpas pelo simples fato de estar lá. Droga, talvez a necessidade de pedir desculpas fosse ainda mais longe, até o princípio, até Sonya, e além, até seus pais, lá longe.

— Preciso pedir desculpas a alguém. Gostaria de aproveitar a oportunidade, em primeiro lugar, para pedir desculpas à Nasa pelo constrangimento e por qualquer transtorno que minhas ações possam ter causado a qualquer indivíduo. E especialmente por ter abusado da confiança depositada em mim por tantas pessoas de lá. Indivíduos que foram meus mentores e heróis agora estão muito

decepcionados por causa do potencial que identificavam em mim e que encorajavam. Em um momento de fraqueza, fiz uma coisa errada e abusei dessa confiança. E ainda acredito que a Nasa é uma organização maravilhosa. Inspira milhões de pessoas no mundo inteiro a alcançarem objetivos mais elevados e a buscarem coisas mais elevadas. Ainda tenho completo respeito por eles e agora penso em mim como alguém que agiu assim e prejudicou a organização a que idolatrava. Ao mesmo tempo, liquidei meu próprio sonho de me tornar um astronauta.

Ele ficou esperando ser interrompido, mas aquele era seu momento, provavelmente o último. Ninguém diria nada até que ele terminasse.

— Acho que também devo desculpas à ciência. Na época, tentei muito justificar minhas ações, pensando que eu sabia que as amostras já tinham sido consumidas... Isso não justifica a desgraça e o constrangimento que causei para a Nasa e para toda a ciência.

Quando acabou, percebeu que havia lágrimas de verdade ardendo no canto dos olhos. Porém, também sabia que não tinha comovido a juíza.

Foi só no momento do apelo que ele percebeu que não importava o que ele viesse a dizer, que nada do que ele pudesse falar mudaria a situação, suas explicações e desculpas pelo que havia acontecido não poderiam fazer frente ao que a Nasa achava que ele tinha feito. Ou, mais especificamente, às palavras de Everett Gibson em um lacrimoso depoimento que selou o destino de Thad:

— Como funcionário do governo dos Estados Unidos, da Nasa, e cientista pesquisador, gostaria de destacar que em 1969 alguns indivíduos muito corajosos foram até a Lua e começaram a coletar amostras lunares, amostras que agora são tesouros nacionais. Elas foram estudadas em projetos de pesquisas, exibidas ao público em todo o mundo com orgulho. Dói em mim saber que um indivíduo se considerava no direito de roubar uma dessas amostras e se beneficiar financeiramente desse fato, sabendo que isso feria um grande número de pessoas. Feriu a nossa nação saber que um entre nós, alguém que trabalhava como estagiário em nossos próprios laboratórios, abusou de nossa confiança. Como cientista, fui profundamente ferido. E, como cidadão americano, estou extremamente comovido e abalado por essas ações. Dói profundamente. Obrigado.

Essa declaração, mais do que qualquer outra coisa, seria a responsável pelo agravamento da sentença de Thad. Aos olhos da corte, aos olhos de Everett Gibson, ele tinha cometido um crime contra o país inteiro — contra o mundo inteiro.

— É decisão desta corte — disse a juíza, olhando bem nos olhos de Thad, ao erguer o martelo — que o réu Thad Ryan Roberts fique em custódia da Agência de Prisões por um período de cem meses.

O martelo bateu e, naquele momento, com a pancada estridente de madeira contra madeira, Thad ficou completamente surdo.

* * *

Quando foi levado de novo para a cela, Thad tinha um estranho sorriso no rosto, uma mistura de descrença, choque e até mesmo um pouquinho de alívio por afinal saber qual seria seu destino, por finalmente ser capaz de desistir das poucas esperanças que ainda guardava. Enquanto entrava no Submarino e descia o corredor, os prisioneiros que podiam vê-lo começaram a gritar um para os outros, "Pedra Lunar, Pedra Lunar", porque sabiam que as apostas seriam decididas naquele momento — e, pelo sorriso no rosto, todos acreditaram que ele estava a ponto de dizer um número que coincidiria com pelo menos alguns dos palpites. Na verdade, ao voltar para a cela, alguns de seus colegas já o parabenizavam, presumindo por sua expressão que ele estava recebendo o tempo que já havia prestado, 15 meses. Quando todos se acalmaram, Thad deu a notícia.

— Cem meses.

Houve risadas de todos os lados, ninguém acreditou nele. Começaram a fazer mil perguntas, querendo saber a verdade, porém ele não disse mais uma palavra. Simplesmente se dirigiu ao quarto e deitou no beliche.

Foi só com o noticiário das cinco que a população carcerária descobriu que ele tinha dito a verdade, que de fato Pedra Lunar havia recebido uma sentença de mais de oito anos em uma prisão federal. Foi então que todos os presos, não sem certa relutância, desceram ao chão e começaram a fazer flexões de braço.

41

Alguns dias após ter sua sentença decretada, Thad recebeu duas notícias que, em conjunto, eram o suficiente para fazer com que ele não contemplasse o suicídio. Em primeiro lugar, seria transferido do Submarino. Como agora era um prisioneiro federal sentenciado, seria levado para um presídio de segurança média, que não poderia ser pior do que a cadeia municipal onde ficara detido nos últimos 15 meses. Mas essa notícia empalidecia quando comparada com aquela trazida pelo advogado em sua visita seguinte.

Rebecca tinha recebido permissão de seu supervisor de condicional para conversar com ele uma última vez.

Thad memorizou o número de telefone que o advogado forneceu, pretendendo fazer a ligação assim que chegasse à cela. No entanto, até que tirassem as algemas e as correntes, ele já tinha perdido a oportunidade de usar os telefones públicos. Foi obrigado a passar as oito horas seguintes — as últimas passadas em Orient — insone, rolando de um lado para o outro na cama de metal.

A transferência para a penitenciária federal ficou turva na memória de Thad. Lembrou-se apenas de estar em um voo da Continental Air, acorrentado ao lado de um homem de aparência assustadora que só queria ouvir histórias sobre pedras lunares — e então ele foi conduzido a seu novo lar, onde passaria a próxima etapa da vida. E era fato. A penitenciária federal era bem melhor do que o Submarino. Havia de dois a quatro homens por cela e inúmeras salas de televisão, áreas externas bem cuidadas e, o melhor de tudo, latrinas de porcelana com assentos de verdade.

Entretanto, a real diferença entre a prisão municipal e a federal era outra. Thad descobriu apenas uma hora depois de ter entrado em sua nova cela. Embora fosse a hora reservada para o almoço, ele escolheu ficar para trás para cuidar de um assunto que não pôde resolver durante o voo que o trouxe de Orient. Estava sentado na latrina de porcelana, tratando daquilo que ele

precisava fazer, simplesmente feliz por não ter ninguém a poucos metros de distância jogando baralho ou soltando piadas, quando um guarda de repente enfiou a cabeça no compartimento. Tinha sumido uma bandeja da área de almoço e, já que, como na cadeia municipal, todas as bandejas precisavam ser encontradas, o guarda foi enviado para verificar as celas. Mas, ao ver Thad sentado no vaso, ele fez uma coisa que o deixou surpreso.

Lançou um olhar constrangido para Thad e se virou.

— Me desculpe, cara. Volto quando você tiver terminado.

Thad ficou sentado no vaso em estado de choque. Foi a primeira vez que o trataram como um ser humano em mais de um ano.

* * *

Vinte minutos depois, encontrava-se diante de outro telefone público — desta vez, em um telefone situado em um cubículo talhado em uma das paredes de concreto, separado da sala de televisão por uma divisória baixa. Era um nível de privacidade do qual Thad não desfrutava havia algum tempo, mas isso não fez com que ele ficasse menos nervoso ao discar o número.

Tinha treinado as palavras que diria, mas estava certo de que, assim que ouvisse a voz dela, ele se esqueceria de tudo que havia planejado.

Queria dizer que esperava que ela seguisse em frente. Desejava que tivesse uma vida feliz. Sabia, agora, que ficaria longe por muito tempo. Queria falar que a amava, mas que compreendia que ela era jovem e precisava de mais. Seria uma conversa difícil, mas também o ajudaria a encontrar uma forma para lidar com o que aconteceu, com a situação em que se meteu.

Como era uma ligação a cobrar, assim que ele terminou de discar uma voz mecânica entrou na linha, indicando que a pessoa que recebia o telefonema precisava teclar o número cinco para aceitar ou sete para recusar. No momento devido, Thad disse seu nome para a gravação e ficou ouvindo enquanto a telefonista completava a chamada. Dois toques e Rebecca atendeu, mas, antes que o rapaz pudesse falar qualquer coisa, ela apertou uma tecla e o telefone ficou mudo.

Thad sentiu como se tivesse acabado de receber um chute na barriga. Ela tinha apertado o sete. Não fazia sentido. O advogado havia dito que Rebecca queria a ligação. Thad então tornou a discar o número. Repetiu todo o procedimento, dando seu nome. Desta vez, Rebecca atendeu no primeiro toque. E desta vez apertou o botão correto, pois sua voz se derramou pelo ouvido dele.

— Sinto muito. Achei que devia teclar o sete. Ouvi errado.

Naquele instante, como suspeitara, Thad se esqueceu de tudo que queria dizer. Ela parecia tão próxima, como se estivesse a apenas alguns metros, e sua voz fez com que ele voltasse um ano e meio no tempo, até mais, até o primeiro encontro, até uma imagem dela apontando os peixes no aquário, seu reflexo sorridente na espessa parede de vidro.

Conversaram rapidamente. Ele disse que ainda a amava e ela respondeu que também o amava. Ele falou que ela estava livre para fazer o que precisasse — e ela respondeu que não queria pensar nisso, que só conseguia pensar nele.

À medida que o limite da chamada a cobrar se aproximou, Thad se apressou em dizer a coisa mais importante para ele.

— Preciso de um jeito de me comunicar com você. Tem que haver um. E, se não puder ser diretamente com você, se eu precisar falar com um amigo, está tudo bem. Tem que existir um jeito. Preciso disso para sobreviver aqui.

— Mas meu pai...

— Rebecca, tem que haver um jeito.

Rebecca por fim cedeu. Deu o endereço da irmã, falando devagar para que Thad pudesse decorá-lo.

— Vou escrever todos os dias — sussurrou Thad. — As cartas vão ser minha tábua de salvação.

Antes que Rebecca pudesse responder alguma coisa, antes que Thad pudesse dizer mais uma vez que a amava, a voz da telefonista interrompeu a conversa e a linha ficou muda.

Linda Rebecca,
Espero que você esteja vivendo um sonho. Penso em você com frequência e envio meu amor ao desconhecido, esperando que, seja como for, ele encontre você e possa aquecê-la com um sorriso. Espero que você não tenha permitido que os problemas a convençam a respeito de impossibilidades. Não há sonho que não esteja a seu alcance, Rebecca. Você é o tipo mais raro de pessoa que existe e merece o melhor que as emoções e a experiência podem lhe oferecer. Um dia, espero descobrir que todos os dias a encontram sorridente, que seu caminho se iguala com seus sonhos e que você descobriu que seu destino não é se tornar uma velha com alguns gatos, mas viver apaixonadamente para receber amor, companheirismo, confiança e conforto à altura do fogo que vive em você... aquele que conheci por um breve tempo. Embora eu sofra ao imaginá-la com outro, sofro mais ao imaginá-la vivendo sem amor.

42

E, pelo ano que se seguiu, foram aquelas cartas que mantiveram a sanidade de Thad. Através de bilhetes rebuscados, às vezes cheios de clichês, mas sempre sinceros, que ele elaborava por dias seguidos, escrevendo, depois riscando palavras, orações e às vezes páginas inteiras, conseguiu preservar sua noção da antiga personalidade por mais tempo do que ele — ou a sabedoria da cadeia — poderia ter previsto. Aquelas cartas de fato eram uma tábua de salvação, apesar de serem vias de mão única. Thad foi capaz de manter artificialmente vivo o personagem que criara na Nasa, a personalidade romântica, aventureira, fantasiosa que, em geral, não poderia existir em um lugar como a prisão. Estava cercado por animais, mas quando afinal encontrava uma oportunidade para ficar sozinho, enroscado na cama ou em um canto da lavanderia, ou mesmo na privada, ele conseguia voltar a se tornar a pessoa por quem Rebecca havia se apaixonado.

Nunca recebeu uma resposta, nem uma carta, tampouco um recado por intermédio do advogado ou qualquer tipo de telefonema. Mas as cartas que escrevia bastavam para ele, porque permitiam que voltasse ao lugar onde era mais poderoso: o interior de sua própria mente.

Foi por causa dessa força interior que ele conseguiu embarcar no que, posteriormente, consideraria uma jornada revolucionária, que começou, na verdade, apenas como uma tentativa de se ocupar entre a preparação de uma carta e outra. Folheando o manual de educação para adultos distribuído para todos os internos que já estavam no sistema federal por tempo suficiente para obter o privilégio de frequentar aulas, ele logo percebeu que não havia nada avançado o bastante para alguém com seus antecedentes. Assim, em vez de participar de uma aula para a qual ele estaria superqualificado, decidiu que talvez existisse uma forma de dividir seus conhecimentos com os outros.

Fez campanha junto ao diretor da prisão e aos chefes do programa de educação para adultos e acabou recebendo permissão para dar aulas de

astronomia — o primeiro curso da disciplina a ser oferecido pelo sistema penitenciário federal — para qualquer prisioneiro que se interessasse pelas estrelas.

No primeiro dia de curso, Thad chegou à pequena sala de aula sem janelas não sabendo o que esperar. Para sua surpresa, descobriu que o local estava lotado. Sua fama de ser o sujeito do "roubo das pedras lunares" chamou a atenção dos detentos, que queriam ouvir histórias sobre a Nasa, espaçonaves e, com grande frequência, sobre vida alienígena. Desde o início, Thad usou os interesses ecléticos dos prisioneiros para conduzilos a um estudo mais básico do espaço e do desconhecido. Por não poderem sair à noite para olhar o céu com telescópios, ele se concentrou nas diversas teorias por trás da astronomia e fez o melhor que pôde para gerar, entre seus alunos, um entusiasmo com relação aos mistérios do universo — coisas como buracos negros, supernovas e matéria escura.

Fazia apenas uma exigência aos alunos. Se gostassem das aulas, deveriam enviar um livro de física para ele quando saíssem da prisão — para que pudesse prosseguir nos estudos do tema que ele considerava o mais desafiador entre as suas três graduações universitárias. Como só podia manter até cinco livros em sua cela por vez, assim como qualquer prisioneiro, fez com que os outros detentos os guardassem para ele, em um rodízio para ler o máximo que pudesse o mais rápido possível.

Semana após semana, mês após mês, Thad ensinou astronomia e passou as noites lendo livros de física — lentamente, descobriu-se mergulhando na atual situação da teoria quântica. Um assunto com o qual ele teve contato ainda em Utah, antes de desviar sua atenção para outras ocupações, mas, graças a uma quantidade de tempo quase infinita e a uma boa coleção de livros atualizados, Thad iniciou a criação de sua própria teoria para compreender melhor coisas que ele não encontrava na literatura consagrada.

Alguns homens descobrem Deus na prisão, outros encontram a si mesmos, mas Thad mergulhou nos estudos de física avançada, o que o levou a encarar o mundo de uma forma diferente. Ficava intrigado porque, quando os físicos estudavam coisas muito pequenas — *quanta* do tamanho de átomos —, esses objetos eram caracterizados por algum nível de indefinição. Estimulado por leituras sobre mecânica quântica, Thad começou, em linhas gerais, a observar o mundo dessas minúsculas partículas a partir da perspectiva delas.

A distância, a imagem de um Teletubby na tela da TV parece contínua e fluida. Quanto mais próximo se chega da tela, mais fácil fica perceber que, na

verdade, a imagem é composta por minúsculos pixels, mas estes ainda pareciam parte de um todo contínuo, conectados entre si por todos os lados. No entanto, ao se chegar mais perto ainda, a ponto de se tornar do tamanho de um daqueles pixels, notava-se que os pixels de fato não estavam dispostos em um plano estático nem faziam parte de um todo contínuo. Eram unidades individuais à deriva em um mar de outros *quanta* igualmente minúsculos. Para descrever essas unidades individuais de forma correta, estimulado pela leitura acerca das teorias das cordas, Thad começou a aprender que era preciso descartar a ideia de quatro dimensões e passar para uma teoria mais precisa, envolvendo onze — nove do espaço e duas do tempo —, e até formulou algumas ideias próprias.

Os alunos de astronomia de Thad na prisão não tinham conhecimentos suficientes de física para compreender uma forma multidimensional de se encarar a vida, mas as sessões em sala de aula continuaram a ser uma paixão dele, pois era o lugar em que podia trabalhar em suas ideias e inspirar pessoas a ao menos começarem a desenvolver fantasias sobre um mundo para além dos muros da prisão.

Com o passar dos meses, Thad se acomodou à nova rotina, ensinando, escrevendo e sempre lendo, e apesar do local onde se encontrava, apesar da sentença, começou a criar uma vida que ele conseguia tolerar. E continuou assim, tranquilo, para não dizer satisfeito, até o dia em que um de seus companheiros de cela o procurou ao fim de uma aula de astronomia para dizer que Thad havia recebido um grande volume de correspondência. Thad não esperava nada além de um pacote recheado com livros de física, enviados por algum aluno excessivamente grato.

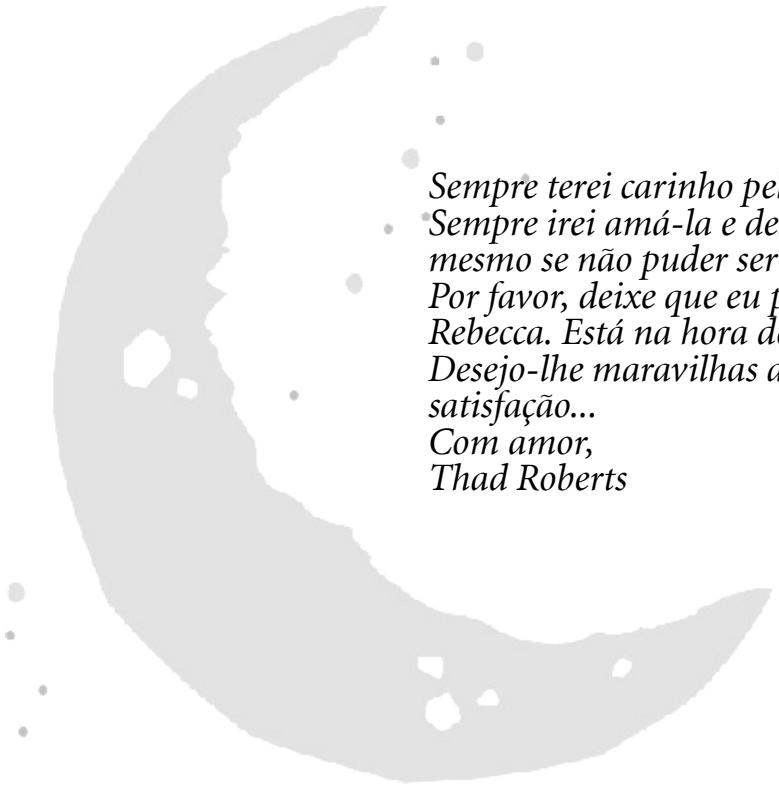
Porém, assim que chegou à porta da cela, viu que não se tratava de livros.

Para seu completo choque, ali, sobre sua cama, organizadas em uma pilha de mais de quarenta centímetros de altura, estavam todas as cartas que ele escrevera para Rebecca. Enviadas, porém ainda fechadas, todas marcadas com *Devolver ao remetente*, *endereço inválido*.

Thad ficou parado na entrada da cela, quase sem conseguir respirar. Rebecca não tinha lido nenhuma delas. Ou sua irmã havia se mudado sem deixar um endereço para remessa de correspondência ou simplesmente se recusara a enviá-las para Rebecca. Thad vinha escrevendo para o vácuo, despejando seu amor e sua paixão em nada mais do que um buraco negro cósmico. Rebecca tinha partido e o mais provável era que ele nunca mais voltasse a ter notícias dela.

E, naquele momento, desapareceu a última ligação com tudo que ele tinha sido no passado, romperam-se as últimas cordas que o prendiam à velha vida. O

personagem que ele construiu com doses iguais de esforço e fantasia se esvaiu e Thad desmoronou no chão da cela.



Sempre terei carinho pela experiência que você foi.
Sempre irei amá-la e desejar-lhe felicidade —
mesmo se não puder ser uma parte dela.
Por favor, deixe que eu ponha um ponto final,
Rebecca. Está na hora desta ferida cicatrizar.
Desejo-lhe maravilhas assombrosas, amor e
satisfação...
Com amor,
Thad Roberts

43

Axel tinha acabado de voltar do campo de *popinjay*, com os sapatos cobertos de sujeira, os ombros espessos, carnudos, doloridos pelo uso do arco, quando viu um pacotinho na varanda da frente de sua casa. Sabia antes mesmo de olhar o endereço quem era o remetente, pois havia marcas em todo o papel pardo, tão fáceis de reconhecer como uma obra de René Magritte. Vinha do outro lado do oceano — ou seja, dos Estados Unidos, pois as únicas pessoas que ele conhecia do outro lado do oceano estavam lá. E, como não havia selos oficiais impressos em parte alguma, sabia que não vinha do FBI. Mas *era* de uma agência do governo.

O doutor Everett Gibson procurou Axel pela primeira vez logo depois que Thad Roberts recebeu a pena de mais de sete anos em prisão federal. A princípio, Axel teve sentimentos ambíguos ao ler sobre a rigidez aplicada à sentença de Thad. Afinal de contas, o garoto não era exatamente o gênio do crime que Axel havia imaginado. Tinha sido ingênuo e bobo, talvez um pouquinho arrogante e, com toda certeza, equivocara-se. Não causara danos físicos a ninguém e as amostras foram recuperadas.

Entretanto, o crime que o rapaz havia cometido não era como roubar um carro. Envolvia um tesouro nacional. Levar aquelas pedras lunares foi como dar um tapa na cara do país inteiro. E, depois de conhecer o doutor Gibson pessoalmente — como recompensa, o respeitado cientista tinha ido à Bélgica e feito uma palestra no clube de minerais de Axel, onde falou sobre o meteorito ALH e a possibilidade de vida em Marte; minha nossa, o Centro da Juventude praticamente explodiu de tanta gente naquela noite nevada! —, Axel achou que talvez Orb Robinson tivesse recebido o que merecia.

Everett Gibson tinha sofrido muito em consequência do roubo das pedras lunares. Na ocasião, ele passava férias na Austrália. Ao retornar aos Estados Unidos, foi agarrado pelos cotovelos por dois agentes federais, um de cada lado, interrogado e ficou completamente envergonhado pelo que acontecera em seu

laboratório. Havia uma série de números afixados no alto do cofre, o que Thad suspeitou de maneira equivocada se tratar da combinação. Na verdade, era apenas um algoritmo simples: tudo que precisava fazer era tirar as raízes quadradas dos números e triplicá-las para se chegar à combinação. Mas a visão de tais números talvez tivesse inspirado Roberts a pensar que poderia ter sucesso com seu crime.

E Gibson havia perdido mais. Na noite da palestra no clube de minerais, ficou com lágrimas nos olhos ao falar para Axel sobre os cadernos verdes desaparecidos, que ele ainda acreditava terem sido destruídos por Thad Roberts. No julgamento, Roberts negou ter visto os cadernos e, por isso, Axel nunca saberia ao certo qual era a história verdadeira. Mas Gibson era um respeitável homem da ciência e Axel confiou em sua palavra.

Na palestra "Marte na Antuérpia", Gibson presenteou Axel com uma placa oficial de agradecimento por ter salvado a pátria para a Nasa. Além disso, deu-lhe também a foto emoldurada de um pouso lunar, autografada por um astronauta de verdade! Para Axel, já tinha sido o bastante.

Mas, diante da varanda, rasgando o embrulho de papel pardo com os dedos cheios de bolhas da prática com o arco, Axel logo descobriu que Gibson queria conceder a ele mais um pequeno símbolo de sua gratidão.

Dentro do pacote, havia uma carta oficial declarando que o pedido feito pelo doutor Everett Gibson à União Astronômica Internacional havia sido aprovado. Rebatizaram o asteroide 15513, que agora faria órbita em torno do Sol com o nome "Emmermann".

Você viverá para sempre nos céus, entre Júpiter e Marte, escreveu o doutor Gibson.

Era incrível. Uma ideia inimaginável!

Havia uma rocha entre Marte e Júpiter que tinha o nome de Axel, com sete quilômetros de comprimento, dois de largura. Axel nunca a veria, nem a tocaria, tampouco a visitaria, mas estava ali e sempre estaria. Girando pela vastidão vazia do espaço para sempre.

EPÍLOGO

Das profundezas de uma pena de sete anos e meio, a única dimensão que de fato importava era o tempo, e ele não era medido em minutos, horas, dias ou anos. Mas em estações, pois não precisavam ser marcadas em um calendário, nem rabiscadas numa parede de concreto. As estações se faziam sentir na pele e nos ossos, nos breves minutos passados ao ar livre, dando voltas na área de recreação ou jogando baralho em uma mesa de piquenique, e também, tarde da noite, ouvindo o vento ou a chuva, ou mesmo a neve, açoitando interminavelmente a frente de concreto e aço dos muros da prisão. As estações eram reais, inevitáveis e não podiam ser controladas por um guarda uniformizado ou por um juiz de vestes esvoaçantes.

Na Prisão Federal de Florence, no Colorado, localizada a apenas 150 quilômetros de Denver, a estação que encontrava mais eco em Thad era o inverno, com tanta neve que era possível chafurdar nela e um ar tão frio e cortante que dava para despertar da monotonia entorpecida da vida em uma jaula. E, apesar de o complexo de segurança média não ter muros, passarelas, torres nem cercas em seu perímetro, ainda era uma jaula, uma entre meia dúzia de jaulas para onde Thad foi transferido ao longo dos anos que se seguiram a seu período na Nasa.

De modo geral, para Thad, a vida em Florence era tão tolerável quanto possível desde a sua desintegração e lenta reconstrução interna depois da devolução das cartas de Rebecca, intactas, nunca lidas. Ele sobreviveu àquele momento de alguma maneira, mas levou meses antes que conseguisse retomar as aulas, a leitura e os estudos — não como a pessoa que era na Nasa, ou antes disso, mas como uma versão esmaecida, porém mais forte, de si mesmo.

Foi em meio a tais reformulações, em meio a um inverno que parecia não ter fim, que Thad voltou a ter ligações com o mundo exterior, sob a forma de um conhecido dos tempos de escola em Utah, um garoto inteligente e de espírito aventureiro chamado Matt, que tinha tido algumas aulas de física com ele antes que Thad conseguisse a vaga de estagiário na Nasa, uma das poucas pessoas, e

talvez a única, que não haviam se esquecido por completo dele. Seja lá qual fosse o motivo inicial — curiosidade, compaixão ou uma bondade legítima —, Matt procurou Thad na prisão, a princípio por meio de cartas, depois em visitas razoavelmente frequentes, e ambos construíram o que se tornou uma amizade verdadeira, ou a mais verdadeira possível para duas pessoas separadas pelo sistema judiciário federal. Matt se lembrava de Thad como o garoto brilhante das aulas de física, disposto a ir além, a ter o pensamento mais livre do que qualquer outro, e nas cartas e visitas, quando Thad contou sobre suas novas teorias a respeito da física multidimensional e de suas aulas na cadeia, Matt ficou curioso com o que Thad fazia, com a forma como voltava a se reinventar em um lugar tão sombrio e inóspito.

Apesar de a pena de Thad estar se aproximando do fim, era quase impossível para ele pensar na vida depois da prisão em termos reais, concretos. Matt, no entanto, assumiu a missão de ajudá-lo a recuperar pelo menos uma parte do que havia perdido. Ainda ligado à Universidade de Utah, Matt concentrou-se na tarefa de reinserir Thad na instituição para que ele pudesse se formar e, em seguida, tentar uma pós-graduação.

Para a surpresa de Thad, o departamento de física em Utah — em particular o chefe do departamento, um homem que Thad conhecia bem e a quem impressionara como estudante — foi, inicialmente, muito receptivo à ideia. Mas havia um obstáculo bem visível: o departamento de geologia opôs-se com todas as forças ao seu retorno. Durante o julgamento, o fato de Thad ter roubado fósseis do museu da universidade fez parte do arsenal da promotoria, de modo que o departamento de geologia o rotulou como ladrão, assim como a Nasa. O próprio Matt tinha comparecido a alguns jantares na casa de Thad, onde o amigo havia exibido os fósseis que retirara do museu — na época, Matt não sabia que eram roubados, mas achava que era uma coleção notável demais para pertencer a um colega —, e era compreensível que os geólogos não o quisessem de volta. Entretanto, Matt também sabia que Thad agora era uma pessoa diferente, que havia cumprido sua pena. E tinha sido punido muito além do que Matt achava que ele merecia.

Muitos professores da universidade concordavam, sobretudo nos departamentos de física e filosofia, mas parecia impossível. Matt simplesmente não conseguiu rematricular Thad na universidade. Não porque ele era o garoto que havia roubado a Lua. Mesmo vários anos depois, o departamento de geologia não conseguia perdoá-lo por ter levado pedras terrenas das profundezas do museu.

Porém, com a ajuda do amigo, Thad transformou a ideia de voltar à universidade em seu objetivo. Pensou em um plano simples. Assim que saísse da prisão e fosse encaminhado a um centro de reabilitação para os poucos meses sob supervisão que dariam início ao período de liberdade condicional, ele arranjaria um emprego no campus — qualquer coisa, por mais subalterna que fosse. Ele se ofereceria como monitor para os professores que ainda acreditavam nele, aqueles dos departamentos de física e de filosofia que achavam que ele tinha potencial para fazer algo importante na vida. No final das contas, constatariam sua seriedade e permitiriam que ele voltasse a se matricular. Não em geologia, naturalmente — ele duvidava que o deixassem chegar perto daquele departamento. Mas em física, filosofia e, em algum momento, em filosofia da ciência, que era o rumo que ele desejava seguir. Sempre fora um bom aluno e demonstrara que poderia voltar a ser um bom aluno.

4 de agosto de 2008

Uma manhã luminosa no Colorado, com nuvens que pareciam chumaços de algodão, o Sol penetrando com raios tão brilhantes que dançavam pela penitenciária como faixas de luz.

Era uma segunda-feira e o procedimento começou às dez. Mas Thad, na verdade, não se permitiu acreditar que estava a ponto de ser solto até finalmente acontecer, até ele estar mesmo de saída da prisão — mais de três horas depois. Tinha ouvido inúmeras histórias sobre detentos que achavam que estavam a caminho da liberdade quando acontecia algo para atrapalhar, alguma demora ou apelo de julgamento ou da promotoria. Mesmo depois de tantos anos, Thad não se permitia acreditar que por fim tinha acabado. Ele havia cumprido sua pena.

Vestido de verde — calças verdes e camisa verde de botões sobre uma camiseta branca — e calçando as botas da cadeia com reforço em metal nos dedos dos pés, foi conduzido pela trilha que cercava o pátio, seus últimos passos pelo complexo. Não podia sequer imaginar quantas vezes havia corrido por aquela faixa de quatrocentos metros de terra batida — fazendo os cálculos de cabeça, sabia que tinha dado tantas voltas ali que poderia ter corrido de Los Angeles a Nova York uma dúzia de vezes. Ele então saiu do pátio, foi levado a um furgão para a curta viagem até a unidade de triagem. Tudo que tinha, além do uniforme da prisão, era seu único pertence — sua teoria de física compilada em

um livro que agora tinha quase quatrocentas páginas, folhas de papel avulsas presas por um par de elásticos. Ficou com o livro bem protegido, debaixo do braço, enquanto passou pela triagem. Não tinha ideia do que faria com ele — mas, para Thad, era mais valioso do que um cofre cheio de pedras lunares. Ele acreditava que aquilo era seu futuro, sua reinvenção, sua nova pessoa.

Após concluir o preenchimento da papelada, chegou a hora de receber o dinheiro. A maioria dos detentos gasta o que ganha na cadeia — doze centavos por hora que recebem para lavar roupas, destruir placas de veículos, escavar pedras e neve —, mas durante os anos em que esteve preso Thad não precisou de nada além de livros que não tinha permissão para comprar. Assim, economizou mais de mil dólares na conta da prisão. Sentiu uma pequena onda de empolgação ao ver o jovem funcionário atrás da escrivaninha tirar o dinheiro de uma registradora — até ver as notas.

— Que droga... Isso aí é dinheiro de brinquedo?

O funcionário riu, sacudindo a cabeça, explicando que nos anos que Thad passou na cadeia o governo mudou a aparência das notas de cinco, dez e vinte. Thad levou um susto ao perceber que não via uma cédula sequer desde que fora para a prisão. Aquele, sem dúvida, seria apenas o princípio de um choque cultural. Havia ficado em uma cápsula do tempo, em estase — o mundo não seria o mesmo. Era um pensamento preocupante, aterrador.

Depois da unidade de triagem, foi levado de volta ao furgão. E aí virou mesmo realidade, ele deixou o complexo para percorrer a curta distância até a estação onde esperaria pelo ônibus que o conduziria na primeira parte de sua viagem de retorno para Utah. Passou a maior parte do tempo apenas olhando pela janela, encarando o complexo penitenciário até que tivesse desaparecido no horizonte, até que deixasse de ter três dimensões e passasse a duas, uma — a ser apenas um ponto bem distante em seu campo de visão, nada além de uma lembrança.

Uma hora mais tarde, Thad já não era mais um prisioneiro. Era um cara sentado em um banco, esperando pelo ônibus. Não esperou muito. Embora o ônibus só fosse chegar dentro de algumas horas, ele não conseguiu ficar parado após tantos anos na prisão, não conseguiu passar mais um momento sequer naquele isolamento paralisado. Era uma desobediência às regras. Logo depois de ser solto, ele já estava, tecnicamente, infringindo a lei. Havia combinado que um de seus alunos de astronomia, um de seus melhores amigos na prisão, solto um ano antes — um ex-integrante de uma gangue, de nome Joey —, fosse até a rodoviária pegá-lo. Não tinha planejado ir a lugar nenhum, mas Joey cuidou dos

detalhes. A alguns quilômetros da rodoviária ficava um restaurante da rede Olive Garden. Não tiveram dificuldades para chegar lá, almoçar e voltar a tempo de pegar o ônibus.

Foi o almoço mais fascinante da vida de Thad. A comida, as pessoas, o barulho, as cores, até as paredes, tão diferentes do branco sobre branco com que havia se acostumado — era tudo uma imensa sobrecarga sensorial, dispersiva e avassaladora. Ele nem percebeu o que estava comendo, apenas que havia tanto sabor e calor e que não paravam de servi-lo até que ele mal conseguiu se levantar da mesa e seguir Joey até o carro. Tudo parecia tão surreal. Mesmo ao dar um aperto de mão em Joey, agradecendo pelo primeiro momento de verdadeira liberdade em séculos, ele se sentia como se estivesse em uma espécie de sonho, que a qualquer instante ele acordaria no beliche da prisão e contemplaria as paredes brancas.

Em vez disso, deixou o Olive Garden e subiu em um ônibus que seguia para o aeroporto mais próximo, com o manuscrito de física ainda bem protegido sob seu braço direito. O corpo estava saciado pela refeição pesada, mas a mente ainda disparava. Não tinha ideia do que faria em seguida, mas o mundo parecia tão aberto, tão novo.

Sentiu o peso do manuscrito de física em seu braço. Sabia que haveria quem dissesse que aquilo não era nada além de outra de suas fantasias, outro jogo mental se tornando realidade. Um sonho, talvez uma trapaça — porém, outra reinvenção.

Uma fantasia, como a ideia de que um garoto vindo de lugar nenhum, do nada, acreditasse que era possível se tornar astronauta, que era possível se tornar um dia o primeiro homem a caminhar em Marte.

Que aquele garoto brilhante, entusiasmado, impetuoso pudesse se apaixonar de maneira tão profunda, de uma forma tão completa por uma garota que conhecera havia menos de um mês, a ponto de estar disposto a jogar tudo fora.

Uma fantasia, um sonho — talvez tão impossível quanto roubar um pedaço da Lua.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, sou grato a Thad Roberts por ter se colocado a minha disposição durante os longos meses necessários para pesquisar os fatos desta incrível história. Ela simplesmente não poderia ter sido contada sem sua generosidade e sua honestidade. Da mesma forma, devo muito a Matt Emmi, por ter me conduzido ao mundo de Thad, e a Bill Flagg, Eric James e, naturalmente, Niel Robertson — de Vegas passando pelo Vale do Silício até a Nasa, Niel é, sem dúvida, meu ás na manga.

Preciso agradecer a Bill Thomas, o mais incrível editor que alguém poderia desejar, e à equipe da Doubleday/Anchor, especialmente Melissa Danaczko, Todd Doughty e Russell Perrault. Sou também incrivelmente grato a Eric Simonoff e a Matt Snyder, os melhores agentes no mercado. Mais uma vez, muito obrigado a Dana Brunetti, meu irmão em Hollywood, e ao brilhante Kevin Spacey, bem como a Scott Rudin, Mike De Luca, Amy Pascal, Doug Belgrad, Elizabeth Cantillon e todas as pessoas maravilhosas na Sony. Também gostaria de agradecer a minha arma secreta — Jeff Glassman — e seu sócio Michael D'Isola. Muito obrigado a Barry Rosenberg, Megan Cassidy e a meus irmãos e suas famílias.

Além disso, este livro não poderia ter sido escrito sem a generosa ajuda de muitos participantes diretos, em especial os simpaticíssimos Axel Emmermann, Gordon McWhorter e muitos outros que pediram para permanecer no anonimato. Sempre fui fascinado pela Nasa e fiz o melhor possível para capturar o encanto, a beleza e a genialidade de uma instituição que respeito e admiro. Espero que o povo americano continue a dar seu apoio generoso a esse espantoso grupo de cientistas. Todos nós colhemos imensos benefícios de cada passo à frente, seja na primeira aterrissagem lunar, no programa do ônibus espacial ou na luta para chegar a Marte.

Como sempre, agradeço a meus incríveis pais, e a Tonya, Asher e, é claro, Bugsy — em resumo, são vocês que fazem tudo valer a pena.

SOBRE O AUTOR



Ben Mezrich é autor de 11 livros, entre eles o best-seller *Bilionários por acaso*, sobre os primórdios do Facebook, que deu origem ao premiado filme *A Rede Social* (2010), com Jesse Eisenberg e Justin Timberlake. Outro de seus grandes sucessos, *Bringing Down the House*, também mereceu uma adaptação cinematográfica, estrelada por Kevin Spacey. Formado na Universidade de Harvard, Mezrich mora em Boston com a esposa Tonya.

CONHEÇA OS LIVROS DO AUTOR



Bilionários por acaso



Sexo na lua